UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

TATIANE DE MORAES FERREIRA

O turismo no litoral norte de São Paulo: o caso de Camburi

São Paulo

2015

TATIANE DE MORAES FERREIRA

O turismo no litoral norte de São Paulo: o caso de Camburi

Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades na Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 29 de abril de 2015. A versão original encontra-se em acervo reservado na biblioteca da EACH\USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD) de acordo com a resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de concentração: Participação Política e Desenvolvimento Local.

Orientador: Prof. Dr. Hervé Émilien René Théry

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Ferreira, Tatiane de Moraes

O turismo no litoral norte de São Paulo : o caso de Camburi / Tatiane de Moraes Ferreira ; orientador, Herve Émilien René Théry. – São Paulo, 2015

220 f. : il

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo
Versão corrigida

1. Turismo – São Paulo. 2. Turismo – São Sebastião (SP). 3. Desenvolvimento turístico – São Sebastião (SP). 4. Mudança social – São Sebastião (SP). 5. Litoral – Região Norte – São Paulo. I. Théry, Herve Émilien René, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 910.98161

Nome: FERREIRA, Tatiane de Moraes

Título: **O turismo no litoral norte de São Paulo:** o caso de Camburi

Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades na Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Participação Política e Desenvolvimento Local.

Aprovada em: 29/04/2015

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais pelo apoio incondicional e carinho de sempre.

Agradeço meu irmão Bruno e cunhada Moara pelo apoio.

Agradeço em especial meu irmão José Inácio, que me incentivou muito a continuar a vida acadêmica e esteve presente em todos os momentos, principalmente nos angustiantes, me motivando e ajudando a refletir.

Agradeço ao Georg por ser meu companheiro em todos os momentos, me ajudando a acreditar e me dando força a continuar, compreendendo meus momentos de entrega à pesquisa.

Agradeço minha sobrinha Rafaella pelos sorrisos que me despertava, quando havia desânimo.

Agradeço minha amiga Cristina Gorete, que deixou sua vida cotidiana e se aventurou comigo na pesquisa de campo em Camburi, me aguardando durante horas enquanto eu buscava pessoas para realizar as entrevistas.

Agradeço ao meu orientador o professor Hervé, que sempre com uma palavra positiva e iluminadora me ajudava a encontrar caminhos a esta pesquisa.

Agradeço o professor Alessandro Soares da Silva, que me fez acreditar que era capaz e me abriu a primeira porta.

Agradeço a todos os colegas de turma e professores do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política que me ensinaram a olhar o mundo de forma diferente.

Agradeço a todos os participantes do Grupo de Pesquisa em Psicologia Política, Políticas Públicas e Multiculturalismo (Gepsipolim), pelas reflexões sobre problemas sociais.

Agradeço à equipe da Secretaria de Pós-graduação da EACH/USP pela atenção em todos os momentos necessários quanto às burocracias do programa.

Agradeço a todos os entrevistados que gentilmente me receberam e compartilharam comigo suas experiências de vida na praia de Camburi em São Sebastião.

Agradeço aos professores da banca de qualificação que me mostraram elementos necessários e de total importância a minha pesquisa.

Agradeço aos professores da banca de defesa que cederam seu tempo para avaliar minha pesquisa.

RESUMO

FERREIRA, Tatiane de Moraes. **O turismo no litoral norte de São Paulo: O caso de Camburi**. 2015. 220 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Versão Corrigida.

Este trabalho tem como objetivo analisar a mudança social no litoral norte do Estado de São Paulo que resultou no crescimento do turismo depois de eventos ocorridos por ações do Estado por volta de 1970. Foi utilizado o estudo de caso da praia de Camburi para analisar a mudança social destes eventos até as suas consequências com o aumento do turismo nos dias atuais.

Palavras-chave: Turismo. Litoral Norte de São Paulo. Mudança Social.

ABSTRACT

FERREIRA, Tatiane Moraes. **Tourism in the north coast of São Paulo**: The case of Cambridgeshire. 2015. 220 f. Dissertation (Master of Science) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2015. Corrected version.

This work aims to analyze social change on the northern coast of São Paulo that resulted in the growth of tourism after the events of shares of the state around 1970. Camburi Beach case study was used to analyze the change social these events to their consequences with increased tourism today.

Keywords Tourism. North Coast of São Paulo. Social change.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1: Localização do Litoral Norte do Estado de São Paulo.....	14
MAPA 2: Cidades do Litoral Norte de São Paulo.....	15
MAPA 3: Localização do Parque estadual da Serra do Mar.....	22
MAPA 4: Localização de São Sebastião.....	39
MAPA 5: Cidade de São Sebastião e suas praias.....	40

LISTAS DE TABELAS

TABELA 1 - São Sebastião – População Urbana e Rural.....	25
TABELA 2: Cronologia da atuação do Estado em melhoria de acessibilidade no litoral norte, a partir da década de 1960.....	26
TABELA 3: Atrativos Turísticos de São Sebastião.....	43

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Principais Recursos Turísticos de São Sebastião.....	44
FIGURA 2: Modelização da praia de Camburi 1960.....	71
FIGURA 3: Modelização da praia de Camburi 2014.....	72
FIGURA 4: Comparação das modelizações da praia de Camburi de 2014 e 1960.....	72

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Caiçaras da praia de Camburi do município de São Sebastião.....	16
IMAGEM 2: Peixes secando em varais na praia de Camburi	17
IMAGEM 3: Dificuldade de acesso ao litoral Norte de São Paulo antes da construção da BR-101.....	24
IMAGEM 4: Terreno à venda na praia de Camburi.....	49
IMAGEM 5: Casas com 3 andares em São Sebastião.....	51
IMAGEM 6: Condomínio na praia da Baleia em São Sebastião.....	52
IMAGEM 7: Favela na Serra do Mar.....	54
IMAGEM 8: Núcleo de congelamento em São Sebastião.....	55
IMAGEM 9: Enchente no Bairro do Areião em Camburi.....	56
IMAGEM 10: Manifestação dos moradores da praia de Camburi na rodovia BR-101.....	56
IMAGEM 11: Limpeza do Rio Camburi na comunidade Areião na praia de Camburi.....	57
IMAGEM 12: Praia de Camburi em 1976.....	65
IMAGEM 13: Mudança de percurso do Rio Camburi.....	66

IMAGEM 14: Ilha de Alcatrazes e Ilha dos Gatos.....	66
IMAGEM 15: Canto esquerdo e canto direito de Camburi	67
IMAGEM 16: Árvore genealógica do caiçara de Camburi e o Sr. Lino o realizador do registro.....	68
IMAGEM 17: Bairro do areião em Camburi.....	69
IMAGEM 18: Foto da praia de Camburi antes da mudança social.....	73
IMAGEM 19: Vista aérea da praia de Camburi.....	74
IMAGEM 20: Território de Camburi com ocupação caiçara.....	78
IMAGEM 21: Embarcações no Rio Camburi.....	79
IMAGEM 22: Vendas na praia de Camburi em meados da década de 1970.....	80
IMAGEM 23: Caiçaras na praia de Camburi.....	81
IMAGEM 24: Festas Populares dos caiçaras de Camburi.....	82
IMAGEM 25: Artesanato caiçara em Camburi.....	83
IMAGEM 26: Time de Futebol da praia de Camburi.....	84
IMAGEM 27: Casa de caiçaras antes de 1970 na praia de Camburi.....	85
IMAGEM 28: Barracas dos turistas na praia de Camburi em meados da década de 1970.....	87
IMAGEM 29: Os primeiros turistas da praia de Camburi.....	88
IMAGEM 30: Início das construções de casas residência Secundária na praia de Camburi....	90
IMAGEM 31 Campo de futebol de Camburi em meados de 1970.....	91
IMAGEM 32: Praia de Camburi.....	92
IMAGEM 33: Surfistas na rua principal de Camburi.....	94
IMAGEM 34: Rua de terra na praia de Camburi.....	95
IMAGEM 35: Muro da praia de Camburi.....	96
IMAGEM 36: A praia de Camburi ocupada pelos turistas na alta temporada.....	98
IMAGEM 37: Muro de condomínio na praia de Camburi.....	102
IMAGEM 38: Deck principal da praia de Camburi construído através da SACI.....	107
IMAGEM 39: Placa de comunicação na praia de Camburi.....	108
IMAGEM 40: Placa informativa da praia de Camburi.....	108
IMAGEM 41: Galinhas criadas por caiçaras na praia de Camburi.....	109
IMAGEM 42: Hotel ao lado de casa de caiçara na praia de Camburi.....	118

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	8
2 – CAMINHOS DA MUDANÇA.....	14
2.1 – Povo Caiçara.....	14
2.2 - A Força do Estado.....	20
2.3– A chegada do turismo.....	27
3 – MUDANÇA CONSOLIDADA.....	39
3.1 – Resultado da mudança: Município de São Sebastião.....	39
3.1.1 – Turismo.....	42
3.1.2 – Casas de Residências Secundárias e Mercado Imobiliário.....	47
3.1.3 – Migração.....	53
3.2 – Entendendo a Mudança Social no Litoral Norte do Estado de São Paulo.....	58
4 - ESTUDO DE CASO: PRAIA DE CAMBURI.....	65
4.1 - Os vários olhares que formam a sociedade em Camburi.....	65
4.2 – Avaliação Territorial e Social de Camburi.....	70
4.3 – Camburi: Quando a diversidade fala.....	75
4.3.1 Bloco 1: Identificação do entrevistado.....	75
4.3.2 Bloco 2: Mudança social e Turismo.....	77
4.3.3 Bloco 3: Camburi e a Realidade Atual.....	91
4.3.4 Diagnóstico das entrevistas.....	110
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	119
APÊNDICES.....	125

1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho visou transformar em pesquisa acadêmica meu olhar sobre a praia de Camburi, na cidade de São Sebastião no litoral norte de São Paulo, baseado na minha experiência pessoal de viver nesta praia no ano de 2006. Recém formada na Graduação em Turismo, fui trabalhar na área hoteleira, a partir de onde, me foi possível observar o conflito silencioso que ocorria entre as pessoas que vivem nesta praia.

Este conflito acontece devido às várias motivações que levam as pessoas a viverem nesta praia: Os turistas aproveitavam à praia em seu tempo livre e voltavam para suas cidades emissoras; Os migrantes aproveitavam os empregos na área de serviços relacionados ao turismo e planejavam voltar para suas cidades de origem assim que conseguem melhorar suas vidas economicamente; A maioria dos empresários aproveita à oportunidade de mercado e estão pouco presente em seus empreendimentos passando a maior parte do tempo nas cidades onde estavam suas moradias fixas; Os trabalhadores de mão de obra qualificada aproveitam à oportunidade de emprego em suas áreas profissionais, mas a maioria não tem como objetivo fixar residência ali; E por fim, as famílias de caiçaras são tão poucas que quase não se vê ali. Assim, as pessoas que convivem nesta região se relacionam e se estabelecem como antagônicas, pois, encontrando interesses distintos para estar ali, elas influenciam no espaço, no meio ambiente e são influenciadas por eles dependendo da força de poder de cada uma. Dentro desta realidade, cada um tem múltiplos enfoques nas ações coletivas, pois, fazem parte de contextos diferentes de vida, porém, buscam em um território objetivos que se relacionam com o turismo. Esta situação me causou incomodo, de modo a buscar no conhecimento científico a compreensão de como se formou esta realidade e para isso o programa de mestrado em Mudança Social e Participação Política foi de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa.

Inicialmente os esforços se concentraram em compreender os fatos que integram esta realidade refletindo sobre um levantamento bibliográfico de obras sobre o litoral norte de São Paulo. Não foram encontradas trabalhos sobre a praia de Camburi, mas como colocado ao

longo da pesquisa, porém, Camburi é citada em alguns dos vários trabalhos que refletem uma preocupação com o litoral norte do estado de São Paulo, no qual foi apresentado o processo histórico de ocupação e mudança desta região. Segundo este levantamento pode-se observar:

- A população que vivia nessa região até meados de 1960 era formada predominantemente por “caiçaras” que viviam próximo da linha das encostas da serra do mar e trabalhavam com produção de subsistência utilizando a praia como território de relações sociais;
- Ações de desenvolvimento do Estado modificaram significativamente esta região e a ação de grande responsabilidade a esta mudança foi à construção da BR-101, pois, ela melhorou o acesso a esta região e assim aumentou o número de turistas a frequentar esta região para praticar lazer em suas praias;
- Os turistas necessitavam de oferta de serviços turísticos para atendê-los, assim, esta demanda de turistas atraiu empresários especializados no setor;
- A presença do turista na região incentivou o mercado imobiliário a desenvolver o turismo de casas de residência secundária de alto padrão, comprando casas dos caiçaras e vendendo aos turistas;
- Para a construção de infra-estrutura urbana e particular, houve a migração de pessoas de várias partes do Brasil para trabalhar na área da construção civil e com a presença dos turistas e a oferta de empregos nesta área, fez com que os migrantes continuassem a viver nesta região.

Estes elementos mudaram significativamente a região do litoral norte de São Paulo, que ocorreram em decorrência de ações de desenvolvimento que ordenou dinâmicas sociais e territoriais desenvolvendo o fenômeno do turismo nesta região. Este processo histórico repercutiu na vida das pessoas que se relacionam neste território, através das esferas sociais, econômicas, culturais e ambientais.

A análise desta mudança foi realizada a partir de um olhar interdisciplinar do turismo e da geografia, visto que qualquer leitura disciplinar ofereceria uma perspectiva reduzida do fenômeno, segundo Barreto (1995) para explicar o turismo se utiliza muitas ciências. Dessa

forma, para compreender o fenômeno do turismo que modificou esta região, foi preciso uma análise da formação deste território, assim, o estudo da geografia humana foi importante para o estudo da geografia do turismo, já que o turismo se trata de um fenômeno social formado por pessoas em um espaço, transitando do global ao regional e ao local conforme a escala de referência para REJOWSKI (1996). Este estudo se dá na expressão espacial das relações, nas distribuições espaciais dos movimentos e fluxos turísticos, nos impactos e modelos de desenvolvimento do espaço turístico.

Assim, para fins desta pesquisa, foi utilizada a teoria do fenômeno do turismo. O turismo se relaciona com a cultura local, por isso é um fenômeno diferente em cada lugar, para Barreto (1991): “O turismo é o fenômeno de interação entre o turista e o núcleo receptor e de todas as atividades decorrentes dessa interação”. (p.48). A fenomenologia para Panosso (2001), é uma abordagem que descreve o fenômeno explicando os processos e assim analisando as essências do pensamento nas entrevistas de cada grupo de pessoas, assim, “(...) é a essência que faz os fatos serem o que ele é, e sem a qual já não seria mais o mesmo” (pág. 137). Para ele esta é uma corrente de investigação qualitativa que busca encontrar o significado deste fenômeno para as pessoas que se relacionam com ele:

Para se estudar o turismo, vários tipos de análises são necessários, depende do foco que se pretende dar ao objeto de investigação. Nesse sentido, ao optar pela fenomenologia, quer-se dar enfoque a um dos lados menos estudados do fenômeno, qual seja, o seu significado para quem o vive e o pratica. (p.142).

O crescimento do fluxo de turismo nesta região aconteceu decorrente a toda essa mudança na região, que se iniciou em meados da década de 1960 em decorrência de ações estatais de desenvolvimento na região, enquanto isso num contexto mais abrangente, o Brasil caminhava em direção à consolidação da industrialização (Gremaud et al, 2008), impactando profundamente nas características econômicas e sociais do Brasil.

O Objetivo era transformar o país seguindo o modelo de desenvolvimento econômico alcançado pelos países centrais pós II guerra mundial introduzindo a indústria de transformação no país, fato que se consumou nos Estados Unidos e países europeus ainda no século XIX.

A idéia de progresso se espalhou pelo mundo como um ideal a ser atingido pelo resultado da racionalização das técnicas de produção, que se expressaria como alto grau de satisfação das necessidades básicas da população, através do acesso a um conjunto de mercadorias disponíveis em função da divisão social do trabalho e dos aumentos de produtividade decorrentes com técnicas cada vez mais eficientes de produção. A respeito da idéia de progresso, Furtado (2000) elenca três correntes de pensamento europeu que se desenvolveram a partir do século XVIII:

A primeira delas se filia ao Iluminismo, que concebe a história como uma marcha progressiva para o racional. A segunda brota da idéia de acumulação de riqueza, na qual está implícita a opção de um futuro que encerra uma promessa de melhor bem-estar. A terceira, enfim, surge com a concepção de que a expansão geográfica da influência européia significa para os demais povos da Terra, implicitamente considerados “retardados”, o acesso a uma forma superior de civilização. (Pág. 09).

O modelo de desenvolvimento implantado pelo Brasil, era a construção de uma infraestrutura urbana e de um complexo que subsidiasse a distribuição dos produtos e bens produzidos. O Brasil precisava consolidar-se no âmbito urbano dentro da chamada industrialização, assim como nos países onde a industrialização se desenvolveu e suas populações experimentaram um alto grau de satisfação das necessidades básicas. Em todo o país houve diversas e impactantes mudanças.

No caso brasileiro, o progresso significava alavancar o país ao patamar de país desenvolvido, corrigindo o atraso industrial de um país historicamente consolidado em bases agrícolas, que durante quatro séculos predominou na atividade rural baseada no grande latifúndio altamente concentrador de renda e que se alicerçou no regime de escravidão, resultando na miséria e na desigualdade. O processo de industrialização seria o indutor de mudanças e construção de possibilidades para que a população pudesse obter alto grau de satisfação das necessidades básicas através dos salários com novos postos de trabalho.

No âmbito social, a transformação decorrente a esta busca ao desenvolvimento expressou-se na mudança da estrutura demográfica da população, assim, o Brasil deixou de ser um país predominantemente rural e passa, nos anos 1980, a ser um país predominantemente urbano, o processo chamado de êxodo rural, que se constituiu no Brasil pela migração da população das

regiões norte e nordeste em direção às regiões sul e sudeste (Gremaud et al, 2008) em busca de melhores condições sociais de vida.

Assim, o processo de industrialização e a vida urbana, proporcionam o acesso a bens e serviços que possibilitam a satisfação das necessidades básicas humanas, além de aumentar a expectativa de vida da população, mas a criação de infra-estrutura urbana e da infra-estrutura necessária para a produção, não garantiram a melhoria da satisfação das necessidades básicas de toda a população, como poderemos observar na mudança que ocorreu no litoral norte de São Paulo. Reconhecendo que seria de extrema importância um aprofundamento na análise das motivações, possibilidades e desafios que tal mudança impôs ao país, foram analisados apenas os impactos que tais mudanças causaram na região do litoral norte de São Paulo, sobretudo na praia de Camburi, no município de São Sebastião, sem, no entanto, deixar de tecer reflexões e análises, sempre que possível e pertinente a esta pesquisa, sobre a forma como estas mudanças foram concretizadas.

O segundo capítulo desta pesquisa apresenta os caminhos da mudança em todo o litoral norte do estado de São Paulo dentro do contexto que o país enfrentava já apresentado nesta introdução. No terceiro capítulo foram apresentadas as consequências das ações do Estado indicando a mudança através de dados estatísticos, sendo realizado uma reflexão neste processo de mudança no município de São Sebastião. E por fim, no quarto capítulo foi realizada uma análise do processo de complexidade social, feita com o método de estudo de caso da praia de Camburi em São Sebastião, trazendo dados e informações para servir de subsídios para a elaboração de um diagnóstico desta mudança.

Para apresentar um diagnóstico da mudança territorial em Camburi, foi utilizado o método dos modelos cartográficos, que é um método pós mapa que identifica de forma simples e clara a mudança através de informações do espaço. Foram utilizando eixos estruturantes do território, que é formado por um conjunto de elementos econômicos, físicos, políticos (campos de forças), apresentando um cenário anterior às mudanças ocorridas e outro atual, qualificando a diferença dos espaços.

Foram utilizadas também, entrevistas semi estruturadas qualitativas, apresentando o modo como às pessoas observam, vivenciam e analisam esta mudança. A análise das entrevistas apoiou-se na análise do discurso: “Concebe o discurso como um lugar particular em que a

relação ocorre, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Estabelece como central a relação entre o simbólico e o político.” (ORLANDO, 2005: 10). A utilização das entrevistas nesta pesquisa foi realizada apenas no quarto capítulo subsidiando o estudo de caso da praia de Camburi, embora seja um material de grande importância para explicar todo o processo de mudança social desta região, assim, a análise das entrevistas levanta alguns temas já abordados nos primeiros capítulos.

Ao longo desta pesquisa, foram utilizadas fotografias que revelaram conteúdos sobre este processo de formação histórica, algumas fotos foram registradas no centro de informações turísticas na praia de Camburi de alguns banners que contavam um pouco a história desta praia, apesar da falta de algumas informações como, por exemplo, datas do registro, as imagens apresentaram parte da cultura caiçara que em alguns casos apenas fazem parte nestas imagens.

Esta pesquisa fez o levantamento da situação atual desta região trazendo informações de como ela se formou, utilizando elementos como: turismo, modo de vida caiçara, mercado imobiliário, migração, meio ambiente, políticas, Estado, desenvolvimento, planejamento e problemas urbanos. Todos estes elementos unidos transformaram um território de relações sociais complexas, esta análise não teve como objetivo criticar esta formação, mas sim trazer levantamentos através de análises destes elementos que são de extrema importância para uma reflexão mais profunda sobre a situação atual desta região.

2 – CAMINHOS DA MUDANÇA

O segundo capítulo descreve o processo histórico de ocupação na região do litoral norte do Estado de São Paulo no período posterior a 1960 com o levantamento de dados sobre a vida dos moradores da região neste período e com a mudança ocorrida sendo consequência de ações estatais de desenvolvimento que resultaram no aumento do fluxo de turistas da região.

2.1 – Povo Caiçara

O litoral norte do estado de São Paulo se estende do município de Bertioga até a divisa com o Estado do Rio de Janeiro e é uma região que abrange quatro municípios: Ubatuba, Caraguatatuba, Ilha Bela e São Sebastião. Como podemos observar a localização nos mapas 1 e 2.

MAPA 1: Localização do Litoral Norte do Estado de São Paulo

FONTE: www.wikipedia.org

MAPA 2: Cidades do Litoral Norte de São Paulo

FONTE: www.viagem.uol.com.br

Até 1960 a população desta região do litoral paulista era predominantemente "caiçara", denominação dada às pessoas que se caracterizam por um modo de vida específico, adaptado às condições naturais do litoral, residindo predominantemente próximo das encostas da serra do mar e que sobreviviam da produção de subsistência, tendo a praia como território das relações sociais.

A origem da população caiçara está marcada por estes fatores, desde o início da colonização brasileira, sendo que para Silva, (1993) e Noffs (1988) o caiçara é uma expressão regional do caipira do interior, por se fundamentar em um modo de vida específico. (Silva, 1993; Noffs, 1988 apud Raimundo, 2007: 92).

O caiçara “é fruto da miscigenação do branco europeu com o indígena, com pouquíssima presença negra, Contudo, (...) o caiçara pode ser definido não pelo seu traço étnico, mas pelas características ligadas ao modo de vida de um grupo humano às condições naturais do litoral

paulista”. (Cândido, 1987, apud Raimundo, 2007, p. 92). A imagem 1, é um registro feito pela pesquisadora no centro de informações turísticas da praia de Camburi através de um banner neste local, ela apresenta a imagem de caiçaras desta praia na década de 1970.

IMAGEM 1: Caiçaras da praia de Camburi do município de São Sebastião
FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

O modo de vida do caiçara era rudimentar e as relações sociais exercidas eram baseadas em uma comunidade que se estruturou a partir dos laços familiares alicerçado na economia de subsistência. As famílias viviam em uma comunidade, cujos costumes eram herdados historicamente pelos laços de sangue e a economia se baseava na adaptação ao meio natural que estruturava e delimitava as fronteiras objetivas e subjetivas do trabalho e da socialização.

As plantações ocorriam nas encostas da serra do mar e na faixa de areia era lugar de vivência social: A faixa litorânea era o lugar da moradia, das roças anuais e das festas e onde ocorriam as trocas econômicas – as “vendas” (pequenos mercados) situavam-se sempre junto ao mar. Essas rotas também eram marcadas por fatores espirituais e religiosos. (Raimundo, 2007: 102).

Assim, nas comunidades caiçaras, a relação da família com a comunidade era intrínseca, de modo que na divisão social do trabalho a mulher assumia o papel de cuidar da casa e dos filhos, ao passo que aos homens era atribuída a função de sustento da família, através das atividades primárias típicas da região: pesca, caça e agricultura. Como podemos observar na imagem 2, os peixes secando em varais após a pesca, para que fossem armazenados e consumidos em períodos posteriores.

IMAGEM 2: Peixes secando em varais na praia de Camburi

FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi e Tatiane de Moraes Ferreira

Sobre a agricultura, é importante destacar, que as plantações se localizavam ao redor nas residências e se estendiam, a depender da cultura plantada, para as encostas da serra, de modo que a vida familiar estava inserida no trabalho, sendo o trabalho parte da vida familiar quando inserido nas proximidades físicas da residência já que neste caso todos da família ajudavam e ao mesmo tempo era função dos homens quando precisava ser realizada distante da região.

Contudo, devido às baixas densidades demográficas, os conflitos pareciam ser diminutos. Mais que isso, as famílias desempenhavam papel mais

importante que a própria comunidade. O grupo doméstico era a unidade vital da existência caiçara: grupo de reprodução, de trabalho, de produção e de consumo ao mesmo tempo. O semi isolamento que caracterizou as comunidades caiçaras acabou por torná-las quase uma autarquia, auto-suficiente e independente (MARCÍLIO, 1986). Nesse universo, a mulher caiçara ocupava uma posição fundamental para a manutenção desse grupo: era ela mãe de família, dona de casa e trabalhadora do lar. Ao homem estava destinada a função de caça e pesca, de derrubada e de queimada, a instalação da roça, construções dos ranchos de moradia, transporte e comercialização dos excedentes (ADAMS, 2000: 106-107). A economia doméstica, portanto, era sustentada por essas roças, e o trabalho familiar destacava-se como um fator fundamental na organização social por famílias descapitalizadas. A forma de ocupação em pequenas comunidades, de maneira descontínua na paisagem era uma característica dos assentamentos caiçaras do litoral norte até a década de 1970. Ao redor das casas começavam as plantações de subsistência, principalmente milho e feijão nas encostas da serra e mandioca na faixa de areia. (MARCÍLIO, 1986; ADAMS, 2000 apud Raimundo, 2007: 101).

É neste sentido que se compreende a economia de subsistência como o núcleo da vida social da comunidade caiçara, uma vez que envolve toda a família, a célula fundamental desta comunidade. A divisão social do trabalho constituía como um ordenamento que assegurava a extensão da vida social pelas fronteiras delimitadas pela natureza, onde a necessidade impunha a busca pelo sustento da família.

Se por um lado a ausência de técnicas modernas de produção pode ter influenciado na produtividade do trabalho e dos fatores de produção, por outro não se constituía como um problema para a produção econômica, sobretudo para uma economia de subsistência, pois a relação com o meio proporcionou a produção de um conhecimento detalhado da natureza, de suas possibilidades e limites. Através da observação da natureza havia um profundo respeito em relação às suas mudanças, de acordo com seus ciclos, de modo que as técnicas utilizadas assumiam extrema importância para a própria recuperação do solo, obedecendo à necessidade de se cultivar a lavoura ou roça, como era chamada, onde o solo já havia se recuperado da última plantação. As culturas agrícolas que necessitavam de solos mais férteis eram produzidas nos vales da serra do mar e a observância da natureza determinava a época do plantio e da colheita, como podemos ver em Raimundo (2007):

Este sistema recebe várias denominações, como técnicas de coivara, agricultura itinerante, agricultura de corte/queima, agricultura de subsistência. Nesse tipo de agricultura, o fogo desempenha um grande papel, pois as cinzas da floresta queimada fornecem nutrientes aos primeiros anos de cultura.

Merece destaque, nesse contexto, o conhecimento caiçara com respeito à recuperação do solo. Isso se dá através da observação da floresta por essas comunidades tradicionais, verificando a instalação de algumas árvores ou arbustos em áreas desmatadas ou de roças abandonadas. Algumas espécies são consideradas pelos caiçaras como indicadoras de que o solo recuperou-se, resultando em um solo com fertilidade natural maior. Nesse sentido, ao invés de buscar novas áreas para o plantio, planta-se novamente naquele trecho recuperado, reiniciando-se o ciclo da agricultura itinerante, quando a floresta que ocupou aquela antiga clareira de roça será novamente queimada. Outro ponto importante para o entendimento da agricultura caiçara é que suas práticas são marcadas pela observação dos ciclos da natureza. As fases da lua e as estações do ano as influenciam - da sementeira à colheita. (pág.106).

Além da utilização dos meios naturais para a agricultura, fazia parte da vida do caiçara, atividades como a caça e a pesca, tanto por seu valor intrínseco em relação às necessidades nutricionais, quanto pelo seu valor cultural: “A caça possuía uma função de enriquecimento protéico, mas também possuía um valor cultural-simbólico. Ela era praticada, assim como a pesca, pelos homens, que se embrenhavam na floresta passando, às vezes, vários dias à espera de uma boa caça, nos “trepeiros” entre outras técnicas de caça.” (Raimundo, 2007:103).

O caiçara vivia quase isolado de outros centros urbanos, sustentando-se através de suas técnicas para utilização do meio, transmitidas de geração em geração, mas nunca se isolaram totalmente das outras comunidades, pois, a comunicação e as relações com outras comunidades eram mantidas, sobretudo para transacionar o excedente produzido ou se reunir para trocar experiências e manter relações pessoais. Para se comunicar com as comunidades de outras praias, os caiçaras utilizavam os sistemas de trilhas, servindo como elos entre as moradias em torno do mar ou através do próprio mar por meio de embarcações próprias:

(...) o caiçara nunca se isolou totalmente de outros centros mais dinâmicos, e garantindo seu sustento apenas com atividades de subsistência. Ao contrário, o semi-isolamento se deu pela promoção de uma certa integração aos centros urbanos litorâneos, fornecendo-lhes algum produto oriundo do extrativismo ou de seus cultivos e pesca. Havia formas de integração dessas comunidades litorâneas aos centros mais dinâmicos: os distritos de Maresias e Boissucanga, por exemplo, na porção sul do município de São Sebastião, possuíam uma pequena integração com a cidade de Santos, através da comercialização de pescados no porto daquela cidade (Luchiari, 1998). Essa autora indica que os moradores dirigiam-se para Santos com seus barcos próprios, geralmente construídos com um único tronco e sem motor, sendo propulsão por remos (canoa de voga) (...) Nesse momento, as comunidades vendiam seus pescados e compravam gêneros alimentícios e vestuários que não podiam produzir. Nesse período, o caiçara, praticamente ocupou sozinho, enquanto

grupo social, as áreas litorâneas do norte do Estado de São Paulo. Durante um ou dois séculos “vagarosos”, não havia nesse ponto do litoral, interesses que motivassem novas formas de ocupação, a não ser em momentos esporádicos e muito localizados no espaço. O caiçara então, defendia seu território em relação a seus pares, ou seja, outros caiçaras nas práticas agrícolas e de pesca. (...) A integração que se dava não só para trocas comerciais, mas também para festividades e outras práticas culturais. Há vários exemplos nessas comunidades de pessoas que se casaram com outras das comunidades vizinhas. Admitindo-se essas informações, o ator social praticamente exclusivo desse período é o caiçara, com suas necessidades e aspirações. (Luchiari, 1998 apud Raimundo, 2007: 96, 97, 111 e 112).

Desta forma, os povos caiçaras que viviam no litoral norte de São Paulo, mantinham uma vida dissociada das tendências de urbanização e modernização industrial que aspirava ao país enquanto projeto de nação, pelo contrário, se sustentava justamente naquilo que era considerado o atraso econômico e social, alvo a ser corrigido pelo progresso proposto nos grandes planos de modernização do país.

2.2 - A Força do Estado

Todo o país enfrentava mudanças estruturais e políticas planejadas pelo Estado, assim, também se realizou na região do litoral norte paulista um conjunto de ações estatais que modificaram significativamente a vida dos moradores caiçaras da região. Nesta parte da pesquisa, analisaremos os indicativos e as ações estatais que se realizaram nesta região, impactando e estabelecendo uma atividade econômica que privilegiou alguns grupos sociais em detrimentos de outros, dentre eles a comunidade caiçara.

Em 1939 houve a inauguração da rodovia dos Tamoios que interligou as cidades de Ubatuba, Caraguatatuba e São Sebastião, até esta época São Sebastião era isolada do processo de urbanização e dinamismo econômico do estado.

Em 1960 o governo do Estado através da Secretaria do Interior em convênio com a Faculdade de Saúde Pública realizou o levantamento das condições de saúde dos moradores da região, a “Operação Caiçara”. O resultado se deu em um documento destacando as precárias condições de saúde dos moradores. Como podemos ver em Oliveira (1998):

Havia alto índice de mortalidade infantil, de desnutrição infantil, além da morte por doenças gastrointestinais, parasitárias e doenças transmitidas por mosquitos. (...) No final, o documento aponta a necessidade do Governo do Estado agir nessas regiões para a correção dessa situação, dadas as condições de penúria fiscal dos municípios que compunham a região do Litoral Norte. (Pag. 84).

Nesta mesma época o CEPEU – Centro de Estudos e Pesquisas Urbanísticas, órgão da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, através de um convênio com o Estado, desenvolveram a primeira proposta de plano diretor para estes municípios. Os técnicos concluíram que uma solução para melhorar a economia desses municípios, seria voltar-se para a circulação, utilizando melhorias viárias na rede de estradas já existentes, destacaram também a necessidade de maior proteção à vegetação da região da Serra do Mar incentivando os caiçaras a utilizarem o uso de novas técnicas de agricultura, segundo Oliveira (1998), o turismo não obteve muito incentivo devido às dificuldades de infra-estrutura da região.

Começa, então, um trabalho de melhorias nas estradas vicinais, abertura de acessos, valetas de drenagem e recuperação de áreas alagadiças, especialmente nos bairros de Camburi, Juquei e Boiçucanga em São Sebastião, no bairro do Jaraguá em Caraguatatuba e no bairro de Manduba em Ubatuba. (Oliveira, 1998: 105)

Em 1969, o Governo do Estado de São Paulo criou a SUDELPA, um órgão vinculado à secretaria de Economia e Planejamento, com o objetivo de integrar e promover o desenvolvimento econômico-social no Vale do Ribeira e litoral do Estado de São Paulo com todo o Estado. Foi criado devido à pobreza dos moradores e à falta de poder econômico desta região, não sendo possível auto financiar uma expansão econômica.

Devido a pouca alteração da ação humana nesta região, o governo paulista criou o Parque da Serra do Mar em 1977 e foi tombado em 1985, está situado em uma área de cerca de 1,3 milhões de hectares e envolve 15 municípios da Região Metropolitana de São Paulo e da Baixada Santista, numa extensão que vai desde a divisa dos Estados de São Paulo e Rio de

Janeiro até o município de Itariri, no sul do Estado passando por toda a faixa litorânea, como podemos verificar no mapa 3:

MAPA 3: Localização do Parque estadual da Serra do Mar.

FONTE: amdro2003.blogspot.com.br/2012/04/parque-estadual-da-serra-do-mar

O Parque da Serra do Mar é formado pelos núcleos: Bertioga, Caraguatatuba, Cubatão, Curucutu, Cunha-indaiá, Picinguaba, Santa Virgínia, São Bernardo do Campo e São Sebastião. Sobre o seu tombamento:

Segundo Aziz Ab'Saber 23, o Tombamento da Serra do Mar teve uma primeira fase provisória, em 1977, e uma definitiva, já no Governo Montoro, a partir de 1986. Para delimitar a área de tombamento, foram consideradas as características naturais da fachada atlântica da Serra do Mar, ou seja, as grandes declividades da escarpa; a vegetação – floresta atlântica – associada a essa escarpa; e as aguadas da serra – as inúmeras nascentes de água. O Tombamento da Serra do Mar envolveu uma série de especialistas e órgãos, sensibilizados com a questão de conservação da natureza. (Aziz Ab'Saber 23 apud Raimundo, 2007: 146)

Em São Paulo a unidade do Parque Estadual da Serra do Mar é administrada pela Secretaria

do Meio Ambiente por intermédio do Instituto Florestal e da Fundação Florestal. Seu tombamento, segundo Scifone (2008), foi feito por meio de duas ordens motivacionais, uma de caráter científico e outra de caráter político:

A proteção desse patrimônio natural foi instituída a partir de um momento em que um setor estratégico da costa paulista, caso do litoral norte, foi definitivamente englobado à divisão espacial do trabalho da região metropolitana de São Paulo, com a função específica de constituir-se em espaço de lazer especialmente voltado para as atividades de veraneio. (Pág.118).

Outro evento de grande importância nesta região, foi à construção da estrada BR-101 que foi planejada em 1967 pelo governo de Castelo Branco, o estado tinha como objetivo construir uma infraestrutura urbana que subsidiasse a distribuição dos produtos e bens produzidos principalmente entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

(...) o litoral norte constituía apenas o meio do caminho, uma região sem expressão econômica maior, situada entre dois pontos estratégicos, São Paulo e Rio de Janeiro, que deveriam ser ligados para facilitar a necessidade de escoamento dessas duas regiões metropolitanas. Em 1974, foi inaugurado o trecho da BR 101 entre Rio de Janeiro e Ubatuba, e esta região já era vista com outra função: a de sediar um turismo-veraneio de alta renda. A estrada tornou-se parte essencial da viabilização desta nova função. (Scifone, 2008: 144).

A imagem 3 demonstra a dificuldade de locomoção dos meios de transportes antes da construção da BR-101, onde as areias das praias também eram utilizadas como espaços de transportes de veículos e havia grande dificuldade para a passagem principalmente quando a maré estava cheia, como podemos observar na imagem em destaque, onde há um ônibus atolado na areia com destino ao município de Caraguatatuba:

IMAGEM 3: Dificuldade de acesso ao litoral Norte de São Paulo antes da construção da BR-101
FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

A empreiteira Mendes Júnior foi contratada para construir a BR-101, ela instalou seu pátio de máquinas e alojamento dos funcionários de forma que abriu caminhos entre a vegetação, assim, alargando ruas e várzeas, além de destruir algumas roças de mandioca. Segundo Oliveira (1998), as interrupções na obra deixaram para trás um cenário desolador para a região:

As obras da BR-101 não resistiam à crise da dívida em 1980 e foram completamente abandonadas, deixando para trás um cenário arrasado, com grandes cortes na mata, sustentados por imensas “cintas” de concreto, e viadutos cujas estradas de acesso não foram construídos. (pág. 120).

Em 1970 foi realizada a instalação do terminal marítimo TEBAR da PETROBRAS em São Sebastião e a construção de dois oleodutos, segundo Oliveira (1998), para a execução deste projeto foi contratada a empreiteira Techint, que chegou à praia de Boiçucanga em São

Sebastião, novamente abrindo ruas, que antes eram antigos caminhos caiçaras.

Importante salientar, que estas obras geraram um fluxo de trabalhadores vindos de outros estados brasileiros para trabalharem nas empreiteiras, gerando a modificação do perfil da população local. São novos moradores, temporários ou permanentes, que possuem outras formas de organização de vida e cultura, modificando assim, a vida e a cultura local.

Toda essa mobilização de recursos estaduais e federais para ações na região do litoral norte paulista, implicou em mudanças nas características demográficas dos municípios, resultado da migração de trabalhadores de outras regiões do Estado de São Paulo e também de outros estados, em especial Minas gerais e Bahia. (Oliveira, pag. 114, 1998).

Segundo Oliveira (1998), baseado em dados do SEADE, os novos moradores funcionários das empreiteiras, alteraram o perfil demográfico da região, conforme se observa na tabela 1:

Tabela 1 - São Sebastião – População Urbana e Rural			
Anos	População	População urbana	População Rural
1950	6033	2423	3610
1960	7476	3940	3536
1970	12023	11274	751

Observa-se que a população dobrou entre os anos 1950 e 1970, passando de 6.033 moradores para 12.033 em 1970. No mesmo período observa-se que a diminuição da população rural (de 3.610 da população em 1950 para 751 em 1970) no município de São Sebastião, porém, esta situação não coincidiu com o fenômeno do chamado êxodo rural que se verificou no país nesta mesma época, pois, as transformações do território alteraram as suas características transformando o território que antes era rural e habitado pela população caiçara, alicerçada na agricultura de subsistência, para um território urbano com novos moradores, os migrantes.

Essa melhoria do acesso ao litoral norte do Estado de São Paulo, que justamente alterou as características do território, não ocorreu de maneira uniforme, pois algumas regiões foram

excluídas dos investimentos iniciais do estado como é o caso de Ilhabela, que “com sua condição insular e, portanto, de acesso limitado por balsas, não acompanhou esse crescimento, o mesmo acontecendo com os trechos entre a chamada costa sul de São Sebastião até Bertioga”. (Scifone, 2008: 145 e 146). Somente depois do crescimento do turismo em 1980, estas áreas foram integradas ao processo de melhorias de acesso. Como podemos observar na tabela 2, onde Scifone (2008) realiza uma cronologia das grandes obras de acesso ao Litoral Norte de São Paulo:

Tabela 2: Cronologia da atuação do Estado em melhoria de acessibilidade no litoral norte, a partir da década de 1960.	
Ano	Obra
1938	Asfaltada ligação entre São Sebastião e Caraguatatuba, antiga estrada de terra aberta.
1960	Execução de ponte de concreto sobre o rio Juqueriquerê, divisa entre São Sebastião e Caraguatatuba.
1962	Abertura de estrada de terra entre São Sebastião e Bertioga (SP-55).
1964	Instalação de balsa para Ilhabela.
1966	Asfaltamento da Rodovia dos Tamoios (SP-99), antiga estrada de terra aberta ao tráfego em 1939.
1974	Inauguração da BR 101, no trecho entre Ubatuba e Rio de Janeiro
1980	Asfaltamento da SP 55, entre Santiago e o centro de São Sebastião
1982	Inauguração da Rodovia Mogi-Bertioga.
1984	Asfaltamento da SP 55, entre Santiago e Guarujá

Organizado por Simone Scifoni. (2008, p.143)

Estas obras de melhorias nas estradas atraíram um novo grupo de pessoas à região, os turistas. Eles que buscavam praticar atividades de lazer nas praias e com as melhorias de acesso iniciaram um movimento para esta região, de modo que sua presença também afetou e modificou a vida dos caiçaras.

Neste contexto, as mudanças estruturais ocorridas no litoral norte, se inserem em um projeto de desenvolvimento dessa região. Segundo Furtado (2000), o conceito de desenvolvimento possui:

(...) pelo menos três dimensões: a do incremento da eficácia do sistema social de produção, a da satisfação de necessidades elementares da população e a da consecução de objetivos a que almejam grupos dominantes de uma sociedade e que competem na utilização de recursos escassos. A terceira dimensão é, certamente, a mais ambígua, pois aquilo a que aspira um grupo social pode parecer para outros simples desperdício de recursos. Daí que essa terceira dimensão somente chegue a ser percebida como tal se incluída num discurso ideológico. Assim, a concepção de desenvolvimento de uma sociedade não é alheia à sua estrutura social, e tampouco a formulação de uma política de desenvolvimento e sua implantação é concebível sem preparação ideológica. (Pág. 22).

As três dimensões do projeto de desenvolvimento propostos por Furtado incidiram sobre a população local do litoral norte de São Paulo: A primeira, verifica-se pela descaracterização da agricultura de subsistência e pelo processo de urbanização do município de São Sebastião; A segunda, pela melhoria do acesso a serviços públicos; A terceira, pelo surgimento de dois grupos sociais específicos na região, o migrante e o turista.

2.3 – A chegada do turismo.

Com os investimentos estatais na acessibilidade ao litoral norte de São Paulo e o crescimento econômico no eixo Rio-São Paulo, iniciou-se um crescimento no fluxo de turistas para a região do litoral norte de São Paulo devido à proximidade destes e de outros centros importantes do estado à região, eles que contribuíram para consolidar a região como um potencial território turístico.

A concentração industrial em São Paulo, sobretudo da indústria automobilística, considerada como força motriz do crescimento econômico nacional, demandava a abertura de novos eixos viários de forma que, no início da década de 1960, São Paulo já dispunha da maior porcentagem de estradas federais pavimentadas. A melhoria da acessibilidade patrocinada no litoral norte nesta década de 1960 incentivou uma nascente função balneária, assentada principalmente no veraneio. (Scifione, 2008: 144)

Alguns elementos levaram ao aumento do turismo em escala global depois dos anos 50, como aponta a Organização Mundial do turismo – OMT. Os elementos de maior relevância foram o desenvolvimento dos transportes, comunicações e a procura dos trabalhadores por lazer em

seu tempo livre:

Nos anos 50, a viagem internacional foi se tornando cada vez mais acessível a uma parcela maior da população devido a diferentes fatores, como o aparecimento do avião a jato para passageiros como resposta ao término da Segunda Guerra Mundial, o baixo preço do petróleo, a maior renda disponível das famílias, o aparecimento das férias remuneradas e o aumento do tempo livre disponível às populações dos países industrializados. O desenvolvimento das comunicações e dos meios de comunicações e dos meios de transporte foram fatores determinantes que ampliaram as possibilidades de chegar a novas e mais distantes regiões de recebimento ou destino turístico. (...) Do mesmo modo, o turismo nacional se viu favorecido em seu desenvolvimento por fatores similares, como a crescente utilização do automóvel e demais meios de transporte, que melhoraram as possibilidades de mobilidade pessoal e coletiva dentro do próprio país. De outro lado, as contínuas melhoras que se produziram no nível de vida dos cidadãos dos países mais desenvolvidos permitiram maior tempo livre para as novas formas de lazer, bem como investir nas infra estruturas básicas das cidades com o objetivo de melhorar os deslocamentos e o acesso a mais informações. (Organização Mundial do Turismo-OMT, 2001: 34)

Desta forma, em consonância com os elementos listados pela OMT, observa-se uma série de transformações que ocorreram no Brasil em meados do século XX que possibilitaram o cerceamento turismo como atividade de lazer. Entendendo como lazer, atividades realizadas no tempo livre das pessoas, utilizado para uma satisfação pessoal. Sobre lazer, COELHO (1997):

Conteúdo do tempo orientado para a realização pessoal como fim último. Este tempo é concedido ao indivíduo depois de ter ele cumprido suas obrigações profissionais, familiares, sociopolíticas e outras. É um tempo disponível pela redução do trabalho e dos demais encargos de natureza privada ou social e ocupado por atividades que liberam o indivíduo da fadiga física (pelo descanso), do tédio (divertindo-se) ou especialização funcional (hobbies diversos, complementações culturais). O lazer é um valor social próprio da sociedade industrial desenvolvida e decorrente de uma evolução social que reconhece ao indivíduo o direito de dispor de um tempo destinado basicamente à auto-satisfação. (pág. 10)

Nesse processo, por diversos motivos, o litoral norte de São Paulo se destacou como uma

região de relevante potencial turístico no Estado, pode-se apontar como motivadores de um deslocamento para esta região os seguintes elementos:

- A melhoria no acesso com investimentos em estradas nesta região;
- O crescimento econômico estrutural que o país passava e gerava um crescimento em empregos e assim maior poder financeiro;
- Acessibilidade ao meio de transporte particular com o crescimento da indústria automobilística no país;
- As conquistas dos trabalhadores com consolidação das leis trabalhistas em 1943, proporcionando, através das férias remuneradas, maior tempo livre;
- A melhoria nos meios de comunicação como a televisão que associada ao marketing incentiva através do acesso a imagens, despertando a motivação do deslocamento para conhecer e vivenciar experiências diferentes de seu cotidiano;
- O crescimento do deslocamento de turistas para praticar atividades de lazer nas praias;
- As viagens aéreas também se tornaram mais acessíveis com a chegada das grandes empresas aéreas internacionais ao país, facilitando assim o crescimento de viagens turísticas em escala global;
- A localização do litoral norte de São Paulo com distâncias próximas dos grandes centros urbanos.

Porém, tais elementos motivadores por si só não são capazes de provocar o deslocamento dos turistas, pois, para que isso aconteça, é necessário que haja algo que os atraia para realizar atividades de lazer em seu tempo livre, sobre atrativos turísticos, BENI (1998) diz:

Atrativo turístico é o nome para recursos turísticos, que constituem o patrimônio turístico. São elementos passíveis de provocar deslocamentos de pessoas, e que integram o marco geográfico-ecológico-cultural de um lugar, podendo, por sua origem, ser subdivididos em naturais e culturais. (pág. 57).

O que determina o deslocamento do turista é a cultura na qual estão inseridas, segundo CRUZ (2001): “Por ser uma prática social, o turismo é fortemente determinado pela cultura.” (Pág.

5). É a cultura que predomina na escolha de viagem, assim, o que atrai o turista, foi produzido de acordo com as construções sociais e históricas que ele viveu. Segundo Helton (2005): “não é por possuírem essa forma que são apropriados pelo turismo. São apropriados pelo turismo porque foi construída, socialmente, a idéia de que esses são objetos passíveis de ser consumidos turisticamente (...).” (pág. 61).

Assim, o que mais atrai os turistas nesta região são suas praias e suas belezas naturais, ou seja, seus atrativos naturais, conforme destaca Oliveira (1998) sobre o turista que se atrai por esta região: “procuravam lugares onde as características de uma vida em relativo equilíbrio com a natureza parecessem reais”. (pág. 121) e este pensamento foi produzido em suas cidades emissoras.

A região do litoral Norte do Estado de São Paulo forma um conjunto de quatro cidades: São Sebastião, Ilha Bela, Ubatuba e Caraguatatuba, segundo YÁZIGI (2001) a definição de região é entendida como o modo de articulação dos modos de produção, como por exemplo, o turismo. “A região turística delimita uma área com certa intensidade de frequência, serviços e equipamentos turísticos e com uma imagem que lhe caracteriza.” (Pág. 33). Estas cidades possuem um critério coerente e comum de articulação que é a atração de turistas devido sua localização e a sua paisagem.

Sobre paisagem, YÁZIGI (2001): “(...) resulta sempre do casamento do que uma sociedade herda e se apropria, com aquilo que as suas necessidades praticam, ou seja, é um conjunto de formas num dado momento e por isso mesmo algo que está sendo sempre refeito na mesma matriz.” (Pág. 34). Assim, as paisagens desta região eram quase intocadas humanamente e foram passíveis de atrair turistas neste espaço, sobre espaço FARIA (org.); Silva (2001) diz:

A tentativa de um entendimento do espaço acarreta captar a complexidade implícita nas abstrações, que são constituintes do espaço real (visível), que também é dinâmico enquanto relações sociais. Evidenciando que o espaço é concreto e abstrato. Assim, sendo o espaço real sempre dinâmico por ser um reflexo das relações sociais (produtivas), o fator tempo torna-se indispensável no seu entendimento, posto que seja preciso congelar o real para analisá-lo. (Pág. 132).

Uma análise do espaço da região do litoral norte de São Paulo busca compreender a complexidade das relações sociais produtivas que determinaram estes espaços desde 1970, onde ações estatais modificaram estes espaços e teve como consequência o aumento do fluxo de turistas. Estes espaços que se tornaram espaços de turismo, grupos sociais se relacionam e exercem um domínio sobre eles, como por exemplo, o poder público ou o poder econômico, estes que delimitam espaços restringindo-os, de modo que, não podem ser utilizados por todos os grupos que se relacionam nele. Assim, a idéia de poder que é exercido pelo domínio dos espaços, transforma espaço em território.

(...) a idéia de território acha-se fundamentada na idéia de poder. Assim em um dado espaço, podem-se formar territórios na medida em que as pessoas, grupos, empresas e governos estipulam formas particulares de uso, de modo que a coletividade em geral acabe por admitir o exercício do domínio seja pela força militar, seja pelo poder político ou ainda pela imposição econômica. (FARIA (org.), 2001, Potuguez e Rabelo: 67).

Ao iniciar o deslocamento para esta região, os turistas atraídos pelas praias para praticar atividades de lazer em seu tempo livre, estão transformando esta região em territórios de turismo, quando dominam os espaços para estas atividades, modificando este território urbano (pós território rural caíçara) em um território do turismo. Segundo CRUZ (2001) “O turismo, entendemos, é, antes de tudo, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem o espaço geográfico seu principal objeto de consumo.” (Pág. 5).

Em 1925 na cidade de Haia, Holanda aconteceu o Congresso Internacional de Associações Oficiais de Tráfego Turístico e originou a Organização Mundial do Turismo – OMT, que é uma agência especializada das Nações Unidas no campo do turismo, funcionando como um fórum global para questões de políticas turísticas e como fonte de conhecimento prático sobre o turismo. Sobre uma teoria do turismo a OMT (2001) diz:

Existe um amplo debate acadêmico sobre o que é exatamente o turismo, que elementos o compõem e quem deve ser considerado turista, o que originou múltiplas definições, cada uma delas destacando diferentes aspectos da mesma atividade. Nesse sentido, cabe afirmar que não existe definição correta ou incorreta, uma vez que todas contribuem de alguma maneira para aprofundar o entendimento do turismo. No entanto, é necessário criar um

marco conceitual que atue como ponto de referência para que, entre outras coisas, possa elaborar boas estatísticas turísticas internacionais, pois, com a grande pluralidade de sistemas estatísticos que existem atualmente, torna-se difícil expressar a importância da atividade turística em toda sua amplitude. (Organização Mundial do Turismo - OMT, 2001: 35).

A OMT (2001) adota a seguinte definição de turismo: “O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras” (pág. 38). Assim, para a OMT, todas as pessoas que saem de suas cidades para realizar atividades por mais que 24 horas estão realizando turismo. Segundo ela, a atividade turística é um conjunto complexo de inter-relações que evoluem de forma dinâmica, sobre este conjunto ela cita 4 principais elementos complexos que se inter-relacionam:

1. Demanda – Formada por um conjunto de consumidores – ou possíveis consumidores – de bens e serviços turísticos.
2. Oferta – Composta pelo conjunto de produtos, serviços e organizações envolvidas ativamente na experiência turística.
3. Espaço geográfico – Base física na qual tem lugar a conjugação ou o encontro entre oferta e demanda e em que se situa a população residente, que, se não é em si mesma um elemento turístico, é considerada um importante fator de coesão ou desagregação, conforme é levado em conta ou não na hora de planejar a atividade turística.
4. Operadores de mercado – Empresas e organismos cuja principal função é facilitar a inter-ligação entre a oferta e a demanda. Aqui se encontram as agências de viagens, as companhias de transporte regular e aqueles órgãos públicos e privados que, mediante seu trabalho profissional, são artífices da organização e/ou promoção do turismo. (Organização Mundial do Turismo - OMT, 2001: 39).

Existem várias visões com inúmeras teorias para a área do turismo, para Panosso (2001), a OMT utiliza a linha de pensamento positivista, ela desenvolve muitos projetos para o avanço do turismo, em uma postura positivista desenvolvimentista. Para este autor, a fenomenologia é uma abordagem que descreve o fenômeno do turismo, explicando os processos “vários tipos de análises são necessários, depende do foco que se pretende dar ao objeto de investigação.” (p.142). Alguns autores definem turismo como uma indústria, BARRETO (1991) faz uma reflexão importante sobre este pensamento:

Falar em Indústria turística é restringir o turismo às atividades relacionadas com a transformação do ambiente e da paisagem. Existe uma indústria vinculada ao turismo assim como serviços a ele ligados. Existem, portanto, bens e serviços turísticos. Tanto um quanto o outro exercem na economia um efeito multiplicador, gerando empregos, impostos e originando uma rede de serviços de apoio das mais variadas áreas que movimentam recursos materiais e humanos. (Pág. 49).

Para Barreto (1991): “O turismo é o fenômeno de interação entre o turista e o núcleo receptor e de todas as atividades decorrentes dessa interação”. (p.48). Assim, para fins desta pesquisa, será utilizada a teoria do fenômeno do turismo, de acordo com a análise do mesmo engloba duas abordagens: a geográfica e a social.

El turismo es un fenómeno social que consiste en el desplazamiento voluntario y temporal de individuos o grupos de personas que, fundamentalmente por motivos de recreación, descanso, cultura o salud, se trasladan de su lugar de residencia habitual a otro, en el que no ejercen ninguna actividad lucrativa ni remunerada, generando múltiples interrelaciones de importancia social, económica y cultural. Como podemos apreciar, en este concepto se incluyen no sólo los turistas, sino todas las relaciones que se derivan de este movimiento; los establecimientos de hospedaje y de alimentación, medios de transporte, guías, centros de recreación y espectáculos, y en general todos los atractivos, bienes y servicios que el turista requiere, muchos de los cuales, en determinados momentos, son utilizados y disfrutados por personas que viajan por motivos ajenos a los del propio turismo. (PADILLA, 1994: 19).

Assim, o fenômeno do turismo no litoral norte Paulista, aconteceu devido a uma mudança no território, onde houve a interação dos turistas, caiçaras e migrantes. Os turistas, na busca por práticas de lazer motivado por uma construção histórica e social sendo atraídos por suas praias e motivados por melhorias de acesso a esta região devido ações estatais de infraestrutura de desenvolvimento econômico, que trouxeram um novo morador a região, o migrante e que estes dois grupos conviveram com os habitantes locais, a comunidade caiçara.

Com o capeamento da rodovia dos Tamoios e da ligação São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba no início de 60, aumentam o movimento de turistas à procura das praias entre as cidades de Ubatuba e São Sebastião, intensificando a dinâmica de transformação do solo rural em urbano. Ainda

no início desta década é parcialmente aberta a rodovia de terras de São Sebastião para Bertioga ligando, ainda que precariamente, as cidades do litoral Norte com a de Santos. (NOFFS, 1988 apud Oliveira, 1998: 86).

Com esta melhoria em urbanização na região do litoral norte paulista, inicia-se nesta região uma outra forma de apropriação do território. um movimento imobiliário atraídos pela oportunidade de negócios que na região, compravam casas e terrenos dos caiçaras e vendiam aos turistas que estavam em busca da oferta de residências secundárias. Com o crescimento econômico dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, houve um crescimento da demanda de turistas com maior poder econômico, possibilitando à aquisição de um automóvel (devido ao aumento da indústria automobilística) unido a melhora de acesso (ações estatais) e a possibilidade da compra de uma residência secundária para praticas de lazer em seu tempo livre. Sobre este processo, Oliveira (1998) coloca:

Um fato curioso e, ao mesmo tempo, que reafirmava a crise de reprodução da comunidade caiçara na passagem das décadas de 1970 e 1980, foi que a abertura da primeira imobiliária em Boiçucanga por um daqueles veranistas que procuravam no bairro características ao mesmo tempo idílicas e naturais da vida caiçara. (...) Mesmo, sem querer este novo personagem no bairro de Boiçucanga passou a atuar como interface entre a concepção da terra para os caiçaras e para os veranistas. Na perspectiva dos caiçaras, a terra era vista como meio imediato de produção (...). Para os veranistas, a terra procurada era uma mercadoria que associava o fator localização (...). Esse papel de interface passou da transação imobiliária para a administração da construção das residências secundárias, na medida em que os novos proprietários de terrenos foram iniciando a construção de suas casas. (...) A proibição de acampamento nas praias direcionou o perfil do veranista para aqueles estratos de renda que podiam adquirir uma residência-secundária, tornando os fluxos de veranistas mais estáveis. O conjunto dessas ações manteve o mercado imobiliário de Boiçucanga em crescimento. (122 a 126).

O poder público, ao proibir acampamentos, direcionou o perfil do turista nesta região, sendo o turista de melhor poder financeiro, visto que, somente um número reduzido de turistas poderia comprar uma residência secundária. Esta ação conteve de certa forma, o crescimento de turismo nesta região, visto que, apesar da melhoria de acesso, os turistas sofriam sem serviços como alimentação e meios de hospedagem para atendê-los. Um exemplo, sobre a falta de oferta de serviços para atender estes turistas, foi o racionamento de combustível, como podemos observar em Oliveira (1998):

Além disso, o racionamento de combustível a partir de 1976 tornava a viagem de automóvel para a Costa Sul de São Sebastião uma verdadeira armadilha. Entre São Sebastião e Bertioga existia um único posto de gasolina, no bairro de Barra do Saí. Não haveria problema se os 90 quilômetros que separam São Sebastião de Bertioga fossem, na década de 1970, asfaltados. A estrada de terra aumentava o consumo e, não raro, podia-se encontrar o posto em Barra do Saí sem gasolina. (pag. 120)

Assim, nesta região houve também o crescimento de serviços ofertados para satisfazer suas necessidades, de forma que empreendedores dos serviços de hospedagem e alimentação principalmente, procuram à região como uma oportunidade de investimento. Ao movimentar a economia local com os serviços ofertados aos turistas, a região do litoral norte tornou-se um território importante como gerador de impostos para o estado, fazendo surgir à necessidade de um planejamento público para esta nova realidade. Sobre planejamento:

O planejamento é uma atividade, não é algo estático, é um devir, um acontecer de muitos fatores concomitantes que têm que ser coordenados para se alcançar um objetivo que está em outro tempo. Sendo um processo dinâmico e lícito a permanente revisão, a correção de rumo. Exige um repensar constante mesmo após a concretização dos objetivos. (BARRETO, 1991: 13)

Dessa forma, o planejamento público age de forma a alcançar um objetivo, avaliando indicativos da sociedade visando uma mudança desta realidade através de ações para melhorá-la. Os indicadores, visto como informações sobre os elementos estruturantes da sociedade são utilizadas para identificar esta realidade, como por exemplo:

- Indicador econômico: movimento do mercado;
- Indicador ambiental: recursos naturais;
- Indicador político: ações políticas;
- Indicador social: forças que atuam no local.

O planejamento do turismo surge na tentativa de diminuir conflitos nesta nova dinâmica da sociedade e a forma racional para decidir políticas e torná-la real, depende da forma como o planejador avalia a complexibilidade da localidade para obter conhecimento do atual contexto, assim, o planejamento acontece influenciado com a ideologia de quem avalia estes indicadores e planejam ações para modificá-las.

A produção do espaço geográfico do turismo cria territórios turísticos com um conjunto de relações de acordo com os grupos de poder e o grau de poder de cada um, assim o poder econômico, estatal e social é utilizado de acordo com as suas ideologias, onde cada espaço será construído dependendo da visão de cada planejador (poder público), das ações dos empreendedores (poder econômico) e do exercício da cidadania das pessoas envolvidas neste processo de desenvolvimento (poder social). Estas várias ideologias resultam em ações conflituosas gerando um impacto nesta sociedade, como no caso da região do litoral norte de São Paulo, o planejamento elabora o uso do território e a sua operacionalidade, podendo ocorrer políticas concorrentes articuladas ao mesmo tempo e isso dificulta desenvolvimento.

Um exemplo disso foi o projeto Turis, em fevereiro de 1973, a região do litoral norte de São Paulo, foi meta prioritária do governo federal em planejamento, o então presidente Paulo Protássio da EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) solicitou um projeto à empresa ACET International. O projeto Turis – Plano de Aproveitamento Turístico que foi realizado baseado em normas de ocupação que interessavam as construções visando à maximização da rentabilidade de toda a região dependendo de uma implantação adequada. O projeto apresentou um desenvolvimento baseado no turismo da costa francesa, que indicava que o litoral de São Paulo e Rio de Janeiro era uma região precária economicamente e que deveria receber investimentos para a sua expansão para a implantação de habitações, hotéis de luxo e de classe média, restaurantes e clubes, como aponta Raimundo (2007):

Para viabilizar essa “vocaço”, o Projeto Turis indicava a necessidade de abertura de um grande eixo virio, a BR 101, a Rio-Santos. Mas o aspecto mais relevante a ser destacado diz respeito concepo das formas de apropriao desse espao geogrfico litorneo. O projeto indicava a ocupao das praias por meio de uma classificao baseada na correlao entre a condio social dos frequentadores e os atributos estticos da paisagem. Assim, as praias mais bonitas seriam destinadas para os segmentos de maior renda, enquanto as praias mais comuns deveriam voltar-se massificao turstica. De acordo com essa classificao identificou-se: Essa classificao das praias de acordo com as caractersticas paisagsticas, aliadas ao nvel socioeconmico de seus frequentadores, sugere uma segmentao social do lazer concebida como o modelo de ocupao para o litoral. Assim, o Estado, por meio do planejamento territorial, cria uma racionalidade para esse espao geogrfico baseada na hierarquizao social. (p.41)

Neste projeto, o estado concebia em nome do desenvolvimento da regio, a apropriao das

praias de forma privada, produzindo uma exclusão e desigualdade social entre os habitantes e os turistas que ali frequentariam, agindo como movimento de segregação social utilizando seu poder para a apropriação dos espaços no território da região.

Em 1968 iniciou-se o estudo de viabilidade para a implantação do projeto Turis, porém, as obras da estrada BR-101 já estavam avançadas e não foi possível aguardar a conclusão do estudo. Diante disso, a EMBRATUR abriu mão do projeto Turis após dois anos da sua entrega, ele que custou 300 mil dólares ao governo (Siqueira, 1984). Para a implantação do projeto Turis a construção da estrada seria o eixo principal das mudanças, mas a sua implantação não seria mais possível, pois, quando o governo propôs o estudo, haviam 250 praias nesta região, mas na construção da BR-101 foram aterradas 70 praias deste litoral.

Desta forma, o Projeto Turis inaugurou a legitimação, via planejamento territorial estatal, da segregação socioespacial que usou como álibi a natureza. Ele se constituiu no eixo principal, na concepção das formas de apropriação do espaço no litoral. Com isso o Estado não só mantém, mas também reproduz as relações de dominação. Esta é a racionalidade presente na produção desse espaço no qual as belezas naturais aparecem como privilégio de determinadas classes. A natureza entra também como álibi para a defesa dos interesses exclusivistas, por meio da ideologia da lógica neutra que domina o planejamento territorial: o conceito de capacidade de carga das praias serve para justificar tecnicamente por que as praias de dimensão mais restrita, praias fechadas e por isso mesmo com características de paisagem excepcionais, devem ser destinadas a um turismo mais elitizado. (Scifone, 2008: 142 e 143)

Se por um lado as ações do poder público podem causar exclusão quando ele planeja o desenvolvimento do turismo dando privilégios para uma parte das pessoas, por outro lado ele deixa a livre iniciativa do mercado turístico à adaptação das necessidades das demandas de turistas e este desenvolvimento também gera a marginalização e a exclusão econômica de uma parte da sociedade que está envolvida nestas atividades, pois, no que se relacionam ao desenvolvimento econômico do local, os recursos gerados com a atividade econômica do turismo se apresentam para a comunidade local como um importante instrumento de geração de renda através dos empregos no setor. Verifica-se, neste sentido, que o turismo, como fonte de geração de renda e importante vetor no desenvolvimento local e na melhoria da qualidade de vida da população pode ser tanto um instrumento positivo para o local do ponto de vista econômico quando gera empregos, quanto negativo quando os recursos são distribuídos de

maneira desigual, assim, as ações do Estado são de extrema importância para que haja um equilíbrio.

A concepção do planejamento estatal tem como principal fundamento a crença no Estado como “provedor” em um duplo sentido: como condutor (pelo planejamento) das políticas de desenvolvimento turístico e, principalmente, como financiador, isto é, como suporte financeiro para a expansão do setor, em poucas palavras, é o Estado principal agente promotor do turismo. As críticas ao Estado, nessa concepção, dirigem-se à falta ou ineficiência de planejamento. (Helton, 2005: 77).

As ações do Estado mudaram o significado do território, elas que foram planejadas como consequência de estudos que apontavam problemas para o desenvolvimento dessa região, como a saúde dos moradores e a pobreza. Estas avaliações se deram para acompanhar a mudança estrutural do país, beneficiando também outras cidades e estados com a melhoria de acesso e a possibilidade de distribuição dos produtos produzidos no país, assim, o planejamento foi realizado com pensamento ideológicos do estado que naquele momento era o de construir infra-estrutura urbana e um complexo que subsidiasse a distribuição dos produtos e bens produzidos, pois, a industrialização seria o indutor de mudanças e construção de possibilidades para que a população de todo o país pudesse obter alto grau de satisfação das necessidades básicas através dos salários com novos postos de trabalho.

Nesta região estas mudanças ideológicas modificaram o modo de vida caçara sem que se tenha observado e inserido algum tipo de ação para a proteção ou para a incursão dessas novas dinâmicas sociais neste modo de vida, nem mesmo, ao observar a deteriorização dos costumes diante das mudanças que estavam acontecendo o planejamento mudou ou foi flexível, pelo contrário, ao observar uma possível “vocaço” para o turismo na regio gastou-se dinheiro pblico para um tipo de planejamento que no s exclua o caara e seus costumes como tambm limitava a presena de um tipo de turista.

3 – MUDANÇA CONSOLIDADA

No terceiro capítulo foi realizada uma reflexão dos resultados dessa mudança ocorrida diante de um processo de desenvolvimento baseado em um planejamento Estatal e na reflexão desta mudança. Será realizado com base de dados que apresentem as mudanças ocorridas no ambiente, na economia e no território do município de São Sebastião.

3.1 – Resultado da mudança: Município de São Sebastião

Diante desta mudança as pessoas que fazem parte desta realidade relacionam-se com vários problemas e conflitos pela defesa de interesses distintos, onde caiçaras, migrantes, turistas, mercado imobiliário e empreendedores de serviços turísticos, convivem em um território onde o Estado intervém com o planejamento de ações para melhoria desta sociedade.

Neste capítulo será apresentado de que forma que se representaram estas mudanças em São Sebastião. Esta cidade possui área de 399, 68 km² (Fundação Seade, 2013) e faz limite com os municípios de Caraguatatuba, Bertioga, Salesópolis e Ilha Bela como podemos observar no mapa 4 abaixo:

MAPA 4: Localização de São Sebastião

FONTE: www.vtn.com.br

São Sebastião possui 26 praias: Boracéia, Juréia, Engenho, Barra do Uma, Juquehy, Praia Preta, Barra do Sahy, Baleia, Cambury, Boiçucanca, Brava de Boiçucanca, Maresias, Paúba, Santiago, Toque-Toque Pequeno, Praia de Calhetas, Toque-Toque Grande, Praia Brava do Guaecá, Guaecá, Barequeçaba, Pitangueiras, Trabalhadores, Arrastão, São Francisco, Cigarras e Enseada, como podemos observar no mapa 5:

MAPA 5: Praias da Cidade de São Sebastião

FONTE: www.ilhabela.net/praias/saosebastiao

O município de São Sebastião, assim como outros municípios do litoral norte de São Paulo, é um ambiente de interesses conflituosos, estes interesses geram mudanças constantes nesse território, proporcionando as pessoas uma constante adaptação de acordo com o poder de interesses distintos.

Segundo o censo de 2010 do IBGE, a população residente de São Sebastião era de 73.942 pessoas e este número poderá atrair novos habitantes para trabalhar nesta região devido as seguintes instalações:

- Terminal da PETROBRÁS no canal de São Sebastião onde passam 60% do petróleo destinado às refinarias do planalto;

- A construção da maior unidade de tratamento de gás natural do país em Caraguatatuba;
- A ampliação do Porto de São Sebastião.

Toda esta expansão é de grande influência na economia do município que além do aumento do número de moradores e toda a consequência que isso pode causar o aumento do número de transportes de caminhões nas rodovias podem dificultar o trânsito nesta região.

Esta é mais uma ameaça ao meio ambiente deste município, pois, há riscos de falhas que podem acarretar em vazamentos de óleo no mar, fato que já ocorreu no dia 5 de março de 2013, além de sujar as praias, coloca em risco a saúde da população e a biodiversidade marinha do local.

Devido suas praias, São Sebastião atrai um grande fluxo de turistas e assim, também muitos serviços ofertados aos turistas, sendo esta uma das principais atividades econômicas deste município. Sobre a economia:

Indiscutivelmente, são as atividades ligadas ao lazer e, dentro deste conjunto mais amplo, o turismo e o veraneio, que movimentam a economia dos municípios do litoral norte e, conseqüentemente a dinâmica da produção deste espaço geográfico, mesmo em São Sebastião, onde as atividades portuárias e ligadas ao armazenamento e distribuição do petróleo também se destacam como fomentadoras da economia do município. (Scifione, 2008: 134)

Em São Sebastião a demanda turística crescente induziu o crescimento no número da oferta turística, assim, formou-se um mercado turístico na região (turistas utilizam os serviços turísticos oferecidos). Neste sentido, o mercado sendo grande gerador de emprego na área de serviços relacionados ao turismo, ele é um dos principais geradores de economia do município.

Hoje o turismo é de grande importância para esta economia e ele se expressa neste território, através de alguns problemas gerados através da luta dos objetivos entre pessoas que disputam forças no cotidiano. As principais consequências destas relações e das mudanças em São Sebastião foram: o turismo, as casas de residência secundária e migração.

3.1.1 – Turismo

Este município faz parte de uma região formada por 4 municípios que possuem como principais atividades econômicas o turismo, são eles: São Sebastião, Caraguatatuba, Ilha Bela e Ubatuba. Estas cidades se agruparam como forma de planejamento público para juntar forças, pois, possuem características econômicas comuns entre eles e por isso a união facilita a organização, a divulgação e o desenvolvimento dos municípios. Segundo a Secretaria de Turismo do Governo do Estado de São Paulo, o Estado está ordenado em 14 macrorregiões que contém 34 regiões turísticas. Para essa divisão foi levada em conta a proximidade geográfica e a afinidade de produtos turísticos. Outra forma de organização dos municípios de São Paulo foi à implantação de Circuitos Turísticos para melhorar a apresentação em feiras e eventos, o Estado possui 27 Circuitos e um deles é o Circuito Litoral Norte Paulista.

O Plano de Governo 2013-2016 do Departamento de Turismo na Secretaria de Cultura e Turismo – SECTUR (2013) de São Sebastião apresenta uma avaliação do governo municipal sobre o turismo neste município:

O turismo realizado em São Sebastião é o receptivo, pois, ele recebe muitos turistas devido suas praias que os atraem para praticar atividades de lazer. Como já mencionado nesta pesquisa, os elementos que atraem os turistas foram construídos socialmente e historicamente, assim, as regiões emissoras de turistas para esta região são de extrema importância para avaliar o que esperam e necessitam estes turistas. Estas regiões emissoras produzem um imaginário e por consequência motiva turistas a se deslocarem para outras regiões que os atraíam, uma reflexão sobre as regiões emissoras de turistas:

Elemento comumente negligenciado nas análises sobre turismo são os lugares emissores de turistas. Conforme, entretanto, colocado anteriormente, o lugar turístico somente tem sentido a partir do reconhecimento de seu par dialético, o lugar emissor. Isso é de fundamental importância reconhecer, pois alguns lugares têm tamanho destaque na emissão de fluxos turísticos que se pode afirmar serem luminosos a projetarem suas luzes sobre lugares receptores. Dito de outra forma, lugares emissores estão comandando, em muitos casos, os processos de produção dos espaços em lugares tipicamente receptores de fluxos (...) A hierarquia entre lugares emissores e receptores de turistas não é, por outro lado estática. Ao contrário, ela se reconstrói a todo o momento na oscilação dos acontecimentos históricos. (Cruz, 2007, pág. 32-34)

Para conhecer melhor esta demanda turística foi solicitada à SECTUR pelo Conselho Municipal de Turismo uma pesquisa de demanda para encontrar informações sobre o perfil dos turistas e visitantes, ela teve início em Janeiro de 2013 com o objetivo de encontrar dados quantitativos sobre a demanda potencial e efetiva, além do gasto médio do turista no município, porém, ainda não está pronta. Os dados que a pesquisa busca são: os tipos de meios de hospedagem utilizados; gastos diários por setor; locais visitados; meio como recebem informação e propaganda; dados demográficos; origem e meio de transporte utilizado; acompanhamento; organização da viagem; motivo de viagem; comparação de 10 preços com outras regiões; opinião sobre a região; avaliação do produto turístico regional; sugestões; informações gerais.

As principais regiões emissoras de turistas para o município de São Sebastião segundo a SECTUR (2013) são: Vale do Paraíba, Campinas, Região Metropolitana de Campinas e Região Metropolitana de São Paulo. A preferência dos turistas são as praias de Maresias, Jaquehy e Camburi, os turistas que frequentam estas praias são turistas jovens atraídos pela prática de esporte como o surf e a vida noturna nestas praias, praias como Barra do Una e Boiçucanga atraem mais pessoas de meia-idade pela presença de um Iate Clube e Marinas. Segundo a SECTUR, os turistas são atraídos por São Sebastião pelos atrativos culturais, naturais, artísticos e técnicos, como podemos verificar na tabela 3 abaixo:

TABELA 3: ATRATIVOS TURÍSTICOS DE SÃO SEBASTIÃO					
NATURAIS		CULTURAIS		ARTÍSTICOS – TÉCNICOS	
TRILHAS	ILHAS	FESTAS	LUGARES	ARTESANATOS	CIENTÍFICOS
Sítio Arqueológico de São Francisco	Ilha do Montão do Trigo	Arraial Caiçara	Museu da arte Sacra Capela São Gonçalo	Caxeta	Centro de Pesquisa marinha
Praia Brava-Boiçucanga	Ilha de Toque Toque grande	Festa de São Pedro Pescador	Reserva Indígena Ribeirão Silveira	Palha e Taboa	
Cachoeira do Ribeirão do Itu	Ilha de Toque Toque Pequeno	Festa do Migrante da Barra do Sahy	Sítio Arqueológico de São Francisco	Panelas de barro	
Praia Brava-Guaecá	Ilha dos Gatos	Confaban	Museu do Naufrágio		
Sítio Jatobá	As Ilhas		Centro histórico		
Estrada da Limeira	Ilha das Couves				

FONTE: SECTUR.

ELABORAÇÃO: Tatiane de Moraes Ferreira

Sendo assim, para um planejamento do turismo, o poder público municipal avalia quais recursos estão atraindo estes turistas, sendo eles produções das regiões emissoras e que por consequência motivarão os turistas a se deslocarem às regiões receptoras. O que torna uma região turística e o conjunto de recursos que juntos formam uma segmentação turística, assim, há a formação de um mercado turístico específico para um público específico, segundo a Secretaria de Cultura e Turismo de São Sebastião - SECTUR os principais recursos de São Sebastião estão representados na figura 1:

Este conjunto de recursos forma as seguintes segmentações turísticas no município de São Sebastião, segundo o Ministério do Turismo: o turismo de Sol e Praia, ecoturismo, turismo de aventura, esportes náuticos e o turismo histórico-cultural. Segundo BARRETO (1991) estas segmentações turísticas são identificadas e avaliadas para um planejamento de seu desenvolvimento na região, pois, há vários tipos de turismo e assim técnicas diferentes para cada planejamento. Assim, toda a oferta de serviços para os turistas são voltadas para estes seguimentos, segundo a SECTUR 2013, no município foram levantados os números dos principais serviços que os turistas utilizam no município:

- ✧ 220 estabelecimentos hoteleiros;
- ✧ 109 estabelecimentos de Alimentos & Bebidas;
- ✧ 10 agências de viagem, receptivas e atividades náuticas;
- ✧ 2 locadoras de veículos;
- ✧ 10 pontos de taxi;
- ✧ 15 marinas;
- ✧ 1 linha de transporte urbano e dois de transporte regional/interestadual;
- ✧ 8 bares e casas noturnas
- ✧ 1 teatro;
- ✧ 7 shoppings;
- ✧ 80 artesãos expõem seus trabalhos nos quiosques.

Segundo ela, a capacidade hoteleira de São Sebastião é a maior do litoral norte e sul e a maior concentração dos estabelecimentos de hospedagem está na Costa Sul, principalmente nas praias de Maresias, Boiçucanga, Camburi e Juquehy que correspondem a 84%, exemplificando, Santos possui atualmente 3.000 leitos, enquanto São Sebastião possui 11.000. Estimasse ainda que haja mais de 83 mil leitos que são ofertados através do aluguel de casas de veraneio para os turistas durante o período de alta estação. O maior desafio para o setor é aumentar a taxa média de ocupação anual que hoje está na ordem de 22%, muito abaixo do ponto de equilíbrio ideal entre 35% a 40% para que os empreendimentos sejam financeiramente sustentáveis, isso ocorre devido à sazonalidade.

As principais segmentações turísticas que atraem turistas no município são relacionadas com os lazeres realizados nas estações mais quentes do ano, isso condiciona os empresários das empresas de serviços turísticos a trabalhar com a sazonalidade, ela que funciona em São Sebastião da seguinte forma: na alta temporada (período de temperaturas altas) recebe um grande número de turistas e aumenta a lucratividade, já na baixa temporada (período com baixas temperaturas) a cidade é frequentada por poucos turistas (a maioria deles motivados pelo esporte surf) e assim diminuem a lucratividade gerando desemprego no setor que são retomados na alta temporada. Sendo assim, para resolver o problema da sazonalidade uma pesquisa sobre o perfil da demanda para fins de planejamento para este problema é de

extrema importância.

Segundo este plano de governo, o turismo em São Sebastião está intimamente relacionado ao fluxo de visitantes que utilizam meios de hospedagem com suas famílias para utilizar a praia para o lazer, casais jovens para utilizar a praia para praticar o surf e os turistas que possuem residência secundária no município.

Um tipo de turista que a região recebe é o de esporte, para quem pratica principalmente a atividade esportiva do surf. As praias da cidade de São Sebastião possuem uma boa ondulação o que propicia à prática deste esporte em todos os níveis, desde iniciantes até grandes campeonatos mundiais, atraindo eventos internacionais à região, colocando-a como região de referência mundial de eventos do surf brasileiro, porém, este tipo de turista quase não utiliza os serviços turísticos em seu cotidiano de prática do esporte, pois, a maioria mora em cidades próximas, de forma que o hábito é de fazer o chamado "bate e volta" que entre os surfistas significa chegar à praia pela manhã, surfar e ir embora ao final da tarde.

O turista de residência secundária, segundo uma análise do relatório FIPE 2010 elaborado para a Prefeitura de São Sebastião, apresentam as seguintes características:

- A viagem acontece aos finais de semana, feriados e férias;
- Meio de transporte mais utilizado é o automóvel;
- Alimentam-se em suas casas;
- Principais atrativos são Sol e Praia;
- Permanecem cerca de cinco dias na alta temporada de dezembro a fevereiro e dois na baixa temporada de março a novembro.

Para planejar o turismo no município de São Sebastião, o poder público federal e estadual se mostra presente através de ações para incentivá-lo e o poder público municipal apresenta uma avaliação de como ele se apresenta na região, através de diagnóstico da demanda turística, da oferta turística, dos atrativos turísticos, dos recursos turísticos, da segmentação turística, dos tipos de turistas e o problema com a sazonalidade. O turismo como grande gerador de renda e de extrema importância à econômica do município, deve ser planejado de forma a observar todos os setores sociais, pois, esses elementos podem modificar o seu desenvolvimento, o planejando assim, deve ser flexível e constante.

3.1.2 – Casas de Residências Secundárias e Mercado Imobiliário

Na década de 1990, o município de São Sebastião conseguiu alcançar uma independência financeira com a exploração mineral do TEBAR, isso ocasionou um movimento do poder público municipal gerando muitos benefícios de urbanização à população.

Essa suposta independência foi propiciada pelo recebimento, a partir da constituição de 1988, do imposto sobre a exploração mineral decorrente da presença do TEBAR no município. Este imposto devido pela União foi calculado retroativamente, com base na instalação de TEBAR em São Sebastião em 1969, resultando em um superávit tributário sem igual na história do município. Essa situação nova irá repercutir em todo o município, principalmente na década de 1990. (...) Tal situação provovou uma espécie de euforia administrativa, com o poder público municipal investindo pesadamente em todos os setores de serviços públicos: calçamento, asfaltamento e regularização de ruas; construção de praças e quadras esportivas; construção de escolas e creches; instalação de administradores regionais, com relativa autonomia administrativa e de gerenciamento de obras e em virtude dessa ampliação de atividades, contratação de pessoas para o quadro de servidores municipais. (Oliveira, 1998: 139 e 141).

Essa melhoria na urbanização e acesso nesta região, unido com a expansão da rede de energia elétrica da Companhia Energética Paulista (Cesp) que chegou em 1972 às praias da costa sul de São Sebastião e Bertioga, resultaram no fenômeno das residências secundárias, em decorrência também, do início de um mercado imobiliário, onde se compravam as terras dos caiçaras em um valor de mercado baixo e vendia aos turistas em um valor de mercado maior. Sobre as casas de residência secundária:

Casa de temporada, de praia, de campo, chalé, cabana, rancho, sítio ou chácara de lazer são alguns dos termos comumente aplicados às propriedades particulares utilizadas temporariamente, nos períodos de tempo livre, por pessoas que têm sua residência permanente em outro lugar. (Tulik, 2001, p. IX)

A distância de São Sebastião a capital paulista é de 180 km e isso é um outro fator que contribui para este tipo de turismo na região, pois, o turista pode intensificar a sua frequência no município. O turista que compra uma segunda residência em outro município para praticar lazer busca na maioria dos casos encontrar o que ele já tem em suas moradias.

Dessa forma, o urbano se realizou nas praias com a extensão da cotidianidade da metrópole, aproximou cada vez mais esses espaços de lazer e trabalho, homogeneizando-os. O homogêneo se instala quer na arquitetura das segundas residências que evidenciam a mesma preocupação com a violência da metrópole, quer no seu interior com o mesmo padrão de conforto e consumo propiciado pela chegada da energia elétrica: chuveiro elétrico, geladeira, TV e mais recentemente, microondas, freezer, DVD. (Scifone, 2007: 145).

O Plano de Governo 2013-2016, realizado pelo Departamento de Turismo na Secretaria de Cultura e Turismo de São Sebastião (SECTUR, 2013), o fluxo turístico de São Sebastião é principalmente de veranistas que possuem residência secundária, eles representam 38% no total dos domicílios da cidade em 2012. Segundo dados do IBGE, em 2010 foram recenseados 43.259 domicílios em São Sebastião, deles 23.633 eram ocupados e 16.606 eram domicílios particulares não ocupados de uso ocasional (casas de residência secundária) e outros 19.389 domicílios são particulares não ocupados (podendo ser alugados para o turista em pequenos períodos) estes dados demonstram a intensidade de fluxo de turistas de residência secundária neste município, imóveis que na sua maioria são utilizados poucos meses ao ano.

O mercado imobiliário movimenta com a construção civil a economia local, inclusive as receitas públicas por conta da elevação da arrecadação de impostos, devido a ele, grande parte dos turistas que frequentam as praias do município de São Sebastião tem alto poder aquisitivo, pois, este mercado controla os valores dos imóveis.

Trata-se inegavelmente de segmentos sociais de alto poder aquisitivo, uma minoria da população que pode dispor e manter um segundo imóvel, de uso temporário, exclusivo para lazer e, sobretudo, num setor submetido a intenso processo de valorização do solo. Assim, aqui se adota o termo elite como designação da posição ocupada por esses grupos no contexto econômico e social, como detentores de riqueza e de prestígio. Um indicativo objetivo que pode ser utilizado para qualificar este setor do litoral é o comportamento do mercado imobiliário: os preços praticados nesse mercado evidenciam que se trata de um segmento específico, de alto poder aquisitivo. (Scifone, 2007, p.132).

Considerarmos que no país existe um alto déficit habitacional, sendo, portanto, uma pequena parcela da população que tem condições de adquirir uma residência secundária, neste município a maior parte do mercado imobiliário se concentra em atender estes turistas, devido

ao lucro e excluem os próprios moradores deste movimento. Segundo o IBGE, em 2003 o mapa da pobreza e da desigualdade nos municípios brasileiros apontava que em São Sebastião é de 21,58% da população se encontra nesta condição. Em 2009 o PIB per capita de São Sebastião era de R\$ 41.338,51, bem superior ao PIB per capita nacional, calculado em R\$ 16.414,00, contraditoriamente, como evidencia da desigualdade da região, segundo o IBGE (2011) o rendimento mensal domiciliar per capita nominal médio é de R\$713,00.

Quanto aos valores dos terrenos cobrados, podemos ver na imagem 4, datada em maio de 2013, um terreno ofertado na praia de Camburi por uma imobiliária da região, no valor de R\$ 1.200.000, com área total de 9.500 m².

IMAGEM 4: Terreno à venda na praia de Camburi.

Fonte: Site www.canaldoimovel.com.br

Os valores comerciais dos imóveis dessa região são defendidos pelo mercado imobiliário com o discurso de valor de mercado, mas também pode ser uma forma de controlar o acesso a um número restrito de pessoas que possam comprar uma residência secundária nesta região e assim diminuir o impacto que o turismo de massa pode causar.

Segundo Cruz (2001), o turismo de massa mobiliza grandes contingentes de viajantes, proporcionando um barateamento dos custos de viagens com o aumento da demanda, porém,

causam muita degradação ao meio ambiente sendo necessário utilizar uma grande quantidade de recursos, como por exemplo, a água. Segundo ela, em contra partida, existe o turismo alternativo, que requer uma menor quantidade de infraestrutura quanto aos serviços oferecidos, sendo assim, recebendo um número restrito de turistas. Porém, no caso desta região, não foi feito nenhum tipo de planejamento para a formação deste desenvolvimento, pelo contrário, a formação do turismo de residência secundária de alto padrão se desenvolveu em decorrência de oportunidade de mercado imobiliário através da demanda de turistas e a oferta dos imóveis dos caiçaras, sem que houvesse nenhum planejamento por parte do poder público para que fosse freiado esta situação.

Este padrão predominantemente ligado aos setores sociais de alta renda pode ser constatado na forma de ocupação dos bairros, nas características dos loteamentos e condomínios residenciais de veraneio recorrentes na paisagem, na dimensão e na arquitetura de suas residências secundárias e nos preços praticados no mercado imobiliário. (Scifone, 2007: 29)

Esta procura pela costa de São Sebastião resultou a supervalorização dos terrenos litorâneos, a região é uma das mais valorizadas do estado e vêm sendo ocupados pela construção de casas de alto padrão e condomínios de luxo, muitos já embargados judicialmente porque foram erguidos em Áreas de Preservação Permanente (APPs) como alternativa do setor imobiliário devido a escassez dos espaços à beira mar, outra alternativa é formar outras produções do espaço e oferecer aos turistas com outra proposta como aponta Scifone (2008):

(...) chácaras em zonas rurais mais distantes da praia, condomínios ditos “ecológicos” e um desenho diferenciado dos loteamentos testemunham as mudanças na dinâmica da produção desse espaço litorâneo. Nessas novas formas que começam a aparecer, a natureza desempenha um papel fundamental, na medida em que permite criar uma imagem do empreendimento de “ecológico”. (170).

Há construções irregulares de casas de residência secundária que preocupam ambientalistas da região, pois, a verticalização a beira mar é proibida por lei municipal que está vinculado ao Plano Diretor do município e à Lei de Uso e Ocupação do Solo, a lei permite o terceiro pavimento apenas em forma de subsolo, mas não é o que acontece, como podemos observar na imagem 5.

IMAGEM 5: Casas com 3 andares em São Sebastião.

FONTE: www1.folha.uol.com.br

Há um movimento que se diz contrário ao aumento do mercado imobiliário na região, o Movimento Preserve o Litoral Norte, ele acredita que a criação de uma unidade de conservação deverá proporcionar, de acordo com o plano de manejo, atividades voltadas ao ecoturismo, à extração de materiais para artesanato, controle de poluição e fiscalização. O movimento pretende se responsabilizar com os custos para conter a poluição e fiscalizá-la em parceria com o poder público, os órgãos ambientais e pescadores da região, em contrapartida o grupo promete investir em turismo ecológico e em atividades de Educação Ambiental. Para custear a manutenção da área, pretendem solicitar as empresas da região para que "adotem" o projeto. Como podemos ver na imagem 6, um exemplo das ações do mercado imobiliário nesta região, um condomínio na praia da Baleia que avança na mata atlântica, são situações como estas que levam pessoas a se organizarem utilizando seu poder social para resolver um problema do poder econômico que é de responsabilidade do poder público:

IMAGEM 6: Condomínio na praia da Baleia em São Sebastião.

Fonte: www.waves.terra.com.br

O projeto cria uma área de proteção ambiental de mais de 1 milhão de m² localizada entre as praias da Baleia e Barra do Sahy (na região sul do município). Em agosto de 2013 foi aprovado por unanimidade em primeira votação este projeto de lei, que cria a Área de Proteção Ambiental (APA) Baleia-Sahy, com objetivo de preservar a vida nos oceanos, a cultura e sobrevivência dos caiçaras que vivem no local e ainda praticam a pesca artesanal. Foi encaminhado ao Executivo, que já se manifestou a favor da proposta, pois, antes de ir para a Câmara Municipal, o projeto já havia sido aprovado pelo Conselho Municipal de Urbanismo e discutido em audiência pública do Plano Diretor. Se o projeto for sancionado pelo Executivo, não poderá haver mais construções nesta área.

Observa-se que as ações de urbanização do poder público incentivaram o crescimento de turismo de residências secundárias, este tipo de turismo que foi socialmente e historicamente construído em suas cidades emissoras e que se instalam no território dessa região segregando socialmente a população local, se apropriando do espaço de forma particular incluindo cercas, muros, segurança particular entre outros, assim como vivem em suas cidades, descaracterizando a paisagem do lugar e o modo de vida dos moradores, tornando a cidade quase que “fantasma” durante o ano todo, quando não podem estar neste ambiente. O mercado imobiliário é o grande intermediário desta realidade, que expulsando os caiçaras e migrantes de frente pro mar para áreas irregulares e constroem condomínios de luxo em ambientes de preservação ambiental, pois não tem mais espaço para a especulação. Verifica-se que o

poder social de grupos de preservação entra em conflito com o poder econômico e o poder público, que a princípio não se mostra presente em nenhuma ação para resolver este problema só se apresenta quando solicitado diante da organização do poder social do município.

3.1.3 – Migração

Os migrantes que chegaram à região buscando oportunidades de trabalho e melhora na satisfação de suas necessidades básicas, que á princípio foram atraídos pelos empregos das empreiteiras, após o término das construções continuaram a residir na região, dessa forma, houve um crescimento no número da população local. A permanência do migrante nesta região, atraiu novos migrantes em busca de melhoria de vida, aumentando ainda mais o número de moradores permanentes. Este aumento sem um planejamento público para esta situação, gerou alguns problemas para a região, a favelização é um dos problemas mais importantes, pois, ela está situada nas margens de centenas de rios e ao redor da serra do mar, lá ela está sujeita a deslizamentos e acidentes diante da ocupação em áreas de risco.

Essa forma de ocupação gerou conflitos com a orientação das políticas territoriais do Governo do Estado de São Paulo. (...) Do outro lado às lideranças políticas do município sabem que o contingente de migrantes na composição da população do município é grande, cerca de 57% em 1988, formando um contingente eleitoral respeitável, além de manterem o comércio local nos períodos de baixa temporada. Além disso, a retirada desses novos moradores das áreas protegidas da Serra do Mar implicaria em relocá-los para outro local, o que, com certeza, envolveria custos para o erário municipal. (Oliveira, 1998, 137 e 139).

Não há como consolidar essas ocupações com a implantação de redes de esgoto e melhorias urbanas porque são áreas de restrição à ocupação dentro do Parque da Serra do Mar. Como podemos observar na imagem 7 uma das favelas que invade a serra do mar.

IMAGEM 7: Favela na Serra do Mar.

FONTE: www.procostaatlantica.org.br

Em 2007, o governo paulista criou o Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar, que envolve a remoção de famílias em todo litoral paulista, idealizando um futuro reflorestamento e fiscalização mais intensa para evitar novas invasões. No município de São Sebastião, algumas partes ocupadas por favelas, foram "congeladas" pela prefeitura, ou seja, área impedida de receber novas construções, há nesta cidade 54 áreas "congeladas", num total de 11.045 moradias. Para resolver este problema e dar dignidade as pessoas que vivem nessas áreas e não tem outro lugar para fixar suas moradias, este programa foi realizado por alguns anos, porém, ao mudar o governo não se deu continuidade a este projeto. Podemos observar um exemplo na imagem 8 uma favela "congelada" pelo poder público municipal.

IMAGEM 8: Núcleo de congelamento em São Sebastião

FONTE: www.vejasp.abril.com.br

O aumento de moradores permanentes trouxe outra preocupação ambientais, uma delas é a coleta de lixo. As quatro cidades do litoral norte (Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião e Ilhabela), não têm aterros sanitários e tem um grande gasto para mandar o lixo coletado para aterros no Planalto Paulista e no Vale do Paraíba.

No município de São Sebastião, verifica-se que a maior parte da cidade ainda não tem saneamento básico, de modo que os despejos de esgoto nos rios e mares e isso contaminam as águas no litoral norte paulista. Segundo o IBGE, dos 43.259 domicílios que foram recenseados em 2010, 23.603 são domicílios particulares permanentes (moradores da região) e apenas 64,2% tem algum tipo de saneamento.

Neste município há um grande histórico de desastres climáticos como, por exemplo, deslizamentos de terras nas estradas que foi o que aconteceu no primeiro semestre de 2013 onde estas áreas foram três vezes interditadas dificultando o acesso à cidade para o turistas e para o morador dessas áreas irregulares que também sofrem sendo desabrigados. Segundo o Portal G1(2013), as chuvas de 2013 fizeram com que o prefeito declarasse estado de calamidade pública, a Defesa Civil alerta que quando a maré está alta, os rios da região sul da cidade de São Sebastião não dão vazão à quantidade de água da chuva e sobem, causando enchentes e desabrigando moradores como podemos observar na imagem 9:

IMAGEM 9: Enchente no Bairro do Areião em Camburi.
Fonte: CLIPPING DE NOTÍCIAS DE SÃO SEBASTIÃO

Segundo a Defesa civil no ano de 2011 a praia de Camburi foi a mais atingida pela chuva e alguns de seus núcleos foram alagados: Sertão de Camburi, Lobo do Guará, Areião, Baleia Verde e Sertão do Piavu. Sendo estas áreas de ocupação irregular já que estão em área de proteção ambiental às margens dos rios. Os moradores de Camburi organizaram uma manifestação reivindicando junto à prefeitura do município uma equipe com máquinas e caminhões para limpar os rios removendo galhos e folhas da Serra do Mar que caem no rio impedindo que a água da chuva escoe, como podemos verificar na imagem 10:

IMAGEM 10: Manifestação dos moradores da praia de Camburi na rodovia BR-101
FONTE: CLIPPING DE NOTÍCIAS DE SÃO SEBASTIÃO, 2011.

Os líderes do poder público se reuniram com a comissão de moradores do núcleo do Areião da praia de Camburi e através de um termo de compromisso se comprometeram a enviar o serviço de limpeza dos rios localizados nas imediações onde foram registrados os alagamentos e as inundações dos imóveis, com a finalidade de facilitar o escoamento das águas pluviais. Foi o que ocorreu como podemos observar na imagem 11:

IMAGEM 11: Limpeza do Rio Camburi na comunidade Areião na praia de Camburi.

FONTE: waves.terra.com.br

Mas a obra que tinha por objetivo alargar a calha do rio que passa pela comunidade do Areião, derrubou aproximadamente mil árvores em uma área de 900 metros lineares além da agressão à mata ciliar (mata que protege as margens do rio). Ambientalistas denunciaram a agressão ao meio ambiente e a degradação deste território.

A migração aconteceu neste município em decorrência de ações do Estado que aumentou o número de moradores na região, então podemos levantar algumas questões: Ao planejar não houve uma preocupação quanto ao aumento do número de moradores? Ao observar, porque não agiu modificando o planejamento de forma flexível devido problemas urbanos que estavam causando? Pode se observar nos últimos anos algumas ações do poder público para tentar resolver alguns problemas urbanos, como foi apresentado, porém, a mudança de governo ou interrompe políticas ou não colocam outra no lugar, de modo que, os problemas urbanos crescem e se arrastam durante anos. Observa-se a situação provocada pelo fenômeno do turismo das casas de residência secundária na região, conseqüente de iniciativa do poder econômico por intermédio do mercado imobiliário: moradores que vivem em área irregular e

sofrem com os problemas ambientais se unem através do poder social reivindicando ações do poder público para resolver os problemas de alagamentos, o poder público que por sua vez, age de forma questionável por outro grupo de poder social, os ambientalistas. Esta é uma situação conflituosa se arrasta durante anos e não é resolvida pelo poder público, pois, ele não age para frear a especulação imobiliária, não resolve o problema das residências irregulares e problemas urbanos graves e não preserva o meio ambiente. Esta situação se encontra devido à união de poder social através de reivindicações distintas ao poder público que deixa o poder econômico se desenvolver neste território sem nenhum controle, prejudicando a vida dos moradores locais, os migrantes e caiçaras.

3.2 – Entendendo a Mudança Social no Litoral Norte do Estado de São Paulo

A sociedade se modifica a todo o momento e não foi diferente no litoral norte do estado de São Paulo, onde houve uma grande mudança e hoje há um grande conflito entre os interesses distintos das pessoas que convivem neste território.

Inicialmente quem vivia nesta região eram os caiçaras, que viviam com o seu modo de vida exercendo atividades de caça, pesca e plantações. Eles mantinham contato entre eles utilizando as praias, seja por trilhas ou pelo mar e se relacionavam socialmente à beira da praia onde recebiam pequenos grupos de turistas.

O início da mudança neste território se deu com ações de planejamento do Estado para melhorias e desenvolvimento da região. A abrangência do setor político tem suas complexibilidades e exige a utilização de instrumentos políticos, como os indicativos, para um planejamento. Um indicativo desta região foi à pobreza 1950, que indicou um desenvolvimento para a superação da miséria.

A ação estatal que transformou definitivamente este território foi à construção da BR-101 em 1960, que melhorou o acesso a esta região e com isso trouxe muitas consequências: a migração, o crescimento de turistas e o mercado imobiliário. Esta foi à ação que mais impactou esta região e fica nítida esta afirmação em decorrência das consequências apresentadas através de indicativos nesta pesquisa. Seus primeiros impactos na vida da população local foi à divisão de vários bairros por conta do traçado da rodovia.

O antigo território caiçara até o final dos anos de 1960 era a orla e a planície. Era onde se expressava seu cotidiano, com as casas, as roças anuais e os equipamentos voltados à pesca – o rancho e a canoa. A rede de caminhos e sua nodalidade expressaram essa configuração espacial, com uma maior quantidade de caminhos e intensidade de fluxos, generalizada pelas planícies até a abertura da BR-101. O sertão era o espaço do extrativismo e da caça, ou de alguma roça perene ou anual, que os terrenos de areia da planície não conseguiam dar suporte. Com a estrada consolidada, ocorre uma centralização dos fluxos em função de seu eixo. E os anos de 1970 e 1980 permitiram constatar a valorização do espaço e sua refuncionalização, passando de práticas camponesas caiçaras para a função turística e de veraneio atribuída pela sociedade majoritária. O imaginário caiçara e suas relações simbólicas praticadas no espaço até então foram alteradas pelo incremento de valores capitalistas atribuídos principalmente a terra, enquanto propriedade e mercadoria. O universo simbólico e material caiçara foi cortado e alterado pela BR-101. A chegada dos agentes ambientais no início dos anos de 1980 acirrou os conflitos, pois o caiçara já em processo de desterritorialização na orla, começa também a ser no sertão, pelo menos nos setores inseridos no parque. (Scifone, 2008, p.325)

Um outro fator importante de mudança no modo de vida caiçara foi à chegada do turista de residência secundária, atraídos por melhorias de acesso à região, o setor imobiliário aproveitou este mercado promissor, comprando terras dos caiçaras em torno da orla para construir e vender casas aos turistas que tinham o interesse em ter uma residência secundária para seu uso de lazer durante seu tempo livre utilizando suas praias.

A venda de um terreno ou posse para o caiçara não significava uma quantidade em metros quadrados de área, definidas em um título de direitos possessórios (quando essa posse era registrada), mas só aquele pedaço efetivamente transformado pela roça, pelo pomar e pela casa, a mata ainda não transformada ainda não era posse, “não tinha valor”, portanto não estava sendo vendida. (...) Como consequência de todo o processo, os caiçaras de Boiçucanga tomaram consciência do peso da sociedade urbana envolvente, suas instituições e seu interesse pelas terras onde se localizava Boiçucanga. Vários caiçaras procuraram, então, registrar suas posses no cartório de títulos no bairro vizinho de Maresias. (...) os caiçaras de bairros vizinhos, como Maresias, Camburi, Toque Toque pequeno e Calhetas, tiveram as áreas de posse monopolizadas por veranistas de alta renda ou empresas do ramo imobiliário. (Oliveira, 1998, pag. 95 a 100).

O caiçara mudou seu lugar de moradia, o lugar que estabelecia relações sociais, o lugar de plantação de subsistência, Oliveira (1998) aponta o processo de chegada deste mercado e a

forma com que o caiçara reagiu a esta mudança: “Com isso, percebe-se uma mudança na paisagem da orla, na qual os ranchos de pesca e as casas caiçaras são paulatinamente substituídas por segundas residências. E o caiçara é deslocado espacialmente para áreas vizinhas à orla na “retro-terra”, perdendo seu espaço na faixa de areia, onde abrigava além de sua moradia, suas canoas e petrechos de pesca”. (p.74). Assim, esta nova realidade se deu também com a introdução de cercas e muros, multiplicando loteamentos que decorreram daí em diante, o caiçara não se utilizava desses meios para separar seus territórios: “(...) Não havia cercas, os espaços eram delimitados por referenciais geográficos que não se constituíam em um contínuo na paisagem, mas sim por marcos simbólicos e descontínuos, como uma grande árvore, ou mesmo uma referência do passado”. (Raimundo, 2007, p.57). A chegada das cercas e muros mudou o significado daquele lugar e da paisagem.

Além dos conflitos pela terra, outra consequência desse processo foi à transformação social da praia. De lugar da apropriação coletiva da natureza e de seus recursos, como o mar e os rios, a praia acaba por ser privatizada direta ou indiretamente, seja na forma de condomínios, que têm o uso da praia restrito, ou por meio de cercas e muros que impedem o acesso do caiçara a esses bens outrora de todos, ou cancelas e guaritas que fecham caminhos centenários utilizados na circulação dessa população tradicional. O caiçara foi empurrado para o sertão, para viver de forma precária, afastado do mar que constituía sua fonte de trabalho e afastado da praia como seu espaço de reprodução da vida material e social. Uma nova prática socioespacial foi instituída na praia, agora sob o domínio do privado. Mas é bom enfatizar que essas consequências sociais, de um modelo de ocupação fundado num veraneio ligado a determinados segmentos sociais, representam hoje uma memória oculta para quem circula pelas praias do litoral norte e se vê maravilhado com sua paisagem de beleza natural aliada a um alto padrão de ocupação, com amplas residências de uma arquitetura de belas formas e materiais construtivos refinados. Essa nova materialidade se encarregou de apagar da história da produção desse espaço geográfico no litoral norte os conflitos e as injustiças sociais cometidas, a tal ponto que quem passa hoje por lá e só vê aparente beleza são os mesmos que se incomodam com os barracos e a favela “invadindo” o verde da Serra do Mar. (Scifone, 2008, p. 166).

O turismo de casas de residência secundária, muda os sentidos das instituições e do setor de comércio e serviços também, que além dos moradores locais, têm uma nova demanda de pessoas para atender. Um exemplo observado no comércio são os preços dos produtos bens de consumo básicos, que devido ao aumento da demanda de alta renda em determinados

períodos, se elevam por conta da rigidez da oferta, o morador local, o migrante e o caçara, pagam os mesmos valores que os turistas pagam aos produtos. Os serviços públicos também têm de se adaptar para atender à demanda nos períodos em que os turistas estão nesta região. Por estes motivos, a escolha para a compra de um imóvel (casas de residência secundária) ou deslocamento temporário do turista, depende do desenvolvimento da infraestrutura urbana do local.

O turismo foi à consolidação da mudança neste território e no modo de vida caçara. Além dos turistas de casas de residência secundária, consideramos o turista temporário como pessoas que buscam a cidade pelo chamado turismo de sol e praia (ministério do turismo) e que também necessitam e demandam serviços para atendê-los, como por exemplo, meios de hospedagem e meios de alimentação. Dessa forma, o turismo gerou oportunidades a empresários do setor de serviços para atender esta demanda, investindo em hotéis, restaurantes e outros serviços, transformando assim, esta região em um turismo de elite, de acordo com os valores de mercado cobrados em serviços e imóveis ofertados na região. Para atender estes turistas muitas pessoas com qualificação profissional para atuar em diversas áreas foram atraídas por oportunidades de emprego na região.

Neste sentido, o fenômeno do turismo na região do litoral norte de São Paulo, se deu como uma prática social importante para a economia, que gerou dependência econômica dos serviços ofertados à demanda turística. A permanência do turismo como atividade econômica, pode ser colocada em risco caso os recursos turísticos não sejam preservados e conservados, pois, eles são elementos motivadores essenciais para a fruição dos seus interesses nesta região, assim, verifica-se que a atividade turística pode alterar as características originais do ambiente, sendo necessário um planejamento para que não haja degradações irreversíveis.

A adaptação a esta nova dinâmica que o turismo possibilita depende da forma como as pessoas se relacionam, para o turista o encontro é único, para os moradores são vários encontros o tempo todo. Ele é uma consequência de práticas humanizadas na construção do desenvolvimento local, por tanto, há uma construção política importante dentro deste contexto, a forma como foi desenvolvida e o contexto em que aconteceu, explicam, em grande parte, como este elemento que poderia ser um vetor de transformação social e de desenvolvimento humano, pode se transformar em mais um elemento gerador de desigualdades e de conflitos sociais. O turismo é muito sensível a toda mudança de mercado,

o mercado é movimentado em consequência das movimentações econômicas privada, que não levam em conta o que resultarão na vida de quem vive ali, gerando uma marginalização, exclusão social e desigualdade econômica.

Toda mudança acarreta um custo social, pois, cada grupo de pessoas dentro da comunidade olha para o território de turismo de forma diferente. O turismo é uma atividade complexa, pois, o mesmo território de vivência dos moradores é o território que se desenvolvem as atividades do turismo. O turismo interfere intensamente na dinâmica social desta população e por isso intervenções importantes do poder público através de políticas de desenvolvimento são essenciais para manter a sociedade em equilíbrio.

O convívio e o conflito entre nativos e migrantes vêm levando estes grupos a experimentarmos processos de desterritorialização e assim construírem novas territorialidades. Territorialidade entendida como o conjunto de práticas sociais, vividas nesse território, superando as desterritorialidades ou perdas de seus territórios de origem, quando novas fronteiras, fincamento de novas raízes, construção de novos centros decisórios e de novos pontos de referência são construídos. (FARIA (ORG), Domenico De Mais, 2001: 48)

O modo de vida caiçara foi transformada e a cultura dominante incorporada, em decorrência de mudanças impulsadas por ações do poder estatal e do poder privado, o caiçara foi expulso do seu território, deixou de exercer atividades de subsistência, passou a trabalhar com o turismo e passou a conviver com outros modos de vida, do migrante e do turista, ele precisou se adaptar a esta nova realidade, precisou se integrar ao processo, sua cultura foi destruída e negligenciada pelo poder público. Restou a eles, a adaptação a este novo território formado por forças de poder, recriando outras estratégias para enfrentar esta situação que se imponha: “De caiçaras, camponeses pobres desse litoral, tornam-se apenas pobres”. Oliveira (1998). Esta nova situação social cobrou dos caiçaras elementos necessários em uma nova realidade urbana, que até então era desconhecido de seu modo de vida, como por exemplo, a aquisição de documentos pessoais, que além de desnecessários aquela situação anterior, era de extrema dificuldade o acesso a ele, não somente físico como também intelectual, como aponta OLIVEIRA (1998):

É importante frisar que, até o capeamento asfáltico da SP-55 no trecho entre São Sebastião e o atual município de Bertoga, as viagens à Santos ou São

Paulo podiam levar o dia inteiro, dependendo das condições climáticas. A essas dificuldades somavam-se, também, o despreparo de muitos caiçaras (não só os de Boiçucanga) para lidar com uma realidade urbana desconhecida, o alto índice de analfabetismo das populações adultas, falta de documentos, registros de trabalho, enfim, um conjunto de situações que cerceavam a mobilidade dos caiçaras. (Pág. 94)

Assim estas mudanças no meio ambiente, na política, no território e na economia, trouxeram uma realidade complexa e conflituosa para esta região nos dias atuais, um jogo de interesses e forças sendo consequência de práticas humanas que se expressam na construção política havendo uma luta de interesses distintos neste território.

Nesse processo, o caiçara, enquanto ator social, deixa de ser exclusivamente camponês e passa a ser fornecedor de serviços ligados ao turismo, como garçons, trabalhadores da cozinha de hotéis e pousadas, além de produtor e comerciante de artesanatos. Há também os especuladores imobiliários, cujo interesse de vendas de segundas residências junto à praia marcam a paisagem da região. Mais que isso, transformam também os caiçaras em serviçais ligados a essas segundas-residências: caseiros, encanadores, pedreiros e pintores entre outras atividades. Estas atividades são reforçadas, ou aumentadas por outro ator - os imigrantes -, oriundos principalmente do norte de Minas Gerais, que vão contribuir para a complexidade de atores presentes na região. (Scifone, 2008, p.123)

Hoje há poucas comunidades caiçaras na região, já que muitos deixaram o litoral, principalmente a juventude em busca de uma melhor formação profissional. Esta mudança resultante das forças de poder que modificou o território caiçara fizeram com que houvesse uma adaptação dos caiçaras, recriando outras estratégias para lidar com esta nova construção social, como aponta Raimundo (2007):

A marginalização decorre da não adaptação dos membros da comunidade, da desagregação, das dificuldades em aprender os novos ofícios e as habilidades por eles exigidas. A urbanização acelerada de seu espaço coloca-os em contato com o novo meio, onde a escolarização é parte integrante das novas habilidades exigidas. Além disso, o ritmo e a velocidade do mundo urbano, ditados pela sociedade global, em contraposição ao ritmo da natureza nas atividades de pesca e agricultura, fazem com que os pescadores sejam vistos como “indolentes e preguiçosos” pelos novos migrantes urbanos. Por fim, chega-se mesmo à expulsão desses pescadores das áreas mais valorizadas

para o uso balneário (defronte ou próximas à praia), dando lugar as segundas-residências ou de veraneio, utilizadas poucas vezes no ano por seus proprietários urbanos. Aos pescadores resta a migração para a periferia dos centros urbanos ou áreas ainda não ocupadas, passando a fazer parte da parcela de pobres urbanos vivendo em habitações precárias em áreas irregularmente ocupadas. (Oliveira, 1998, pág. 12).

Os migrantes também se adaptam a este território, vivendo de forma precária trabalhando em diversas áreas. Todo o processo histórico da formação do território turístico da região do litoral norte de São Paulo aconteceu por ações Estatais que modificaram o território desta região, forçando os caiçaras a adaptarem a uma nova realidade imposta. O fenômeno do turismo se tornou o principal meio econômico da região, sendo necessário um planejamento e ações estatais constantes para sua manutenção, pois, movimenta a vida dos caiçaras, migrantes, turistas, mercado imobiliário e empresários de serviços de turismo. Cada uma dessas pessoas se relaciona, vivem, consomem e se apropriam da região de uma forma diferente e convivem neste território, disputando poder, através do atendimento das reivindicações de suas demandas.

4 - ESTUDO DE CASO: PRAIA DE CAMBURI

Todas as praias desta região sofreram mudanças conforme suas particularidades, mas no quarto capítulo, será realizado um estudo de caso da praia de Camburi, no município de São Sebastião. Na primeira parte deste capítulo foi realizada uma pesquisa de dados sobre esta praia, na segunda foi realizada através do método de modelações uma apresentação da mudança neste território e na terceira parte foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pessoas que vivem ou freqüentam esta praia de modo que apresentassem como esta sociedade entende a mudança, realizando uma análise do discurso.

4.1 – Os vários olhares que formam a sociedade em Camburi

A praia que vamos apresentar as mudanças é a praia de Camburi que se localiza na costa sul do município de São Sebastião, entre a praia da Baleia e a praia de Boiçucanga no litoral norte do estado de São Paulo. Está localizado a 37 km do centro de São Sebastião e a 167 km da cidade de São Paulo. O bairro acompanha a praia de Camburi e a de Camburizinho, o Sertão do Cacau que segue o vale do Rio Camburi e o Sertão do Rio Piavu e possui alguns núcleos: Piavu, Areião, Débora e Lobo Guará. Na imagem 12 podemos observar Camburi em 1976.

IMAGEM 12: Praia de Camburi em 1976

FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

A praia de Camburi tem 900 metros e é separada da praia de Camburizinho, que possui 600 metros, pelo rio Camburi que deságua em frente a uma pequena ilha desta praia. Existem duas versões para o significado do nome Camburi, uma delas seria “rio do robalo”, devido à quantidade de peixe robalo que sobe o rio, um dos poucos que trocam água salgada pela doce e a outra seria o “rio que muda”, pois, de tempos em tempos o rio muda sua trajetória desaguando na praia de Camburi e em outros momentos na praia de Camburizinho, como podemos verificar na imagem 13:

IMAGEM 13: Mudança de percurso do Rio Camburi

FONTE: www.guialitoralnorte.com.br e www.olx.com.br

Na imagem 14 é possível observar, um pouco mais distante a Ilha de Alcatrazes e bem próxima da orla de Camburi a Ilha dos Gatos:

IMAGEM 14: Ilha de Alcatrazes e Ilha dos Gatos

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

Camburi possui uma cachoeira, a cachoeira do Rio das Pedras, sua entrada se localiza no bairro Sertão do Cacau, há 2 quilômetros dentro do Parque da Serra do Mar. Podemos observar na imagem 15 o canto esquerdo e o canto direito de Camburi:

IMAGEM 15: Canto esquerdo e canto direito de Camburi

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

Dos caiçaras que permaneceram em Camburi, alguns trabalham como autônomos vendendo produtos artesanais, ao passo que outros trabalham em serviços relacionados ao turismo. Não se verifica mais a pesca artesanal nesta praia e nem caiçaras morando em frente ao mar. Muitos deles moram nos sertões ou em algumas ruas ao redor da estrada de Camburi. Quanto ao artesanato:

Camburi concentra caiçaras artesãos em caixetas – árvore de madeira leve, abundante nos charcos. Fazem barcos, passarinhos, flores e peixes coloridíssimos. No Sertão do Cacau moram vários artistas que vieram de longe, inclusive os que abrem seus ateliês para visitas organizadas como Trilhas das Artes: Estilo, que trabalha madeira de forma magnífica, Alê Belém, que mistura muitas técnicas de pintura e escultura, e Neneco, que mistura o pop e o erudito, o lúdico e o irreverente em materiais inusitados. (Guerriero, 2008, pág. 25)

O Sr. Lino Marques Vicente (na imagem 16) foi um dos primeiros professores de Camburi e realizou uma árvore genealógica das famílias de Camburi, sendo o maior documento da ocupação caiçara da região:

Os pioneiros, segundo a sua pesquisa, foram o casal Marques vindos da Ilha Monte de Trigo ainda no século XIX, que criaram nove filhos. Camburi não tem sinais de ter sediado fazenda com escravos. Foi ocupada por posseiros caiçaras, que pescavam só para o consumo e tinham roças que iam para longe da praia. Mais para dentro, nos sertões, moravam descendentes de índios a quem os caiçaras se referiam como os caipiras. (Guerriero, 2008, pág. 25)

IMAGEM 16: Árvore genealógica do caiçara de Camburi e o Sr. Lino o realizador do registro.

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira e Centro de Informações Turísticas de Camburi

Neste território até o final de 1960 havia uma convivência entre caiçaras e poucos turistas jovens paulistas que chamavam Camburi de “Oasis” da costa sul, devido suas belezas naturais. Iniciou um maior movimento de turistas para esta região com a construção da estrada BR-101, por consequência, para atender a demanda de turistas, houve um crescimento no número de oferta de empreendimentos de serviços turísticos e o início do mercado imobiliário ofertando residências secundárias, dessa forma, toda a praia foi ocupada para atender estes turistas. Camburi atrai muitos turistas do segmento sol e praia, turistas de residência secundária e turistas esportivos para a prática do surf. A sazonalidade altera a dinâmica da vida neste lugar, pois, todos os comércios dependem dos períodos de alta temporada para construir meios de sobrevivência que lhes assegurem conforto econômico ao longo de todo o ano.

As construções de meios hospedagem e de casas de residência secundária estão localizadas principalmente em frente ao mar ou próximo da costa, assim, os migrantes que vieram morar em Camburi motivados a trabalhar na construção civil e continuaram a viver nesta praia

trabalhando em casas de residências secundárias e nos empreendimento de serviços turísticos, foram instalando suas residências ao redor da BR-101, em alguns casos, invadindo as áreas irregulares.

Houve um processo de favelização em núcleos em direção a serra do outro lado da rodovia, associados à posse ilegal de propriedades. Os núcleos Lobo Guará e Débora fazem parte do conjunto de favelas declaradas Núcleo “Congelado” pela prefeitura, são áreas invadidas em locais de risco ou de proteção ambiental, nesses bairros é proibido construir, continuar obras iniciadas ou reformar imóvel sob pena de demolição. Podemos observar na imagem 17, o núcleo do areião invadindo a serra do mar:

IMAGEM 17: Bairro do areião em Camburi

FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

O setor de serviços absorve trabalhadores qualificados vindos de outras cidades para

administrar, gerenciar e recepcionar os turistas, pois, não encontram mão de obra qualificada na população local, são profissionais da área administrativa, hotelaria, turismo, educação física (para a área de recreação) entre outros.

Em Camburi estão localizados os principais restaurantes gastronômicos da região, estes que unidos na baixa temporada promovem um evento gastronômico onde os chefs oferecem um cardápio novo todo ano baseado em peixes e frutos do mar.

Devido a todos estes elementos que foram levantados ao longo da pesquisa, aqui no quarto capítulo ele se apresenta na praia de Camburi, onde se verifica que o meio ambiente está sendo degradado com as construções irregulares, o modo de vida caíçara praticamente extinguida, a desigualdade de renda e de acesso aos serviços de infraestrutura urbana se expressa no crescimento da desigualdade social local e toda a economia local é afetada pela sazonalidade.

4.2 – Avaliação Territorial de Camburi

Para explicar a mudança que aconteceu neste território foi utilizado o método dos modelos gráficos, são modelizações para explicar de forma simples e clara a mudança territorial e social na praia de Camburi.

A primeira modelização, como pode observar na figura 2, é a síntese da composição do território antes da construção da BR-101 e da instituição do Parque da Serra do Mar. Neste período o território de Camburi era formado pelos caiçaras que utilizavam a orla da praia para pescar, morar e se relacionar socialmente, enquanto o território próximo da serra do mar era utilizado para as plantações de subsistência, onde também caçavam e tinham acesso a trilhas utilizadas para manter contato com outras comunidades da região. Esta modelização também mostra o rio desaguando no mar em um lado da ilha.

FIGURA 2: Modelização da praia de Camburi 1960

Elaboração: Tatiane de Moraes Ferreira

A segunda modelização, na figura 3, apresenta a situação atual deste território descrita ao longo desta pesquisa. A mudança territorial é grande quando observamos:

- Parque da Serra do Mar;
- A estrada BR-101;
- As casas de caiçaras (representados na cor rosa) localizadas no sertão de Camburi e em ruas em torno da estrada principal de Camburi.
- Os empreendimentos de serviços turísticos (representados na cor vermelho) estão localizados à beira mar e na estrada principal de Camburi;
- As casas de residência secundária (representadas na cor azul escuro) estão localizadas à beira mar e na estrada principal de Camburi;
- As casas de migrantes (representadas na cor amarelo) em comunidades em torno da rodovia BR-101;
- rio desaguardo no mar do outro lado da ilha.

FIGURA 3: Modelização da praia de Camburi 2014

Elaboração: Tatiane de Moraes Ferreira

Podemos fazer uma comparação das duas modelizações, observando as mudanças no território:

FIGURA 4: Comparação das modelizações da praia de Camburi de 1960 e 2014

Elaboração: Tatiane de Moraes Ferreira

As duas modelizações representam a mudança territorial na praia de Camburi, na imagem 18 podemos observar Camburi antes da mudança que foi representada na primeira modelização e na imagem 19 a vista aérea atual de Camburi e que representa a segunda modelização:

IMAGEM 18: Foto da praia de Camburi antes da mudança social.
FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

IMAGEM 19: Vista aérea da praia de Camburi

FONTE: www.temporadalivre.com.br

O diagnóstico demonstra visualmente a mudança do território em Camburi, trazendo elementos para a sua compreensão, podendo ser observado nas modelizações e figuras.

4.3 – Camburi: Quando a diversidade fala

A praia de Camburi apresenta uma situação complexa onde pessoas com interesses distintos convivem e encontram neste território e no turismo o objetivo em comum, seja no lazer, no emprego ou na oportunidade de mercado. Para fazer uma análise dessas relações foi realizada uma pesquisa qualitativa de campo, através de entrevistas semiestruturadas, que foram elaboradas de modo que as pessoas trouxessem informações referentes ao processo de construção do uso e ocupação do território de Camburi e todas as consequências que esta mudança representa a elas.

Assim, tomar depoimentos como fonte de investigação implica extrair daquilo que é subjetivo e pessoal neles o que nos permite compreender a

lógica das relações que se estabelecem (estabeleceram) no interior dos grupos sociais dos quais o entrevistado participa (participou), em um determinado tempo e lugar. (DUARTE, 2004: 219)

Durante 3 dias na praia de Camburi foram realizadas as entrevistas semiestruturadas (ver em apêndice B), de modo que, ao responder as questões estruturadas, houvesse a necessidade de formular, no ato da entrevista, novas questões que trouxessem outros elementos de relevância a pesquisa. As questões das entrevistas foram separadas em 3 blocos:

- Bloco 1: Identificação do entrevistado;
- Bloco 2: Mudança social e Turismo;
- Bloco 3: Camburi e a Realidade Atual.

As questões foram planejadas com base no levantamento da bibliografia e de dados estatísticos apresentados ao longo desta pesquisa. As pessoas que participaram vivenciaram e observaram estes momentos, responderam as questões dentro de como ela percebem esta mudança, pois, cada uma faz parte de uma posição diferente e também avalia de forma diferente esta mudança, assim, as entrevistas se mostraram de extrema importância para esta pesquisa devido às colocações dos entrevistados quanto aos elementos apresentados.

4.3.1 Bloco 1: Identificação do entrevistado

As pessoas selecionadas para realizar as entrevistas são: caçara, migrante, agente imobiliário, turista de residência secundária, migrante de mão de obra qualificada, empresário de serviço turístico, turista e presidente da associação amigos de Camburi. Todas as pessoas entrevistadas aceitaram utilizar seus dados e assinaram o “termo de consentimento livre esclarecido” (ver o modelo no apêndice A desta pesquisa), porém, não serão utilizados os nomes dos entrevistados.

- **CAIÇARA:** A entrevista foi realizada no dia 11 de julho de 2014 com um casal de caçaras donos de uma pequena pousada há uns 50 metros da praia. Eles moravam em um sítio na trilha da cachoeira de Camburi (Sertão de Camburi) e se mudaram para a pousada para cuidar do pai do Sr. Carlos que estava doente e logo faleceu e

cuidar da pousada que herdaram e cuidam há 12 anos. O Sr. Carlos que cursou até a sexta série, tem 51 anos, mora a 36 anos em Camburi e assim como ele, seu pai é nascido em Camburi, mas moraram algum tempo em Santos, mais tarde retornando a esta praia. A sua esposa a Sra. Maria, terminou o ensino médio e tem 47 anos e assim como o Sr. Carlos, ela também é filha de nativos de Camburi, mas por algum tempo morou em Santos.

- **MIGRANTE:** A entrevista foi realizada no dia 06 de julho de 2014 com a migrante a Sra. Carol, que tem 27 anos, possui o ensino médio completo e é moradora de Camburi há 18 anos, hoje mora na entrada do Sertão do Cacau, mas quando se mudou morava na parte central, hoje trabalha como vendedora em uma loja de artigos de praia. Ela era da cidade de Itabunas no estado da Bahia onde morava com seus pais e sua irmã, foi morar em Camburi devido seu pai ter ido um ano antes trabalhar na construção civil nesta praia, motivado por seus tios que já moravam e trabalhavam em Camburi, logo ele se estabeleceu trazendo assim a mulher e as duas filhas para viver em ali.
- **AGENTE IMOBILIÁRIO:** A entrevista foi realizada no dia 10 de julho de 2014 com o Sr. João com 39 anos, mora em Camburi e é formado em direito, mas é empresário e trabalha na imobiliária desde 2005 nesta praia.
- **TURISTA DE RESIDÊNCIA SECUNDÁRIA:** A entrevista foi realizada no dia 10 de julho de 2014 com o Sr. Sergio que tem 60 anos, sua residência fixa é na cidade de São Paulo, é sociólogo formado pela PUC de São Paulo e tem curso de pós-graduação lato senso. Depois que se aposentou, tem como parte de sua fonte de renda o aluguel de quatro casas localizadas no centro da praia de Camburi que aluga aos turistas. Frequenta esta praia desde o início dos anos de 1970 e considera Camburi um lugar maravilhoso, por este motivo, comprou um pequeno terreno em 1981 a 100 metros da praia, logo depois outro ao lado onde pensou em abrir uma pousada, porém, preferiu o aluguel das casas. Ele visita Camburi, em média, nos finais de semana.
- **MIGRANTE DE MÃO DE OBRA QUALIFICADA:** A entrevista foi realizada no dia 10 de julho de 2014 com o Sr. Rodrigo de 28 anos, que cursou o segundo ano da faculdade de administração de empresas e hoje é gerente operacional de um

grande Hotel em Camburi onde iniciou seu trabalho ali como garçom. Mora em Boiçucanga, mas morava no centrinho de Camburi, antes de chegar a esta praia vivia na cidade de Salesópolis onde trabalhava com o meu pai em um supermercado e depois em uma pizzaria como garçom e assim apareceu a oportunidade para trabalhar em Camburi.

- **EMPRESÁRIO DE SERVIÇO TURÍSTICO:** A entrevista foi realizada no dia 11 de julho de 2014 com o Sr. Roberto de 59 anos, hoje é universitário e comerciante, possui uma revistaria e mora em Camburi, antes de se mudar para esta praia era Geólogo e trabalhava em uma empresa estatal de mineração. Ele foi turista nos anos 1970 e em 1978 comprou uma residência secundária em Camburi onde frequentava para realizar atividades de lazer. Ele conta que gostou tanto do lugar e para que pudesse se mudar de vez para Camburi precisava de uma renda e foi nesse sentido que resolveu montar um negócio, inicialmente na praia de Boiçucanga em 1986 e logo depois montando seu negócio em Camburi.
- **TURISTA:** A entrevista foi realizada no dia 06 de julho de 2014 com a turista Sra. Ana que tem 31 anos e mora no município de São Bernardo do Campo, é formada em pedagogia e é professora. Frequenta Camburi há 6 anos, pelo menos uma vez por mês porque acha a praia muito bonita e é um lugar agradável, além disso ela acompanha seu marido que é surfista e busca em Camburi suas ondas.
- **PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO AMIGOS DE CAMBURI:** A entrevista foi realizada no dia 11 de julho de 2014 com o Sr. Pedro presidente da Associação Amigos de Camburi – SACI. Ele tem 39 anos, é arquiteto em Camburi e mora no Sertão do Cacau. Seu pai é da praia de Maresias e sua mãe é da praia de Camburi, foram morar em Santos por um tempo, mas sempre tiveram contato com seus avós e toda a família quando os visitavam nesta praia, aos 25 anos ele voltou para Camburi, seu pai já aposentado já havia voltado com sua mãe e haviam aberto um restaurante.

4.3.2 Bloco 2: Mudança social e Turismo

Neste bloco as perguntas foram planejadas de forma que os entrevistados apresentassem sua

forma de observar as mudanças desta praia e as respostas mais emblemáticas foram colocadas em forma de texto. Na imagem 20, podemos observar como era o território de Camburi somente com a ocupação caiçara;

IMAGEM 20: Território de Camburi com ocupação caiçara

FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

Uma das principais atividades de subsistência do caiçara antes da década de 1960 eram as plantações e um tipo comum eram as plantações de bananas, o Sr. Sergio, turista de residência secundária (10/07/2014), ao contar sobre como era Camburi, lembra de uma passagem interessante que ouvia dos caiçaras sobre a adaptação do meio ambiente que o caiçara conduzia para melhorar suas técnicas de produção e distribuição das plantações:

(...) então tem uma história, de que foi desviado o rio que lá no Piavu, (...) tinha um braço do rio, do rio Piavu que ao invés dele ir para o rio Piavu, ele ia para o rio da Baleia, ele acompanhava aquela baixada, aquela planície ali da Baleia e ia à direção ao Rio Sahy e consta, consta não, eu já ouvi esta história muitas vezes, que os próprios caiçaras fizeram o rio vir para o Rio Piavu pra aumentar a vazão do Piavu, para poder transitar com canoas pra

poder trazer as bananas (...).

Podemos observar na imagem 21, o Rio Camburi servindo de meio para o transporte de embarcações, a foto foi registrada pela pesquisadora no centro de informações turísticas de Camburi, o registro foi feito de um banner que se encontra neste local.

IMAGEM 21: Embarcações no Rio Camburi

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

Ainda sobre as plantações, o segundo capítulo levantou a questão sobre a institucionalização do Parque da Serra do Mar, na entrevista com o caiçara, quando questionado se a institucionalização havia impedido as plantações na encosta da Serra, foi respondido que nesta época já não se plantava muito. Como podemos observar na fala do caiçara Sr. Carlos:

Não não, nessa época quando eles já demarcaram tudo, nessa época já havia acabado as plantações, porque o INCRA, eles autorizavam plantar né então era tudo pelo INCRA, então o sítio que o meu pai tinha, ele pagava como se

fosse nos dias de hoje uns R\$10,00 né pro INCRA, então, e era uma área gigantesca né, entendeu, então era para incentivar mesmo a pessoa a cuidar né. E aí tinha uma parte que ele deixava também preservado e uma parte reservada e uma outra plantava já, banana, feijão, arroz, mandioca era tudo o que eles plantavam (...). (11/07/2014)

Antes da formação do Parque da Serra do Mar, quem era responsável por este território era o INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, que foi criado pelo decreto nº 1.110, de 9 de julho de 1970. Ele tinha como missão, realizar a reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da União. O objetivo era implantar modelos compatíveis com as potencialidades e biomas de cada região do país e fomentar a integração espacial dos projetos, segundo o site do Ministério de Desenvolvimento Agrário.

O Sr. Carlos (11/04/2014) também demonstra que as plantações se extinguíram devido a chegada do comércio local, pois, os moradores não necessitavam mais plantar já que poderiam comprar tudo “(...) porque era mais fácil ir no mercado ali e comprar o kilo do feijão já empacotado, do que ter o trabalho de cuidar da terra porque é trabalho, é muito trabalho, porque tem que cuidar, limpar, plantar e deixar crescer (...)”. Como podemos observar na imagem 22, uma das primeiras vendas que se instalaram em Camburi e que facilitou o acesso a alimentos industrializados aos caiçaras:

IMAGEM 22: Vendas na praia de Camburi em meados da década de 1970.
FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

A pesca se extinguiu devido à diminuição de peixes, que se deu com a chegada de grandes barcos pesqueiros nesta praia, que segundo o caiçara Sr. Carlos (11/07/2014), estes barcos arrastavam o fundo do mar com uma grande rede, recolhendo peixes de todo o tamanho, porém, utilizavam-se somente alguns desses peixes, geralmente os que pesavam acima de um kilo e o restante era descartado, assim, havendo uma diminuição significativa nos peixes nesta região. Ele conta como isso aconteceu ao lembrar dos momentos de pescas com seu pai: “(...) eles jogavam uns 50 metros de rede nossa eles traziam muito kilos de peixe que dava pra comer e vender, dar pro pessoal, mas nas últimas vezes que ele foi pescar, ele já jogava cerca de 500 metros de rede e só conseguia trazer um ou dois peixes só (...)”. Na imagem 23 podemos observar caiçaras na praia de Camburi:

IMAGEM 23: Caiçaras na praia de Camburi
FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

Outra mudança foi na cultura do caiçara, sobre a extinção das festas, os caiçaras apontam que havia as seguintes festas: festas do padroeiro local São José; festa junina; carnaval, este com direito à fantasia. Os caiçaras dizem compreender toda esta mudança em sua sociedade devido ao progresso, porém, se recordam com sentimento de nostalgia destes momentos, como

coloca o Sr. Carlos, caíçara, (11/07/2014):

Tinham muitas festas, eram bem legais, era festa do padroeiro local né, que tinha e as festas juninas eram muito legais, os carnavais o pessoal tudo se fantasiava e tinha boas festa na época, depois o turismo chegou e acabou um pouco (...) essa cultura do lugar né, o costume acabou foi se banindo tudo né. É daí acaba sendo normal né, não tem jeito, claro que quando você se recorda você sente uma saudade. (...) Assisto pela televisão né o lugar que tem aquelas festas né e aí eu falo: caramba, mas que legal né e era igual aqui e acabou. (...) Pouca gente, água limpinha, o rio quando desaguava ali no mar e você podia beber a água do rio entendeu, hoje em dia já não, então é uma coisa que dá uma pequena chateada mais não tem como parar o progresso, então tem que se adaptar aquilo né. (...) Ah era muito sossegado aqui, só tinha o pessoal local aqui os pescadores. Prá você ter idéia, em um domingo ensolarado, ensolarado mesmo, você podia arrancar a roupa e andar pelado, andar pelado mesmo porque não tinha ninguém, ninguém aparecia.

Podemos observar na imagem 24, também registrada no centro de informações turísticas de Camburi pela pesquisadora através de um banner neste local, o registro de uma das festas típicas desta praia, a folia de reis.

IMAGEM 24: Festas Populares dos caíçaras de Camburi

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

O modo de falar do caiçara é uma característica muito marcante, eles utilizam expressões linguísticas próprias devido ao certo isolamento que se encontravam, como coloca o Sr. Sergio, turista de residência secundária: “(...) o sotaque do caiçara, isso muito me encantou, há muito tempo, o jeito do caiçara falar deles, principalmente os mais velhos, agora não é tão fácil você ver (...)” (10/07/2014). Hoje há dificuldade em encontrar caiçaras com este sotaque devido a chegada de outros moradores com outros sotaques e a chegada dos turistas com outras formas de falar, além disso, há poucos caiçaras hoje em Camburi. Na figura 25, os caiçaras trabalham com artesanatos locais, também foi retirada de um banner no centro de informações turísticas pela pesquisadora:

IMAGEM 25: Artesanato caiçara em Camburi
FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

Uma outra atividade do caiçara de Camburi era o futebol, havia um time de futebol que competiam com outras praias inclusive com times das praias da cidade de Santos, do litoral sul de São Paulo. A imagem 26 apresenta o time de Camburi na década de 1980 e também foi retirada de um banner no centro de informações turísticas de Camburi pela pesquisadora:

IMAGEM 26: Time de Futebol da praia de Camburi.

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

O Presidente da Associação Comunitária Amigos de Camburi, Sr. Pedro levanta uma característica da organização desta sociedade, sendo desnecessária a presença de cercas para separar as casas.: “(...) não tinha muro vc passava por todas as casas, passava de quintal em quintal tinha muitas árvores frutíferas se comia muita goiaba, muito cajú, muita pitanga (...)”. (11/07/2014). Assim como coloca o caçara Sr. Carlos (11/07/2014) “(...) não tinha cerca né, isso não existia, mas o pessoal sabia né onde era do outro, dele e onde era do outro. Era tudo com o papel do INCRA né com um papel com o levantamento da área né e ai cada um cuidava do seu e ninguém invadia nada de ninguém, entendeu, a coisa era bem amigável”, Esta realidade mudou com a chegada dos novos moradores “Eles compravam um pedacinho e cercavam mais pra frente, porque era tudo mato né. E já cercava o pedacinho do vizinho e se o cara não vinha tomar conta ele acabava perdendo né (...) ai começou as coisas assim chatas né pra gente (...)”. Podemos observar na imagem 27 uma casa de caçaras sem cercas:

IMAGEM 27: Casa de caiçaras antes de 1970 na praia de Camburi

FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

A chegada do turista foi marcada pelo turismo de esporte, através do surf. Os surfistas procuravam Camburi devido suas ondas, o empresário de serviços turísticos, Sr. Roberto, que hoje é morador de Camburi conta como era esta praia quando começou a frequentá-la: “Não tinha nada, não tinha nem luz elétrica, era pra ser uma pura vilinha de pescador daquelas mais bucólicas sem nada só com os caiçaras.” (11/07/2014).

Mas era muito difícil chegar a esta praia devido ao acesso que era feito através de estrada de terra e em alguns momentos pela areia, assim, dependendo das condições do mar, este quando avançava muito, não era possível esta passagem. A dificuldade de acesso foi citada pelo Sr. Carlos, caiçara, (11/07/2014) dizendo que os turistas levavam em média 4 horas de viagem de Bertioga até Camburi, sendo um percurso de 60 quilômetros de distância, assim, os turistas frequentavam Camburi em feriados prolongados, quando tinham mais tempo livre. O Sr. Sergio, turista de residência secundária, (10/7/2014), também aponta esta dificuldade:

Sou do tempo que não tinha estrada de asfalto, como eu te falei antes de 1985 e não faz tanto tempo assim, é curioso é uma coisa interessante notar e comentar que né, um lugar tão próximo do motor industrial, motor do país que é São Paulo né é tinha até 1985 trecho do seu litoral sem asfalto, era a estrada de areia e a gente atolava na areia (...).

Esta é uma visão de quem vivia uma realidade diferente do povo caiçara e observava o

crescimento econômico e industrial da capital paulista, enquanto, o território caiçara permanecia sem urbanização. Mesmo sem serviços urbanos, ele e outros turistas frequentavam esta praia e o que os atraíam para realizar atividades de lazer, eram as belezas naturais que Camburi possui:

(...) desde o início dos anos 1970 naquela época eu acampava né, a gente acampava só ficava em barraca e casas à beira mar de caiçaras que tinham casas a beira mar né, caiçara né, só tinha caiçara, então eu vinha basicamente para Juquehy, Camburi, Toque Toque Pequeno, Toque Toque Grande (...) Ilha Bela e Ubatuba também ia de vez enquanto (...) ia bastante Camburi e Juquehy porque eu achava os lugares muito bonitos, mas depois eu me encantei mais por Camburi, Camburi tem essas peculiaridades, Camburi tem o ilhote né, uma ilhazinha colada na praia bem na foz do Rio que também não é no canto da praia nas outras, nas outras o rio deságua no canto e aqui deságua no meio e Camburi e Camburizinho que é a mesma enseada né, então isso aí é encantador e a partir da praia, vista da Serra do Mar era um negócio assim tão né extraordinário, o fato de ter exporões chamados exporões da Serra do Mar que são esses morros né, nós temos aqui um morro que separa com Boiçucanga e esse que separa com a Baleia (...) a própria condição da areia também, a areia muito branca então essas coisas que me encantaram (...) a gente montava barraca lá e pagava uma coisinha pra ele, tinha um chuveirinho, tinha uma ducha lá e era uma delícia e também as casas eles faziam uma comida lá trivial, um peixinho pescado ali então era uma delícia e teve outra época de camping selvagem também, que tinha um lugar ou outro que podia acampar né e não tinha uma casa na praia (...).

Estes turistas eram atraídos pelas belezas naturais, porém, necessitavam de alguns serviços básicos enquanto permanecia ali, como comer, dormir e tomar banho, porém, eles não se importavam com estas dificuldades de forma que esta dificuldade também os atraía. Podemos observar na imagem 28, as barracas dos turistas montadas na areia à beira mar na praia de Camburi:

IMAGEM 28: Barracas dos turistas na praia de Camburi em meados da década de 1970.

FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

A necessidade do turista para realizar atividades básicas, sendo que os mesmos solicitavam ajuda aos caiçaras, fez os caiçaras iniciarem alguns serviços para atendê-los, inicialmente de forma simples, depois melhorando os serviços:

Foi até então nessa época que o meu pai com a minha mãe começaram a alugar o espaço pra acampar né, pro pessoal acampar e aí do camping ele resolveu levantar umas paredes e pôr umas telha e fazer quartos né, era melhor do que ficar em barraca né, mas era tudo bem simples só tinha o quarto à cama, banheiro não existia dentro do quarto, banheiro era do lado de fora (...) É o meu pai era pescador, então ele trazia o peixe fresco, chegava aqui pulando o peixe ainda e o pessoal não acreditava, nossa era fresquinho, assim começou a fazer os quartos e também começou a se adaptar ao turismo né. (...) É aí, a maioria daqui começou a trabalhar com o turismo né, a minha mãe na época começou a fazer comida pro pessoal que vinha acampar. (Sr. Carlos, caiçara, 11/07/2014).

A presença do turista era aceita e até incentivada pelos caiçaras, que observou a necessidade dos turistas e ofertou alguns serviços para atendê-los. “A gente vinha por causa do litoral, sabendo que aqui tinha gente boa né, você está indo para um lugar que tem gente boa, tranquila que te recebe bem e que também ajuda a resolver uma questão prática, que é você comer, que tinha famílias que faziam esses triviais ais né.” (Sr. Sergio, turista de residência secundária, 10/07/2014). Na imagem 29, foi registrada de um banner no centro de

informações turísticas pela pesquisadora e mostra os primeiros turistas em Camburi:

IMAGEM 29: Os primeiros turistas da praia de Camburi

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

Esta situação seguiu até a chegada da estrada BR-101, o Sr. Carlos aponta que “não tinha noção do que ia acontecer”, a sua construção foi marcada pela chegada de trabalhadores da construção civil, eram migrantes de vários estados brasileiros, sendo atraídos pelas construtoras, modificando a cultura local e trazendo elementos culturais de seus lugares de origem.

A resposta das questões realizadas nas entrevistas reforçou os elementos já identificados neste trabalho, a migrante Carol, foi morar em Camburi após seu pai ter se mudado um ano antes para trabalhar na construção civil e assim que estava estabilizado trouxe suas filhas e sua esposa para morar nesta praia. Desde o início de sua permanência, sua esposa trabalhou como

empregada doméstica e logo depois em serviços gerais em restaurantes. Quando questionada sobre a possibilidade de retornar à sua cidade de origem, em Itabunas – BA, a entrevistada revela que há o desejo de seu pai retornar, mas que as dificuldades que isso implicaria inviabilizam o retorno. Essa situação levanta a idéia de que os migrantes mais novos, já adaptados à nova realidade não pretendem retornar a sua cidade de origem, ao contrário dos migrantes mais antigos.

(...) mas ele tem fazenda lá que o meu avô deixou, tem uma herança, casa a gente tem casa lá também e meu pai vira e mexe ele fala né, que queria voltar e que queria morar lá e a gente vai conversando com ele que o pai já está de idade e tem que ficar com a família e que lá é mais difícil a vida e não dá mais pra você ficar na roça, trabalhar na roça é tipo uma coisa que não dá mais, mas ele eu acho que com certeza ele voltaria sim (...).
(05/07/2014)

Os caiçaras, novamente na tentativa de adaptação as circunstâncias, iniciaram atividades para atender as necessidades desta nova demanda, como por exemplo, cozinhando para estes trabalhadores. Como aponta o Sr. Carlos caiçara, esta nova realidade que modificava o território onde viviam: “É quando começou a gente até ficou um pouco assustado com as moradias em beira de estrada que é muito desorganizado né e eu acho que ficou uma coisa meio feia (...)” (11/07/2014).

Houve uma valorização das terras do litoral Norte com a construção da estrada, havendo um crescimento do turismo de lazer nesta região. Quem continuou com suas terras e se adaptou a esta nova dinâmica, voltou-se para atividades, de modo, a atender estes turistas, como coloca Sr. Carlos (2014) sobre a sua pousada: “passou por uma reforma né e ai acabou fazendo o banheiro interno, os acessórios, televisão, ventilador e isso já vem mais recente”. Segundo o Sr. Pedro (2014), presidente da SACI, “muitos se adaptaram outros não, outros não sabiam fazer mais do que aquilo, então venderam suas terras”.

Dessa forma, os agentes imobiliários observaram nesta região um potencial para o mercado imobiliário. Estes agentes vendiam aos turistas, as casas que compravam dos caiçaras, pois, estes com o aumento do valor do IPTU, não havia como pagar, como aponta Pedro, presidente da SACI: “(...) então ele acaba vendendo e ocupando cada vez mais as vilas (...)”. Dessa forma, inicia-se nesta praia o turismo de residência secundária, os turistas que compravam casas nesta praia, eram principalmente da capital paulista, pessoas que obtiveram poder de compra através do crescimento econômico de suas cidades de origem e que queriam comprar uma casa nesta região para realizar atividades de lazer. Na imagem 30, podemos observar o

território de Camburi começando a receber as casas de residências secundárias:

IMAGEM 30: Início das construções de casas de residência Secundária na praia de Camburi.
FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

O Sr. Roberto que também foi um turista de lazer alternativo no início dos anos 1970 e que se tornou turista de residência secundária em 1978 comprando uma casa nesta praia, posteriormente tornando-se morador desta praia em 1986 onde montou seu primeiro negócio em Boiçucanga.

Na verdade eu vim pra cá porque eu gostava do lugar, eu sempre gostei sempre me identifiquei e teve um componente ecológico sempre muito grande, porque a minha própria profissão de lidar com a minha ciência natural de um lugar totalmente preservado e de uma beleza única eu vim por causa disso eu não vim pra fazer negócio aqui.” (Sr. Roberto, empresário, 11/07/2014)

O Sr. Sergio comprou sua residência secundária na praia de Camburi em 1981 ao lado do campo de futebol desta praia, o campo fica localizado no centro de Camburi, sendo muito valorizado e tomado ao redor por casas e condomínios de residência secundária, podemos

observar na imagem 31, antes de 1970 como era o campo de futebol sem as casas de residência secundária ao redor:

IMAGEM 31: Campo de futebol de Camburi em meados de 1970.

FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

Assim, esta mudança se deu para estas pessoas de forma a modificar o território e as relações sociais que acontecem hoje nesta praia resultando na adaptação do povo caiçara com as mudanças: na chegada e adaptação dos migrantes, crescimento de fluxo dos turistas, a chegada do mercado imobiliário e dos turistas de residências secundárias nesta praia.

4.3.3 Bloco 3: Camburi e a Realidade Atual.

Neste bloco das entrevistas, foram levantadas questões sobre a realidade atual de Camburi, que tem como principal atividade econômica serviços voltados aos turistas que ali

frequentam, de forma que os entrevistados trouxessem a forma como eles se relacionam com o turismo e a realidade de Camburi nos dias atuais. A imagem 32, mostra a praia de Camburi:

IMAGEM 32: Praia de Camburi

FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

Hoje Camburi depende economicamente das atividades voltadas ao turismo e como já colocado no segundo capítulo deste trabalho, é de grande relevância conhecer os turistas que a frequentam, sobre eles o Sr. Pedro, presidente da SACI faz uma colocação importante:

(...) tem uma diferença que não sei, mas Camburi tem um pessoal é que tem até um pouco mais de recursos, mas é um pessoal que tem, é que sei lá, um pouco mais intelectual, um cara que consegue debater mais, um cara não vem desfilar de carrão ou pra fazer uma casa que tenha um luxo, o pessoal daqui até tem condições de ter este luxo, mas tem mais um pessoal mais diferente (...) eles buscam a praia, praia é o atrativo daqui, as natureza o verde é isso que todo mundo que veio pra cá, atrás de Camburi, veio atrás disso, o surfista que vem por causa das boas ondas, mas sempre por causa da praia, porque tem areia branquinha, o mar verde, tem a paisagem das montanhas aqui que é bacana do ilhote e Camburi tem uma geografia bonita. (12/07/2014).

O senhor João, agente imobiliário, demonstra que o perfil dos turistas hoje da praia de Camburi é familiar, este perfil que se modificou com o tempo, já que no início esta praia era frequentada por jovens devido a pratica do surf e hoje estes jovens constituíram família: “(...) porque antigamente ela era uma praia de solteiro, digo de mais jovens e hoje não, ela está mudando mais pra familiar, até porque os jovens de antigamente continuam frequentando aqui com a família, com as mulheres, com filhos, então foi automático essa mudança” (11/07/2014).

Esta afirmação também se dá na fala do migrante de mão de obra qualificada, o Sr. Rodrigo, quando ele diz que a maioria dos turistas que ele recebe no hotel em que trabalha são os turistas de lazer, sendo um público familiar, “mas é um hotel familiar mesmo, bastante família, de sexta a domingo sempre tem uma família que fica uma semana e até mais dias.” (10/07/2014).

Ele ainda aponta que são poucos os turistas de esporte que frequentam o hotel em que trabalhai. Camburi hoje ainda recebe muitos turistas para praticar o esporte de surf, turistas de várias idades, segundo o senhor Roberto, empresário (11/07/2014) isso ocorre porque esta praia tem as melhores ondas dessa região.

As entrevistas apresentaram que a maioria dos surfistas, devido à curta distância de Camburi com as principais cidades de São Paulo pratica o chamado popularmente “bate e volta”, quando ele chega pela manhã, passando o dia utilizando a praia e no final da tarde ela retorna para sua cidade de origem. Segundo a OMT – Organização Mundial do Turismo, para ser considerado turismo é necessário que o turista permaneça acima de 24 horas na cidade de que o atraiu, sendo assim, o surfista quando realiza o “bate e volta” não é considerado turista, exceto quando ele passa mais que 24 horas no lugar. Este frequentador, apesar de não ser considerado turista, utiliza os serviços de atendimento aos turistas, como por exemplo, os restaurantes. Podemos observar na imagem 33 o surfista deixando seu carro na rua principal de Camburi para ir surfar pela manhã e possivelmente retornando no final da tarde, a imagem foi registrada pela pesquisadora em uma quinta-feira:

IMAGEM 33: Surfistas na rua principal de Camburi

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

Foi entrevistada uma turista de lazer, seu companheiro é surfista e eles também frequentam Camburi no chamado “bate e volta”. Esta turista deixa claro que também poderá vir ser uma turista de residência secundária, pois, eles tem a intenção de comprar um terreno em Camburi. Além das ondas desta praia, a turista Sra. Ana fala o que a agrada nesta praia: “(...) é justamente ela não ser urbanizada, não ter muita coisa né, ser mais natural, assim a gente está mais próxima da natureza e isso complementa, então eu acho que o que tem está bom. (...)”. (05/07/2014). Podemos observar na imagem 34 uma rua de Camburi ainda sem asfalto e totalmente arborizada:

IMAGEM 34: Rua de terra na praia de Camburi

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

O turista que frequenta esta praia, busca o encontro com a natureza através das belezas naturais de Camburi e busca também suas ondas para a prática do surf, isso pode ser observado pelos turistas que frequentavam Camburi desde a década de 1970, o Sr. Roberto e o Sr. Sergio. Na imagem 35, podemos observar uma “mensagem” dos moradores locais surfistas que deixaram aos turistas surfistas: “Ei Haole (surfistas de outras cidades) o pico não está abandonado, fica esperto”, assim, deixando clara a disputa por espaço até mesmo nas ondas do mar de Camburi:

IMAGEM 35: Muro da praia de Camburi

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

Na opinião do Sr. João, agente imobiliário (10/07/2014) “falta muita coisa aqui voltada pro turismo, to falando porque aqui não tem sentido, eu acho que o potencial da região é muito grande” O Sr. João se referiu a falta de planejamento adequado para o turismo em Camburi, já que se trata de uma praia com grande potencial para o mesmo. O turismo como vimos no segundo capítulo deste trabalho, caso não haja um planejamento adequado para que se desenvolva, ele pode gerar alguns problemas, como foi o que aconteceu com esta praia: a sazonalidade; a falta de incentivos a eventos; falta de atividades de lazer aos turistas; a falta de mão de obra qualificada; o custo de vida. Estes foram alguns problemas causados pelo turismo e citados pelos entrevistados.

Quando questionado sobre a sazonalidade, a migrante Carol levanta uma questão importante sobre o aumento do fluxo turístico: “(...) dezembro, carnaval, janeiro é muito lotada aqui, demais e fica difícil até você andar de bicicleta na rua é perigoso até e corre risco, então assim, meio que toma muito espaço nosso.” Apresentando assim o conflito pela luta por

espaço neste território nos momentos que Camburi recebe muitos turistas.

A sazonalidade foi levantada como um problema pelos entrevistados, pois, Camburi é frequentada por um grande número de pessoas nas estações mais quentes do ano e nas mais frias, sem turistas, alguns comércios não têm lucro e não tem como pagar suas despesas com seus comércios e acabam fechando-os. “(...) janeiro, fevereiro, bomba o restos dos outros dez meses, mais ou menos engana (...)”. (10/07/2014), como aponta o Sr. Sergio, turista de residência secundária, apresentando as dificuldades dos empresários do setor de serviços de turismo na região para conseguir que seu comércio sobreviva nesta praia:

(...) as leis trabalhistas brasileira, nas questões de imposto, você tem compromisso com aluguel, diariamente então você não tem um bom faturamento, você chega a trabalhar no vermelho longos meses e às vezes você entra numa temporada já devendo, então você só faz aquele faturamento para cobrir o que você já estava individualizado e isso aqui vira uma bola de neve, pouca gente tem filão pra guardar, pra sentir isso, então é muito ilusório só sobrevive o comerciante aqui aquele que tem baixo custo entendeu, tem imóvel próprio.

O Sr. Rodrigo, migrante de mão de obra qualificada, diz que a sazonalidade aparece no gráfico de ocupação do hotel em que trabalha, ao longo do ano, mas que o hotel possui infraestrutura para receber eventos na baixa temporada: “(...) a gente trabalha forte com os eventos e tem pelo menos um evento por mês então à gente não trabalha no vermelho, sempre no azul.” (10/07/2014). A imagem 36 mostra como fica Camburi na alta temporada:

IMAGEM 36: A praia de Camburi ocupada pelos turistas na alta temporada.

FONTE: Centro de Informações Turísticas de Camburi

O hotel citado possui infra-estrutura para receber eventos corporativos, como podemos observar na fala do migrante de mão de obra qualificada o Sr. Rodrigo: “nós temos uma estrutura boa pra atender eventos pequenos, não eventos tão grandes né, de até 100 pessoas e geralmente são empresas (...)” Por tanto, o hotel consegue se manter mesmo na baixa temporada, os eventos foram citados por quase todos os entrevistados (ver apêndice B) como uma solução para a o problema da sazonalidade. Os eventos seriam realizados na baixa temporada, atraindo turistas para utilizar os serviços turísticos e assim, mantendo os comércios na baixa temporada. Como aponta o Sr. Roberto empresário:

(...) em outros lugares já se resolveu isso, um exemplo claro disso é Parati entendeu, que pega um turismo internacional que enche todas as praias que faz eventos, tipo a Flip que é um evento literário, faz festival de jazz, mas tudo com apoio de secretaria de turismo de Estado porque a livre iniciativa não tem condições de fazer isso, tem que ter apoio governamental, municipal, isso se porque você enche a baixa temporada você tem uma rede hoteleira boa ofertando que fica tudo parado agora próximo de São Paulo, próximo de aeroporto é uma questão de incentivo mesmo (...) você tem chuva demais então se o cara vem pra praia e ele fica aí uma semana chovendo ele vai embora, não tem nada para fazer na cidade e precisa de atividade, atividade de lazer (...) (11/07/2014)

Os donos de restaurantes de Camburi, sendo eles os mais importantes do litoral norte, unidos com os comerciantes locais realizam há alguns anos o “Festival Gastronômico de Camburi” sempre na baixa temporada, porém, sem incentivos ele não influencia muito no aumento do

fluxo de turistas, segundo o Sr. Roberto, migrante de mão de obra qualificada (10/07/2014). O Sr. Carlos, caçara ainda lembra que “(...) se estiver chovendo, não tem nada pro turista, a não ser ficar dentro da hospedagem né assistindo televisão e pronto.” (11/07/2014), assim, além dos eventos outra solução apresentada pelos entrevistados seria ofertar o serviço de turismo receptivo, levando os turistas a passeios pela região através de guias cadastrados e treinados para realizar passeios com os turistas:

(...) passeio pra cachoeira, fazer coisas tipo assim, porque às vezes tem gente que quer conhecer, mas tem medo de ir, assim tem que saber o rumo que vai tomar né, tem vários caminhos pra chegar lá, tem que conhecer e saber qual é (...) ir com uma pessoa, com um guia local que já vai e conhece (...) o pessoal que vem aqui, já faz amizade com o meu filho e ele leva o pessoal, faz amizade e eles vão, é gostoso.

Outro problema para o turismo nesta praia é a falta de mão de obra qualificada, o Sr. Rodrigo, é um migrante que possui a graduação incompleta e veio trabalhar em Camburi como mão de obra qualificada, iniciando suas atividades profissionais como garçom em um hotel, obtendo a oportunidade de mudança de cargo e crescimento profissional sendo hoje gerente operacional do maior hotel de Camburi. Trabalhando como gerente operacional no hotel, ele coloca a falta de mão de obra qualificada nesta região é um problema, além da falta de oportunidade aos jovens:

(...) não tem gente qualificada (...) um jovem aqui não tem nada, ele acaba estudando fora vai fazer faculdade em Mogi e vai não sei aonde e também sai porque qual é a oportunidade que o jovem tem? Ou é ser garçom ou trabalhar em uma pousada ou trabalhar em um comércio. (...) sem formação não consegue né atender uma pessoa de um nível tão diferente, tão poderosa. (10/07/2014)

Para o atual presidente da SACI o Sr. Pedro “falta mais cursos profissionalizantes com certeza.” (11/07/2014). Há faculdades no centro de São Sebastião, Mogi das Cruzes ou Guarujá, a faculdade mais próxima de Camburi é a de São Sebastião, que as pessoas levam 40 minutos à uma hora mais ou menos dependendo do trânsito para chegar.

Além da falta de cursos profissionalizantes os moradores desta praia sofrem com o custo de vida alto, sendo inviável a eles, já que pagam pelos mesmos valores que os turistas nos produtos vendidos nos comércios locais, sendo altos, porém, viáveis aos turistas que possuem uma situação econômica da qual podem pagar, porém, não é o mesmo que ocorre com os moradores de Camburi, como podemos observar na fala da migrante Carol (05/07/2014) “a

gente vive hoje, é tipo o custo de vida de um turista que vem de São Paulo e que tem dinheiro, é tudo muito caro hoje em dia, antigamente não era assim, mas como foi crescendo (...).” A turista Sra. Ana (05/07/2014) também comenta os valores cobrados pelos serviços ofertados na praia de Camburi:

(...) o camping que é o que eu costumo frequentar tem um preço muito alto comparado com outras praias do litoral (...) É Camburi comparando com outras praias daqui do litoral norte é uma das praias que tem os preços mais altos. Eu acho que o custo de vida aqui é mais alto, acho que acompanha o público né, eu acho que o público de Camburi é de uma situação financeira melhor, em fim, eu acho que acaba acompanhando este público.

Além dos problemas relacionados ao turismo, a população de Camburi também sofre com problemas de moradia, há vários bairros de Camburi que sofrem com alagamentos como citados no capítulo 3 deste trabalho. A migrante Carol comenta sobre esta situação: “Sim, até onde eu moro mesmo no sertão, a primeira rua é vila Débora e uma época ela foi congelada por causa da enchente (...) então o prefeito congelou uma área dizendo ele que iria urbanizar (...) para algumas famílias foi triste, porque algumas casas foram derrubadas e eles não fizeram as casas. (...)” (05/07/2014). O congelamento de algumas vilas teve início há uns 6 ou 7 anos atrás, como coloca o Sr. Pedro, presidente da associação amigos de Camburi, ele conta que as pessoas ficavam com medo de perder suas moradias que haviam sido congeladas, por isso procuravam um arquiteto para regularizar a sua situação:

(...) a sacada legal dessa proposta, desse projeto, é que a prefeitura pagava o arquiteto então ele só tinha que ir na associação dos arquitetos falar eu preciso fazer um projeto, então a prefeitura tratava disso pra ele, então não tinha custo pra ele, não tinha porque ele fazer uma auto construção se ele poderia ter um profissional, eu até fui procurado algumas vezes, eu até fiz alguns projetos pra algumas vilas e era legal porque você acabava levando a arquitetura pro local né e hoje (...) este projeto foi abandonado e não foi pra frente. (11/07/2014)

Assim, a prefeitura na tentativa de resolver os problemas de moradias em áreas irregulares ou áreas vulneráveis a alagamentos, através do programa de “congelamento” utilizou o trabalho de arquitetos da região para a regularização, porém, não consegue levá-lo adiante devido à mudança de governo municipal e o projeto foi abandonado.

O Sr. João, agente imobiliário, levanta uma questão importante sobre esta ação municipal, a

prefeitura ao conceder a uma parte da população o direito de regularizar suas moradias em área irregular, exclui uma outra parte da população, já que o mercado imobiliário não pode utilizar deste direito construindo em algumas áreas: “(...) se você for tentar aprovar um projeto, não vai conseguir e hoje o que a prefeitura fez? (...) congelou e regularizou, só que eu não sei se é o certo né, porque foi o que eu falei, se você for fazer, se você for tentar pelos meios legais você não vai conseguir, (...)” (10/07/2014). Segundo ele, há uma escassez de espaços para construir em Camburi, já que esta é uma praia considerada pequena mas muito procurada, assim, o mercado imobiliário busca se adaptar a esta realidade:

(...) construtora que compra 2 ou 3 imóveis para fazer um imóvel novo. Olha na verdade é pequena né, camburi é uma praia pequena (...) a região toda já está acabando o espaço físico pra terreno (...) vai acontecer a renovação, vai derrubar a antiga e construir uma residência nova. (...) já não vai ter mais lançamento vai ter só renovação até porque a restrição é grande aqui na região e eu acho importante isso (...) eu acho que daqui a uns 10 anos no máximo nós vamos estar na fase só de revenda (...) e vai ter uma valorização certa (...) hoje tem bastante casas muito bem feitas e casas novas com um padrão bom, tem um valor que está de certa forma compatível com o que a gente vê nas grandes metrópoles (...) “tem gente que vem e acha que está caro, mas depende da região, você pega um imóvel aqui que é alto padrão e tipo assim às vezes é mais barato do que lugar em São Paulo que é padrão médio baixo, então eu acho que está dentro do foco de mercado sim.

Uma das principais regiões de origem destes turistas, segundo o Sr. João, agente imobiliário, é a região do interior de São Paulo, de Campinas e que isso foi possibilitado depois da construção do rodovial, novamente as melhorias de acesso facilita a chegada de novos turistas de residência secundária à Camburi, ele diz que 99% dos imóveis que negocia são imóveis utilizados para atividades de lazer “(...) imóvel para a casa de lazer, é o imóvel dos sonhos, é a casa de praia, é o investimento (...) vai comprar casa na praia não é o que ele precisa entendeu? É o sonho (...)”. E justamente por ser o investimento de um sonho, não é prioridade na vida dos turistas, dessa forma o mercado se torna muito instável.

O mercado imobiliário defende os valores dos terrenos e imóveis com o discurso de que a demanda possui condições financeiras para a compra deste imóvel, já que são valores de mercado praticados nas cidades de origem dos turistas, porém, dessa forma, o mercado imobiliário também exclui uma parte da população de ter uma residência onde mora, já que a população de Camburi não tem condições financeiras de pagar o valor de mercado cobrado.

Na imagem 37, os moradores novamente deixam uma “mensagem” para os turistas de residência secundária: “As grades do condomínio são para trazer proteção, mas também trazem a dúvida se é você que está nessa prisão.” Assim esta imagem apresenta a preocupação do turista de residência secundária com a segurança e ao mesmo tempo ele age de forma simbólica se “separando” do morador local pelas cercas do condomínio:

IMAGEM 37: Muro de condomínio na praia de Camburi
FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

Este conflito silencioso e a luta pela dominação do espaço, seja ela através da economia ou através do poder público se dá em Camburi de diferentes formas, uma delas é a questão da verticalização, sem espaços para construir, a verticalização seria uma forma de resolver o problema, mas as pessoas entrevistadas são contra a verticalização, o Sr. Roberto, empresário de serviços turísticos diz sobre a regulamentação da verticalização: “Estão querendo mudar, já mudaram, só estão querendo fazer uma lei pra sacramentar, já mudaram, o poder da construção civil é muito forte né os terrenos são caríssimos né, então.” (11/07/2014).

O Sr. Carlos, caixara diz que se regulamentar: “ai acabou, porque ai a gente não tem estrutura direito entendeu, tem que primeiro fazer uma estrutura para que aquilo funcione, porque se não adianta a gente construir, construir, construir né não suporta tanta gente.” (11/07/2014), ele levanta a questão de que falta infra-estrutura para as pessoas que convivem em Camburi, sejam os moradores ou os turistas, um exemplo disso são as estradas que ficam congestionadas na alta temporada segundo o Sr. João, agente imobiliário, que também é

contra a verticalização por se tratar de ser uma praia pequena:

Sou totalmente contra, eu acho que tem que permanecer assim porque como é uma praia pequena eu acho que não vai suportar se verticalizar não vai suportar essa grande quantidade de pessoas, a estrada já não suporta porque é uma estrada com duas pistas só e se verticalizar vai acabar com a beleza natural e não vai funcionar e tem que permanecer assim do jeito que está para haver só a renovação, o que tem de bom são só os hotéis que estão estruturados e o que pode acontecer é um meio da prefeitura trazer mais turistas pra cá que incentiva as pousadas e hotéis e que vai melhorar a região é trazer mais turistas pra cá. (10/07/2014)

O mercado imobiliário sabe que o que atrai os turistas à Camburi são suas belezas naturais, sendo assim, com a verticalização, apesar de resolver o problema de espaços para construir, também irá aumentar o fluxo de pessoas, aumentando a demanda por serviços urbanos e modificando o meio natural que é o que atrai estes turistas.

Encontrar este equilíbrio se torna difícil nesta sociedade formada por pessoas que por diferentes motivos tem o turismo como foco. Uma praia como Camburi, de grandes belezas naturais e de fácil acesso, próximo a grandes centros urbanos, onde o cotidiano contrasta tanto com o cotidiano vivido ali, faz com que muitos turistas de residência secundária sintam-se motivados a viver nesta praia modificando estas residências secundárias para residências oficiais, como demonstra o Sr. João, agente imobiliário:

Olha a tendência é que seja uma melhora econômica do bairro, entendeu porque está vindo mais comércio, está vindo um público diferente que não tinha antes (...) que antigamente só tinha caçara hoje não tem mais (...) pessoas que vem das principais cidades grandes e São Paulo estão tentando começar uma vida aqui (...) eles vem pra ficar, pra morar, pessoas que são veranistas que tem as casas (...) elas tentam trabalhar com a sua formação aqui, tem muita coisa acontecendo, o problema é a dificuldade né (...) as pessoas geralmente montam um negócio (...) muitos fecham em 2 anos e voltam para o local de origem, outros já sabem que demora e estão perseverando. É muita gente com bar, restaurante que abre para a temporada e não sabem que na baixa temporada a gente não tem este público aqui, o público vem no carnaval e nos feriados então fica difícil né. (11/07/2014).

Estas pessoas que buscam viver em Camburi, procuram exercer sua profissão, outras preferem tentar a sobrevivência através do comércio, porém, o problema da sazonalidade faz com que muitas pessoas desistam dessa ideia e retornem a sua cidade de origem. Essas pessoas que buscam viver em Camburi modificam a sociedade, trazendo comércios diferenciados, novas formas de viver e também aumentando a demanda por alguns serviços públicos, infra

estrutura adequada para sua sobrevivência.

Sobre os serviços públicos oferecidos à sociedade de Camburi, os de saúde segundo o Sr. Carlos, caiçara, Camburi possui um posto de saúde, porém, se ocorre algo mais grave é preciso ir para São Sebastião, sendo uma distância percorrida por cerca de uma hora em uma estrada com muitas curvas, ele lembra que há quatro anos iniciaram-se obras de um hospital em Boiçucanga, porém, ela não foi concluída e hoje é um prédio abandonado e está se tornando moradia de moradores de rua.

A questão da segurança também preocupa os entrevistados, segundo o Sr. Roberto, empresário de serviços turísticos, são poucas viaturas policiais para cuidar de quilômetros de praias, assim aumentam os assaltos e a criminalidade, isso aparece na mídia e gera uma visão negativa aos turistas: “(...) o tempo todo saindo na mídia: em Camburi o casal foi assaltado na praia. (...) turista é assaltado em restaurante, pousada, na praia a noite antigamente a gente saía pra andar a noite, hoje em dia a gente sente medo de sair pra andar a noite na praia” (11/07/2014). Ele também levanta a questão que há poucas delegacias, assim, devido à dificuldade de acesso, nem todos os assaltos são comunicados e não se pode confiar em uma estatística da criminalidade na região.

Quanto a infra estrutura urbana, foram citados alguns problemas que incomodam os moradores como a falta de asfalto, sendo apenas as principais vias asfaltadas, mas a falta de rede de esgoto e a de água encanada em Camburi foram citadas como problemas graves por quase todos os entrevistados:

Nós moramos aqui há quantos anos e não tem rede de esgoto, não tem água encanada, a gente graças a Deus aqui tem um pouco de água, tem uma nascente que capta a água né, mas essa água é fraca, quando chega no verão aí ela acaba e aí tem que fazer poço artesiano (...) Tanto que o imposto assim beira mar é muito caro você já não vê quase nativos caiçaras mesmo, é praticamente você não vê mais caiçaras, só ficou quem tem comércio para poder sobreviver, porque chega o final de ano o imposto é um absurdo, o que você trabalha o ano inteiro, você tem que rebolar pra poder pagar. É você trabalha o ano inteiro pra você pagar um imposto e sendo que a gente trabalha cinco, quatro, cinco meses no ano né, com o comércio mesmo né, tinha que ter outra atividade pra tirar se não, só do turismo a gente não tira não. (Carlos, caiçara, 11/07/2014)

Ele confirma neste trecho da entrevista que não há mais caiçaras morando à beira mar devido aos valores dos impostos, que segundo ele são muito caros e por isso mesmo estes problemas

já deveriam ter sido resolvidos, além disso há a dificuldade para pagar os impostos aumenta devido a sazonalidade já citada, o turismo sazonal causa uma dificuldade a quem trabalha com o comércio. O esgoto despejado na praia pode atrapalhar a atração dos turistas por Camburi, o Sr. Roberto, empresário de serviços turísticos diz que o que motiva os turistas a frequentar Camburi é a praia, esta que se torna poluída com o esgoto despejado no rio que desagua nela: “(...) ai o pessoal que vem de lá pra procurar lazer vai encontrar uma praia suja, então eu acho que o Estado deveria cuidar do saneamento básico, que já é um problema antigo porque já demorou muito (...)” (11/07/2014).

A qualidade da água do mar foi citada também pelo Sr. Carlos, caçara que lembra que “(...) a qualidade da água do mar agora é boa porque chove bastante, então dá uma limpada no rio, mas quando isso não acontece a água fica imprópria pra banho (...)” (11/07/2014), a Sra. Carol, migrante, lembra que já se banhou muito no rio, porém, hoje não o faz mais devido ter pego doenças de pele ao entrar nele: “(...) eu não tomo banho de jeito nenhum, porque há anos atras eu peguei um bicho de pé.” (05/07/2014). Sobre outros melhoramentos em Camburi, ela diz que os moradores sentem falta de áreas e atividades de lazer, como por exemplo, parques e cinemas: “(...) tem cinema só em caraguá, tipo pra quem sai de Camburi pra ir lá são 3 horas, 2 horas e meia de ônibus então é muito longe (...)” O Sr. Pedro, presidente da SACI, lembra que também seria importante escolas com cursos profissionalizantes.

A SACI – Sociedade Amigos de Camburi, se torna importante meio para resolver alguns problemas que o poder público não resolve, há principio, esta associação retorna para cobrar os serviços públicos do poder público, porém, os associados acabam resolvendo de forma particular alguns desses problemas, foi o que colocou o Sr. Pedro, presidente da SACI:

(...) a brecha do poder público que fazem as pessoas se reunirem e falar vamos fazer alguma coisa pra este lugar (...) eu falei o seguinte: 'eu não vou ficar criticando eu vou tentar fazer alguma coisa'. (...) não tinha associados mais, a SACI já tinha morrido (...) então montamos um grupo, convocamos eleição e demos oportunidade para que todos possam participar (...) e se alguém também estivesse a fim de assumir associação montasse a chapa e ia disputar a eleição pra nova diretoria, acabou que foi uma chapa única, mas compareceu bastante gente da comunidade de fora e foi legal. (11/07/2014)

O Sr. Sergio, turista de residência secundária, também já foi presidente da SACI e diz que há

problemas em Camburi, como já citados (o esgoto, a água, a criminalidade, etc), que são problemas antigos, ele conta que em sua gestão o foco era cobrar do setor público a solução dos problemas.

O Sr. Carlos, caixara conta que antes a sede da SACI era em São Paulo, devido os membros da diretoria serem turistas de residência secundária e a maioria moravam nesta cidade, assim havia uma dificuldade para a sua participação, hoje com a ajuda da tecnologia e a sede ser em Camburi a participação se tornou mais acessível: “(...) envia por email pra todo mundo entendeu, o custo tudo o que acontece com a associação (...)” (11/07/2014). Ele conta algumas realizações desta nova gestão como a limpeza das praias “(...) no reveillon, são milhares de garrafas de sujeira e você vê assim no dia seguinte na manhã seguinte já tem um pessoal que já chega e limpa e não parece que aconteceu nada na praia e isso é legal po, se não tivesse isso seria muito difícil né.” Ele conta que na época em que Camburi estava sem a associação a limpeza ficou por conta da prefeitura e Camburi ficou abandonado. Ele se mostra satisfeito por ser hoje um caixara o presidente da associação, justamente pela visão que o mesmo possui desta praia: “(...) mas eu estou gostando, inclusive o presidente agora está aqui, é filho nativo da terra daqui né, então ele já tem outra cabeça (...)”

O Sr. Pedro diz que a fase em que Camburi estava sem esta associação haviam muitos roubos e esta foi a motivação inicial que fizeram algumas pessoas se reunirem e reativar a SACI, atraíram muitos associados que através deles possuem uma boa arrecadação o que possibilita a realização de algumas ações, que há principio é de responsabilidade da prefeitura:

(...) possibilita a gente fazer a limpeza de praia né, limpeza de rua, manutenção da ponte, agente arrumou a ponte deixamos ela um pouquinho mais bonitinha, não foi investimento muito alto mas deixou ela legal, sabe fica barato falta força de vontade também, o deck lá da praia a gente arrumou porque tinha gente quebrando a perna (...) (11/07/2014)

Sobre o novo deck, ele conta que a prefeitura o procurou e devido as más condições do dek iriam tirá-lo da principal entrada da praia de Camburi, deixando a praia sem ele, então o sr. Ricardo procurou investidores em São Paulo, utilizando seu tempo e dinheiro para o deslocamento. Ele conseguiu o dinheiro que foi completado pela prefeitura: “(...) hoje o deck esté bem bonito todo mundo vai lá, capoeira, é um lugar que as pessoas vão apreciar, olhar o mar e as vezes só sai do carro e já oha pro mar ali do deck” Como podemos observar na imagem 38:

IMAGEM 38: Deck principal da praia de Camburi construído através da SACI

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

A SACI também reativou um espaço cultural como um centro de informações aos turistas, onde há uma pessoa para atender, a insegurança também diminuiu devido a empresa particular que faz a segurança local.

Há algumas estratégias futuras para melhorar Camburi, o Sr. Pedro diz que irá realizar uma campanha de conscientização aos surfistas devido a forma com que agem, muitas vezes deixando as chaves do carro debaixo do pneu para ir surfar, muitas pessoas observam isso e assim há muitos roubos de carros em Camburi, dessa forma, câmeras de segurança na praia, também é algo que está sendo discutido. Há também o projeto de comunicação visual para os turistas, como por exemplo, placas para que os turistas joguem o lixo no lixo: “as pessoas né, respeitem né e falam que Camburi tem gente cuidando, aqui olha, não vamos jogar papel (...)” Como podemos observar nas figuras 39 quanto a presença de animais nas praias e a imagem 40 uma placa de comunicação visual de entrada no mar de Camburi que possui muita correnteza:

IMAGEM 39: Placa de comunicação na praia de Camburi

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

IMAGEM 40: Placa informativa da praia de Camburi

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

Uma das principais idéias hoje da SACI é preservar e valorizar a história de Camburi, pois, são estes itens que atraem turistas, segundo o Sr. Pedro, presidente da SACI:

Eu acho que Camburi hoje não dá pra ser mais o que era antes claro, eu acho que como em todo lugar a gente tem que valorizar a história do lugar, sabe tem que mostrar pro pessoal que vem de fora que teve gente que já desbravou aqui, que vamos respeitar eles né, vamos buscar entendeu um pouco disso daí e preservar a essência sabe aquele cheiro, aquela coisa que te remete ao que Camburi (...) mais ainda precisa de uma organização, precisa ter um plano pra isso né, eu acho que Camburi ainda tem muito ainda do que era de antigamente e se você pegar essa rua que é minha mesmo e se pegar esta rua aqui lateral você sente o cheirinho da jaca já não tem mais o fogão a lenha, não tem mais galinha no quintal, mas ainda tem essas árvores né, as frutas acabaram e isso é uma pena, mas acho que é preservar e preservar cada vez mais. (11/07/2014).

Podemos observar na imagem 41, registrada pela pesquisadora, que encontrou galinhas na rua onde ainda há algumas famílias de caiçaras morando, a rua citada nesta fala do Sr. Pedro é a rua Uberlândia, demonstrando assim, a resistência de alguns caiçaras quanto a alguns costumes:

IMAGEM 41: Galinhas criadas por caiçaras na praia de Camburi

FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

Segundo o Sr. João, agente imobiliário, as ações da SACI: “(...) é um incentivo não é de um

orgão público é uma iniciativa privada, principalmente dos moradores daqui, dos comerciantes e a tendência é que ela cresça e daí consiga nos trazer um turismo um pouco maior e quem sabe a prefeitura vai enxergar isso e cuidar um pouco mais do bairro. (...)” (10/07/2014). Assim, ele reforça a responsabilidade do poder público quanto aos problemas de Camburi, porém, ele consegue se apoiar na esperança da melhora do turismo através dessas ações.

Por fim, a questão sobre viver bem em Camburi levou a maioria dos entrevistados a citarem a boa qualidade de vida nesta praia, como coloca o Sr. Roberto, empresário: “É eu acho que em Camburi se vive bem, a praia, você não tem nada aqui, você tem um adensamento populacional pequeno, o nosso próximo farol de trânsito está a 40 km daqui, em 3 minutos você está em Boiçucanga. É uma qualidade de vida excelente, camburi está bom.” (11/07/2014).

4.3.4 – Diagnóstico das entrevistas

As entrevistas semiestruturadas demonstraram como as forças por dominação do espaço se deram de forma a mudar Camburi significativamente e isso se apresentou na pesquisa teórica ao longo dos três primeiros capítulos e se confirmou através das entrevistas com as pessoas que se relacionam neste território.

Assim, o processo histórico de ocupação e mudança neste território se deu com uma nova adaptação às situações e novas formas de relacionamento entre as pessoas, já as pessoas através de interesses distintos buscam no território de Camburi o turismo como um objetivo comum. Quanto às ações e as adaptações apresentados nas entrevistas, podemos citar uma lista de mudanças:

- A chegada de grandes barcos pesqueiros acabando com a pesca de subsistência do povo caiçara;
- A chegada de vendas acabando com as plantações de subsistência do povo caiçara;
- A extinção de festas entre os caiçaras, assim como a extinção de seu modo de falar;
- A chegada de alguns turistas e a necessidade de alguns serviços básicos sendo ofertados pelos solícitos caiçaras;
- A chegada dos migrantes e novos moradores e com eles as cercas nas casas;
- A oferta de alguns serviços aos novos moradores;

- A chegada da BR-101 facilitando a chegada de novos turistas, de agentes imobiliários e de serviços para atender estes turistas;
- A venda das terras dos caiçaras que não se adaptaram as novas situações;
- A chegada dos turistas de residência secundária.

Todos estes elementos modificaram a cultura caiçara e trouxe novas situações sociais. As entrevistas também trouxeram informações atuais como conseqüências em Camburi, através de questões sobre os seguintes temas: ao turismo; aos problemas urbanos de Camburi; as ações da Sociedade Amigos de Camburi – SACI. Quanto ao turismo os elementos levantados sobre ele nesta sociedade foram os seguintes:

- O perfil do turista que frequenta Camburi é familiar e principalmente relacionado ao esporte surf;
- O que atrai os turistas a Camburi é o meio ambiente natural desta praia;
- Os surfistas locais demonstraram uma rivalidade com surfistas de outras cidades;
- A necessidade de um planejamento do turismo para resolver problemas causados pela sazonalidade, a falta de opções de lazer ao turista e a falta de qualificação profissional dos moradores desta praia;
- O fechamento de empreendimentos de serviços voltados a atender turistas devido à sazonalidade, a rede hoteleira que contém infra-estrutura para receber eventos;
- O custo de vida é muito alto, pois, todo o comércio é voltado ao turista e não ao morador.

A necessidade de um planejamento do turismo de forma que melhore as atividades relacionadas a ele foi levantado com certa importância para que possa amenizar os problemas citados. Quanto aos problemas urbanos citados:

- Problemas com enchentes;
- O programa de congelamento que regularizou construções foi abandonado pela nova gestão de governo municipal;
- A falta de espaços para construir do mercado imobiliário e a sua adaptação através da compra de imóveis já existentes modificando-os e assim renovando-os;
- Os valores cobrados por imóveis em Camburi são considerados adequados pelo mercado imobiliário, pois, são os mesmos valores cobrados na cidade de São Paulo, sendo assim, ao vender casas aos turistas de residência secundária ele também exclui os moradores locais que não possuem condições financeiras para comprar um imóvel onde vivem;

- Todas as pessoas entrevistadas se mostraram contra a verticalização, que além de mudar a paisagem, também irá aumentar o número de moradores locais, hoje ainda não há infra-estrutura adequada aos moradores que vivem em Camburi como, por exemplo, a estrada fica congestionada alta temporada, além de aumentar a demanda por infra-estrutura urbana os comércios também mudam, assim, também há uma mudança no meio ambiente sendo ele o que atrai os turistas;
- Há novas pessoas com a intenção de morar em Camburi, pessoas que abrem comércios, mas devido ao problema da sazonalidade não conseguem permanecer. Dessa forma, se o problema da sazonalidade for resolvido, também irá aumentar o número de moradores nesta praia;
- A falta de água e rede de esgoto, sendo o mesmo despejado no rio, alterando a qualidade de água do rio e do mar desta praia;
- A falta de segurança pública, com muitos assaltos nos comércios e aos turistas, sendo poucas viaturas e delegacias para cuidar de várias praias do município;
- A falta de serviços públicos como saúde, já que o hospital mais próximo fica em São Sebastião, a 50 minutos de Camburi;
- As comunidades construídas de forma irregular gerando problemas sociais como enchentes;
- Impostos com valores altíssimos dificultando a vida dos moradores e donos de comércios de serviços de turismo;
- Falta de atividade de lazer aos moradores.

Os problemas relacionados ao turismo e os problemas urbanos levantados foram motivos de preocupações entre alguns moradores que se uniram na tentativa de resolvê-los e reativaram a Sociedade Amigos de Camburi – SACI, eles que através de uma mensalidade paga por comércios de Camburi conseguem realizar algumas ações como as citadas:

- Limpeza das praias;
- Segurança particular;
- Ativação do centro de informações turísticas de Camburi com uma pessoa para atender em horário comercial;
- Deck principal da praia;
- Futuramente estão discutindo a possibilidade de colocar câmeras;
- Futuramente colocar placas de informações aos turistas;
- Preservar a história de Camburi.

Apesar dessa tentativa de resolver os problemas, estas obrigações são de responsabilidade do Estado, mas em geral apesar dos problemas de Camburi, todas as pessoas entrevistadas citam a qualidade de vida em viver nesta praia, visto que, nenhum dos problemas são importantes o bastante para que mudem de idéia de morar ou frequentar Camburi e quem não é morador pretende um dia ser ou ter uma residência secundária, intensificando assim sua frequência em nesta praia.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa, haviam questionamentos levantados sobre uma situação complexa e conflituosa, apesar de se representar de forma velada na vida cotidiana de quem a vive. Assim, iniciou-se uma busca de conhecimento para explicar o caminho que se deu esta realidade, apresentado todo processo histórico de mudança na região do litoral norte de São Paulo. A pesquisa transitou em escalas do global ao regional e ao local para explicar toda a mudança em decorrência de ações de desenvolvimento, onde pessoas se relacionam e se estabelecem como antagônicas, encontrando interesses diferentes uns dos outros, influenciando no espaço, no meio ambiente e sendo influenciado por eles de acordo com sua força de poder com um objetivo em comum: o turismo.

No segundo e terceiro capítulos foram realizados estudos sobre os caminhos da mudança através da teoria sobre o tema. O Brasil passava pelo processo de ações do plano desenvolvimento econômico, que visava através da indústria da transformação e distribuição de bens e serviços proporcionar a população acesso a estes bens e serviços para que fosse possível satisfazer suas necessidades básicas, isso já ocorria em escala global. Para que ele pudesse se realizar nesta região, iniciaram-se estudos e pesquisa sobre estes problemas e a partir deles, foi realizado um planejamento para o desenvolvimento de algumas ações que se se iniciaram partir dos anos 1960. Elas impactaram nas características econômicas e sociais da população caíçara, as mudanças seriam para melhorar a vida desta população, porém, trouxe com elas consequências das quais não foram planejadas como: a migração; os turistas; os empreendimentos turísticos; mercado imobiliário; turista de residência secundária.

A migração foi um fenômeno que aconteceu em todo o país de forma que as pessoas se mudavam de algumas regiões para outras em busca de melhores condições de vida. No litoral norte de São Paulo eles chegaram através das empreiteiras contratadas pelo Estado para as obras de ações de desenvolvimento. Eram trabalhadores de origem, principalmente, da região nordeste do Brasil, que após este trabalho, continuaram a viver nesta região devido a um crescimento do mercado de trabalho, trazendo suas famílias e morando de forma precária em áreas irregulares da serra do mar iniciando o processo de favelização e outros problemas urbanos nesta região.

O crescimento do mercado de trabalho se deu na região com o aumento do fluxo do turismo devido à chegada da estrada BR-101, pois, ela melhorou o acesso a esta região. O fenômeno mundial do turismo foi causado principalmente por um crescimento de meios de comunicação motivando as pessoas a conhecerem lugares através das imagens de marketing aliados ao crescimento das companhias aéreas.

Na região do litoral norte de São Paulo, o turista demandava a oferta de serviços para atendê-los, assim, os empresários do setor visaram oportunidades nesta região, agindo em paralelo com o mercado imobiliário. Eles que compravam as terras dos caiçaras que não conseguiam se adaptar a esta nova dinâmica e que enquanto os empreendimentos turísticos montavam negócios a fim de satisfazer a demanda turística o mercado imobiliário construía casas e vendiam aos turistas de residência secundária, pessoas que possuíam poder financeiro para ter um segundo imóvel sendo utilizado para praticas de lazer.

Os povos caiçaras viviam e mantinham uma vida dissociada das tendências de urbanização e modernização industrial que aspirava ao país enquanto projeto de nação, pelo contrário, se sustentava justamente naquilo que era considerado o atraso econômico e social, alvo a ser corrigido pelo progresso proposto nos grandes planos de modernização do país, sua vida foi transformada por mudanças impulsadas por ações do poder estatal e poder privado, assim, o caiçara precisou se adaptar a esta nova realidade.

O Estado “(...) está presente em todos os momentos dessa produção, desde a concepção das formas de apropriação do espaço, a produção das condições para a sua viabilização, conduzindo assim todo o processo. É também partícipe e, por fim, cria as condições para a manutenção e continuidade do processo”. (Scifone, 2008, p.139). Podemos afirmar que diante do objetivo proposto por um planejamento do Estado, que visava em âmbito nacional, ofertar a sua população um alto grau de satisfação das necessidades básicas, negligenciou a cultura caiçara modificando sua vida forçando-os a se adaptarem a uma nova realidade imposta.

Não houve um planejamento de forma a incluir elementos da vida caiçara, ele foi desenvolvido em um modelo rígido, sem que houvesse a possibilidade de permear o modo de vida caiçara dentro dessas mudanças de progresso. A rigidez do planejamento também não se flexibilizou diante das consequências de suas ações, de forma que não houve nenhum tipo de intervenção do Estado para diminuir os impactos causados pela chegada dos migrantes, do aumento do fluxo turístico, dos empreendimentos turísticos, do mercado imobiliário e do

turismo de residência secundária, ele nem mesmo observou esses elementos agindo de forma emergencial ordenando esta sociedade, realizando seu papel institucional.

Desse modo, podemos afirmar que um vetor de transformação social e de desenvolvimento humano que poderia trazer melhorias a esta sociedade foi gerador de desigualdades e de conflitos, negligenciando os costumes do caiçara e a modificando.

Hoje o objetivo principal das pessoas que se relacionam nesta sociedade e território é o fenômeno do turismo, que se deu nessa região como grande gerador econômico. O turismo é muito sensível a toda mudança de mercado, este mercado que geralmente é movido de acordo com intenções de crescimento econômico privado, sem levar em consideração as mudanças que geram marginalização, exclusão social e desigualdade econômica. É necessário um planejamento e ações estatais constantes para sua manutenção, pois, o turismo movimenta a vida das pessoas e cada um uma se relaciona, vive, consome e se apropriam da região de uma forma diferente e convivem neste território disputando através de suas focas de poder, a sua dominação.

Houve uma tentativa de planejamento para o turismo na região do litoral norte de São Paulo com o projeto TURIS. Este projeto excluía a comunidade caiçara ao idealizar um território de turismo sem incluir esta cultura, além de promover um turismo elitizado excluindo algumas classes sociais de fazer turismo naquela região, mas, em meio às ações do Estado, naquele momento, um projeto sobre pôs o outro, de forma que o projeto TURIS teve um gasto muito grande aos cofres públicos e foi descartado. Hoje o turismo se apresenta nesta região como uma atividade complexa, pois, o mesmo território de vivência dos moradores é o território que se desenvolvem as atividades relacionadas ao turismo, assim, ele interfere intensamente na dinâmica social desta população.

A mudança social que estes eventos causaram nesta sociedade foi identificada na pesquisa qualitativa utilizando o estudo de caso na praia de Camburi no município de São Sebastião. Através de dados teóricos dessa praia foi possível analisar todos os elementos de mudança desta região. A modelização apresentada mostrou os campos de forças que modificou este território através de um cenário anterior às mudanças ocorridas e outro atual, qualificando a diferença dos espaços, o primeiro antes de 1960, sendo território de cultura caiçara e o segundo nos dias atuais, sendo um território turístico.

Através das entrevistas semi estruturadas demos voz a todas as pessoas que convivem neste território hoje, através da análise do discurso foi explicado os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação para cada uma. As entrevistas realizadas além de confirmar os dados obtidos na pesquisa teórica também trouxeram outros elementos importantes a serem discutidos, como problemas causados pelo turismo e problemas urbanos.

Sendo o turismo a principal atividade econômica nesta praia, ele gera alguns problemas que poderiam ser resolvidos com um melhor planejamento e ações por parte do poder público, assim, como o caso das necessidades básicas urbanas, que não são ofertadas nesta praia, como é o caso da água e da rede de esgoto. A praia e o mar são os principais atrativos aos turistas e pode ficar impróprias com o aumento de moradores e por consequência o aumento do esgoto, um problema grave que afeta a vida dos moradores e pode afetar a economia local através do turismo, este que gera um grande montante aos cofres públicos através de impostos que deveriam resolver estes problemas.

Os moradores se unem em uma associação de moradores na tentativa de resolvê-los, essas pessoas, mesmo pagando seus impostos, se mobilizam através de um pagamento mensal à associação, de modo que, conseguem encontrar a praia limpa, ter segurança particular monitorando seus comércios e suas casas, oferecer aos turistas que mantêm seus negócios um centro de informações aos turistas funcionando e ter um deck que não machuquem moradores e turistas. Os elementos levantados nas entrevistas mostram que o meio ambiente está sendo degradado, a cultura caiçara sendo extinta e há falta de acesso aos serviços de infraestrutura urbana. Todos estes problemas se expressam no crescimento de conflitos velados por pessoas que precisam conviver e se relacionar nesta praia, são reflexões importantes, pois, as mudanças são planejadas para que tragam melhorias a sociedade, porém, dependendo da forma com que se realizam e a rigidez dos projetos podem causar uma mudança com impactos irreversíveis ao meio ambiente, à cultura e a economia de uma localidade.

Esta pesquisa termina deixando algumas reflexões importantes que podem gerar outras pesquisas sobre esta região: análise do projeto de desenvolvimento no Brasil; a análise da concretização desse projeto; a negligência da cultura local e a falta de planejamento adequado para sua manutenção; a importância da cultura caiçara e a sua extinção; projeto turístico; análise da ocupação de residências secundárias; análise do problema da sazonalidade; análise das consequências da migração; análise das participações políticas nas decisões políticas.

Uma imagem que representa esta pesquisa foi deixada para o final, a imagem 42 mostra uma casa de caiçara sem cercas, na rua Uberlândia que ainda está sem asfalto e é totalmente arborizada, resistindo aos novos elementos culturais que a mudança social nesta sociedade causou, e ao lado, a entrada de um hotel de luxo que atende o turista que frequenta a praia de Camburi localizada no município de São Sebastião que faz parte da região do litoral norte do estado de São Paulo.

IMAGEM 42: Hotel ao lado de casa de caiçara na praia de Camburi
FONTE: Tatiane de Moraes Ferreira

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Margarida. **Planejamento e Organização em Turismo**. Campinas: Papirus, 1991.
- BARRETO, Margarita. **Manual de Iniciação ao estudo do Turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995 (Coleção Turismo).
- BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (orgs.). **Turismo de Base Comunitária – diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- BRAZIDEC O Nicolas. "Uma abordagem geográfica do turismo doméstico em um país em desenvolvimento: o exemplo do Brasil", Revista eletrônica: Confins, 28 Novembro de 2010.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Estratégia de Gestão do Inventário da Oferta Turística**. Brasília: Ministério do Turismo, 2004.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 2ª edição. São Paulo: SENAC, 1998.
- BENI, Mario Carlos. **Política e Planejamento de Turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.
- COELHO NETO, José. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: 1997.
- CORACINI, Maria José R. F. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade**. Campinas: Mercado de Letras. 2007.
- CORACINI, Maria José R. F. **Juventude em risco e Governabilidade: a questão do silenciamento e da identidade**. Universidade Estadual de Campinas.
- CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: Funece, 2003.
- CORRÊA, Maria Laetitia, PIMENTA, Solange Maria, ARNDT, Jorge Renato L. (orgs.). **Turismo, Sustentabilidade e Meio Ambiente. Contradições e convergências**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CRUZ, Rita de Cássia. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001a.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Geografias do turismo, de lugares a pseudo-lugares**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2007. v. 1. 140 p.
- DENCKER, ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 2002.

- DUARTE, Rosália. **Entrevista em pesquisas qualitativas**. Educar em Revista, número 24, 2004, pp. 213-225. Universidade Federal do Paraná. Paraná, Brasil.
- FARIA, Ivani Ferreira. (Coord.). **Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local**. Manaus: EDUA, 2001.
- FURTADO, Celso. **Introdução ao desenvolvimento: Enfoque histórico-estrutural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GREMAUD, Amaury Patrick. **Econômica Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Atlas, 2008.
- HELTON, Ricardo. **A produção do Turismo: fetichismo e dependência**. Campinas: Alínea, 2005.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: Para uma compreensão do lazer e das viagens**. Tradução contexto traduções. 3. ed. rev. Ampli. São Paulo: Aleph, 2009. (turismo)
- LEMOS, Amália Inês G. (organizadora). **Turismo: Impactos Socioambientais**. São Paulo, Hucitec, 1996.
- LOHMANN, Guilherme, PANOSSO, Netto. Alexandre. **Teoria do Turismo: conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008. (Série Turismo).
- MARTINS, Gilberto Andrade. **Estudo de caso: Uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil**. RCO – Revista de Contabilidade e Organizações – FEARP/USP, jan/abril. 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo, Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2001. 40p.
- ORLANDI, Eni P. **Michel Pêcheux e a Análise do discurso**. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp): Campinas: 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- PADILLA, Oscar de la Torre. **El turismo fenómeno social**. Oitava impresión. México, Fondo de Cultura Económica, 1994.
- PANOSSO Netto, Alexandre. **Filosofia do Turismo: Teoria e Epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2011. - (Série Turismo).
- PEARCE, Douglas G., BUTLER, Richard W. (org). **Desenvolvimento em Turismo: Temas Contemporâneos**. São Paulo: Contexto, 2002 (Coleção Turismo Contexto).
- PINSKY, Jaime. Carla Bassanezi (orgs). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto,

2003.

- PRADO, Marco Aurélio M. **Psicologia Política e Ação Coletiva: Notas e Reflexões acerca da compreensão do processo de formação identitária do “nós”**. Revista Psicologia Política. Julho 2000.
- RAIMUNDO, Sidnei. **As Ondas do Litoral Norte (SP): Difusão do Parque Estadual da Serra do Mar (1966-2001)**. Campinas:2007. Tese de Doutorado.
- REIS, Carlos Nelson dos. **A responsabilidade social das empresas: o contexto brasileiro**. 279. R. Economia Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 279-305, maio/ago. 2007.
- REJOWSKI, Mirian. **Turismo e Pesquisa Científica**. Campinas: Papyrus, 1996.
- RODRIGUES, Adyr A. B. **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto, 2003.
- RODRIGUES, Adyr A. B. **Turismo e Geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- RUSHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do Meio Ambiente**. Campinas: Papyrus, 1997 (Coleção Turismo).
- SCIFONI, Simone. **A Construção do Patrimônio Natural**. São Paulo: FFLCH, 2008, 199p.
- SECTUR SÃO SEBASTIÃO (Município). Secretaria de Cultura e Turismo. **Plano de Governo 2013-2016**. São Paulo, 2013.
- SIQUEIRA, Priscila. **Genocídio dos Caiçaras**. São Paulo: Ohno; M.; Guaneli, I. (Ed.) 1984. 78 p.
- SERRANO, Célia Maria de Toledo Serrano, Bruhns, Heloisa Turini (orgs.). **Viagens à natureza: Turismo, Cultura e Ambiente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. (Coleção Turismo).
- SERRANO, Célia Maria de Toledo Serrano, Bruhns, Heloisa Turini, Luchiari, Maria Tereza D. P. (orgs.). **Olhares Contemporâneos sobre o Turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. (Coleção Turismo).
- SOUZA, Maria José (org). **Políticas públicas e o lugar do turismo**. Brasília: Universidade de Brasília; Departamento de Geografia; Ministério do Meio Ambiente, 2002.
- TATAGIBA, Luciana; TEIXEIRA, A. C. C. **Participação e democracia. Velhos e novos desafios**. Civitas (Porto Alegre), v. 6, p. 223-240, 2006.
- TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O local e o global: limites e desafios da participação cidadão**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Recife: EQUIP; Salvador: UFBA, 2001.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (organizador). **Turismo: como aprender, como ensinar, 1**. 3.d. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (organizador). **Turismo: como aprender, como**

ensinar, 2. 3 d. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

- TULIK, Olga. **Turismo e Meios de Hospedagem: Casas de Segunda Temporada.** São Paulo: Roca, 2001.

- VALLS, Josep Francesc. **Gestão Integral de Destinos Turísticos Sustentáveis.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

- YAZIGI, Eduardo. **A Alma do Lugar.** São Paulo: Contexto, 2001.

- YAZIGI, Eduardo. **Saudades do Futuro: Por uma Teoria do Planejamento territorial do Turismo.** São Paulo: Plêiade, 2009.

- YÁZIGI, Eduardo (org): **Turismo – Espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: Hucitec, 1996

- YCARIM, Melgaço. **O despertar do turismo – Um olhar crítico sobre os não-lugares,** São Paulo: Aleph, 2001.

REFERÊNCIAS INFORMAÇÕES ON-LINE

- ALMA SURF. **Meio Ambiente**. Disponível em:
<http://www.almasurf.com/news.php?id=3919&canal=7>. Acesso em: 2013.
- CANAL DE IMÓVEL. Disponível em:
<http://r7.canaldoimovel.com.br/pt/residencial/terreno-para-venda-sao-paulo-litoral-sao-sebastiao-950898.html>. Acesso em: 2013.
- C+ CULTURA. **Repórter Eco**. Disponível em:
<http://tvcultura.cmais.com.br/reportereco/2a-parte-a-ocupacao-irregular-das-encostas-a-falta-de-saneamento-e-a-contaminacao-das-aguas-no-litoral-norte-paulista>. Acesso em: 2011
- CIDADES PAULISTAS. Disponível em: <http://www.cidadespaulistas.com.br/prt/cnt/tur-rot-lito-norte.html>. Acesso em: 2013.
- CLIPPING DE NOTÍCIAS DE SÃO SEBASTIÃO. Disponível em:
www.saosebastiao.sp.gov.br. Acesso em: 2011.
- FOLHA UOL. **Casas com três andares em São Sebastião**. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295705-puxadinhos-ameacam-a-paisagem-no-litoral-norte-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 2014
- FUNDAÇÃO SEADE. **Perfil Municipal**. Disponível em:
<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfilMunEstado.php>. Acesso em: 2013
- G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/03/chuva-forte-provoca-estragos-em-cidades-litoraneas-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 2013
- GUIA LITORAL NORTE. Disponível em:
<http://www.guialitoralnorte.com.br/?pesquisaem=Turismo&ID=369>. Acesso em: 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=35507>. Acesso em: 2013
- LITORAL INFO - ANÚNCIOS GRATUITOS. Disponível em:
<http://www.ilhabela.net/praias/saosebastiao.htm>. acesso em 2013.
- MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Instituto Nacional de Colonização e Reforma** – INCRA. Disponível em: <http://www.incra.gov.br>. Acesso em: 2014.
- OLX. Disponível em: <http://saosebastiao-saopaulo.olx.com.br/vendo-terreno-com-casas-iiid-451444643>. Acesso em: 2013
- PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR. Disponível em:
<http://amdro2003.blogspot.com.br/2012/04/parque-estadual-da-serra-do-mar.html>. Acesso em 2014.
- PORTAL BRASIL. **Biomass brasileiros**. Disponível em:
<http://www.brasil.gov.br/sobre/meio-ambiente/geografia/biomass-brasileiros/print>. Acesso em: 2013.
- PORTAL BRASIL. **Tipos de clima**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/meio-ambiente/geografia/tipos-de-clima>. Acesso em: 2013.
- PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Parque Estadual da Serra do Mar**. Disponível em: http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/turismo_turismo-ecologico_serra-do-mar. Acesso em: 2013
- PORTAL UOL VIAGENS. **Cidades do Litoral Norte do Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://viagem.uol.com.br/ultnot/agencia/2008/01/30/ult4597u506.jhtm>. Acesso em: 2013.
- PRO COSTA ATRANTICA. **Favela na Serra do Mar**. Disponível em:
<http://www.procostaatlantica.org.br/noticia/favela-escala-a-serra-do-mar-em-sao-sebastiao-no-litoral-de-sp>. Acesso em: 2014
- REDE NOSSA SÃO PAULO. Disponível em:

<http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/node/26396>. Acesso em: 2013.

- REVISTA CONFINES. "**Uma abordagem geográfica do turismo doméstico em um país em desenvolvimento: o exemplo do Brasil**". Disponível em: <http://confins.revues.org> . Acesso em: 2012.

- SECTUR SÃO SEBASTIÃO (Município). Secretaria de Cultura e Turismo. **Portal de Turismo**. Disponível em: <http://turismo.saosebastiao.sp.gov.br/pt>. Acesso em: 2013

- SEU NOVO DESTINO. **São Sebastião, São Paulo**. Disponível em: <http://www.seunovodestino.net/2013/01/sao-sebastiao-sao-paulo.html>. Acesso em: 2013.

- TEMPORADA LIVRE. Disponível em: <http://www.temporadalivre.com/en/imoveis/brasil/sao-paulo/sao-sebastiao/boraceia/5025-houses-in-boraceia-north-coast-sleeps-6-people-close-to-the-beach>. Acesso em: 2013.

- TERRA. **Redação Waves**. Disponível em: <http://waves.terra.com.br/surf/noticia/obra-detona-vegetacao/47125>. Acesso em: 2011

- TERRA. **Redação Waves**. Disponível em: <http://waves.terra.com.br/surf/noticia/sao-sebastiao-cria-projeto/59895>. Acesso em: 2013.

- UOL NOTÍCIAS. **Cotidiano**. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/04/12/vazamento-em-sao-sebastiao-sp-ocorreu-por-falha-em-inspecao-diz-petrobras.htm>. Acesso em: 2013.

- UOL ECOVIAGENS. Disponível em: <http://ecoviagem.uol.com.br/imagens/leiaute/mapa-basil-regiao-sudeste.gif>. Acesso em: 2013.

- VEJA SÃO PAULO. **Núcleo de congelamento em São Sebastião**. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/aventuras-no-litoral-diario-de-bordo-de-joao-lara-mesquita>. Acesso em: 2014.

- VTN VIAGENS. **Localização de São Sebastião**. Disponível em: <http://www.vtn.com.br/cidades/litoraisbrasil/litoral paulista/litoralnorte/sao-sebastiao/como-chegar-em-sao-sebastiao.php>. Acesso em: 2013

- WIKIPEDIA. **Localização do Litoral Norte de São Paulo**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SaoPaulo_RM_BaixadaSantista.svg. Acesso em: 2013.

APÊNDICE

Apêndice A

Modelo do Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**O turismo no litoral norte de São Paulo: o caso de camburi**”

Este resultará na dissertação do mestrando Tatiane de Moraes Ferreira, no Programa de Pós Graduação em Mudança Social e Participação Política, da Escola de Artes, Ciências e Humanidade, da USP.

Sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e consistirá em conceder uma entrevista. Caso queira manter o anonimato, você poderá indicar um nome fictício. Todas as informações resultantes da(s) entrevista(s) serão utilizadas somente com finalidade acadêmica.

ORIENTADOR: Hervé Émilien René Théry

Declaro que concordo em participar da pesquisa.

() Concordo em divulgar meus dados (nome, sexo, cargo, etc).

() Não concordo em divulgar meus dados (nome, sexo, cargo, etc) e sugiro o seguinte nome fictício _____.

São Paulo , _____ de _____ de 2014

(Nome)

Apêndice B

ROTEIRO E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Questionário: Caiçaras

Bloco 1: Identificação do entrevistado

Nome/Idade.

Mora há quanto tempo na sua residência atual.

Local de residência na década de 1970.

Formação.

Profissão.

Onde trabalha.

Bloco 2: Mudança social e Turismo

Como era Camburi na década de 1970?

A vida em Camburi mudou muito daquele tempo?

Na sua opinião, qual foi o maior indutor de mudança?

Qual era o seu trabalho nesta época?

Como foi quando modificaram a legislação de São Sebastião instituindo o Parque da Serra do Mar?

Como foi a chegada da construção da Br-101?

Na sua opinião, o que mudou com a chegada dessas duas instituições?

Na sua opinião, como foi à chegada de novos moradores de outros estados brasileiros?

Como eles eram e o que buscavam?

Tem muita gente chegando ainda?

Como é a sua relação com os migrantes?

Como foi a chegada dos primeiros turistas?

Como eles eram e o que buscavam?

Como é a sua relação com os turistas?

Como foi a chegada do mercado imobiliário?

Como eles eram e o que buscavam?

Qual é a sua opinião sobre o mercado imobiliário?

Como foi a chegada dos primeiros empreendedores de serviços turísticos?

Como eles agem hoje nesta sociedade e qual é a sua avaliação sobre isso?

Qual a sua opinião sobre a atuação do Estado em suas ações na década de 1970?

Qual a sua opinião sobre esta atuação do Estado no momento atual?

Bloco 3: Camburi e a Realidade Atual

Qual é a sua opinião sobre Camburi hoje?

Você se sente prejudicado por algo?

Você sente vontade de frequentar a praia com sua família? Se não por quê?

Você pensa que Camburi enfrenta quais problemas?

Você pensa que é possível viver melhor em Camburi? Como isso poderia acontecer?

Aplicação do questionário:

Pesquisadora: Meu nome é Tatiane e hoje é dia 11 de julho de 2014, vou conversar aqui com uma família de caiçaras, pessoas que vivem há muito tempo aqui em Camburi. Qual é o nome do senhor?

Caiçara 1: Carlos.

Pesquisadora: E qual é o nome da senhora?

Caiçara 2: Maria.

Pesquisadora: E qual é a idade de vocês?

Caiçara 1: Eu tenho 51 anos.

Caiçara 2: E eu tenho 47.

Pesquisadora: E vocês moram há quanto tempo aqui em Camburi?

Caiçara 1: Na verdade eu sou nascido aqui em Camburi só que sai pra morar em Santos, eu tive que trabalhar em Santos uma época, depois voltei pra cá de novo né, agora ela também é filha de nativos daqui, mas morava em Santos.

Caiçara 2: O meu pai é nascido daqui e com o meu pai foi à mesma história, ele saiu daqui

pra se casar e com 16 anos ele foi embora pra Santos, casou e constituiu família lá, eu sou a mais nova de 6 filhos né e quando eu tinha 11 anos meu pai se aposentou e a gente veio, voltou pra morar pra cá, eu vim com 11 anos então eu moro a 36 anos aqui.

Pesquisadora: E aqui nessa casa aqui que vocês moram, vocês moram há muito tempo? Quanto tempo faz?

Caiçara 1: Não aqui na verdade está fazendo, foi 11 ou 12 anos aqui.

Caiçara 2: Aqui era a casa dos avós dele, ele nasceu aqui né.

Pesquisadora: Isso, só pra falar aqui na pesquisa né, que aqui fica bem próximo da praia. Quantos metros?

Caiçara 1: Uns 50 metros mais ou menos. É uns 50 metros da praia né. Eu costumo falar pro pessoal do lugar daqui que se a gente tropeçar vai cair na praia.

Pesquisadora: E onde vocês moravam antes de morara aqui?

Caiçara 1: A gente tem um sítio há 4 kilometros daqui né, na trilha das cachoeiras de Camburi, você conhece as cachoeiras?

Pesquisadora: Eu só conheço uma, eu sei que tem uma mais pra trás que são mais difíceis de chegar né.

Caiçara 1: A gente morava lá, a gente morava lá um tempo e depois que o meu pai e avô ficou doente eu vim pra cá pra cuidar dele e pra cuidar da pequena pousada que ele tem aqui e ai ele faleceu e a gente ficou aqui tomando conta e contando a história da tia Chica aqui.

Pesquisadora: Legal o senhor falar das cachoeiras, quando eu trabalhava aqui no hotel, muita gente queria saber das cachoeiras e eu nunca tinha ido né, então a gente não tem tanta informação assim e a gente não sabia nem informar se era difícil chegar, então a gente informava o que todo mundo falava, como fazia pra chegar, mas a gente não sabia se era difícil nem sabia se era perigoso ou não, por causa da segurança né, hoje eu não sei como está.

Caiçara 1: Tem um lugar muito perigoso pra escorregar pra cair e se machucar porque é alto, entendeu, mas é tranquilo.

Pesquisadora: E não tem ninguém assim que tem van, nada que leve o turista lá né?

Caiçara 1: Não não, outro dia a gente estava até discutindo fazer algumas coisas assim né, tipo passeio pra cachoeiras fazer coisas tipo assim, porque às vezes tem gente que quer conhecer mas tem medo de ir assim a esmo né, tem que saber o rumo que vai tomar né, tem vários caminhos pra chegar lá, tem que conhecer e saber qual é o atalho que vai pegar pra chegar na cachoeiras e vai perguntando de boca a boca né o pessoal que mora perto da

cachoeiras, mas é bem mais fácil ir com uma pessoa, com um guia local que já vai e conhece e aí é seguro pra todo mundo né, então a gente estava discutindo o preço aí.

Pesquisadora: Mas não tem uma cachoeiras só né?

Caicara 2: Não são umas 3 ou 4 quedas.

Caicara 1: São 3 quedas muito legal.

Pesquisadora: É eu preciso conhecer.

Caicara 2: Está certo e geralmente o pessoal que vem aqui já faz amizade com o meu filho e ele leva o pessoal, faz amizade e eles vão, gostoso.

Pesquisadora: Qual é a formação de vocês?

Caicara 2: Eu tenho terceiro colegial né.

Caicara 1: E eu estudei até a sexta série só.

Pesquisadora: Está certo e as profissões de vocês, vocês trabalham na pousada mesmo?

Caicara 1: é a gente trabalha na pousada.

Pesquisadora: Bom agora vou começar a perguntar um pouco do passado né. É como que era Camburi antes da década de 1970, vocês lembram bem como era?

Caicara 1: Ah era muito sossegado aqui, só tinha o pessoal local aqui, os pescadores e pra você ter idéia em um domingo ensolarado, ensolarado mesmo, você podia arrancar a roupa e andar pelado, andar pelado mesmo, porque não tinha ninguém, ninguém aparecia, era só caicara, só o pessoal caicara, turismo nenhum, você não viu, vinha assim pessoal quando tinha feriado prolongado né, tipo assim de 4 dias 5 dias do feriado, aí o pessoal se aventurava aqui, porque era difícil pra chegar, levava-se em média 4 horas de viagem de Bertioga até aqui, são cerca de 60 kilometros se você leva 4 horas para percorrer 60 kilometros imagina né, então tinha que ser feriado prolongado porque aí o pessoal vinha e acampava na praia, porque também não tinha pousada, não tinha nada aqui, foi até então nessa época que o meu pai com a minha mãe começou a alugar o espaço pra acampar né, pro pessoal acampar e aí do camping ele resolveu levantar umas paredes e por umas telha e fazer quartos né, era melhor do que ficar em barraca né, mas era tudo bem simples só tinha o quarto, a cama, banheiro não existia dentro do quarto, banheiro era do lado de fora e aí eles foram trabalhando e foi nessa época fazendo os quartinhos e aí depois passou por uma reforma né e aí acabou fazendo o banheiro interno, os acessórios, televisão, ventilador, isso já vem mais recente, mas na época atrás era muito primitivo e não tinha ninguém, ninguém na praia.

Pesquisadora: O que precisavam, vocês faziam né?

Caçara 1: Isso eles viviam da pesca né, eles viviam da pesca aqui e tudo e plantavam né tinha roça e tudo era tirado do mato da roça, plantavam arroz, tudo.

Pesquisadora: Caçavam também?

Caçara 1: caçava também, meu pai caçava pra poder sobreviver porque não tinha outro meio, o mercado mais próximo tinha 40 kilometros né, não tinha como.

Caçara 2: Mas eles trocavam as mercadorias, uns plantavam café, mandioca essas coisas né.

Caçara 1: Faziam farinha e faziam troca né, entendeu? Pegava o peixe e dava um pouco de feijão, de arroz, não tinha o maldito dinheiro né, que hoje em dia está louco né, então eu acho que viviam legal viviam bem melhor do que agora na época, hoje em dia com tantos recursos né tem tudo, mas a coisa ficou meio difícil.

Pesquisadora: É vocês plantavam assim, perto da Serra do Mar, perto da encosta?

Caçara 1: Isso era perto da encosta.

Pesquisadora: Quando chegou o Parque da Serra do Mar eles chegaram até certo lugar que não poderia mais plantar né, isso afetou vocês?

Caçara 1: Não não nessa época quando eles já demarcaram tudo nessa época já havia acabado as plantações, porque o INCRA eles autorizavam plantar né, então era tudo pelo INCRA, então o sítio que o meu pai tinha ele pagava como se fosse nos dias de hoje uns R\$10,00 né pro INCRA, então era uma área gigantesca né, entendeu, então era para incentivar mesmo a pessoa a cuidar né e ai tinha uma parte que ele deixava também preservado e uma parte reservada e uma outra plantava já: banana, feijão, arroz, mandioca. Era tudo o que eles plantavam.

Pesquisadora: E assim, era separado? Tipo, esse espaço aqui é meu e este é seu?

Caçara 1: Ah tinha sim, não tinha cerca né, isso não existia mas o pessoal sabia né onde era do outro dele e onde era do outro.

Pesquisadora: E era tudo certo no papel ou era tudo mais boca a boca?

Caçara 1: Era tudo com o papel do INCRA né, com um papel com o levantamento da área né e ai cada um cuidava do seu e ninguém invadia nada de ninguém entendeu, a coisa era bem amigável. E ai toda a família acabava trabalhando né, porque todo mundo trabalhava com a pesca, com a caça e todo mundo se envolvia com a roça e tudo.

Pesquisadora: E as festas? Tinha muitas festas?

Caçara 1: Tinha muitas, as festas eram bem legais era festa do padroeiro local né que tinha e as festas juninas eram muito legais, os carnavais, o pessoal tudo se fantasiava e tinha boas

festa na época depois o turismo chegou e acabou um pouco, essa como que fala, essa cultura do lugar né o costume acabou, foi se banindo tudo né.

Pesquisadora: E com a chegada do turismo, ele chegou depois que chegou a estrada né?

Caiçara 1: É forte mesmo, foi depois que concluíram a estrada e a rodovia né porque até então tinha turismo mas era bem mais fraco né, então o acesso como falei pra você que é 4 horas pra percorrer 60 quilômetros e detalhe, quando a maré estava baixa, quando a maré subia e estava revoltado não dava pra passar, porque não tinha estrada então tudo os acessos era a praia e aí o mar subiu e ninguém podia passar mais aqui.

Pesquisadora: E o senhor lembra se o senhor trabalhava nessa época antes de chegar aqui, vocês trabalhavam?

Caiçara 1: A gente ajudava né na roça. Era uma ajuda mais espontânea né.

Caiçara 2: É nós ajudávamos nas coisas da casa e tudo.

Caiçara 1: Na pesca, na plantação.

Pesquisadora: Então o dia a dia era tranquilo?

Caiçara 1: Era.

Pesquisadora: E a senhora também ajudava né?

Caiçara 2: _nessa época eu ainda não estava aqui, é mais o que ele conta né quando ele era moleque e vivia aqui né, quando eu vim não tinha luz, não tinha luz e eu acho que só a estrada né e era chão de terra, em Santos era mais evoluído né, em Santos era.

Pesquisadora: E quando vocês iam para Santos, vocês não sentiam vontade de ficar? Não achavam que era mais legal?

Caiçara 1: É quando a gente é moleque está tudo legal né, quando a gente é moleque tá tudo legal e depois a gente vê que é tudo diferente.

Pesquisadora: E quando vocês ficaram sabendo que a estrada ia vim pra cá o que vocês pensaram?

Caiçara 2: A não passava muita coisa pela cabeça porque a gente não tinha noção do que ia acontecer.

Caiçara 1: Achava que ia ser legal a estrada e realmente em um trajeto de 4 horas você percorria menos de uma né.

Pesquisadora: E aí fazer a estrada veio muita gente morar né, de outros estados do Brasil, os migrantes, veio muita gente pra cá e como foi à chegada desses novos moradores aqui?

Caiçara 1: É eles vieram e acabaram ficando aqui né depois da estrada, porque a estrada veio

e ai é uma parte do pessoal foi embora né com a empresa né e uma parte já acabou ficando entendeu e constituíram famílias por aqui né e ai foram construindo casa né e ai depois os grandes empreendimentos, condomínios construindo tudo e precisando de gente pra trabalhar e as pessoas que vieram trabalhar no condomínio e ficaram 50% e ai começou a população aumentar assim né, sem muita estrutura porque não tinha, ainda não tem estrutura direito né pra tanta gente e acaba sendo, acabou virando um problema isso né, em função de vim morar aqui, o saneamento básico...

Pesquisadora: E hoje em dia continua sendo?

Caiçara 1: É é preocupante entendeu, aqui né Camburi não temos rede de esgoto, não temos água tratada e você via a quantidade de pessoas que moravam aqui.

Caiçara 2: Final de ano é um problema aqui.

Caiçara 1: Então e a qualidade da água do mar agora é boa ta, porque chove bastante então dá uma limpada no rio, mas quando isso não acontece a água fica imprópria pra banho, porque quer queira quer não, já tem muitos que jogam esgoto no rio sabe escondido acaba jogando, então fica isso ai né e o problema é cada vez pior, é cada vez pior.

Pesquisadora: Mas quando começaram mesmo a chegar o pessoal, porque vocês viviam aqui, só os caiçaras, tinha os turistas que vinham de vez enquanto e ai chegou esse monte de gente que tem uma outra cultura, um outro jeito né, como que foi assim, porque também já estava com a estrada, eles foram acontecendo como está acontecendo hoje em dia, que eles foram morar assim ao redor da estrada ou eles vieram morar aqui mais próximo da praia?

Caiçara 1: É quando começou a gente até ficou um pouco assustado com as moradias em beira de estrada que é muito desorganizado né e eu acho que ficou uma coisa meio feia e ai construir em pedacinhos pequenos e já foi lá e vinha pra cá e ai começou a acontecer o negócio de grilar terreno né e começou a coisa chata.

Caiçara 2: Eles compravam um pedacinho e cercavam mais pra frente, porque era tudo mato né.

Caiçara 1: E já cercava o pedacinho do vizinho e se o cara não vinha tomar conta ele acabava perdendo né.

Pesquisadora: Ai começou já aparecer às cercas então?

Caiçara 1: é então, ai começou já e ai começou as coisas assim chatas né pra gente, mais porque a gente tem que cada um tomar conta do que é seu né.

Pesquisadora: E começou a aparecer os turistas também com a estrada?

Caiçara 1: É e começou a aparecer mais turistas porque ficou mais fácil de chegar né e aí a demanda às vezes já foi maior, tinha muita gente, entupia de gente assim, impressionante, muita gente.

Pesquisadora: Porque com eles também vieram duas coisas né, uma o mercado imobiliário né, como que funcionava o mercado assim, vocês que eram daqui né eles compravam terra dos caiçaras?

Caiçara 1: É foi à maioria era tudo caiçara e eles acabavam comprando né mais aí...

Pesquisadora: principalmente os terrenos de frente pro mar né?

Caiçara 1: A todos eles de frente para o mar era o que eles queriam né, de frente pra praia.

Caiçara 2: Tanto que o imposto assim beira mar é muito caro, você já não vê quase nativos caiçaras mesmo.

Caiçara 1: É praticamente você não vê mais caiçaras.

Caiçara 2: Só ficou quem tem comércio, pra poder sobreviver porque chega o final de ano o imposto é um absurdo é o que você trabalha o ano inteiro.

Caiçara 1: É você tem que rebolar pra poder pagar.

Caiçara 2: É você trabalha o ano inteiro pra você pagar um imposto e sendo que a gente trabalha cinco, quatro, cinco meses no ano né com o comércio mesmo né, tinha que ter outra atividade pra tirar se não, só do turismo a gente não tira não.

Pesquisadora: E bom, os primeiros turistas chegaram também os empreendedores, o pessoal que quer trabalhar com os serviços turísticos né restaurantes, pousadas né?

Caiçara 1: É bastante tem muita gente aqui.

Pesquisadora: Então como que faz vocês aqui podia até andar até pelados na praia em dia de sol e derrepente vem um monte de gente?

Caiçara 1: É daí acaba sendo normal né, não tem jeito, claro que quando você se recorda você sente uma saudade, pouca gente, água limpinha, o rio quando deságua ali no mar você podia beber a água do rio entendeu e hoje em dia já não, então é uma coisa que dá uma pequena chateada mais não tem como parar o progresso, então tem que ser adaptar aquilo né.

Pesquisadora: E antes tinha as plantações, viviam das plantações e começou a chegar o comércio né.

Caiçara 1: É exatamente e tudo isso já acabou com toda a parte das plantações né, porque era mais fácil ir no mercado ali e comprar o kilo do feijão já empacotado do que ter o trabalho de cuidar da terra porque é trabalho, é muito trabalhão, porque tem que cuidar, limpa, plantar e

deixar crescer né, então ficou bem mais fácil, bem mais fácil assim, então você chega lá e já compra pronto né e já acabaram tudo as plantações.

Pesquisadora: Então vocês abandonando as plantações vocês tiveram que trabalhar em outras coisas né, pra comprar o feijão pronto né?

Caiçara 1: É ai a maioria daqui começou a trabalhar com o turismo né, a minha mãe na época começou a fazer comida pro pessoal que vinha acampar e passar.

Caiçara 2: Mesmo o pessoal que vinha trabalhar ela servia né e o pessoal que vinha fazer a estrada vinham tudo aqui comer, arroz, feijão, peixinho frito né, peixinho que meu sogro...

Caiçara 1: É o meu pai era pescador então ele trazia o peixe fresco, chegava aqui pulando o peixe ainda e o pessoal não acreditava e nossa e ai era fresquinho e ai ela começou a fazer e os quartos também e começou, adaptaram ao turismo né. E a pesca foi acabando também porque começou a diminuir também os peixes né, de primeiro tinha uma demanda de peixe grande depois começou a acabar porque antigamente passava uns barcos pesqueiros que chamava treineiro, umas coisas assim que vinha arrastando o fundo do mar, uma rede gigante e aqui tinha peixe de todo o tamanho e na hora de colher lá pegar e catar e pega o que interessa de um kilo pra cima e os outros joga fora e ai já está morto e não vai sobreviver mais e vai extinguindo os peixes diminui, meu pai mesmo na época que ele, eu cheguei a pescar com ele uma época, eles jogavam uns 50 metros de rede nossa eles traziam muito kilos de peixe que dava pra comer e vender, deu pro pessoal, nas últimas vezes que ele foi pescar, ele já jogava e cerca de 500 metros de rede e só conseguia trazer um ou dois peixes só, então a gente sentiu que estava diminuindo os peixes né e ai também, hoje tem uns pescadores ali no Camburizinho que ainda pesca, você pode conversar com ele que eles falam que é bem difícil, ele pesca meio que por robby pra eles comerem né, é bem pouco não tem aquela demanda de peixe que tinha na época né.

Pesquisadora: Ah onde está escrito peixe fresco, tem uma plaquinha lá.

Caiçara 1: É isso ele tem e trabalha com o turismo e ele é nativo também daqui eu sou nativa daqui então e ainda continua pescando e ai se você vai lá vai levantar umas informações boas.

Pesquisadora: A entendi, o que vocês pensam hoje, qual é a opinião de vocês assim sobre é o mercado imobiliário? As imobiliárias, é como que eles funcionam hoje, hoje em dia não tem tanto espaço né mais pra comprar, pra construir muito.

Caiçara 1: É hoje em dia eles estão vendendo o que já está feito, porque veja bem, o mercado imobiliário aqui é assim, ele compra, passa um ano, vende então é vendido o que já está

pronto é, não está construindo, não tem, está acabando praticamente as construções né, já encheu, então o pessoal compra e coloca na imobiliária pra vender de novo entendeu e já comprou de outro e se está vendendo.

Pesquisadora: Fica sempre essa rotatividade, não tem mais muito pra onde crescer né, a começar a olhar por olhos vistos né, fica uns meses sem vim pra cá, infelizmente, mas quando eu venho eu já vejo grandes mudanças, é está crescendo, mas o que à gente percebe de olhar né e bom queria saber também de vocês é, sobre os serviços que oferece hoje para os turistas, vocês trabalham com isso aqui com a pousada né, vocês acham que está bom?

Caiçara 1: Não hoje quase não tem turista né, os turistas aqui, por enquanto, em Camburi só tem a praia pro turista, não tem outra coisa pra ele, não tem um evento, não tem nada, como um tempo como agora, fazer uma trilha pra cachoeira você sabe, deveria ter alguma coisa assim né, levar para passeios, uma vez por dia leva na cachoeira os turistas né, se estiver chovendo não tem nada pro turista a não ser ficar dentro da hospedagem né assistindo televisão e pronto.

Pesquisadora: Quando chove né, se não fica na areia né? É se tem sol vai pra praia. É e bom aqui também é uma praia que recebe muitos turistas assim que, acho que vocês principalmente por estar perto, vêm por causa do surf né vem pra surfar?

Caiçara 1: É aqui vem bastante e vem de perto, a semana inteira, de segunda a segunda você vê surfista na praia.

Pesquisadora: E estes turistas assim, como eles são, o que eles procuram?

Caiçara 1: Não os turistas, os surfistas são aqueles “bate e volta”, vem de manhã e a tarde vai embora né então ele não se hospeda aqui, ele vem e passa dias hospedado e fica, mas a maioria vem de bate e volta, vem de manhã e de tarde vai embora.

Pesquisadora: É a estrada facilitou bastante né, hoje em dia todo mundo tem carro...

Caiçara 1: É, Mogi que é mais perto daqui também, Bertioga né.

Pesquisadora: Vem muita gente de Mogi pra cá?

Caiçara 1: Vem, essa parte aqui ficou facinho pra chegar pra cá é mais fácil vim de Mogi do que vim de Santos, Mogi é só descer já está na beira né.

Pesquisadora: É verdade e tem também os turistas que tem casas aqui de segunda residência né, eu acho que agora aqui do lado tem o condomínio né?

Caiçara 1: É aqui já tem as casas.

Pesquisadora: É fácil assim a relação com quem tem casas aqui?

Caiçara 1: É de boa não tem problema.

Pesquisadora: sobre o governo né, o que o senhor acha das ações aqui?

Caiçara 1: Não tem nada bom, aqui Camburi esqueceram esta parte aqui, é não sei se por parte de qual governo, não sei se é governo do Estado, do município, eu não sei, eu acho que mais pelo município, porque eu acho que a verba do estado chega pra resolver os problemas né e não é repassado e chega no município e eu acho que não repassa né então falta tudo.

Pesquisadora: O que que falta?

Caiçara 1: Falta um pouco de segurança entendeu o pessoal de Camburi, educação né, que nem, você entra pra dentro lá do sertão na trilha das cachoeira é um abandono só entendeu, é muito escuro a noite, não tem iluminação direito a estrada esburacada e não consegue e tudo isso né, aqui não tem saneamento básico. Nós moramos aqui há quantos anos e não tem, não tem rede de esgoto, não tem água encanada, a gente graças a Deus aqui à gente tem um pouco de água, tem uma nascente que capta a água né, mas essa água é fraca quando chega no verão ai ela acaba e ai tem que fazer poço artesiano e pra fazer lavagem né, limpeza e tudo, a gente usa a água do poço, mas não tem quase nada, não tem uma estrutura por parte da prefeitura.

Pesquisadora: Saúde também?

Caiçara 1: nada, nada, nada.

Pesquisadora: Tem um postinho aqui né e funciona?

Caiçara 2: Tem um posto mas se for alguma coisa grave tem que ir pra São Sebastião que é cerca de 50 minutos uma hora em uma estrada, assim com uma estrada cheia de curva.

Caiçara 1: Eles começaram a construir há quatro anos atrás aqui em Boiçucanga, é ai já vai pra 4 anos e está virando moradia de gente de rua, porque é um prédio abandonado, sabe então, é uma enganação para o eleitor né e na hora da eleição vem todo mundo ai e ai depois esquece e eu acho que isso é um pouco injusto né porque não passa uma coisa pra melhorar né e precisa né porque “po”, arrecadam e arrecadam muita coisa, só aqui esse ano pagamos ai R\$8.000,00 de IPTU, ai você vê, olha eu com 3 mil metros quadrados e você imagina o município todo.

Pesquisadora: Nossa R\$8.000,00?

Caiçara 1: Pois é e você vê, não era pra estar bem melhor com saneamento básico, água esgoto, iluminação, segurança né? Entendeu dar uma assistência pro pessoal porque pega dinheiro, dinheiro tem e tem a verba do Estado também para certas coisas.

Caiçara 2: E os eventos né para o turismo, se a gente trabalha com o turista o que Camburi

tem a oferecer? se chover o turista fica trancado, assim né, uma programação para o povo se entreter.

Pesquisadora: é alguma coisa para lazer né?

Caiçara 1: é isso mesmo.

Pesquisadora: Até para os moradores locais também né, pra vocês também né, porque não tem muito só tem mesmo a praia né e assim que Camburi eu ainda sempre falei quando eu morava aqui, eu dizia Camburi está no meio do caminho, tem 50 minutos até Bertoga, assim mais ou menos né e 50 minutos para o centro de São Sebastião então está no meio do caminho e se você quer estudar né, então pra você ir e ficar horas e voltar de madrugada né, aqui vocês falaram da segurança né, que aqui está complicada né?

Caiçara 1: É não tem muita segurança.

Pesquisadora: a certo, já está acabando tá, é bom é a gente falou da imobiliária, do mercado imobiliário que vem sobre as casas, sobre os turistas e a gente falou um pouquinho sobre os turistas, sobre os migrantes e todo mundo que vem né, e com toda essa história vocês se sentem prejudicados pelo turismo ou por essa mudança toda que aconteceu aqui?

Caiçara 1: Eu acho que tem uma coisa boa e uma coisa ruim né, a gente sente falta mais a gente tem que caminhar pra frente porque pra trás não dá né, então...

Pesquisadora: Se derrepente tivesse acontecido de outro jeito assim, como eu posso dizer, até um esforço do estado, que trouxe a estrada, que trouxe essa mudança e quando percebeu o que aconteceu e cuidar da cultura caiçara, então vocês plantavam né, ter como uma opção também, vocês acham que faltou ou não ou vocês acha que foi caminhando do jeito que tinha que caminhar ou faltou um pouco da preservação da cultura caiçara?

Caiçara 1: É faltou a cultura está se acabando também, porque caiçara praticamente aqui é cerca de 20%, é tudo pessoal de fora que vem e acaba com a própria cultura também né, as festas acabaram, as festas acabaram aqui, as festas juninas, era muito legal fazer uma fogueira, é muita coisa legal né, carnaval também vinha todo mundo tocava, o bloco de carnaval lotava e era uma festa gostosa até a festa da padroeira, do padroeiro daqui a igreja muita gente não tem mais e acabou e isso o turismo.

Caiçara 2: A igreja até tenta fazer mas não vai pra frente porque tem que lidar com o turismo e também o povo tem que trabalhar e acaba não conseguindo né.

Caiçara 1: Assistio pela televisão né, o lugar que tem aquelas festas né e ai eu falo caramba mas, que legal né e era igual aqui que tinha folia de reis né, um monte de coisa né entendeu e

acabou.

Pesquisadora: Entendi, e bom aqui está bom principalmente na alta temporada vocês se sentem à vontade pra frequentar a praia?

Caiçara 1: é meio tem que pegar a senha logo cedo se não não dá.

Caiçara 2: Senta nas cadeiras do condomínio eles nos convidam anos retirar..

Pesquisadora: E até porque Camburi não é uma praia tão grande né?

Caiçara 1: É e você acaba fazendo um roteiro da hora, que você chega na praia até a água você tem que fazer um roteiro primeiro por onde você vai passar.

Pesquisadora: E vocês acham também que os condomínios ficaram muito próximos da orla?

Caiçara 1: Foram muito né, demais.

Pesquisadora: Avançaram né porque a gente vê quando tem ressaca né, que a gente vê que, eu morei aqui em 2006 e a ressaca vinha até aqui né e aí a gente fala: “será que é o mar que está avançando muito ou será que eles que foram”?

Caiçara 1: Eles que foram né.

Pesquisadora: Leva deck da praia né?

Caiçara 1: Leva tudo, invade mistura piscina, o mar bate na porta da frente.

Pesquisadora: Complicado né? É e uma coisa também, tem uma discussão né pra ter uma verticalização que precisa ter mais de 9 metros como se fosse mais que 3 andares, tem uma discussão assim?

Caiçara 1: É eu sou contra este tipo de coisa só que vai ter uma hora que vão liberar e aí vamos ter que fazer uma riviera, um Guarujá da vida entendeu e aí acabou porque aí a gente não tem estrutura direito entendeu, tem que primeiro fazer uma estrutura para que aquilo funcione porque se não não adianta a gente construir, construir, construir né não suporta tanta gente.

Pesquisadora: Ta certo, é ah gostaria de saber também o que vocês acham da associação amigos de camburi e agora parece que eles estão com uma nova, não sei se é diretoria que eles falam né?

Caiçara 1: É essa nova diretoria, pra mim eu acho que foi a melhor diretoria que chegou na associação porque até então a associação que é a mesma né, que é a SACI, é os de gente, que não tinha uma sede aqui, a sede era em São Paulo, mas “po” aí ter uma associação com sede, totalmente e você tem que ir lá longe do lugar, então não funcionava né, agora não a sede é aqui, tem mais transparência nas coisas entendeu, o diretor, o presidente, ele envia por email

pra todo mundo entendeu o custo tudo o que acontece com a associação então é uma coisa eu não acho que sabe que está acontecendo muita coisa, porque claro é muito, isso é muito complicadíssimo, é muita coisa pra resolver, mas de maneira assim de administrar eu acho que está melhor né, o povo acabaram fazendo alguma coisa por aqui né e é difícil porque tem que ter uma receita grande, porque os custos não são poucos né, se não fosse a associação à praia você não ia ver limpa do jeito que está limpa entendeu, porque o pessoal que ia, o pessoal do SACI que vai rastela e deixa limpinho, as ai no reveion são milhares de garrafas, de sujeita e você vê assim, no dia seguinte na manhã, já tem um pessoal que já chega e limpa e não parece que aconteceu nada na praia e isso é legal “po” se não tivesse isso seria muito difícil né. Então como foi numa época sem a associação e ficou por conta da prefeitura e a prefeitura não deu conta, Camburi ficou abandonado.

Caiçara 2: Nossa ficou nojento, mas então a associação ajuda bastante.

Pesquisadora: até mesmo o deck né, eu morei aqui em 2006 e teve uma ressaca grande e o mar levou o deck, levou a casinha do bombeiro aqui e eu visitei aqui muitos anos e a gente vem aqui e vê que demorou muitos anos pra arrumar o deck e demorou bastante pra isso né?

Caiçara 1: lógico que é muito difícil né, mas eu estou gostando, inclusive o presidente agora está aqui, é filho nativo da terra daqui né, então ele já tem outra cabeça, outra visão da coisa, ele sente o problema da coisa, então quer fazer a coisa funcionar.

Pesquisadora: É bom eu ia perguntar sobre os problemas de Camburi, mas eu acho que já comentamos, vocês acham que tem mais alguma coisa que vocês gostariam de comentar?

Caiçara 1: Só.

Pesquisadora: E assim pra encerrar mesmo, vocês acham que dá pra viver melhor em Camburi? E como seria? Como vocês imaginariam viver bem hoje aqui em Camburi junto com o turismo junto com tudo o que acontece?

Caiçara 1: Aqui sempre se vive bem, apesar dos problemas dá pra viver bem.

Pesquisadora: Entendi, deixa-me ver se tem mais alguma coisa ... é bom, eu acho que é isso então, muito obrigada por vocês responderem tá, vocês me ajudaram bastante.

Questionário: Migrantes

Bloco 1: Identificação do entrevistado:

Nome/Idade.

Mora em que bairro de Camburi.

Mora há quanto tempo em Camburi.

Local de residência antes de morar em Camburi?

Formação.

Profissão.

Onde trabalha.

Qual era o trabalho antes de ir morar em Camburi.

Bloco 2: Mudança social e Turismo

Porque veio morar em Camburi?

Como era Camburi nesta época?

Conseguiu encontrar o que procurava?

Foram bem recebidos em Camburi?

Como é a sua relação com os caiçaras?

Como é a sua relação com os turistas?

Qual é a sua opinião sobre o mercado imobiliário?

Qual é a sua opinião sobre as empresas e os empresários do setor do turismo?

Qual é a sua opinião sobre a atuação do Estado e suas ações em Camburi?

Bloco 3: Realidade Atual

Qual é a sua opinião sobre Camburi hoje?

Você mora ou conhece alguém que mora na área congelada?

O que você sabe sobre a área congelada?

Na sua opinião, quais os problemas que os moradores do bairro areião enfrenta?

Sente vontade para frequentar a praia com sua família?

Se sente prejudicado por algo?

Você planeja voltar para sua cidade de origem?

Você acha que Camburi enfrenta quais problemas?

Acha que é possível viver melhor em Camburi? Como?

Aplicação do questionário:

Pesquisadora: Meu nome é Tatiane de Moraes Ferreira, hoje é dia 06 de julho de 2014.

Estou aqui para fazer uma entrevista com a migrante Carol que tem 27 anos e que é moradora aqui do bairro de Camburi hoje. Carol por favor, você mora quanto tempo no bairro de Camburi?

Migrante: Eu cheguei com 9 e hoje estou com 27. Então foram 18 anos.

Pesquisadora: Ah entendi e aqui em camburi você mora em que lugar?

Migrante: Na entrada do sertão.

Pesquisadora: E você é formada em alguma coisa?

Migrante: Eu não cursei faculdade ainda só ensino médio mesmo.

Pesquisadora: E você já terminou, conseguiu terminar já?

Migrante: Sim faz tempo.

Pesquisadora: Ta certo e qual é a sua profissão?

Migrante: Vendedora.

Pesquisadora: Vendedora e você trabalha na loja...

Migrante: É na loja.

Pesquisadora: Qual é o nome da loja?

Migrante: É uma loja de artigos de praia.

Pesquisadora: E qual era o seu trabalho antes de vir morar em Camburi? Eu acho que você não trabalhava né...

Migrante: É eu não trabalhava era os meus pais, eu era muito nova.

Pesquisadora: Entendi, é porque você veio morar, porque os seus pais decidiram vir morar em Camburi?

Migrante: Na verdade o meu pai já estava aqui há um ano, ele veio a trabalho ai ficou, eu, a minha irmã, a minha mãe ficamos lá e ai depois de um ano ele decidiu ficar aqui e trazer a família toda. Eu não sei dizer como foi, eu só sei dizer que eu não queria vim, queria muito ficar lá é porque eu não conhecia aqui, coisa nova né, tudo novo né e sair da escola e tal é muito chato.

Pesquisadora: Pra criança é difícil né?

Migrante: É tem os amigos tudo, que você convive desde pequeno né, então foi bem difícil pra mim, mas eu vim né, não tinha outro jeito então eu tive que vim.

Pesquisadora: E o seu pai veio trabalhar com o que aqui?

Migrante: Ele trabalhava com obras e também tenho tios que já moravam aqui já e foi também ele que arrumou pra ele e ele veio.

Pesquisadora: E vocês vieram e vocês moravam em qual bairro antes, vocês sempre moraram no sertão ou não?

Migrante: Não a gente morava aqui em Camburi mesmo aqui no centrinho e depois fomos morar pra lá.

Pesquisadora: E tá, é, bom você veio morar aqui aos 9 anos e não queria vim e como você se sentiu quando veio pra cá, quando você chegou aqui, você foi bem recebida?

Migrante: Sim tinha parentes, tias né e não foi tão difícil, mas eu gostei muito né, porque tipo lá era sossegado e aqui também era bem tranquilo, bem mais que hoje né, era sossegado, não tinha muita gente, não tinha muita casa também.

Pesquisadora: Você acha que está crescendo muito Camburi?

Migrante: Ta sim, muito, demais e era isso, eu gostava assim da natureza, de tudo da tranquilidade que era.

Pesquisadora: Pra criança até que foi fácil se adaptar assim?

Migrante: É foi, eu comecei a estudar logo aqui na escolinha aqui mesmo local e já fiz amizade, todo mundo muito legal, foi muito bom, gostei.

Pesquisadora: Ah, então está certo e como que era Camburi então? Camburi era mais parado?

Migrante: Era bem mais, o que eu lembro assim era bem mais parado não tinha assim muita gente, assim muito turista, não tinha muito assim como hoje em dia. Era mais tranquilo, até o rio era mais diferente eu lembro, até a praia assim a areia era diferente.

Pesquisadora: É, olha o rio ele muda o percurso né?

Migrante: É porque o rio antes era bem mais fundo, mais escuro, a praia também, a areia era mais fininha mais branquinha, era diferente.

Pesquisadora: E você sempre gostou de frequentar a praia?

Migrante: Sempre, eu gosto muito.

Pesquisadora: Ah então tá bom. É, e, qual, o que você acha que mais mudou assim desse tempo pra cá?

Migrante: Assim, muita gente né que começou a vim pra cá pra praia, os turistas e tipo começou a fazer as ruas e desenvolver tipo fazendo no caso os condomínios e casas e mais casas né, pousadas, tudo né, foi e começou a expandir assim né.

Pesquisadora: E foi crescendo muito?

Migrante: É foi muito rápido.

Pesquisadora: É Entendi, e, me deixa ver... E os seus pais quando eles vieram pra cá, eles vieram a trabalho e ele conseguiu trabalho?

Migrante: É conseguiu.

Pesquisadora: E sempre foi fácil conseguir trabalho aqui?

Migrante: Assim por um tempo sim, ele conseguiu trabalho um tempo sim e minha mãe veio logo e logo arrumou trabalho e trabalhou muitos anos também.

Pesquisadora: E a sua mãe ela trabalhava com o que assim?

Migrante: Ela começou a trabalhar como empregada doméstica e trabalhou também em restaurante, mas ela fixou mais nisso em mais tempo, mais anos né.

Pesquisadora: E em restaurante ela fazia o que no restaurante?

Migrante: Ela ajudava assim servia, também ajudava na cozinha. Ela fazia de tudo um pouco.

Pesquisadora: É Entendi, é e vocês foram bem recebidos né e como assim que vocês lidavam com os caixaras, desde quando vocês chegaram aqui, o pessoal morador mais antigo daqui, como foi assim a relação inicial de vocês?

Migrante: Como eu era nova eu não lembro muito bem, tinha uns caixaras assim sempre bem tranquilos, sempre harmonia, eu acho que eles não têm problema assim com quem vem de fora, não tem preconceito, não vejo isso não.

Pesquisadora: Ah então está bom, sempre foi assim. E os turistas, muita gente vem pra cá praticar o esporte surf?

Migrante: É vem pra cá surfar e até curtir a praia mesmo né, é uma das melhores assim de ondas.

Pesquisadora: E o que você acha dos turistas?

Migrante: ah eu gosto e é meu trabalho né e tipo eu gosto muito né porque dependo muito dele no meu trabalho que é o turista né no meu trabalho e assim eu não tenho o que reclamar assim muito deles, só mais que alguns assim não falo os surfistas, os turistas que vêm curtir as praias e tal, por causa das sujeitas né e tanto que teve essa associação aqui justamente pra cuidar dessa parte do lixo pra cuidar da praia, pro rio pra não poluir tal, certo, tem muito cuidado aqui no litoral com isso, que alguns são relaxados sempre deixam canudo e isso vai longe né então é essa a preocupação com os turista no caso.

Pesquisadora: Você vê alguma diferença assim dos turistas que vem do esporte para aqueles

que vêm aqui no fim de semana e aqueles que têm casa aqui, qual é a diferença deles?

Migrante: Assim, os que têm casa aqui eles já se consideram locais né, já são de casa assim, faz amizade gosta e vem todo fim de semana e tem turistas assim que vem só pra surfar e eu acho que ele não se apegar a uma praia só ele vai pra outra porque ele quer surf né, o esporte, eu acho que essa é a diferença.

Pesquisadora: E o que você acha, por exemplo, do mercado imobiliário aqui em Camburi?

Migrante: Eu acho que cresceu muito né, não só aqui no litoral como o litoral inteiro né, porque a cada vez mais quer encontrar casas terreno né e o pessoal quer de qualquer jeito vim aqui né e cresceu muito né não só em Camburi como no litoral inteiro o mercado imobiliário, porque cada vez mais querem comprar casas terreno querem viver no litoral, o que o pessoal quer é de qualquer jeito vim, cresceu muito, demais e se expandiu assim de uma forma tremenda, muitas casas e não para, sempre, todo mês é uma casa nova.

Pesquisadora: E você sente isso?

Migrante: É mais na Baleia né, a Baleia é praticamente é condomínio e eles estão fazendo mais e mais.

Pesquisadora: Você acha que isso é bom é ruim e o que você pensa assim em sua opinião, dessas casas que estão vindo?

Migrante: Assim pra parte do comércio eu acho ótimo né pra este crescimento no litoral né economicamente falando, mas eu acho que os locais porque aí a praia fica lotada pro que tem época que fica muito cheia lotada e aí os locais não vão porque tipo, dezembro, carnaval, janeiro é muito lotada aqui, demais e fica difícil até você andar de bicicleta na rua é perigoso até e corre risco, então assim, meio que toma muito espaço nosso assim, dos locais né.

Pesquisadora: Entendi.

Migrante: E você perde um pouco o espaço assim né.

Pesquisadora: Entendi, sobre as empresas, os empresários do setor de turismo, assim, o que você pensa sobre os hotéis, os restaurantes né?

Migrante: São bons, são muito bons pra essa gente que trabalha nos hotéis aqui tal, mas economicamente é ótimo, é uma relação tranquila, são pessoas locais também né que a gente conhece todo mundo né e são tranquilos.

Pesquisadora: E o que você acha das ações do Estado aqui em Camburi?

Migrante: Bom, falta melhorar muito, muita coisa porque o que eles fizeram assim em minha opinião, porque eu acho que deveria fazer muito mais, então eu acho que poderia fazer muito

mais, eu acho que o que fez assim é o básico, o mínimo do mínimo porque né tem como melhorar, tem como fazer muitas coisas aqui né, mas eles procurar fazer bastante coisa relacionada ao turismo aqui, como eles fizeram né as praças em cada bairro, a pista de skate, são meio que os locais né, mas atraem os turistas né, só que não fizeram mais, o parque que eles fizeram tudo né lá em São Sebastião, assim é que no caso os bairros calçaram as avenidas né, mas só que os problemas são as enchentes nos bairros né, teve muitos problemas em alguns bairros ali, areião, lobo guará, e não tem saneamento e não tem esgoto e assim, só à calçada né, mas nas avenidas principais e nem todos ainda estão pela metade, então eles dizem agora que vão terminar né, arrumar as pontes está arrumando agora, mas é o mínimo assim, é o mínimo do mínimo eu acho que é absurdo e eu sinceramente estou muito decepcionada com essa parte e eu acho que deveria fazer muito mais melhorar não só para os turistas né, mas para os locais que moram, porque eles moram são locais e eles vêem a necessidade é e que infelizmente é difícil e que não depende só de um são vários um que depende do outro tal, mas só por misericórdia, é decepcionante, o prefeito promete, todos prometem né, mas prometem rios, mundos e fundos e que vão fazer isso e tudo mais, mas depois que ganham não fazem nada e até os moradores que moram aqui é que estão correndo atrás e sonham em melhorar, eles conhecem os locais né, conhecem muita gente e eles sabem o que precisam em cada bairro né, eles tentam, mas não dependem só deles né, tem que ser aprovados, tem que né aprovar para poder fazer e é difícil a luta né é muito difícil conseguir fazer alguma coisa em um bairro.

Pesquisadora: E em Camburi você sente falta do que? O que o Estado poderia fazer?

Migrante: Melhorar as ruas e cuidar do saneamento né, esgoto mesmo que precisa de mais porque até certo tempo, eu não sei se ainda existe, se ainda joga esgoto dos condomínios no rio e tanto que jogavam e no rio praticamente se eu tomei banho assim no rio foram poucas vezes e depois que eu fiquei sabendo nunca mais, tipo o rio é uma coisa que pra mim não existe, tipo nunca mais, eu não tomo banho de jeito nenhum, porque há anos atrás eu peguei um bicho de pé. Então no meu pé eu peguei no rio mesmo e depois desse dia eu não entrei nunca mais, tem gente que entra assim e tal e não é que é contaminado que você não possa usar, não é nesse ponto e espero que não chegue, mas eu sei que tem alguns esgotos de algumas casas e que dá acesso ao rio e alguns condomínios que eu acho que não joga mais eu não tenho certeza.

Pesquisadora: Entendi, mas e quando você pegou este bicho de pé tinha atendimento médico

aqui em Camburi?

Migrante: Teve, teve fui, mas não foi nada grave eu só usei uma pomadinha, não tem problema, mas eu já fiquei assim cismada né não quis mais, só na praia mesmo, só pra atravessar às vezes de uma praia para outra né, mas banho assim essas coisas não.

Pesquisadora: De camburizinho para Camburi pelo rio né?

Migrante: Isso.

Pesquisadora: Mas você mora no sertão e lá tem cachoeira né e lá eu acho que é um pouco mais limpo né porque vem da serra né?

Migrante: É assim, o rio que vai cortando o sertão são tipos córregos e também antigamente jogavam certos lixos das casas no rio também, só que quando chega lá em cima na cachoeira descendo e vindo né, mas lá mesmo, lá em cima é super limpo, até que tem gente que toma assim, a maioria das pessoas toma água da cachoeira então é coisa que não é contaminado.

Pesquisadora: Entendi, é uma outra pergunta que eu queria te fazer, é que você pensa até em fazer faculdade né e que onde você falou que tem faculdade?

Migrante: Em São Sebastião no centro ou Mogi ou Guarujá, aqui mais perto é São Sebastião, aqui próximo de Camburi então seria a faculdade de São Sebastião.

Pesquisadora: Quanto tempo leva pra chegar até lá?

Migrante: Uns 40 minutos mais ou menos dependendo do transito.

Pesquisadora: Entendi, então agora eu vou passar para o bloco 3 sobre Camburi né e o que você pensa sobre Camburi hoje, a sua visão geral assim de Camburi?

Migrante: Eu acho que Camburi a economia é muito bom assim, voltado para o turismo e é muito bom para quem depende do turismo, é quem trabalha com isso também eu acho que nessa visão assim está perfeito o turismo eu acho que é muito bom voltado pro turismo.

Pesquisadora: Ta certo, e é você mora, conhece alguém que mora em alguma área congelada?

Migrante: sim, até onde eu moro mesmo no sertão, a primeira rua é vila Débora e uma época ela foi congelada porque assim, por causa da enchente que estava perigoso por causa de algumas casas e também casas impróprias, quase uma favela, uma casa em cima da outra, uma ao lado da outra, do lado barraca mais barraca, então o prefeito congelou uma área dizendo ele que iria tipo urbanizar, fazendo umas casinhas assim, na barreira, algumas casas foram derrubadas. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) ia fazer umas casas pro pessoal e tal, mas teve muita confusão em relação a estes moradores, foi assim, para algumas famílias foram tristes, porque algumas foram derrubadas e eles não fizeram as casas.

Pesquisadora: Eles não fizeram, mas eles deram outra, assim, pagou o aluguel para eles ou não, foram lá e derrubaram?

Migrante: Assim eu sei que eles foram atrás e tentaram ficar e de alguma forma eles tentaram aprovar alguma coisa mais certa né do que as que estavam construídas e assim muitas áreas são congeladas, mas eles pararam com a derrubança e não fizeram mais e uma ou outra foram derrubadas e deu muita confusão e tipo até prejudica, porque a população teve protesto né, até no dia queimaram coisas na pista.

Pesquisadora: Este ano ainda?

Migrante: Foi, teve protesto dos moradores eles estavam muito revoltados com as enchentes assim e ficam revoltados porque eles estão vendo que precisa ser feito e não fazem né então se revoltam muito.

Pesquisadora: Entendi, e bom, você já falou um pouquinho né sobre o que você sabe da área congelada, mas quais são também os problemas do bairro Areião?

Migrante: O problema de lá é somente isso né, infra-estrutura não tem, não tem assim, qualquer um que chega lá construiu de qualquer jeito invadiu não sei comprou o terreno lá e tem a enchente e tem muito lixo, muito.

Pesquisadora: Não tem coleta de lixo?

Migrante: não até tem sim, mas é aquilo, não sei se são os moradores também que não colaboram, mas a situação é bem... Barracos irregulares, muitas construções irregular, muito lixo, eles precisam também cuidar né, aí vem à enchente alaga tudo, eles perdem tudo e fica aquela revolta e é isso, é o saneamento básico que necessita né, a negociação, o prefeito tem que entrar fazer a urbanização das casas adequadas, tipo melhorar a situação dos moradores.

Pesquisadora: Eu acho que um outro bairro que sofre muito com as enchentes é o Lobo Guará né?

Migrante: Nossa lá é o pior, qualquer chuvinha lá, chuva de 2 ou 3 dias, ou de horas já alaga, o rio passa do lado né e qualquer chuvinha já alaga porque o bairro é muito baixo né, então alaga fácil, qualquer chuvinha já tem que o bombeiro ir resgatar as famílias sempre.

Pesquisadora: E o que o governo fala sobre lá, você não tem essa informação de lá?

Migrante: Não sei muito, na verdade lá também é área congelada e na verdade não é pra ninguém ir morar lá né e na verdade não tem como ver qualquer chuva o rio vem e alaga a sua casa.

Pesquisadora: Você tem alguém conhecido que mora lá?

Migrante: Eu tenho uma prima do meu marido que morava lá. Tem que fazer casas muito altas, mas mesmo assim nem a casa alta consegue porque a água invade com tudo, é muito perigoso morar lá muito.

Pesquisadora: Entendi, deixa eu te fazer uma pergunta, no bairro do sertão você acha que é tem casas de segunda residência, lá que tem gente que vem só pra ficar final de semana?

Migrante: Tem bastantes turistas no sertão, tem muitas casas lá perto da cachoeira.

Pesquisadora: mas no areião, no Lobo Guará você acha que tem, tem pousada alguma coisa assim?

Migrante: Lá já é mais difícil, só o sertão e em Camburi mesmo.

Pesquisadora: Quem são os principais moradores que moram no Areião e Lobo Guará que você acha?

Migrante: Eu acho que é o pessoal que vem de outros estados mesmo, justamente da Bahia, tem muito baiano, tem muita gente da Bahia aqui principalmente na barreira no areião é demais, tem muita gente de Minas, mas a concentração eu acho que maior é Baiano no litoral assim né, porque tipo vem um parente arrumar trabalho tipo também é que ai já vai e trás os parentes, os primos, irmãos e todo mundo.

Pesquisadora: E a vida assim econômica aqui é melhor mesmo?

Migrante: Assim, hoje em dia, eu acho que antigamente era melhor porque hoje em dia por causa do turismo que cresceu muito também, tem muito turista tipo, o custo de vida que a gente vive hoje é tipo o custo de vida de um turista que vem de São Paulo e que tem dinheiro, é tudo muito caro hoje em dia, antigamente não era assim, mas como foi crescendo foi crescendo isso também, então foi ficando tudo mais caro essa parte.

Pesquisadora: Você sente vontade de frequentar a praia com a sua família o ano inteiro?

Migrante: Todo dia, não só a praia daqui de Camburi, a Baleia, outras também que vou com minha amigas, Maresias, eu gosto muito.

Pesquisadora: E você se sente à vontade?

Migrante: Sim, sim, assim tirando as épocas de temporadas que é dezembro, janeiro e fevereiro e porque é muito cheia e eu não curto muito tipo acho que é muito lotado até uma vez ou outra e que algumas vezes vem os tios os primos e para acompanhar eles eu vou também, mas assim eu prefiro a praia mais deserta, mas eu prefiro nesse período que não tem muito turista e que você tem a praia só pra você e é muito bom.

Pesquisadora: E essa coisa de alta temporada, de baixa temporada tem época que aumenta

assim os valores, no supermercado assim?

Migrante: Não que acho que é caro sempre, não tem muita diferença, é caro sempre constante.

Pesquisadora: E quanto à água, falta água aqui em Camburi?

Migrante: Assim aqui este ano não teve muito problema com isso não porque eu acho que os moradores estão se conscientizando e estão economizando, não estão gastando assim à toa como antigamente né, porque como eu disse, tem gente que usava da serra, da cachoeira, assim então se você usa muito e desperdiçar chega uma hora que acaba então tem muito o pessoal que tem os poços né e aí não acaba nunca né, pode usar e que não vai acabar.

Pesquisadora: A tá entendi, é você se sente prejudicada por algo como moradora aqui de Camburi?

Migrante: Eu acho que só faltam umas coisas assim voltadas aos moradores, tipo área de lazer, tipo cinema, um shopping legal assim, porque assim tem mais em São Sebastião assim, assim nem São Sebastião eu acho que tem cinema, só em Caraguá, tipo pra quem sai de Camburi pra ir lá são 3 horas, 2 horas e meia de ônibus então é muito longe, eu acho que assim, deveria ter algumas coisas assim tipo cinema, tipo um parque legal, tipo aqui já é tudo tão natural, falta assim parque para andar de patins, andarem de bicicleta como tem em São Paulo, falta algumas áreas de lazer.

Pesquisadora: E você planeja voltar pra sua, voltar pra Bahia, voltar para a sua cidade?

Migrante: não porque como eu vivi muito pouco, na verdade eu lembro muito pouco de lá e tipo eu já me adaptei aqui eu já cresci aqui, já conheço tudo mundo já acostumei, e nesse lugar eu não quero sair daqui nunca.

Pesquisadora: Ah que bom...

Migrante: Não eu não pretendo sair daqui, é muito difícil às vezes eu passeio em São Paulo, mas eu não consigo ficar muito longe daqui, a gente sente saudade da natureza, da praia, de tudo assim, do sol, tudo, da beleza assim que tem aqui é muito eu não conseguiria, tem gente até de São Paulo que quer vim morar aqui.

Pesquisadora: Ah tem muita gente que quer vim morar aqui?

Migrante: É eu acho.

Pesquisadora: E a sua família, seus pais assim sentem vontade de voltar?

Migrante: A minha mãe não, eu acho também, ela se adaptou aqui arrumou trabalho e ela não tem vontade. Meu pai já trabalhou hoje em dia ele não trabalha mais por que, por causa de

saúde também e tal, mas ele tem fazenda lá que o meu avô deixou, tem uma herança, casa a gente tem casa lá também e meu pai vira e mexe ele fala né que queria voltar e que queria morar lá e a gente vai conversando com ele que o pai já está de idade e tem que ficar com a família e que lá é mais difícil a vida e não dá mais pra você ficar na roça trabalhar na roça é tipo uma coisa que não dá mais, mas ele eu acho que com certeza ele voltaria assim, ele tem vontade, mas eu acho que não volta não.

Pesquisadora: Entendi, assim a maioria das pessoas que você conhece assim, mais velhas que vieram pra cá você acha que sente um pouco de vontade de voltar ou você acha que não?

Migrante: eu acho que a maioria não, eu acho assim que pra quem se adaptou local, pra quem financeiramente trabalha, pra quem tem estabilidade, constituiu família aqui não volta não.

Pesquisadora: Quando o seu pai veio pra cá o objetivo dele era ficar aqui direto ou era só ficar um tempo e voltar?

Migrante: Olha, eu já não sei te dizer, na verdade ele veio a trabalho para tentar uma vida melhor né.

Pesquisadora: É ele veio sozinho primeiro né?

Migrante: É ele veio sozinho primeiro, então assim ele arrumou e já quis e que a gente viesse e já estava um ano longe né, então ele quis que viesse todo mundo, mas eu acho que é isso.

Pesquisadora: E qual era a cidade que vocês eram?

Migrante: Eu era da Bahia e eu nasci em Itabuna e meus pais são de uns bairros assim perto de roça assim, mas é muito legal assim eu gosto muito de fazenda.

Pesquisadora: E bom os problemas de Camburi então você disse que falta um pouco de lazer né, e quanto à saúde educação?

Migrante: falta também bastante, muitas vezes não tem no posto e quando entra um prefeito e aí tem uns que são contratados e vão embora e eles contratam outro pessoal, outros médicos e falta muito remédio para as pessoas, muito, muito, eu acho que tem que melhorar bastante a saúde também.

Pesquisadora: Entendi e você acha que é possível assim viver melhor, o que deveria acontecer para melhorar?

Migrante: Eu acho que depende muito dos governantes né melhorar a situação tanto da parte da saúde como lazer, geral né eu acho que depende muito deles né infelizmente, mas a gente sempre acredita que vai chegar alguém que vai mudar né, que vai melhorar né então vamos torcer aí.

Pesquisadora: Está certo então Adriele, muito obrigada pela sua atenção.

Migrante: Imagina.

Questionário: Agente Imobiliário

Bloco 1: Identificação do entrevistado

Nome/Idade.

Local de residência.

Local da imobiliária.

Formação.

Profissão.

Bloco 2: Mudança Social e Turismo

Qual a data que começou a trabalhar nesta imobiliária?

Como era Camburi nesta época?

Na sua opinião Camburi mudou muito desta época até hoje? Se sim o que?

Como é a sua relação com os caiçaras?

Como é a sua relação com os migrantes?

Como é a sua relação com os turistas que frequentam Camburi?

Como é a sua relação com os empresários do setor de turismo?

Qual é a sua opinião sobre a atuação do Estado e suas ações?

Bloco 3: Realidade Atual

Se sente satisfeito com o mercado imobiliário em Camburi? Se não, por quê?

Os turistas que compram uma residência secundária em Camburi são de quais cidades?

Há espaço em Camburi para se construir mais casas de segunda residência?

Qual é a sua opinião sobre os valores dos imóveis cobrados em Camburi?

Na sua opinião a questão ambiental é importante?

A questão ambiental atrapalha o setor imobiliário?

Você é a favor que se construam casas acima de 3 metros na orla de Camburi?

Qual é a sua opinião sobre Camburi hoje?

Se sente prejudicado por algo?

Na sua opinião a forma atual de organização da sociedade em Camburi exclui pessoas favorecendo algumas e desfavorecendo outras? Se sim, como isso ocorre?

Na sua opinião Camburi enfrenta quais problemas?

Na sua opinião é possível para a população local viver melhor em Camburi? Como?

Aplicação do questionário:

Pesquisadora: Meu nome é Tatiane e hoje eu vou conversar com o Senhor João, ele trabalha na imobiliária. É, por gentileza, qual é a sua idade senhor João?

Corretor: 39 anos.

Pesquisadora: Seu local de residência?

Corretor: Camburi.

Pesquisadora: Camburi mesmo. Qual é a sua formação?

Corretor: Direito.

Pesquisadora: Profissão?

Corretor: Sou empresário e trabalho na imobiliária.

Pesquisadora: A sim, qual data que o senhor começou a trabalhar na imobiliária?

Corretor: 2005.

Pesquisadora: É, como era Camburi nessa época ou o litoral norte?

Corretor: Era bem parecido com o que é hoje, é em termos de infra-estrutura o que melhorou foi à pavimentação, a estruturação também melhorou um pouco e o crescimento imobiliário que não foi assim tão grande, mas trouxe um público diferenciado pra cá.

Pesquisadora: É em sua opinião Camburi mudou muito dessa época até hoje, bom você já disse que não mudou muito né.

Corretor: Não mudou muito, está num processo de mudança eu acho que leva um tempo para este processo de mudança.

Pesquisadora: Este processo de mudança você acha que vai acarretar em que?

Corretor: Olha a tendência é que seja uma melhora econômica do bairro entendeu, porque está vindo mais comércio, está vindo um público diferente que não tinha antes, como a gente

falou agora pouco, que antigamente só tinha caiçara e hoje não tem mais, tem um pouco superficial por sinal, então essas pessoas que vem das principais cidades grandes e São Paulo estão tentando começar uma vida aqui e eu acho que eu tenho pra suprir se isso se efetuar, mas a tendência é que melhore o comércio é que melhore a vida de Camburi né.

Pesquisadora: Essas pessoas que estão vindo pra cá, essas pessoas não vêm por motivo de segunda residência, ou seja, eles não vêm só pra ficar nos finais de semanas e férias, eles vem pra ficar?

Corretor: Isso eles vem pra ficar, pra morar, pessoas que são veranistas que tem as casas, mas é só final de semana e temporada mesmo e que já estão acostumados com a região e já trazem tudo de São Paulo também, então não é ele que vai fazer melhorar o comércio.

Pesquisadora: Bem então essas pessoas que estão vindo pra cá elas costumam trabalhar com a formação delas ou costumam trabalham mais direcionado ao turismo?

Corretor: Não geralmente com a sua formação, elas tentam trabalhar com a sua formação aqui, tem muita coisa acontecendo, o problema é a dificuldade né porque não tem muito giro, então as pessoas geralmente montam um negócio, que o comércio vai ganhar dinheiro em uma temporada e isso geralmente não acontece à toa, muitos fecham em 2 anos e voltam para o local de origem, outros já sabem que demora e estão perseverando.

Pesquisadora: Entendo. É você poderia dar algum exemplo de um comércio desses?

Corretor: É muita gente com bar, restaurante de gente que abre para a temporada e não sabem que na baixa temporada a gente não tem este público aqui, o público vem no carnaval e nos feriados então fica difícil né.

Pesquisadora: Entendi, é como que é a relação do mercado imobiliário com os caiçaras hoje em dia?

Corretor: É não tem muita relação entre o mercado imobiliário até porque tem poucos caiçaras e eles têm poucas propriedades aqui.

Pesquisadora: E quando você chegou em 2005 havia mais caiçaras?

Corretor: É antes não tinha tanto também, este negócio de ter menos caiçara veio de um tempo atrás, desde a estrada já mudou, quase não tem caiçara aqui, aqui em Camburi deve ter 2 ou 3 famílias de caiçaras antigas aqui no máximo, a maioria foi embora para estudar, os mais novos já cresceram.

Pesquisadora: Entendi, e a relação com os migrantes? As pessoas que vem de outros Estados né, que vem para trabalhar aqui, é, a relação de vocês como que funciona?

Corretor: Bom na verdade a minha relação com qualquer pessoa aqui, seja o caçara, seja o migrante, seja quem vem de outro lugar é uma relação muito curta porque o cara vem me procurar porque ele está com interesse em comprar um imóvel em algum lugar e você compra e praticamente a relação se encerra ao comprar, agora a locação ela já se estende até o período de locação onde eu consigo perceber se a pessoa quer continuar ou não, agora a minha relação é devido ao mercado imobiliário mesmo.

Pesquisadora: Na verdade, a maioria das pessoas que alugam ou compram com você pode dizer que são pessoas que vem, são os migrantes que vêm morar de outros lugares?

Corretor: Não, quem compra é para passar o final de semana algum imóvel para a casa de lazer, é o imóvel dos sonhos, é a casa de praia, é o investimento, mas eu vou te falar que 99% é para comprar um imóvel de lazer aqui.

Pesquisadora: Tá, e com os turistas né, a gente sabe também que Camburi é uma praia que tem muitos surfistas né, que tem muitas ondas, geralmente os surfistas acredito que ficam mais em meios de hospedagem, não procuram tantas casas ou eu estou errada?

Corretor: Não, o surfista sabe que no Brasil não tem tanto incentivo então ele não tem tanta grana, então ele vem e faz “bate e volta” a grande maioria faz isso ou os próprios surfistas que tem casas aqui vem e ficam na casa em final de semana ou em casa de amigos, eles não usam muito os serviços de locação de casas, é o bate e volta mesmo.

Pesquisadora: É porque estão próximos de São Paulo né?

Corretor: Exatamente e porque não é todo dia também que tem onda então eles acompanham quando tem ondas.

Pesquisadora: Bem então os turistas eles alugam mais para ficar final de semana?

Corretor: Isso o turista que vem ficar no final de semana fica, ele procura muito hotel e pousada que já tem geralmente quem tem família e filho pequeno prefere ficar em pousada, tem bastante opção boa aqui.

Pesquisadora: É os que procuram as casas tem preferência por qual lugar de Camburi?

Corretor: Na verdade Camburi é uma praia pequena né e geralmente a procura é mais perto da praia, mas Camburi em geral é a praia mais conhecida.

Pesquisadora: Entendi e os turistas que compram uma segunda residência aqui né, que vem mais pra passar férias mesmo, essas casas elas estão onde, em que espaço de Camburi?

Corretor: Olha a maioria dentro de condomínio do canto direito de Camburi, dependendo dos valores, no sertão de Camburi principalmente o Cacau e o Piavu, então tiveram um

crescimento e é bastante procurado até pelo fato de que não tem muitas casas desse lado e também uma questão de valores por isso o pessoal procura o sertão também.

Pesquisadora: Entendi, tá certo e os empresários do setor de turismo, os restaurantes, hotelaria, qual é a relação de vocês com eles ou não tem muita relação?

Corretor: Olha não tem muita relação porque o público é diferente né, o cara que me procura não procura o hotel né, então temos uma relação de amizade né, eu conheço quase todo mundo aqui, mas comercialmente falando nós não temos muitas relações comerciais.

Pesquisadora: É e em sua opinião como que funciona a atuação do Estado e as ações do Estado aqui em Camburi?

Corretor: Olha, eu acho que falta muita coisa aqui voltada pro turismo, tô falando porque aqui não tem sentido, eu acho que o potencial da região é muito grande e está faltando muita coisa e principalmente do Estado, acho que mais da prefeitura do que Estado, você vê Camburi hoje tem melhorado por uma ação dos moradores que é a SACI que foi reativada tá, ela está agora com uma nova presidência que é o Pedro que ele é arquiteto aqui da região, é caçara então ele está dando uma melhorada boa, os comerciantes estão se conscientizando para fazer isso tudo funcionar melhor, tanto a segurança quanto a limpeza, mas é um incentivo não é de um órgão público é uma iniciativa privada, principalmente dos moradores daqui, dos comerciantes e a tendência é que ela cresça e daí consiga nos trazer um turismo um pouco maior e quem sabe a prefeitura vai enxergar isso e cuidar um pouco mais do bairro.

Pesquisadora: Em sua opinião o que o Estado, a prefeitura, o que eles poderiam fazer para melhorar Camburi?

Corretor: na verdade o que deveria ser feito aqui que começou a sair do papel foi o saneamento básico que já tem uma estrutura antiga, só que não está instalada, então, começaram a cerca de 20 dias eu vi o pessoal da Sabesp fazendo algumas marcações, eu acho que este é um passo importante, a hora que tiver o saneamento básico na praia, na região toda de Camburi já é um primeiro passo, até porque vai evitar a poluição e que graças a Deus ainda não tem e se cuidar disso não vai ter, então eu acho que este é um passo importante.

Pesquisadora: É bom, a terceira parte agora, é você se sente satisfeito com o mercado imobiliário aqui em Camburi?

Corretor: Olha na verdade o mercado imobiliário ele tá numa fase que em minha opinião ele já está estagnado, porque no boom imobiliário teve muitos lançamentos principalmente nas grandes cidades e não chegou a refletir tanto aqui, mas só que o cara que vai comprar casa na

praia não é o que ele precisa entendeu, é o sonho, então se ele pensar bem ele vai segurar um pouco o sonho dele pela situação e hoje o mercado é valorizado, hoje tem bastante casa muito bem feita e as casas novas com um padrão bom, tem um valor que está de certa forma compatível com o que a gente vê nas grandes metrópoles, mas eu acho que o mercado é delicado eu acho que não é uma coisa que a gente vai contar que nem sempre vai estar sempre bom nem sempre ruim.

Pesquisadora: É a maioria dos turistas que compra uma casa aqui eles são de quais cidades principais?

Corretor: Olha ultimamente está vindo muita gente do interior de São Paulo da região próximo de Campinas, você sabe que antigamente dava muito paulistano, santista e Mogiano, que eram as cidades mais próximas, hoje com o rodoanel que o cara vem de Campinas pra cá rapidinho, levam menos tempo do que ele levava antes, tem muita gente dessa região vindo aqui.

Pesquisadora: Bem em sua opinião há mais espaços em Camburi para construir mais casa de segunda residência?

Corretor: Olha ainda tem também, já não vai ter mais lançamento vai ter só renovação até porque a restrição é grande aqui na região e eu acho importante isso então você não pode construir muito nos espaços, então eu acho que daqui a uns 10 anos no máximo nós vamos estar na fase só de revenda e isso eu acho interessante, porque se continuar com esta restrição que está tendo vai ter uma valorização certa, porque vai restringir sempre a quantidade de pessoas né, aqui não pode verticalizar então não vai crescer pra cima e para os lados já não tem mais pra onde crescer, então vai começar a renovação, já aconteceu o caso de construtora que compra 2 ou 3 imóveis para fazer um imóvel novo.

Pesquisadora: Entendi e qual é a parte da Camburi que você acha que tem mais espaço hoje para se construir?

Corretor: Olha na verdade é pequena né, Camburi é uma praia pequena e então não dá pra subdividir ela em partes né, ela é uma praia que você vê a parte, a área mais distante da praia está a 800 metros da rua mais extensa, então a região toda já está acabando o espaço físico, pra terreno, por exemplo, quase não tem mais, a maioria já tem uma construção por mais que seja antiga é onde vai acontecer a renovação, vai derrubar a antiga e construir uma residência nova.

Pesquisadora: Entendi, assim é porque aqui próximo mesmo, de frente para o mar quase não

tem mais nada né?

Corretor: Aqui de frente para o mar não tem quase mais nada, praticamente deve ter uns 3 imóveis que estão disponíveis a venda e o resto não tem mais.

Pesquisadora: Então os espaços que tem hoje são mais para lado do Sertão?

Corretor: É o Sertão ainda tem um pouco de espaço só que é um espaço restrito por ser de preservação, só se pode usar 10 % da região, então apesar disso, à parte construtiva é pouca e eu acho que tem que continuara assim também.

Pesquisadora: Aqui na imobiliária tem algum terreno ou algum imóvel que vocês vendam ali próximo do bairro Areião?

Corretor: eu devo ter uma coisa assim, não é muito o meu foco lá, mas eu devo ter alguma coisa pra vender ali.

Pesquisadora: Entendi e você conhece alguma coisa sobre a área congelada de Camburi?

Corretor: Não.

Pesquisadora: E sobre a verticalização, qual é a sua opinião quanto à verticalização?

Corretor: Eu acho que sou totalmente contra, eu acho que tem que permanecer assim porque como é uma praia pequena eu acho que não vai suportar se verticalizar não vai suportar essa grande quantidade de pessoas, a estrada já não suporta, porque é uma estrada com duas pistas só e se verticalizar vai acabar com a beleza natural e não vai funcionar e tem que permanecer assim do jeito que está para haver só a renovação, o que tem de bom são só os hotéis que estão estruturados e o que pode acontecer é um meio da prefeitura trazer mais turistas pra cá, incentivar as pousadas e hotéis, o que vai melhorar a região é trazer mais turistas pra cá.

Pesquisadora: Entendi, é sobre os valores dos imóveis cobrados aqui em Camburi você já disse né que eu acho que está correto né?

Corretor: É eu acho que está, pelo o que a gente vê na cidade grande, tem gente que vem e acha que está caro, mas depende da região você pega um imóvel aqui que é alto padrão e tipo assim às vezes é mais barato do que lugar em São Paulo que é padrão médio baixo, então eu acho que está dentro do foco de mercado sim.

Pesquisadora: Tá é bom, a questão ambiental né a gente vê, por exemplo, na verdade é uma questão até de visão mesmo né, quando a gente passa pela BR-101 e onde a gente olha um pouco para a Serra e a gente vê as casas subindo e são casas irregulares né muitas vezes, mas como você vê a questão ambiental assim aqui?

Corretor: Olha na verdade isso ai é outra praia né, isso ai vindo de São Paulo pra cá, antes de

Camburi é uma região da Barra do Sahy, Juquehy, aquilo ali, aquilo ali é fruto da própria construção civil tá, muita gente trazia mão de obra de fora para obra e depois que acabava a obra os operários acabaram ficando e trazendo os parentes pra cá, dizendo que aqui era bom e que tinha um negócio bom e esse povo veio pra cá e acabou fazendo esses bairros e realmente em área que não era para ser feito porque está na margem da estrada, está no pé do morro, coisa que não pode ser, por exemplo se você for tentar aprovar um projeto você não vai conseguir e hoje o que a prefeitura fez, essa parte ela está regularizando, tem umas vilas na região e então ele foi lá congelou e isso eu sei sobre o congelamento que é uma área justamente de trabalho, aqui em Camburi eu não sei disso, eu sei que congelou e regularizou, só que eu não sei se é o certo né, porque foi o que eu falei, porque se você for fazer, se você for tentar pelos meios legais, então você não vai conseguir, então eu acho que isso não pode crescer tem que segurar e pode estragar.

Pesquisadora: Entendo, é a questão ambiental ela atrapalha o setor imobiliário de alguma forma?

Corretor: não de forma alguma ela ajuda, ela ajuda porque foi o que eu te falei quanto menos é mais né, então quanto menos construir, quanto mais restrito, mais preservação e vai continuar o que a gente tem de bom que é a beleza né.

Pesquisadora: É e em geral a sua opinião sobre Camburi hoje?

Corretor: Eu, Camburi é uma praia que eu gosto muito eu sempre frequentei aqui, eu moro aqui hoje e o que me preocupa um pouco em Camburi ainda é a segurança, eu não sei o que vai ser feito e não é só aqui e em tudo quanto é lugar, melhorou sem dúvida de um tempo pra cá, mas o que me preocupou um pouco é a segurança, Camburi é uma praia que está cada vez mais ficando familiar, porque antigamente ela era uma praia de solteiro, digo de mais jovens e hoje não, ela está mudando mais pra familiar, até porque os jovens de antigamente continuam frequentando aqui com a família com as mulheres com filhos então foi automático essa mudança, então a praia aqui tem a sua beleza, ela é charmosa, eu gosto muito, mas o que me preocupa um pouco é a segurança e precisava de os órgãos competentes olhar com um pouquinho mais de carinho para esta região toda, não só pra Camburi porque não pode deixar a segurança dominar isso aqui, a falta de segurança.

Pesquisadora: A falta de segurança você enxerga, como se, o que acontece aqui?

Corretor: é pra dizer que aqui para turista é assaltado em restaurante, pousada, na praia a noite antigamente a gente saía pra andar a noite hoje em dia a gente sente medo de sair pra

andar a noite na praia, então é esse tipo de segurança mesmo de furto de assalto, é esse tipo de segurança, que não está tão ruim como já foi um dia, mas tem que cuidar, eu acho que o que me preocupa cegamente é isso mesmo.

Pesquisadora: Essa nova associação né que está agora você acha que melhorou um pouquinho a segurança?

Corretor: É melhor sim, mas não podemos só depender da associação dos amigos né, dos moradores.

Pesquisadora: É, quais problemas que Camburi enfrenta hoje em geral assim?

Corretor: Eu não sei que tipo de problema tirando a segurança que afeta todo mundo eu acho que Camburi não tem um problema social que se fale que é gravíssimo, tem essa área que não está regularizada que tem muita gente morando, tem muita criança, eu acho que essas crianças precisam de uma estruturação foi pra lá uma verde escola agora e já está funcionando aqui em Camburi que teve iniciativa dos construtores da região, bastante iniciativa não só da prefeitura e eu acho que se for bem usado e se as crianças forem bem ocupadas eu acho que o futuro vai ser bom.

Pesquisadora: E até como morador você acha que é possível à população local viver melhor?

Corretor: É sem dúvida precisa conscientizar que tem que preservar que tem que cuidar e manter limpo não vai ser bom não só pra eles mas também pra quem vem.

Pesquisadora: E está certo, e a última pergunta né a atual organização da sociedade de Camburi você acha que ela exclui pessoas e favorece outras ou você acha que não?

Corretor: Não eu acho que não, eu acho que aqui não tem isso, não pelo menos eu não enxergo isso aqui nenhum tipo de exclusão.

Pesquisadora: Está certo muito obrigada pela nossa conversa tá.

Questionário: Migrantes de mão de obra qualificada

Bloco 1: Identificação do entrevistado:

Nome/Idade.

Mora em que bairro de Camburi.

Mora há quanto tempo em Camburi.

Local de residência antes de morar em Camburi?

Formação.

Profissão.

Onde trabalha.

Qual era o trabalho antes de ir morar em Camburi.

Bloco 2: Mudança social e Turismo

Porque veio morar em Camburi?

Como era Camburi nesta época?

Conseguiu encontrar o que procurava?

Foram bem recebidos em Camburi?

Como é a sua relação com os caiçaras?

Como é a sua relação com os turistas?

Qual é a sua opinião sobre o mercado imobiliário?

Qual é a sua opinião sobre as empresas e os empresários do setor do turismo?

Qual é a sua opinião sobre a atuação do Estado e suas ações em Camburi?

Bloco 3: Realidade Atual

Qual é a sua opinião sobre Camburi hoje?

Você mora ou conhece alguém que mora na área congelada?

O que você sabe sobre a área congelada?

Na sua opinião, quais os problemas que os moradores do bairro areião enfrenta?

Sente vontade para frequentar a praia com sua família?

Se sente prejudicado por algo?

Você planeja voltar para sua cidade de origem?

Você acha que Camburi enfrenta quais problemas?

Acha que é possível viver melhor em Camburi? Como?

Aplicação do questionário:

Pesquisadora: Hoje é dia 10 de julho de 2014 e eu vou entrevistar agora o Rodrigo que veio trabalhar aqui em um hotel em Camburi né, é Rodrigo qual é a sua idade?

Migrante: Eu tenho 28 anos.

Pesquisadora: Vinte e oito. E você mora aqui em Camburi?

Migrante: hoje não, eu moro em Boiçucanga que é aqui ao lado, mas eu trabalho aqui em Camburi há 8 anos.

Pesquisadora: E você já morou em algum bairro aqui de Camburi?

Migrante: Sim eu já morei aqui próximo do hotel.

Pesquisadora: É antes de vim morar em Camburi há 8 anos atrás, onde você morava em qual cidade?

Migrante: É eu vim de Salesópolis onde fica a nascente do rio Tietê ali próximo de Mogi.

Pesquisadora: É qual é a sua formação?

Migrante: Eu parei no segundo ano da faculdade de bacharel em administração de empresas e eu pretendo voltar, mas ainda por enquanto estou de “stand by”.

Pesquisadora: E quando você veio trabalhar aqui no hotel, você veio trabalhar em qual cargo?

Migrante: Eu vim trabalhar como garçom.

Pesquisadora: E hoje você exerce qual função?

Migrante: Hoje eu sou gerente operacional do hotel.

Pesquisadora: Entendi antes de vir trabalhar em Camburi há oito anos atrás você trabalhava com o quê?

Migrante: Eu trabalhava com o meu pai em um supermercado e ai depois eu fui trabalhar em uma pizzeria como garçom e ai apareceu a oportunidade pra eu vim pra cá.

Pesquisadora: Ah eu entendi, é, bom porque você decidiu vim morar aqui em Camburi?

Migrante: Porque apareceu a oportunidade de vir trabalhar pra cá e ai eu sai de Salesópolis né pra mudar um pouco os ares e então eu vim trabalhar aqui no hotel e estou aqui até hoje.

Pesquisadora: E como era Camburi nessa época?

Migrante: Oito anos atrás era bem diferente né, a estrada era de terra tinha uma pontezinha de madeira e agora foi concretada, Camburi era bem menor assim, tanto em tudo, até pousadas é, construíram mais pousadas e a gente está construindo mais aqui ao lado então estamos crescendo.

Pesquisadora: E você conseguiu encontrar em Camburi o que você procurava?

Migrante: Sim, sim, em camburi eu vim pra cá e eu não tenho vontade de sair né.

Pesquisadora: E o que mais te faz gostar daqui?

Migrante: A qualidade de vida daqui está muito boa, no trabalho também, constitui família também então gosto de morar aqui.

Pesquisadora: Está certo, é você foi bem recebido em Camburi?

Migrante: Sim.

Pesquisadora: Ta bom, é, como é a sua relação com os caiçaras daqui, as pessoas mais antigas você já teve algum contato com eles?

Migrante: Eu tive pouquíssimos contatos assim na praia, mas bem pouco assim, mais o contato é profissional mesmo com o pessoal do hotel aqui de Camburi.

Pesquisadora: Entendo, é a sua relação também com os migrantes, as pessoas que vieram morar de outros estados né, é como você tem contato com eles?

Migrante: só assim, é algumas vezes no ano a gente faz uma seleção de candidatos né e a gente faz uma entrevista grande e é aí que eu tenho mais contato com alguns funcionários, contrato alguns desses migrantes.

Pesquisadora: A sim, eles exercem quais principais funções assim no hotel?

Migrante: É bem variado, hoje no hotel tem funcionário de Sergipe, de Aracajú, mais da Bahia, tem bastante em diversas funções, desde chefe de cozinha que é Baiano a minha líder das camareiras é de Sergipe, eu tenho o meu chefe de A & B que é de Minas então é bem eclético aqui.

Pesquisadora: Paraná tem alguém, ou é mais difícil?

Migrante: Paraná não só nordeste mesmo.

Pesquisadora: Tá, bom e com os turistas né que você deve ter muito contatos com os turistas né.

Migrante: Sim.

Pesquisadora: Aqui em camburi é um pouco forte o turismo de esporte com o surf né e aqui

você tem muito contato com este tipo de turista ou não?

Migrante: Tem, tem um pouco mais o foco do hotel é mais familiar né, então tem os surfistas né, tem os amadores que gostam de surfar e vem com a família e enquanto a mãe fica com as crianças e até gosta de ir para praia, os pais pegam uma onda, geralmente este é o público, mas é um hotel familiar mesmo, bastante família.

Pesquisadora: Entendi, está certo e o turista de segunda residência, que tem uma residência secundária aqui você tem algum contato com eles.

Migrante: Sim geralmente na baixa temporada quando eles estão fazendo alguma reforma na casa, até a semana passada tinha uma família aqui até terminar a reforma eles ficaram aqui com a gente.

Pesquisadora: Ah entendi, está certo, e o turista que vem no final de semana a lazer que é o foco do hotel mesmo né, quem é este turista? O que ele busca aqui em Camburi?

Migrante: ele busca descanso né, uma praia, uma praia boa né, calma, gostosa, um lugar seguro também, sem uma criminalidade alta, relativamente baixa e descanso de São Paulo né, nosso turistas, a maioria dos nossos hóspedes aqui são paulistas, paulistanos.

Pesquisadora: tá certo e eles ficam geralmente quanto tempo aqui, aqui no hotel?

Migrante: no hotel geralmente é no final de semana a gente trabalha com pacote de sexta a domingo, sempre tem uma família que fica uma semana e até mais dias e aí é bem variado.

Pesquisadora: é você sofre bastante com a sazonalidade?

Migrante: tem uma sazonalidade sim, né o gráfico de ocupação do hotel é muito grande é oito, oitenta e a gente consegue na média dos Hotéis a gente trabalha forte com os eventos e tem pelo menos um evento por mês então à gente não trabalha no vermelho, sempre no azul.

Pesquisadora: E quais são os eventos que vocês recebem por aqui? Então vêm empresas, eles se reúnem, nós temos uma estrutura boa pra atender eventos pequenos, não eventos tão grandes né, de até 100 pessoas e geralmente são empresas já e no mês passado a gente teve evento do South to South, é uma empresa de surf né, eles vieram fazer o evento aqui com a gente né e os meses passados teve Basf, Bayer, são empresas grandes, mas só com os chefes né, os líderes deles, então são eventos pequenos.

Pesquisadora: Ah entendi, eles ficam mais dentro do hotel e não utilizam tanto a organização social assim de Camburi?

Migrante: Não eles vêm pra cá se concentram e ficam bem no hotel mesmo, Camburi eles vão no horário de lazer, vai ao restaurante dar uma volta, mas a maior parte do dia

trabalhando, eles vem a trabalho mesmo.

Pesquisadora: Entendi bom e em sua opinião sobre o setor imobiliário aqui de Camburi?

Migrante: Sobre o setor imobiliário eu não tenho tanto contato com o setor imobiliário e não tenho nem muito que opinar, eu sei que o metro quadrado aqui é muito caro, aqui em Camburi é bem caro e principalmente na parte da praia né, que é pé na areia né mais do mais assim não tem muito contato.

Pesquisadora: Você acha que é justo esses valores?

Migrante: Na verdade vai muito da demanda e oferta, a procura né, a demanda, é justamente então tem poucos terrenos pé na areia hoje em dia aqui em Camburi, ultimamente nem tem terrenos e os que têm são absurdamente caros e do outro lado da estrada serão mais baratos e aqui qualquer lugar vão ser assim.

Pesquisadora: É e você trabalha diretamente com empresários do setor de turismo né e o que você acha, como é que está este setor de serviços turísticos aqui de Camburi?

Migrante: O setor na parte hoteleira ou no setor do turismo em geral?

Pesquisadora: Restaurantes, hotelaria, setores voltados aos turistas.

Migrante: A entendi, olha o setor aqui é bem legal, Camburi tem uma estrutura muito boa pra atender pra receber os turistas né, tanto de hotéis, tem ótimos hotéis, pousadas tem são pousadas excelentes também, restaurantes o foco forte daqui de Camburi são os restaurantes, eles são muito bons né, o Manacá, o Aqua, Ogan e por ai vai, mas são muito bons os restaurantes aqui e o pessoal no atendimento ao turista tem o pessoal da SACI que estão trabalhando também, este ano, na metade do passado pra cá, eles estão dando uma decorada, tem uma patrulha, tem rádio e então eles estão investindo aqui e o pessoal das pousadas aqui estão se unindo pra fazer melhorar um pouquinho.

Pesquisadora: E em sua opinião como que a atuação do Estado, do governo aqui em Camburi, as ações deles aqui em Camburi?

Migrante: Na verdade as ações do governo, estado, na verdade seria mais municipal né tipo prefeito, não tem tanto investimento pra cá, depende, o que que atrai turista é a praia, a gente tem uma praia linda aqui mas não tem, por exemplo, agora na baixa temporada não tem nenhum evento pra chamar o turista pra Camburi, em Camburi já tentaram, tentamos já até fazer festivais gastronômicos com restaurantes, mas não tem nada sempre na baixa temporada mas é mais difícil, não tem tanto apoio assim, eles tentam incentivar o turismo, São Sebastião vive do turismo né na verdade a costa sul, sempre ainda tem um movimento, mas aqui não

tem tanto auxílio não.

Pesquisadora: E em sua opinião sobre Camburi hoje geral, o que você acha de Camburi se você fosse falar de Camburi pra alguém, o que vocêalaria?

Migrante: Ah já tem tanto tempo aqui, só tenho momentos ótimos aqui tanto trabalhando quanto de lazer também, é um lugar ótimo para se morar e ter a sua vida aqui, a qualidade de vida é ótima, é só coisas boas, só elogios a Camburi.

Pesquisadora: Então está certo. Você conhece alguém que mora ou já morou na área congelada?

Migrante: não, não conheço não.

Pesquisadora: é você não sabe nada obre a área congelada?

Migrante: não.

Pesquisadora: É você conhece alguém que mora no bairro Areião?

Migrante: Conheço sim.

Pesquisadora: Você conhece os problemas que as pessoas enfrentam nesses bairros?

Migrante: então tem uma parte que alaga que choveu inunda e tem uma parte mais tranquila, então tem, conheço alguns problemas sim, mas os principais são os fatores da chuva de alagamento mesmo.

Pesquisadora: É você sente vontade de frequentar a praia de Camburi com a sua família?

Migrante: sim sinto muita vontade de frequentar.

Pesquisadora: o ano todo?

Migrante: Sim o ano todo.

Pesquisadora: E você se sente prejudicado por alguma coisa, por um determinado grupo de pessoas?

Migrante: Não não de maneira alguma.

Pesquisadora: Você planeja voltar para a sua cidade de origem?

Migrante: Não estou bem aqui e eu pretendo ficar por mais um bom tempo.

Pesquisadora: É e você acha que Camburi geral enfrenta quais problemas assim que você acha que precisaria ser resolvido, você falou do turismo né, mas tem mais problemas?

Migrante: Chamar o turista na baixa temporada, na alta temporada qualquer praia daqui da costa sul de São Sebastião se promove né, mas tem alguns problemas pontuais, o pessoal da SACI já está tentando resolver, mas é coisa.

Pesquisadora: Alguns problemas, você pode dar algum exemplo?

Migrante: Problemas pontuais do pessoal da SACI, um exemplo que dermos é que tem que ter mais reforma, manutenção aos decks e que a prefeitura aqui que mantém mas eles não mantiveram, então a SACI veio e refez o Deck e são coisas que estão fazendo por aqui, mas era para a prefeitura manter.

Pesquisadora: Entendi então você está satisfeito com o serviço do SACI?

Migrante: isso sim, mudou bastante, de um ano pra cá eles estão tentando melhorar, eles estão fazendo como podem fazer novas coisas, assim eles cobram mensalidade.

Pesquisadora: Eles cobram somente para os serviços turísticos ou para os moradores também?

Migrante: quem quiser ajudar, é uma ONG né e quem quiser ajudar ajuda com quanto puder né.

Pesquisadora: Está certo e a última pergunta é você acha que é possível viver melhor em Camburi? Melhor pra quem mora, pra viver mesmo?

Migrante: Pra morar em Camburi, não entendi.

Pesquisadora: Pra quem mora em Camburi você acha que tem como viver melhor?

Migrante: melhor ainda, entendi a tendo uma parte de um apoio maior assim do município, um posto de saúde melhor ou alguma coisa mais perto, mais Camburi já é uma delícia pra morar e não tem assim...

Pesquisadora: Você está satisfeito com todos os serviços?

Migrante: sim tem o posto de saúde Boiçucanga que é perto, dá pra melhorar um pouquinho o bairro mas no geral está tudo ótimo sim.

Pesquisadora: Está certo então Rodrigo, obrigado. O Rodrigo trabalha no hotel que fica em frente ao mar aqui em Camburi.

Migrante: Obrigada Tati.

Pesquisadora: Obrigada, eu é que agradeço viu.

Questionário: Empresários

Bloco 1: Identificação do entrevistado

Nome/Idade.

Local de residência.

Formação.

Profissão.

Ramo de atuação.

Qual era ou é o seu trabalho antes de investir em Camburi?

Bloco 2: Mudança Social e Turismo

Por que decidiu investir em Camburi?

Qual a data que veio para Camburi?

Como era Camburi nesta época?

Na sua opinião Camburi mudou muito da época de sua chegada aqui?

Conseguiu buscar o que procurava?

Como é a sua relação com os caiçaras?

Como é a sua relação com os migrantes?

Como é a sua relação com os turistas?

Qual é a sua opinião sobre o mercado imobiliário?

Qual é a sua opinião sobre a atuação do Estado e suas ações?

Bloco 3: Realidade Atual

Se sente satisfeito com a oferta de trabalho local? Se não, por quê?

Se pudesse fazer outro investimento ou ampliar seu atual empreendimento em Camburi faria?

Quais? Quais seriam os problemas que enfrentaria para conseguir isso?

Como funciona a sazonalidade em Camburi?

Quais são os problemas que a sazonalidade gera e como seu negócio reage a isso?

Qual seria a solução para o problema da sazonalidade?

Você pensa que a questão ambiental é importante?

A questão ambiental atrapalha seu negócio ou planos de ampliação ou investimento?

Qual é a sua opinião sobre Camburi hoje?

Se sente prejudicado por algo?

Na sua opinião a forma atual de organização da sociedade em Camburi exclui pessoas favorecendo algumas e desfavorecendo outras? Se sim, como isso ocorre?

Na sua opinião Camburi enfrenta quais problemas?

Na sua opinião é possível para a população local viver melhor em Camburi? Como?

Aplicação do questionário:

Pesquisadora: É hoje é dia 11 de julho de 2014 e agora vou conversar é com o empresário aqui de Camburi e como é o nome do senhor?

Empresário: Roberto.

Pesquisadora: E a idade?

Empresário: 59 anos.

Pesquisadora: Local de residência?

Empresário: Camburi.

Pesquisadora: Sua formação?

Empresário: Universitário.

Pesquisadora: Sua profissão?

Empresário: hoje comerciante.

Pesquisadora: E qual era seu trabalho antes de trabalhar como comerciante?

Empresário: Geólogo, eu trabalhava em uma empresa estatal de mineração.

Pesquisadora: Tá é porque que o senhor decidiu investir aqui em Camburi, comprar um comercio aqui?

Empresário: Foi por acaso, porque eu tinha a minha casa de praia aqui, eu frequentava aqui como área de lazer e ai eu fui gostando do lugar e achava que pra eu mudar pra cá eu precisava de uma renda aqui e foi nesse sentido que eu resolvi montar um negócio aqui.

Pesquisadora: E faz quanto tempo que o senhor veio e montou o seu negócio aqui?

Empresário: É na verdade eu tenho a minha casa aqui desde 1978 e fui montar o meu negócio em 1986, o meu primeiro negócio aqui não foi na praia de Camburi foi à praia de

Boiçucanga.

Pesquisadora: Entendi e como era Camburi nessa época?

Empresário: Não tinha nada, não tinha nem luz elétrica, era pra ser uma pura vilinha de pescador daquelas mais bucólicas sem nada só com os caiçaras.

Pesquisadora: É está certo, é o senhor acha que mudou muito de lá pra cá e o que que mudou?

Empresário: Mudou tudo totalmente, a única coisa que não mudou é que até hoje não se tem esgoto aqui, então fica com as coisas mais rudimentares possíveis, mas o progresso chegou desde adensamento populacional da construção civil grande, do calçamento só que sem nenhuma estrutura sanitária de água e esgoto continua do mesmo jeito isso não mudou.

Pesquisadora: Você conseguiu encontrar aqui o que o senhor veio buscar aqui?

Empresário: Não na verdade eu vim pra cá porque eu gostava do lugar, eu sempre gostei sempre me identifiquei e teve um componente ecológico sempre muito grande, porque a minha própria profissão de ligar com a minha ciência natural de um lugar totalmente preservado e de uma beleza única eu vim por causa disso eu não vim pra fazer negócio aqui.

Pesquisadora: Entendi e toda essa mudança aqui nessa sociedade continua e você está satisfeito assim?

Empresário: Não, na verdade eu acho que a estrutura ela não mudou nada, ela não trouxe esse, desde aqueles primórdios ela continua ainda vivendo de um verão, só que aquela lá em uma quantidade menos e existe hoje uma chegada de estrada uma chegada de uma infraestrutura melhor, houve um adensamento populacional.

Pesquisadora: Esse adensamento mudou a opinião do senhor quanto a Camburi?

Empresário: É eu não tenho, não sou dos mais pessimistas, eu não acho que Camburi hoje está acabando que Camburi eu acho que está preservado ainda apesar de algumas ocupações irregulares em áreas de Parque, um desmatamento em área de restinga, mas também não tem nada muito assim alarmante, a população em encosta de morro.

Pesquisadora: Tudo bem, bom o senhor falou né, que quando o senhor chegou aqui era uma vilazinha de caiçaras, qual é a relação do senhor com os caiçaras daqui de Camburi?

Empresário: A questão é a seguinte, a minha relação com eles é boa apesar de que os caiçaras hoje são poucos e isolados, mas eles já eram uma comunidade pequena já naquela época e já diminuiu mais ainda, o Caiçara ele nunca se preparou para trabalhar com o turista tanto na área do serviço como na área comercial, o que foi que eu vi que eu acompanhei dos

caíças que o grande dote deles eram os terrenos que eles tinham, eles foram vendendo, vendendo e vivendo com aquele dinheiro até acaba e hoje ainda há algumas frações pequeníssimas vendendo, as menores áreas que o próprio capital engole que é natural e não tem mais nenhum terreno de frente pra praia, foram vendidos para condomínios e a única coisa que tem que a gente ver, que eles tem um, ah eu acho que eles perderam um filão bom.

Pesquisadora: É o senhor comentou agora, sobre os condomínios né, então houve também com a chegada da estrada um mercado imobiliário aqui cresceu bastante aqui, é com pessoas comprando mesmo as terras dos caíças né e qual é a sua relação com o mercado imobiliário qual é a sua opinião sobre ele hoje?

Empresário: Então a minha relação com o mercado imobiliário não tem nenhuma, não tenho nada eu nunca trabalhei nessa área e o que eu vejo no mercado imobiliário é uma coisa inevitável, é são investidores que vem com dinheiro, com interesse em comprar e se faz um comércio como se faz em outro lugar, pode ter alguma reclamação eu acho que vem de algum turista, que alguém vendeu barato que sei lá, mas não teve nenhuma exploração é a lei de oferta de mercado, de demanda.

Pesquisadora: Ta certo é para a construção da estrada houve também a chegada de muitos migrantes né, e depois com o crescimento do mercado imobiliário eles também continuaram trabalhando na região né, é como que é a sua relação com eles?

Empresário: Eu acho que está idéia tua é errada, não veio com a estrada um monte de migrantes, a estrada veio e os operários da estrada vieram e foi embora como em qualquer outra construtora, o que trouxe a maioria dos nordestinos que são Baianos aqui, tem mais é Baiano, quase 99% são Baiano, poucos de lá do mais do nordeste, Maranhense essas coisas, Pernambucano é bem pouco dessa região do sul veio também alguma pessoas, mas vieram como caseiros em uma fase posterior, então eles vieram mesmo com a construção civil, vieram para construir os condomínios, no caso os construtores traziam, recrutavam essa mão de obra no nordeste ou se eles fizeram muita gente veio, trampolim via São Paulo, alguns já vieram diretos boa parte ficou, que é onde estão nessas favelas foi aí o principio da formação dessa favelas, teve as primeiras favelas aqui, que foi a favela tropicanga em Boicucanga e a da Vila Sahy, que é a vila Baiana que mudou da Vila do Sahy na Barra do Sahy e hoje agora no tal do areião aqui no Camburi.

Pesquisadora: Bom é com a chegada da estrada também é o mercado imobiliário também chegaram os turistas, o que o senhor pensa dos turistas em geral?

Empresário: Olha na verdade o que eu penso, o turistas ele vem atrás de lazer e é bem recebido bem aceito como nicho de mercado pra quem é comerciante, é obvio vive deles e é um nicho que tem é de onde vem a renda e aqui não tem indústria, aqui não tem nada, a pesca praticamente inexistente. Toda a renda vem toda do turista, toda a renda vem do turista, do turismo.

Pesquisadora: É que são praticamente três tipos de turistas que mais Camburi recebe os turistas que vem para a pratica do esporte que seria o surf, o outro é o de segunda residência que tem a segunda residência e o outro tipo de turista que vem pelo motivo de lazer.

Empresário: Eu acho que não dá pra você separar desse jeito, não dá, não dá, ele é tudo assim, porque se o cara já vem pra cá como turista é porque ele gostava de surf, porque ele já tinha uma vida mais desprovida, gostava de praia, gostava de natureza ou se ele tinha uma formação muito paulistana, muito burguesa, negócio, ele ficava lá no Guarujá, ele ia pro litoral sul ele tinha um outro lugar e se não tivesse nenhuma relação com o surf, menos ainda não dá pra você separar ele, penso eu porque mesmo se eu não surfasse como não o meu filho já incentivava o surf, então não dá pra você discriminar na mesma família você tem duas coisas então não dá pra você separar, isso se faz, o que dá pra você fazer é em uma faixa mais ampla que é de fato um pessoal mais aberto com mais uma tendência de uma vida natural de preservação ambiental com princípios ecológicos e com prática esportiva.

Pesquisadora: O que atrai também derrepente essas pessoas que vem praticar o surf aqui seria também as ondas?

Empresário: com certeza porque são as melhores ondas do Estado de São Paulo, estão aqui nessa faixa entre, é que vem daqui de Camburi pega até Maresias, mas também passou de Maresias, não tem mais onda então também concentra nisso.

Pesquisadora: E uma outra característica que derrepente pode se dizer também é que o surf, o turista que vem praticar o surf aqui é que derrepente ele vem para passar o dia, ele vem no começo do dia pra praticar o surf e pode voltar dependendo da residência fixa dele, ele volta no mesmo dia e acaba não utilizando serviço?

Empresário: Tem isso também, mas é pouco é insignificante, tem uns caras que fazem aqui uma trip van, que eles pegam em São Paulo nos lugares lá, tipo no terminal de ônibus, vem passam o dia e voltam e junto tem muito surfista que vem de Santos num “bate e volta” também, vai e volta, vem da riviera de São Lourenço que são ares que também, lá ainda tem um pouquinho de surf mas é...

Pesquisadora: Tudo bem, é, e sobre a atuação do Estado, do governo local né é qual é a opinião do senhor como é essa atuação hoje?

Empresário: é um lugar totalmente abandonado tanto do poder municipal como do poder estadual entendeu, ele inexistente, qualquer tipo de apoio, tanto para empresário pra comércio, tanto para caçara, existe só uma presença da prefeitura, né que também não lida com as questões mais sérias que é a questão da saúde pública com a questão da educação e isso é tudo jogado pra um segundo plano, a questão sanitária de esgoto, nós ficamos há 40 km do centro de decisão e eles tratam isso com se fosse aqui o quintal, mas nada sério eles acham que são pessoas que vem pra cá são paulistanos endinheirados que não precisa de atenção nenhuma do poder municipal e você perguntou da outra?

Pesquisadora: é das ações do Estado.

Empresário: É das ações, do estado menos ainda, a única coisa que o Estado fez aqui foi quando abriu uma rodovia estadual e através da Sabesp está chegando o esgoto em algumas cidades, mas aqui em Camburi é ainda nada, então o estado praticamente inexistente, polícia não tem, tem uma viatura para correr não sei quantos km de praia 120 km entre 3 viaturas, tem a questão do assalto da criminalidade que aumenta e é crescente, delegacia, uma delegacia pra tudo, nem todas as ocorrências policiais são feitas BO, entendeu então você nem tem uma estatística confiável da criminalidade por aqui.

Pesquisadora: Eu vou passar para a terceira parte do bloco de perguntas né. O senhor se sente satisfeito com a oferta de trabalho local?

Empresário: Não eu preciso de trabalho, você diz oferta de trabalho?

Pesquisadora: isso oferta a mão de obra. A mão de obra local pra trabalhar?

Empresário: O mão de obra local praticamente não tem sentido de você... Não tem gente qualificada pra nada e você tem pessoal que vem e só para construção civil e o que que acontece que um jovem aqui não tem nada, ele acaba estudando fora vai fazer faculdade em Mogi e vai, não sei aonde e também sai porque qual é a oportunidade que o jovem tem? ou é ser garçom ou trabalhar em uma pousada ou trabalhar em um comércio e além disso tem um negócio que é muito forte aqui que não há empresário que se sustente tanto é que a quebradeira aqui, é geral por causa da sazonalidade, a sazonalidade aqui é fortíssima e coisa sazonal fica muito difícil trabalhar.

Pesquisadora: O senhor está comentando sobre a sazonalidade né, quais são os problemas principais que o seu comércio sofreu com a sazonalidade?

Empresário: O meu comercio sofre como todos os outros comércios sofrem, porque você tem que ter um fluxo de caixa porque você tem que principalmente nas leis trabalhistas brasileira, nas questões de imposto, você tem compromisso com aluguel, diariamente então você não tem um faturamento que você chega a trabalhar no vermelho longos meses e às vezes você entra numa temporada já devendo, então você só faz aquele faturamento para cobrir o que você já estava endividado e isso aqui vira uma bola de neve, pouca gente tem filão pra guardar, pra sentir isso, então é muito ilusório só sobrevive o comerciante aqui é aquele que tem baixo custo entendeu, tem imóvel próprio.

Pesquisadora: É bom se o senhor pudesse o senhor investiria em um outro comércio aqui em camburi?

Empresário: Não.

Pesquisadora: Certo, nem ampliaria o seu?

Empresário: Não, então ai é uma questão claro que se eu não investir no meu próprio negócio eu desapareço, mas...

Pesquisadora: É o que acontece com muita gente?

Empresário: É o que acontece com muita gente, sempre fazendo coisas novas, mas é o tipo de um negócio que compensa você tem em função da qualidade de vida que você tem, mas como negócio lucrativo é muito melhor você investir num centro onde não tem sazonalidade, nem digo que seja um centro de ter uma renda maior, mas onde não tenho a sazonalidade porque você tem aquilo você sabe vai faturar aquilo, que de segunda a sexta você vai fechar, outra coisa também atrapalha demais é que você só trabalha em finais de semana e feriado que é justamente onde está todo mundo no lazer e você tem que estar trabalhando.

Pesquisadora: Tem alguma solução o senhor vê alguma solução para a sazonalidade? Dá pra pensar?

Empresário: É a sazonalidade eu vejo a solução em outros lugares já se resolveu isso, um exemplo claro disso é Parati, entendeu que pega um turismo internacional que enche todas as praias que faz eventos, tipo a Flip que é um evento literário, faz festival de jazz, mas tudo com apoio de secretaria de turismo de Estado porque a livre iniciativa não tem condições de fazer isso, tem que ter apoio governamental, municipal, isso se, porque você enche a baixa temporada você tem uma rede hoteleira boa ofertando que fica tudo parado agora, próximo de São Paulo, próximo de aeroporto é uma questão de incentivo mesmo, eu acho que falta política de, política governamental de incentivar o turismo de fazer circular coisa, aproveitar e

aproveitar a praia onde tem um mar limpo né, até que ponto a gente não sabe né.

Pesquisadora: E diante disso tudo o senhor se sente prejudicado por algo aqui em Camburi, assim em geral o que que te prejudica o seu comercio no caso?

Empresário: O que me prejudica? É a sazonalidade né dos problemas também do Estado né. É na verdade o que prejudica não é o que prejudica ou que se, a pergunta é o seguinte, o que falta para alavancar ele? Eu penso assim né, porque você está ai estabelecido então está levando coisas o que falta mesmo é um incentivo ao turismo porque o nosso produto, o produto econômico da região é o turismo, desde que você tem o turismo, qual é o tripé básico do turismo? Você tem uma rede hoteleira boa que tem que se, você tem segurança, você quer ter o que mais? Um bom comércio pra você também atrair, pra você receber o turista, porque o que é que você tem você tem chuva demais então se o cara vem pra praia e ele fica ai uma semana chovendo ele vai embora, não tem nada para fazer na cidade, precisa de atividade, atividade de lazer, então, mas é uma coisa que esses essas pessoas que estão no poder ai não pensam, não pensam, não pensam, pensam de outra forma.

Pesquisadora: Bom na opinião do senhor o senhor acha como que está organizada a sociedade hoje em Camburi exclui algum grupo de pessoas favorecendo outra ou o senhor acha que não acontece isso aqui em Camburi?

Empresário: É na verdade eu acho que não acontece, mas é lógico que tem coisas assim pessoas que não sem preparo e ai é falta de estrutura, mesmo de formação, sem formação não consegue né atender uma pessoa de um nível tão diferente tão poderosa.

Pesquisadora: Que é o perfil do público que frequenta aqui?

Empresário: Isso é o perfil do público, isso acaba caindo só pro lado da prestação de serviço básica, ou seja, que se diz lógico são os menos favorecidos que não dão conta de trabalhar com, porteiro de condomínio, faxineira, faxineiro e como é que você inclui socialmente essas pessoas? Como é que você mede isso? Educação, educação dos filhos né porque eles já foram, está próximo à geração que vier.

Pesquisadora: É bom quanto aos problemas de Camburi o senhor tem mais algum pra citar?

Empresário: A eu acho que o problema mais sério de Camburi hoje é a segurança não tem policiamento, não existe segurança, existe uma criminalidade em crescente assaltinhos e roubos de carro, roubo de casa e o problemas de esgoto né, enquanto não tiver esgoto e água é um problema sério, porque vai dar um tiro no pé né, porque se você tem hoje ai a principal atração que é a praia, se você ver o rio de Camburi, é totalmente poluído em relação a esgoto,

fossa clandestina é de monte.

Pesquisadora: Bom assim, pra terminar né, o senhor acha que em sua opinião é possível viver melhor aqui em camburi e eu acho que já vem um pouco né de tudo o que vem falando?

Empresário: É eu acho que em Camburi se vive bem, a praia, você não tem nada aqui você tem um adensamento populacional, o nosso próximo farol de transito está a 40 km daqui, você em 3 minutos, você está em Boiçucanga, que é uma qualidade de vida excelente, Camburi está bom está organizadinho.

Pesquisadora: Qual é a sua opinião sobre a verticalização?

Empresário: claro eu sou contra e a verticalização, é um processo que vem discutindo ai há vários anos já tentaram isso há mais de 15 anos atrás, já passaram ai este processo de verticalização através de uma ex que eles chamavam que é uma zona de interesse social para acabar com o problema, mas isso ai é uma faca de dois gumes porque se você libera lá, daqui a pouco o cara entra ai com o negócio e libera então predinho na favela e predinho na frente da praia e ai com certeza vai se tornar um Guarujá e já é sensação e ai já era e ai acabou e ai eu vejo como então um dos grandes trunfos que é a principal bandeira nossa aqui é frear justamente a verticalização, já temos um problema sério que você já deve ter ouvido de um monte de gente ai, que a gente só tem 2 pavimentos e um terceiro pavimento de até 9 metros de altura que seria um mesanino, já devem ter contato isso pra você e já tem dentro da prefeitura isso ai, eles estão querendo colocar em votação e já está deslavado isso e já tem várias obras com o terceiro andar mesmo na forma da lei, mesmo mantendo um pé direito que a lei manda que é 9 metros e meio de altura.

Pesquisadora: Estão querendo mudar isso?

Empresário: Estão querendo mudar, já mudaram, só estão querendo fazer uma lei pra sacramentar, já mudou, o poder da construção civil é muito forte né os terrenos são carissimos né, então.

Pesquisadora: Está certo. Bom eu gostaria de agradecer ao senhor pela entrevista tá e muito obrigada e só para concluir o comércio do senhor aqui em Camburi é uma banca que vende também livros e é um café né, está certo, muito obrigada.

Questionário: Caiçara Presidente da associação Amigos de Camburi - SACI**Bloco 1: Identificação do entrevistado:**

Nome/Idade.

Mora há quanto tempo na sua residência atual.

Local de residência na década de 1970.

Formação.

Profissão.

Onde trabalha.

Bloco 2: Mudança social e Turismo:

Como era Camburi na década de 1870?

A vida em Camburi mudou muito daquele tempo?

Na sua opinião qual foi o maior indutor de mudança?

Qual era o seu trabalho nesta época?

Como foi quando modificaram a legislação de São Sebastião instituindo o Parque da Serra do Mar?

Como foi a chegada da construção da Br-101?

Na sua opinião o que mudou com a chegada dessas duas instituições?

Na sua opinião como foi a chegada de novos moradores de outros estados brasileiros?

Como eles eram e o que buscavam?

Tem muita gente chegando ainda?

Com é a sua relação com os migrantes?

Como foi a chegada dos primeiros turistas?

Como eles eram e o que buscavam?

Como é a sua relação com os turistas?

Como foi a chegada do mercado imobiliário?

Como eles eram e o que buscavam?

Qual é a sua opinião sobre o mercado imobiliário?

Como foi a chegada dos primeiros empreendedores de serviços turísticos?

Como eles agem hoje nesta sociedade e qual é a sua avaliação sobre isso?

O que eles pensam sobre a atuação do Estado em suas ações na década de 1970?

Qual a sua opinião sobre esta atuação do Estado atual?

Bloco 3: Camburi e a Realidade Atual

Qual é a sua opinião sobre Camburi hoje?

Você se sente prejudicado por algo?

Você sente vontade de frequentar a praia com sua família? Se não por quê?

Você pensa que Camburi enfrenta quais problemas?

Você pensa que é possível viver melhor em Camburi? Como isso poderia acontecer?

Aplicação do questionário:

Pesquisadora: Bom, hoje é dia 11 de julho de 2014 e eu vou conversar com o caiçara que também é presidente da Associação Amigos de Camburi, é o seu nome por favor?

Caiçara: Pedro

Pesquisadora: Qual a sua idade?

Caiçara: 39 anos.

Pesquisadora: E qual é o seu local de residência atual?

Caiçara: Atualmente eu moro no Sertão do Cacau.

Pesquisadora: No Sertão do Cacau aqui em Camburi, tá você sempre morou lá ou você morava em qual outro lugar de Camburi?

Caiçara: Na verdade meus pais foram morar em Santos, meu pai é de Maresias, ele é caiçara de Maresias e minha mãe é caiçara aqui de Camburi, mas eu sempre tive contato aqui, com meus avós, toda a minha família é daqui então eu sempre tive contato aqui porque meus pais vinham visitar meus familiares, então eu morei em Santos e com 25 anos eu vim pra cá morar em Camburi, então meu pai já tinha se aposentado e já tinha voltado e minha mãe voltou junto com ele e eles abriram o restaurante, então eu vim trabalhar com eles, então eu sai de Santos e voltei pra Camburi.

Pesquisadora: É sua formação?

Caiçara: Sou arquiteto.

Pesquisadora: E profissão?

Caiçara: Arquiteto.

Pesquisadora: Trabalha com arquitetura aqui em Camburi mesmo?

Caiçara: É em Camburi.

Pesquisadora: Bom então pra voltar um pouquinho no tempo né, quando você tem 39 anos né, acho que foram pouquinho quando já houve essa mudança em Camburi, mas o que você pode dizer assim do início de quando você conheceu Camburi, é como que foi essa mudança, como que era antes e como que ela é hoje assim?

Caiçara: Ah Camburi ela tinha a maioria dos moradores e das pessoas que você encontrava na rua era caiçara, as pessoas local então você via a pesca, a atividade de agricultura, plantação de banana ou mandioca é, tudo era de terra, tudo não tinha muro você passava por todas as casas, passava de quintal em quintal, tinha muitas árvores frutíferas, se comia muita goiaba, muito café, muita pitanga e Camburi era, a maioria era caiçara e a cultura era caiçara né, hoje está um pouco diferente.

Pesquisadora: E tinham alguns poucos turistas que frequentavam aqui e você lembra um pouco deles dessa época?

Caiçara: É a praia de Camburi era frequentada por surfistas, então os turistas eram surfistas porque era difícil chegar aqui porque era uma aventura e até tinha, não, não tinha estrada, as pessoas vinham pela estrada rudimentar que era de terra ou uma parte passava pelas praias e alguns trecho pelas praias então era um pouco improvisado, os caiçaras poderiam oferecer um pouco pra eles, então alguns caiçaras ficavam em casa, alguns outros caiçaras já tinham, já estavam mais ligado nesse é nessa atividade né, porque eles viram os comércios ali e, por exemplo, havia uns quartinhos não muito bons mais acomodava estes turistas e que também servia de venda também para os caiçaras né então pra comprar mortadela, comprar pão, é um refrigerante é alguma coisa porque o resto os caiçaras produzia, eles produziam arroz, produziam feijão, mas algumas coisas não tinham.

Pesquisadora: Pra construção da estrada vieram muitas pessoas trabalhar aqui na construção, pessoas que vieram de outros estados do Brasil né, é e como foi à chegada desses migrantes aqui e você lembra de alguma coisa?

Caiçara: Então a estrada ela chegou e alguns ficaram aqui, alguns migrantes né, alguns migrantes ficaram aqui tanto que desde essa época, já fazem parte até da cultura local eles conseguiram assimilar e foi muito assim foi gradativo não foi que fez a estrada e já chegou

todo mundo aqui, ninguém conhecia, pra construir a estrada e na década de 90 e 80 a BR-101, em 82, essa faixa ai não lembro com exatidão o ano mais foi lentamente que foi chegando e o pessoal não sabia o que era Camburi, Juquehy, não sabiam nada.

Pesquisadora: Entendi, é e tem muita gente chegando ainda né?

Caiçara: Então a construção civil foi a que trouxe a maioria dos migrantes né, os migrantes porque eles demandavam de mão de obra pra construção e os caiçaras apesar de saberem fazer construção não tinham essa dinâmica da construção civil né, mas construiu por conta própria e sempre foi essa cultura de subsistência e o caiçara ele não sabia o valor da terra né, eles não sabiam, eles não enxergavam então e os que vieram de fora os empresários já sabiam que quando a BR-101 abriu essa porta, então ficava fácil essa estrada facilitou o acesso as praias e as praias é o local, essa mata atlântica então é lógico eles não tinha essa visão e os caiçaras ainda não, então essas casas foram sendo vendidas e os condomínios foram sendo construídos, os condomínios trouxeram essa onda de migrantes e ai como a terra ficou super valorizada esses migrantes ficaram em locais menos valorizados em Camburi, em Camburi assim como em outras praias começaram as vilas. Aqui a gente conhece o Areião o Lobo Guará. E os caiçaras acabaram alguns nessas áreas e outros em áreas menores e Camburi eu acho que tem ainda um pouco mais do que em outras praias de caiçaras ainda perto da praia, muitos em outros lugares estão ocupando as vilas, muitos caiçaras de Camburi estão ocupando as vilas já, porque são terras baratas e foram pra lugares como sertão do cacau e foi indo para outras áreas.

Pesquisadora: E aqui próximo da região que você está aqui próximo da igreja ainda tem algumas famílias de caiçaras né?

Caiçara: É aqui é um pouco maior ainda pra este canto, mas tem ali perto da praia tem o seu Clementino que são pessoal caiçara, tem também o pessoal ali perto do Nicas que tem, onde está lá o como é o nome dele a Dona Chica, o Nilsinho, o Leandro, então o pessoal ali também é caiçara depois aquele lado ali da rua ali a rua do sossego tem também um pouco de caiçaras né e ai dá pra ver que tem um pouco de caiçara aqui ainda, é lógico que não tem mais cultura dos pais e dos avós.

Pesquisadora: E não tem mais ninguém de frente para o mar?

Caiçara: Não tem mais ninguém de frente para o mar porque eles venderam as terras de frente para o mar, mas eles tinham algumas terras próximas do mar, mas em frente já foram todas vendidas.

Pesquisadora: É só pra falar um pouco da chegada das pessoas que foram se estalando nas vilas né e aqui em Camburi há alguma área congelada?

Caiçara: Então essas áreas congeladas, elas foram o prefeito Ruan que congelou muitas áreas para transformá-las para que elas tivessem uma organização, na verdade ele congelou essas áreas porque, para que os arquitetos pudessem atuar nessas áreas e até foi uma grande idéia porque o congelamento foi na verdade para organizar estas áreas.

Pesquisadora: Foi em que ano mais ou menos?

Caiçara: Eu acho que uns seis ou sete anos atrás.

Pesquisadora: E deu certo?

Caiçara: Deu certo porque as pessoas ficavam com medo né, então elas acabavam procurando algum arquiteto, mais assim, a sacada legal dessa proposta desse projeto é que a prefeitura pagava o arquiteto então ele só tinha que ir na associação dos arquitetos falar, eu preciso fazer um projeto, então a prefeitura tratava disso pra ele, então não tinha custo pra ele, não tinha porque ele fazer uma auto construção se ele poderia ter um profissional, eu até fui procurado algumas vezes, eu até fiz alguns projetos pra algumas vilas e era legal porque você acabava levando a arquitetura pro local né e hoje depois que entrou o prefeito né, isso ficou um pouco abandonado, este projeto foi abandonado e tanto que não foi pra frente, não foi levado, ele questionou este projeto por causa da legalidade e aí não foi mais pra frente.

Pesquisadora: É essas vilas né, estes lugares que foram congelados assim eles receberam algum tipo de infra-estrutura urbana, coletas de lixo, é pavimento é?

Caiçara: Não eu acho que o básico que é a coleta de lixo e a energia elétrica São Sebastião em todas as praias a maioria tem, não tem muito o saneamento básico, que seria a água e o esgoto que é o principal hoje aqui, as águas estão ficando sujas a pouco tempo, então tem muita coisa que precisa trabalhar aqui.

Pesquisadora: Ta certo, bom hoje também já deu inicio a conversa sobre o mercado imobiliário né que eles chegaram também trazendo segundas residências pra cá né, são pessoas que vem de outros lugares e em sua opinião como você enxerga hoje o mercado imobiliário aqui em Camburi?

Caiçara: (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) Deveria ter uma um plano diretor, um projeto que focasse mais o ambiente natural certo, não que não deva construir mais, não é isso, mas que preservasse mais o ambiente natural e hoje não hoje os caras vem porque eles querem dinheiro então vem, vem cortando tudo e vem pavimentando tudo e vêm, áreas alagadas que

não deveriam receber está muitas construções tem áreas muito frágeis, aqui em Camburi que pessoas que não tem condições estão construindo em uma área que vai degradar que vai prejudicar muito.

Pesquisadora: Hoje em dia há espaços para construir em espaços é sem prejudicar a natureza digamos assim? Sem prejudicar o meio ambiente?

Caiçara: não, eu acredito que sim, em algumas áreas mais, vai dá até algumas áreas para serem quitadas ainda, mais não tem sistema de esgoto, a gente é, então pra onde vai este esgoto vai pro solo, vai pra praia, as beiras de rio estão sendo ocupadas, são várias falhas e pra onde vai este esgoto? Quando inunda, quando dá uma enchente, e porque dá essa enchente? Porque foram construídas casas em áreas inundáveis, então tudo, tudo, se fosse feito um projeto alguém que olhasse mais porque olha na década de nos anos 2000, 2000 e pouco vai acontecer tudo isso, dá pra enxergar é isso o que se fala então se houvesse um plano de desenvolvimento sustentável pro lugar eu acredito que aqui as coisas vão ficando caras também né, eu acho que o turista não, eu acho que deveria ter um plano melhor pra Camburi.

Pesquisadora: É qual é a sua opinião pra verticalização aqui do litoral?

Caiçara: Eu acho que a verticalização é o que eu estava falando, vem pra piorar, não vem pra melhorar, vem pra piorar, assim o plano você tem que, a não ser que viesse sei lá verticalizasse só aquele eixo ali depois o restante que jogou pra cima pra baixo ele deixasse talvez, mais não pra ocupar mais e cada vez mais só se fosse, se tivesse um e tudo bem a gente vai levantar um prédio de 10 andares, mas tudo o que eu vou jogar pra cima e vou colocar em baixo, porque na verdade ai dá no mesmo né, na verdade dá na mesma coisa.

Pesquisadora: Mas acabaria com a paisagem também né?

Caiçara: É mais, por exemplo, a casa que eu estou construindo a casa térrea né e praticamente fica invisível, a maioria das casas dos caiçaras eram térreas, são praticamente invisíveis porque ai você só vai ver a árvore, a montanha e você só vai ver árvore, Juquehy mesmo está horrível, você passa e parece que você só vê prédio, eles já estão construindo o terceiro pavimento a torto e direito, em minha opinião se fosse deixar Camburi bonito todas as casas seriam térreas, não teria nem segundo pavimento.

Pesquisadora: Está certo, e como que está essa discussão hoje na região hoje, quando a gente fala do poder público né, você acha que essa é uma discussão que está em andamento ainda, você acha que é possível eles “abrirem”?

Caiçara: Eu acho que o prédio não, mas o terceiro pavimento que dá uma verticalizada ele

está acho que está chegando.

Pesquisadora: E se chegar você acha que pode ser uma abertura para a verticalização total, futuramente?

Caçara: Eu acho que não, eu acho que não porque ai vai depender da altura, porque eles colocaram a altura assim, nessas casas, essa lei já é antiga antes o pessoal, as casas antigamente eram, aqui no litoral era o que de telhados, então o telhado tem uma parede e então colocou uma altura máxima de 9 metros, então vai cair pra casa chegar a uns 7 metros 6 metros tal e beleza, aqui hoje as casas são baixas, então as casas são planas e assim 9 metros possibilitou a fazer os 3 andar então chega a 9 metros mais é que assim, você vai abrindo, você vai, isso progride né, isso vai vai chegar uma hora que ele vai fazer assim, agora tem de 3, então vamos fazer de 4, vamos fazer de 5, de 6, de 7 e ai vai, mais a legislação ela teve essa brecha, como a legislação é muito antiga você vai descobrindo ao longo do tempo as brechas, você vai vendo que o tempo não contemplou isso, não é imediatamente, você não vai conseguir enxergar isso, por isso as leis precisam estar sempre mudando, de 10 em 10 anos precisa estar sempre mudando porque os caras vê e vai mudando isso, porque olha a lei é de 87, essa lei tinha que ter sido revista em 1997 tinha que ser revista em 2007 né, então em 2017 estamos perto estamos em 2014 então é uma defasagem de 30 anos a legislação.

Pesquisadora: Está certo bom, então um outro ponto aqui de Camburi também com a chegada né dos turistas com a chegada da estrada teve também a chegada dos serviços para os turistas, hotéis, restaurantes, outros tipos de serviços né e em sua opinião qual é hoje em dia né, como que foi, é você acha que o serviço pro turista é qual é a sua opinião sobre isso?

Caçara: Não eu acho que o turista ele se você for pensar o turista na verdade ele é o que trás a renda pro local né, porque hoje em dia ninguém mais pesca ninguém mais, porque a terra também hoje em dia poderia ter é mais ter um outro uso, então a melhor atividade hoje sustentável para Camburi hoje é o Turismo, porque o turismo hoje se você pegar um hotel, aqui a construção, quantas pessoas dentro de um hotel usam-se Camburi, então quantas pessoas rodam, saem daqui vão pra outra entram em outro lugar então e trás dinheiro pra isso, um condomínio não, um condomínio o cara está na casa e às vezes aluga e pra pagar essa casa aluga também para 20 “carinhas” que não trás, só trás mais não trás tanta renda que nem o cara que está no hotel que vai gastar nos restaurantes, que vai gastar e eu acho que as atividades hoje aqui em Camburi é o turismo.

Pesquisadora: Então falando dos turistas né, a gente pode identificar três tipos de turistas aqui

em Camburi, um que é o turista que vem pra praticar esporte que é surfista né, outro que é o de segunda residência que tem residência aqui que vem nos fins de semana e volta pra residência fixa e os turistas também de fim de semana, que vem só pra lazer né, que vem e utiliza os meios de hospedagem né que, é na sua visão como que é a visão assim desses turistas assim que vem pra cá, qual a sua opinião sobre eles assim?

Caicara: Então o turista. O turista de Camburi, específico, não sei se ele é diferente dos outros lugares, eu acho que Camburi é um pouco diferente dos outros lugares, Camburi tem uma diferença que não sei mas Camburi tem um pessoal é que tem até um pouco de mais recursos, mas é um pessoal que tem, é que sei lá um pouco mais intelectual, um cara que consegue e que debate mais um cara não um cara que vem e vai desfilar de carrão ou pra fazer uma casa que tenha um luxo, aqui, o pessoal daqui até tem condições de ter este luxo, mas tem mais um pessoal mais diferente, ta então eu acho que o pessoal que vem pra Camburi é um pouco diferente pro turismo.

Pesquisadora: O que eles buscam aqui?

Caicara: A eles buscam a praia, a praia é o atrativo daqui, a natureza o verde é isso que todo mundo que veio pra cá de Camburi veio atrás disso, o surfista que vem por causa das boas ondas, mas sempre por causa da praia, porque e a pra sempre com areia branquinha o mar verde, tem a paisagem das montanhas aqui que é bacana, do ilhote e Camburi tem uma geografia bonita.

Pesquisadora: Está certo, é agora a ação na verdade do poder público né, tanto do estado?

Caicara: O estado ele trabalha muito pouco aqui, muito pouco e eu acho que porque trabalhar muito pouco, porque eu acho assim, sempre dessa forma aqui é a área de lazer do pessoal de São Paulo e não só da grande São Paulo, mas vai e o pessoal do interior que vem pra cá então “po” eu acho que ele deveria cuidar um pouco melhor da sua área de lazer, deveria ter saneamento básico que isso vai tirar na sua praia, porque o pessoal vem pra cá por causa da praia e ai não tem saneamento básico e ai solta tudo na praia e ai o pessoal que vem de lá pra procurar lazer vai encontrar uma praia suja, então eu acho que o Estado deveria cuidar do saneamento básico que já é um problema antigo porque já demorou muito pra chegar, a segurança pública é horrível, não tem, então o comerciante é assaltado o tempo todo saindo na mídia Camburi o casal foi assaltado na praia po isso só destrói.

Pesquisadora: O moço acabou de, acabaram de roubar uma mochila ali na praia.

Caicara: É então isso vai isso assim, é lógico que educação, tudo isso está envolvido né é

bem complexo porque um menino desses, a mochila ta lá de bobeira e ele roubou sabe está faltando na verdade faltou educação né porque ou o cara nasceu ruim, não acredito que pode até ser que o cara nasceu ruim, mas se o cara tivesse um pouco de educação ele ia entender que então vamos fazer isso mais falta isso aí é Estado também.

Pesquisadora: Isso você acha que pode ser assim uma visão um pouco do que das diferenças né, tem diferença social, é da desigualdade social aqui em Camburi tem muita desigualdade?

Caiçara: Então tem a desigualdade social ela existe claro mais é eu acho que colocam tudo culpa na desigualdade social né, “po” a minha mãe era caiçara não tinha dinheiro sabe, tinha terra aqui mais foram buscar isso em Santos, foram buscar estudo, eu acho assim, a família hoje, a base familiar hoje está sendo destruída sabe, você pega a maioria desses caras você vai perguntar da mãe, do pai deles, eles estão separados, brigaram, separaram e a educação também do Estado, se essas pessoas fossem preparadas é lógico que essa desigualdade iria abaixar também com certeza iria abaixar, porque a gente faz o que? Vamos dar dinheiro pra eles o que tem que fazer, olha, eu fui pra Europa e lá meu, é muito mais luxo do que aqui, em vários lugares você chega lá, tem cara com Lamborgine, Ferrari e você não vê ninguém matando ninguém lá e pegando dinheiro dos outros porque, porque pra ele o mais importante é o que o cara tem dentro dele, é a cultura, é a sabedoria dele, é o entendimento dele, em todo, esses caras não tem entendimento de nada, é funk ostentação e acha que é legal ter carrão e ter tênis da hora, eu sempre tive tênis ruim, eu nunca tive problema de ter tênis velho então falta educação, se tivesse educação e as famílias as bases das famílias tivessem e olha eu vou te falar uma coisa, porque não é nem só o cara que é da periferia não que está fazendo isso não, tem gente da classe média fazendo isso também porque não tem mais a mãe e o pai perto do cara sabe, não tem mais base não tem mais nada o cara tem até educação pra você ver tem até estudo pra ter idéia, o cara tem até estudo mas não tem família meu.

Pesquisadora: Falando sobre educação aqui, aqui têm educação básica né, escolas né, mas cursos profissionalizantes têm alguma coisa aqui na região?

Caiçara: Não é bem defasado isso era importante até, um dos projetos do meu trabalho de conclusão de curso, era ter um hotel escola aqui até pra qualificar o pessoal que trabalha com o turismo né e trazer também este hotel escola ficar dentro de uma área de preservação ambiental pra poder ter um trabalho de educação ambiental dentro desse lugar e as pessoas usufruírem desse local e esse local formarem profissionais pro turista e agora fizeram uma verde escola na Barra do Sahy e quanto mais escolas aqui é melhor.

Pesquisadora: A verde escola atua como? Ele tem algum diferencial da escola normal?

Caiçara: Ela tem o diferencial, eu acho que ela tem a educação ambiental, ela tem os cursos profissionalizantes, ela tem o de cozinha agora, tem o de cozinha e tem o de ensino fundamental também, que a prefeitura também falta mais cursos profissionalizantes com certeza.

Pesquisadora: Tá é você diante de toda essa mudança que você viu acontecer aqui, você se sente prejudicado por alguma coisa?

Caiçara: Olha, eu acho que assim, muitos caiçaras eles se adaptaram a aculturação né a gente mesmo, não pesca muito, conseguiram se adaptar desde lá trás, muitos se adaptaram outros não, outros se você eles não sabiam fazer mais do que aquilo, então venderam a terra e algumas coisas e outros é a cada ano que passa está perdendo, está perdendo, porque perdendo “po”? Você pega uma área dessa super valorizada e o IPTU altíssimo ele não tem renda pra pagar um imposto tão alto e ele nasceu naquele lugar entendeu, então ele acaba vendendo e ocupando cada vez mais as vilas então hoje assim, os filhos dos caiçaras alguns estão se adequando né e pra perder essa cultura uma hora vai extinguir isso e vai ficar somente nas lembranças mesmo.

Pesquisadora: Entendi, é você se sente à vontade para frequentar a praia com a sua família hoje?

Caiçara: Claro eu me sinto dono da praia ainda.

Pesquisadora: Então está certo, é agora uma coisa um pouco chata, quais os principais problemas de Camburi que você vê assim, mais pontuais assim?

Caiçara: A o problema é do saneamento básico e da segurança pública e como eu falei se tivesse também escola cursos profissionalizantes e isso ajudaria não só Camburi, mas as outras praias, eu acho que deveria, assim, eu acho que são, é olhar um pouco e trabalhar um pouco nesse lugar e eu vejo que não é muito esforço mais tem que ter um pequeno esforço pra olhar este lugar e deixar meu o melhor lugar do Brasil pra se frequentar, mas se sente abandonado tanto do governo municipal quanto do estadual e ai não vê uma política um plano e não precisa ser pra agora e daqui a 10, 20 anos e daqui a 15 anos começando de agora e este negócio este lugar aqui vai ficar assim olha, sabe eu não vejo nada de segurança, saneamento básico, isso é que prejudica.

Pesquisadora: Tá certo, e bom agora vou fazer algumas perguntas sobre a associação tá, o que te levou a fazer parte da associação?

Caicara: eu acho que a associação entra quando tem uma brecha do poder público, a brecha do poder público que fazem as pessoas se reunirem e falar: vamos fazer alguma coisa pra este lugar. E então assim, já tinha uma discussão porque as pessoas aqui, eu acho que os Brasileiros são um pouco assim né, um critica aqui, outro critica ali, outro critica lá, mas ninguém toma iniciativa, vê um problema e resolvem, eles vem uma rua ai na frente e que você mesmo poderia fazer então ficam olhando e criticando, então eu falei o seguinte: eu não vou ficar criticando eu vou tentar fazer alguma coisa! Então foi mais por isso que eu entrei, mas é difícil porque a maioria das pessoas quer criticar e querem fazer cada vez menos né, mas eles criticam e ai eles vem aqui correm aqui e falam: olha Pedro, o fulano de tal jogou lixo ali na rua. E ai eu falei: porque você não fala pro fulano de tal que você estava vendo que está jogando lixo na rua? Não eles têm que vim aqui pro cara da associação pra falar que estão jogando lixo na rua, então é isso, hoje tem segurança, hoje tem primeiro Camburi não tinha associados mais, a SACI já tinha morrido então quando a gente começou, na verdade eram 4 pessoas e a gente pensou vamos montar uma outra associação, a SACI acabou, vamos montar um outro e ai a gente discutir e falou vamos tentar levantar a SACI que era uma associação que todo mundo já conhecia, ai eu falei tudo bem então montamos um grupo, convocamos eleição e demos oportunidade para que todos possam participar, convocamos é colocamos faixa da reunião pra que todos pudessem participar e se alguém também estivesse a fim de assumir a associação, que montasse a chapa e ia disputar a eleição pra nova diretoria, acabou que foi uma chapa única, mais compareceu bastante gente da comunidade de fora e foi legal assim depois mostrou que tinha muita gente que estava a fim e que estava também indignado que estava aqui, era mais segurança que estava acontecendo tanto roubo, tanto roubo, tanto roubo que estava todo mundo já sem saber o que fazer, então eu falei vamos se reunir né vamos tomar conta mas se a gente conseguisse se fortalecer a gente consegue cobrar o poder público, então a idéia era essa, conseguimos até através dos meus contatos do meu escritório, a maioria dos meus clientes conseguiram e bater também de porta em porta, bater de porta em porta também atraímos bastante associados, então hoje a gente tem também bastante e conseguimos arrecadação, hoje a gente já tem uma arrecadação razoável que possibilita a gente fazer a limpeza de praia né, limpeza de rua manutenção da ponte a gente arrumou a ponte deixamos ela um pouquinho mais bonitinho, não foi investimento muito alto mas deixou ela legal, sabe fica barato falta força de vontade também. O deck lá da praia a gente arrumou porque tinha gente quebrando a perna, algumas pessoas até da prefeitura veio aqui no

meu escritório e falou Pedro a gente vai tirar o deck vai ficar sem deck lá e ai eu falei: espera um pouquinho. Então eu fui, corri atrás, teve uma pessoa que investiu R\$15.000,00 lá de São Paulo, eu fui até lá pedi R\$20.000,00 e ele disse não, eu te dou R\$15.000,00, então eu falei tudo bem, então eu sai do meu trabalho fui até São Paulo, essa pessoa não veio até aqui falar comigo, então eu tive que ir lá pra pedir estes R\$15.000,00 lá pro deck e hoje o deck está bem bonito, todo mundo vai lá capoeira, é um lugar que as pessoas vão apreciar olhar o mar e às vezes só sai do carro e já olha pro mar ali do Deck e volta. A associação mesmo, a sede onde era o espaço cultural, nunca foi o espaço cultural desde quando abriu e é destinada à cultura e ao turismo e só veio a ser isso quando a gente assumiu a associação, a segurança diminuiu bastante hoje apesar de ter estes pequenos furtos, esta coisinha de carro tudo, assim talvez falte um pouco de ambientação, que é uma coisa que a gente vai fazer e as pessoas vêm pra Camburi e acha que Camburi né... Ai eu vou deixar as minhas coisas ai e não é assim, mais hoje você para o carro e o que mais acontece pega a chave do carro e ai o cara, quantas vezes eu já passei e já vi o cara fazendo isso, então eu já dou um toque e eu falo não faz isso meu, se passa alguém aqui e olha, assim como eu passei e te olhei, vai pegar a chave e vai te roubar né, então é muita ingenuidade também, um pouco das pessoas, eu fui viajar também pro sul agora e lá eu me senti muito mais seguro lá, mas eu nunca fiz isso deixar a chave lá pra ninguém ir pegar entendeu então a gente começou a fazer um trabalho pra melhorar o bairro pro turista olhar e a gente tomar conta também, só que é difícil à gente vai arrumando briga, arrumando briga.

Pesquisadora: Entendo é muito complicado então conseguir participar assim como você diz: arrumando briga. São muitas discussões muita gente pensa o contrário, é isso?

Caiçara: Porque todo mundo pensa o contrário, é porque ta todo mundo acostumado a fazer errado né, então como não tem ninguém controlando, organizando, não enxerga o futuro que depois agente vai ficar bem, o negócio é aqui no Brasil é assim né, é fazer errado, porque ninguém está regulando, que é o Estado que regula ninguém está regulando então o que acontece, o cara sente liberdade de fazer o que ele quiser e o que ele quer e o que ele acha que é certo, na verdade não é tão certo né num todo, mais aqui no Brasil cada um olha o seu lado se não viu beleza então se uns estão tudo bem o resto é que se vire né, então a gente vai consertando, colocando na cabeça né, porque também não é de uma hora pra outra, você vai devagarzinho.

Pesquisadora: Está certo e assim quais são, pra terminar, os planos assim da SACI, tem

algum hoje em dia, assim qual algumas estratégias, algumas ações quais são os planos de vocês?

Caiçara: É essa a estratégia assim é sempre deixar Camburi mais bonita essa é, é sempre deixar Camburi organizado, limpo, seguro, então essa é a idéia agora e estar junto com o poder público que é parceiro, o poder público ajudou a construir o desck ajudou com a mão de obra, porque não adianta também, é pior você não ter eles como seu parceiro né, mas ai tem um contato da gente né, tem um contato maior do poder público né pra poder estar realizando as melhorias em Camburi porque às vezes o poder público também pode até ter vontade, mas não tem pessoas em todos os locais, então se você consegue mostrar aqui, olha como que eu posso dizer você coloca o cara e que eu te dou a tinta pra te ajudar então a gente vai trabalhando e eles vão trabalhando junto com a gente, não brigar porque eu acho que brigar vai piorar, então é melhor chegar e conversar com eles e ter sempre perto e a nossa idéia agora é ver se a gente consegue colocar as câmeras de segurança aqui, é uma coisa que talvez eu não concorde eu acho que o mundo já e “po” a gente precisa disso né? Até que ponto chegamos né? Precisamos disso? Mas o que que é melhor né? Então tem todos os projetos de segurança, tem projeto de comunicação visual ainda de pra poder, é meio que dar uma educação pra quem chegar à praia, é mostrar não jogue lixo na praia, separe, faça isso faça aquilo, colocar lá as plaquinhas para que as pessoas né respeitem né e fale: Camburi tem gente cuidando aqui, olha não vamos jogar papel, não vamos. Teve gente colando meu, lambuzando os postes com cartaz e lambuzando e a gente tinha acabado de limpar os postes de branco e tinha acabado de dar o maior tratinho dos postes a gente limpou pintamos e os caras já estavam lá colando e os caras nem são daqui são de lá de Bertioga, então se a gente não está aqui falando, os caras tinham lambuzado todos os postes e tinha ido embora então assim, as vezes, é um cuidado do dia a dia de estar ali.

Pesquisadora: Está certo bom a última pergunta pra encerrar agora, você pensa que é possível viver melhor em Camburi e como você idealiza isso, como você vê assim?

Caiçara: Eu acho que Camburi hoje não dá pra ser mais o que era antes claro, eu acho que como em todo lugar a gente tem que valorizar a história do lugar, sabe tem que mostrar pro pessoal que vem de fora e teve gente que já desbravou aqui, vamos respeitar eles né, vamos buscar entendeu um pouco disso dai e preservar a essência sabe aquele cheiro, aquela coisa que te remete ao que Camburi já foi, eu acho que tem sempre o passado e Camburi tem que estar junto com o presente pra que o passado preserve né, o presente, é o passado, o presente e

ou futuro pra que Camburi seja sempre isso aqui que ainda está legal, está bacana, mais ainda precisa de uma organização que precisa organizar e precisa ter um plano pra isso né, eu acho que Camburi ainda tem muito ainda do que era de antigamente e se você pegar essa rua que é minha mesmo e se pegar esta rua aqui lateral você sente o cheirinho da jaca, já não tem mais o fogão a lenha, não tem mais galinha no quintal, mas ainda tem essas árvores né as frutas acabaram e isso é uma pena, mas acho que é preservar e preservar cada vez mais.

Pesquisadora: Está certo, muito obrigada ta pela sua entrevista.

Questionário: Turista

Bloco 1: Identificação do entrevistado:

Nome/Idade.

Local de residência permanente.

Formação.

Profissão.

Bloco 2: Mudança Social e Turismo

Frequenta Camburi com que frequência?

O que o motiva a frequentar Camburi e não outra praia?

Frequenta Camburi desde quando?

Como era Camburi nessa época?

Conhece as principais mudanças ocorridas na região ao longo do tempo?

Se sim, o que você pensa sobre a mudança e suas consequências?

Costuma utilizar qual meio de hospedagem?

Você já teve contato com a cultura caiçara de Camburi? Como foi esta experiência?

Você tem conhecimento da migração que vive em Camburi? Já teve contato com eles, onde?

Você já pensou em comprar uma segunda residência nesta praia? Se sim porque isso não ocorreu?

Qual é a sua opinião sobre os serviços ofertados em Camburi?

Qual é a sua opinião sobre os valores cobrados a estes serviços?

Qual é a sua opinião sobre a infra-estrutura urbana de Camburi?

Você está satisfeito com o turismo em Camburi?

Na sua opinião falta algo em Camburi? O que?

Bloco 3: Realidade Atual

Na sua opinião a questão ambiental é importante?

Na sua opinião você, de alguma forma contribui para a degradação ou manutenção do meio

ambiente? Como?

Você considera que Camburi possui problemas? Quais?

Na sua opinião é possível para a população local viver melhor em Camburi? Como?

Aplicação do questionário:

Pesquisadora: Bem eu vou começar agora a entrevista com a turista que vem a Camburi por motivo de lazer. Qual é o seu nome?

Turista: Ana.

Pesquisadora: E qual é a sua idade?

Turista: 31.

Pesquisadora: Onde você mora?

Turista: em São Bernardo do Campo.

Pesquisadora: Sua formação?

Turista: Sou Pedagoga.

Pesquisadora: Sua profissão?

Turista: Sou professora.

Pesquisadora: Você frequenta Camburi com que frequência?

Turista: Eu acho que eu venho aqui uma vez por mês.

Pesquisadora: O que te motiva frequentar Camburi e não outra praia?

Turista: Primeiro porque eu acho bem bonita a praia, eu a acho um lugar agradável e meu marido é surfista então ele acaba vindo muito pra cá e eu venho mais para acompanhá-lo também.

Pesquisadora: Tá é você frequenta Camburi desde quando?

Turista: Eu acho que não tem muito tempo não seis anos que eu frequento.

Pesquisadora: Entendi e você acha que Camburi mudou muito desta época para cá? Quais são as principais mudanças, assim, se você enxerga alguma?

Turista: Não percebo grandes mudanças não, aumentou um pouco a área de hotelaria, que antes não tinha muito, mas não vejo grandes mudanças nesse tempo que eu frequento.

Pesquisadora: Você costuma utilizar algum meio de hospedagem quando vem pra cá?

Turista: Difícil, às vezes eu fico em camping.

Pesquisadora: Camping?

Turista: É, mas normalmente eu venho para passar o dia mesmo.

Pesquisadora: E você já teve contato com alguém, com a cultura caiçara local, com os antigos moradores?

Turista: Não, não tive oportunidade.

Pesquisadora: E assim, não sei se você teve conhecimento, mas Camburi teve uma grande migração com pessoas que veio de outros lugares do Brasil, você já teve contato com eles? Já teve algum tipo de contato?

Turista: Não, eu não tive não, não conheci ninguém não.

Pesquisadora: Você já pensou em comprar uma casa em Camburi?

Turista: Eu já pensei sim, a gente já alugou casa aqui por um tempo, é não sei se é bem Camburi, é no sertãozinho, no sertão de Camburi. Então a gente teve casa alugada por um ano mais ou menos e a gente tem vontade sim.

Pesquisadora: Isso pode vir ocorrer no futuro?

Turista: Sim a principio a gente pensa em ter um terreno né e quem sabe um dia eu consiga construir uma coisa.

Pesquisadora: E é, e vocês não conseguiram até agora por motivos pessoais?

Turista: Isso por motivos financeiros.

Pesquisadora: Entendi e você acha que os valores dos terrenos daqui, das casas são muito diferentes?

Turista: É Camburi comparando com outras praias daqui do litoral norte é uma das praias que tem os preços mais altos assim, é eu acho que o custo de vida aqui é mais alto.

Pesquisadora: Mas você acha que isso é como posso te dizer, justo os valores cobrados?

Turista: Eu acho que acompanha o público né, eu acho que o público de Camburi é de uma situação financeira melhor, em fim, eu acho que acaba acompanhando este público.

Pesquisadora: Entendi, é aqui, os serviços ofertados em Camburi, de alimentação, restaurantes, hospedagem, você está contente com eles, você acha, o que você pensa sobre eles?

Turista: Bem, hospedagem eu acho que é bem escasso assim, tem poucas opções, até mesmo de alimentação assim, as opções são muito poucas e a gente tem assim alguns lugares que dá pra frequentar né e daí a gente acaba algumas vezes pagando um preço mais alto e acho que as pousadas ou até mesmo camping, que é o que eu costumo frequentar tem um preço muito alto comparado com outras praias do litoral.

Pesquisadora: Entendi, eu ia perguntar mesmo sobre os valores cobrados a estes serviços, mas você acabou de responder que eles são mais altos né?

Turista: São.

Pesquisadora: E você está satisfeita em vim fazer turismo aqui em Camburi, você está satisfeita com isso?

Turista: Não, eu estou satisfeita, eu venho pra cá por opção, porque eu gosto mesmo, então eu vou continuar vindo.

Pesquisadora: Falta alguma coisa em Camburi?

Turista: Se falta, não eu acho que não, eu acho que o que faz de Camburi uma cidade gostosa, é justamente ela não ser urbanizada, não ter muita coisa né, ser mais natural, assim a gente está mais próxima da natureza e isso complementa, então eu acho que o que tem está bom.

Pesquisadora: Tudo bem, bom em sua opinião a questão ambiental aqui em Camburi é importante?

Turista: é eu acho que é pelo estado da praia, pela limpeza da praia, pelo cuidado que a gente percebe que existe, eu acho que isso mostra um valorização né dos bens naturais.

Pesquisadora: É em sua opinião de alguma forma você acha que o turismo contribui para a degradação ou manutenção do meio ambiente em Camburi?

Turista: Sim contribui, mas eu acho que os turistas acabam se comportando com o que a cidade impõe né, então se têm moradores conscientes, acaba conscientizando turistas também. Se a gente vai pra uma praia largada, os turistas tendem a ser mais desleixados, se a praia é mais desleixada então eu acho que acaba influenciando sim.

Pesquisadora: É você considera que Camburi possui problemas? Se sim, quais?

Turista: Não sei te dizer deve ter com certeza, mas nada que me afete o nosso lazer.

Pesquisadora: É em sua opinião você acha que é possível a população local viver melhor aqui ou você não tem?

Turista: não tenho uma opinião sobre isso sobre os moradores locais.

Pesquisadora: É então, você acompanha o seu esposo que vem praticar o esporte surf aqui na praia e ele gosta de vir aqui pra Camburi por qual motivo?

Turista: É então surfista ele vem atrás de onda né, então onde tem ondas boas é o lugar que ele gosta de ficar e aqui em Camburi as chances de ter ondas são muito grandes, no litoral, as vezes as outras praias do litoral não tem onda e aqui sempre tem, sempre uma “merreca”

como eles falam, sempre tem, então aqui sempre tem umas ondinhas para pegar.

Pesquisadora: E vocês costumaram vir também para surfar e vem também às vezes no início do dia e volta no mesmo dia, então isso acontece?

Turista: Sim, sim, acontece, normalmente é o que acontece, vem logo cedo de manhã e quando escurece vai embira, antes tinha uma casa alugada para vários surfistas então vinha todo final de semana em prol do surf né, mas agora sem a casa só “bate e volta” mesmo, ele vem surfa o dia inteiro e depois volta.

Pesquisadora: Então está certo, obrigada pela sua atenção, obrigada pela entrevista tá.

Questionário 7: Turistas de Residência Secundária

Bloco 1: Identificação do entrevistado:

Nome/Idade.

Local de residência permanente.

Formação.

Profissão.

Local de residência em Camburi.

Bloco 2: Mudança Social e Turismo

Frequenta Camburi com que frequência?

O que o motiva a frequentar Camburi e não outra praia?

Frequenta Camburi desde quando?

Como era Camburi nessa época?

Conhece as principais mudanças ocorridas na região ao longo do tempo?

Se sim, o que você pensa sobre essas mudanças e suas consequências?

Você já teve contato com a cultura caiçara de Camburi? Como foi esta experiência?

Você tem conhecimento da migração que vive em Camburi? Já teve contato com os migrantes? Onde e como foi?

Qual é a sua opinião sobre os serviços ofertados em Camburi?

Qual é a sua opinião sobre os valores cobrados a estes serviços?

Qual é a sua opinião sobre a infra-estrutura urbana de Camburi?

Na sua opinião existe infra-estrutura urbana que atenda sua residência? (coleta de lixo, coleta e tratamento de esgoto).

Você está satisfeito com a sua segunda residência em Camburi?

Na sua opinião falta algo em Camburi? O que?

Bloco 3: Realidade Atual

Na sua opinião a questão ambiental é importante?

Na sua opinião a localização de sua residência gera ou gerou impactos no meio ambiente?

Na sua opinião o que contribui para a degradação ou manutenção do meio ambiente? Como?

Na sua opinião Camburi possui problemas? Quais?

Na sua opinião é possível a população local viver melhor em Camburi? Como?

Aplicação do questionário:

Pesquisadora: Bom hoje é dia 10 de julho de 2014 eu estou aqui com o senhor Sergio. É qual a idade do senhor Sr. Sergio?

Turistas de Residência Secundária: Eu já entrei nos 60.

Pesquisadora: 60, e onde fica a sua residência permanente?

Turistas de Residência Secundária: Eu moro mesmo em São Paulo, mas eu é, me aposentei tem aqui umas casinhas e eu posso ficar pra lá e prá cá, então eu passo uma parte do mês aqui, uma parte do mês lá, basicamente fim de semana aqui né, mas as vezes eu fico um pouco mais.

Pesquisadora: Entendi, a sua formação?

Turistas de Residência Secundária: Eu sou sociólogo formado pela PUC de São Paulo e tenho um curso de pós-graduação lato senso né, chamado lá do SEADE, lá da Getúlio Vargas né, como se vale a um MBA né é da GV.

Pesquisadora: E a sua profissão hoje?

Turistas de Residência Secundária: Então hoje eu parei de trabalhar né, então eu sou gestor de meios de hospedagem, eu costumo dizer, mas brincando, porque não me toma tempo assim, eu não tenho pousada né, eu tenho umas unidadezinhas simples pequenas de aluguel em torno da minha casa aqui e tem dois imóveis em São Paulo que eu alugo também, então eu cuido das minhas coisinhas, mas eu não trabalho regularmente, muito menos burocraticamente.

Pesquisadora: As casas que o senhor aluga aqui elas são geralmente alugadas para turistas ou para pessoas que vem para morar?

Turistas de Residência Secundária: Turistas, aluguel de temporada e durante o ano né, janeiro, fevereiro, eu alugo por diária né, eu tenho os pacotes de réveillon, de carnaval e o resto de janeiro e de fevereiro, a diária e depois do carnaval até dezembro pessoas que vem aos finais de semana, ou seja, é um aluguel de veranismo né.

Pesquisadora: É a sua residência fica localizada em que lugar de Camburi?

Turistas de Residência Secundária: Um lugar bem central, ao lado do campo de futebol.

Pesquisadora: tá certo, bem vamos para o segundo bloco de perguntas, o senhor frequenta Camburi com que frequência?

Turistas de Residência Secundária: Olha, nós estamos a 100 metros da praia e é uma distância boa, porque a distância da praia é fundamental quando se fala de espaço né, a pergunta me desculpe?

Pesquisadora: É com que frequência o senhor frequenta Camburi?

Turistas de Residência Secundária: então aqui vem disso vem do médio, vem basicamente nos finais de semana, mas às vezes eu pulo um final de semana, então eu venho vamos dizer é três vezes por mês, três finais de semana por mês a média, sendo que eu não fico só no final de semana às vezes eu fico mais, fico uma semana inteira, dez dias né, bem explicado seria isso o meu caso.

Pesquisadora: Tá é o que motivou o senhor a frequentar Camburi e não outra praia?

Turistas de Residência Secundária: realmente é um lugar maravilhoso e eu digo por que eu sou do tempo que não tinha estrada de asfalto, como eu te falei antes de 1985 e não faz tanto tempo assim, é curioso é uma coisa interessante notar e comentar que né, um lugar tão próximo do motor industrial, motor do país que é São Paulo né é tinha até 1985 trechos do seu litoral sem asfalto, era a estrada de areia e a gente atolava na areia então é, você me perguntou quanto tempo eu venho aqui né? Então, desde o início dos anos 1970 naquela época eu acampava né, a gente acampava só ficava em barraca e casas a beira mar de caixas que tinham casas a beira mar né, caixa né, só tinha caixa e então eu vinha basicamente para Juquehy, Camburi, Toque Toque Pequeno, Toque Toque Grande que a praia é menor mas a cachoeira é maior né, Toque Toque é o nome por causa da cachoeira e Ilha Bela então o litoral norte, e Ubatuba, também ia de vez enquanto mas a gente ia mais nesses lugares, Ilha Bela, São Sebastião, em Toque Toque Pequeno, ia bastante Camburi e Juquehy porque eu achava os lugares muito bonitos, mas depois eu me encantei mais por Camburi, Camburi tem essas peculiaridades, Camburi tem o ilhote né, uma ilhazinha colada na praia bem na foz do Rio que também não é no canto da praia nas outras, nas outras o rio deságua no canto e aqui deságua no meio e Camburi e Camburizinho que é a mesma enseada né, então isso aí é encantador e à partir da praia, vista da Serra do Mar era um negócio assim tão né extraordinário o fato de ter exporões chamados exporões da Serra do Mar que são esses morros né, nós temos aqui um

morro que separa com Boiçucanga e esse que separa com a Baleia, este da Baleia está bem atrás da minha casa aqui, seguindo em direção à estrada, forma um anfiteatro né como diz os jornais, os Geógrafos e quem entende de geografia e fitografia essa, é um lugar muito bonito né é um eco sistema, então a própria condição da areia também, a areia muito branca então essas coisas que me encantaram, o rio, o rio bonito e aí eu falei é aqui e aí eu já acampava muito e aí eu acabei comprando um terreninho pequeno, mas muito próximo da praia, construí uma casa depois de um tempo eu comprei um também não muito grande, mas mais estreito, mais cumprido do lado, pra fazer uma pousada mas eu mudei de idéia, eu não sei se eu estou falando demais você me corta...

Pesquisadora: Não imagina, pode continuar.

Turistas de Residência Secundária: É estou falando muito de mim porque você está perguntando como é que foi a minha né, a minha chegada e a minha criação de raiz aqui e aí depois com essa coisa de pousada que eu cheguei a conclusão que o melhor era transformar em casas e diminuir, reduzir o número de suítes e fiz uma adaptação com a aprovação da prefeitura e ficou. Então mais, isso depois de um tempo comprei de um caixara uma casinha simples do lado também, acabou essa aglutinação dessas coisas ficando uma vilazinha é uma vilazinha, onde tem uma casa e eu alugo outras quatro né, pequena simples, mas muito bem localizadas em Camburi, a 100 metros da praia então foi é começou assim, primeiro acampando depois até comprar uma coisinha.

Pesquisadora: Quando o senhor comprou aqui foi em que data mais ou menos?

Turistas de Residência Secundária: Então eu comprei em 1981 eu acho, 1981, eu acho que 1982 eu já tinha casa construída, a primeira casa então eu acho que eu comprei em 1981 a primeira né a que tem e lá no fundo tem uma casa que é virada pra lá, pro morro, tem quatro quartos, mas não é grande, ela é bem divididinha assim né e foi nessa época depois as outras foi em 1986 essa parte pra ser pousada e depois a outra eu acho que uns 3 anos depois.

Pesquisadora: Ta certo, é eu ia perguntar como era Camburi quando o senhor começou a frequentar na década de 1970?

Turistas de Residência Secundária: Então era muito interessante, a gente não tem como não ser romântico né e nem como não lembrar como era bonito, o fato de ser mais agreste, mais bucólico e menos adensado né, ou seja, assim menos gente, menos carro, menos poluição, hoje ainda continua sendo o paraíso limpo porque nós não temos verticalização, esse é o grande, esse é o x da questão, verticalizou azarou e aqui principalmente nessa região eu

sempre defendi nas audiências de plano diretor, artigos, nesses artigos que estou te indicando meus aí, que nós temos um ecossistema muito próximo, é uma faixa de terra principalmente aqui de Toque Toque, da Ilha Bela pra baixo e na medida em que você vai chegando em Santos e que vai lá pro litoral sul, a Serra do Mar se distancia do mar, então se tem assim uma planície grande, o que significa isso do ponto de vista de, muita ocupação, muita adensamento é ruim de qualquer jeito vai estragar, vai detonar, mas aqui por ser estreita essa faixa, o que que significa? Significa que os rios da serra do mar que nasce, ou seja, as nascentes da Serra do Mar que vão se, que se formam os rios e riachos que vem desaguar aqui no mar eles estão muito próximos da nascente e da foz né, começa logo ali e termina aqui, se eles ficam poluídos e a preocupação via verticalização né, gente demais o que acontece você vai fazer aqui é usinas de tratamento sistemas de tratamento de esgoto, que você vai ter que usar o, você pode limpar a sujeira, mas, você vai jogar aqui mesmo né, a sujeira e essa sujeira vão chegar logo no, a sujeira, ou seja, vamos dizer que você consiga limpar bem, não consegue e você sabe que lá em Boiçucanga é uma vergonha, essa questão do tratamento do guarda do lodo, chamado lodo, que é a sujeira do esgoto, que primeiro é retirado assim, em uma primeira fase e é acondicionado pra secar e depois tem que levar fora daqui e isso aí não se faz direito, então é, mas, além disso, supondo-se que você consiga tratar direitinho o esgoto e joga então no rio só aquela água limpinha, essa água vai estar super saturada de um negócio chamado trianometano, dois exemplos de trianometano bloroformio e clorofórmio, clorofórmio é um super produto da cloração do esgoto pra limpar o esgoto, então se você joga o que é que você vai jogar na água depois que você limpar? Você vai jogar o trianometano, o clorofórmio, muito trianometano e clorofórmio que por ser voltando aos tamanhos dos rios, por ser curto os rios, ele não vai ter tempo de auto-remediará, o que que acontece com o Tiête lá em São Paulo, podre sem vida, morto, rio morto, o rio tietê em São Paulo se chama rio morto, não tem vida, não tem nada vivo dentro dele, ele depois que sai da grande São Paulo passa lá, a barragem da harmonia e como vai saindo limpa e vai limpando e quando chega lá em baixo ele está limpinho, com peixe, com vida né porque ele caminhou quilômetros e quilômetros, agora se ele nasce aqui, a medida que ele vai chegando, nem faça de plana entre o mar e a montanha tem, porque a montanha cola né, então alcantilado, ou seja, você vai olhando pra baixo pega né, pega, ou seja, escapa o agreste então mais pra cá ainda tem uns anfiteatros, uma faixazinha que acontece que mesmo assim é curta não dá tempo da autoremediação dos rios, é poluídos se não por poluição bacteriológica por poluição química

do trianometano do clorofórmio e vai para onde? Para o lugar aonde todo mundo que vem pra cá quer ir você vai pra praia pra que? Pra ir ao mar e no mar essas enseadas nós temos aqui tudo né, na medida em que você desce, tem praias muito cumpridas e vamos dizer que ali se o clorofórmio se espalhasse e se a corrente marinha levar, não é bem assim, mas, aqui quando tem enseadas né, enseadas como tem as praias tem né a praia ela é reta é redonda e faz curva e então você vai ter enseadas de clorofórmio, a pessoa que entrar não vai ser pode não matar, mas bem saudável não é, você fala que tem balneabilidade porque não tem esgoto, mas não tem balneabilidade porque não é saudável, do ponto de vista né, então, então é nós começamos, eu nem sei onde nós começamos, mas é fundamental falar desse aspecto da questão de, ah você me perguntou a quanto tempo eu venho aqui e como que era...

Pesquisadora: É eu perguntei como que era Camburi né.

Turistas de Residência Secundária: Se era bonito, se era tal né e eu te falei né nossa como era né, como era e é uma coisa né, assim não tem como não ser idílico né, falar com amor dessa época que a gente acampava que mesmo depois que já tinha casa, mas era tudo pouca coisa ali e tal e hoje em dia milagrosamente conseguimos segurar a verticalização, mas tem um plano diretor em discussão por ai, eu não tenho mais tempo como eu tinha naquela época, não é que eu não tenho mais tempo, mas é que a gente tem que dar lugar pro outro, as pessoas vem falar ai e cada vez que se assume uma sociedade amigos, uma entidade, uma sociedade civil você cria inimizade, porque você está vendo o coletivo e no coletivo sempre tem alguém que está vendo o lado dele e ele está fora do coletivo, entendeu? Atualmente existe ainda este problema, a gente tem a sociedade amigos que está fazendo uma coisa ai que muita gente apóia, porque a questão de segurança, mas o principal que é ver isso aqui, cuidar disso, de que o meio ambiente não seja detonado, para não ser detonado, ficar de olho na legislação de uso e ocupação do solo, ou seja, o plano diretor e audiência pública. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) A gente tem três filhos e ai também à gente acaba participando da vida dos filhos e em fim, então só pra concluir como era uma maravilha assim do ponto de vista de você ficar mais a vontade quanto à saúde do meio ambiente né, a balneabilidade da praia né a integração, ou seja, a conservação da fauna e da flora né e isso então dão saudade, era muito bom.

Pesquisadora: É bom, como o senhor comentou não tinha estrada aqui né?

Turistas de Residência Secundária: Então isso foi até 1985 eu não sei se é até 1985 ou 1986 o que eu me lembro foi até 1985 de Bertioga ai é que começaram a construir a SP-55, concluir

né, emendar e era aquela, aquela epopéia você vir pra cá e por inúmeras razões, porque se preservou e foi graças a Deus, porque não teve estrada desde que tinha lá em Ubatuba e lá já graças a Deus, foi isso aí que ajudou né e também ajudou as pessoas, mas é que tinha que valorizavam mais esses lugares mais bucólicos, mais roça né a vir mais e formar essa massa crítica de argumentos, de posicionamentos né é ideológico e favorável a conservação né, então, foi era uma epopéia a gente não sei se já gravou isso aí, eu tinha te falado, que a gente vinha em trechos aí a gente saía de passava a balsa de Bertiooga, era assim: vinha pelo Guarujá, passava o Perequê e aí até chegar na balsa, já tinha asfalto, um lugar bonito que a gente acampava também era Iporanga, Iporanga ali no Guarujá, até o Guarujá, do sul até, era praia dura e praia dura não são bonitas né, mas e dali até aquela ponta do Guarujá, aquela ilha do Guarujá tem a praia do Iporanga e mais uns 2 nomes que eu não me lembro agora, acho que era São Pedro se eu não me engane, que a areia era maravilhosa, que era e mas, em fim, a gente vinha até ali, pegava a balsa e ali pra frente entendeu era pela praia o carro andava pela praia e isso aí era permitido, hoje em dia é feio você andar até com esses triciclos aí, as vezes tem uns anti-sociais aí que andam né mais era permitido, aí não tinha estrada, então vinha aí lá na frente onde tinha um rio que entrava na areia, então aí, ficava, nossa poderia atolar e saía e vinha no que você imaginava uma história, que usava como estrada e era batata, você entrava nessa parte da areia e atolava e aí tinha um carro atrás que ajudava, depois você passava e vinha e você ia ajudar o cara mas era divertido e aí uma pontinha de madeira toda atravessada então tinha umas 3 dessas, pra atravessar e assim que a gente chegava né era uma beleza.

Pesquisadora: E aí chegava aqui tinha só os caiçaras?

Turistas de Residência Secundária: Só os caiçaras né e era muito é.

Pesquisadora: Como que vocês eram recebidos por eles?

Turistas de Residência Secundária: Muito bem, por exemplo, eu acampava muito na casa, na casa do Raimundo, ele já morreu, Raimundo é aqui na ponta, na ponta sul de Camburi né, Camburi não fica assim Norte/Sul ele fica leste/oeste né virado pra baixo, mas vamos ver né, porque é o de baixo, é mais próximo da Baleia, então aqui tinha uma, a casa do Raimundo e a gente montava barraca lá e pagava uma coisinha pra ele, tinha um chuveirinho, tinha uma ducha lá e era uma delícia e também as casas eles faziam uma comida lá trivial, um peixinho pescado ali então era uma delícia e teve outra época de camping selvagem também, que tinha um lugar ou outro que podia acampar né e não tinha uma casa na praia, depois que vieram construir, uma ou duas sabe, depois aqui na dona Dione, minha vizinha aqui, que ela também

deixava acampar aqui no fundo, o Sr. Brás e que já morreu, deixava acampar no fundo e a gente acampou ali também e ela fazia um trivial delicioso, Dona Nilsa lá do Justino, irmã da Dona Francisca, ela na época também era dos que faziam uma comidinha pro pessoal acampar e ia comer nessas casas né, então era assim a gente acampava e tinha esses lugares agora o entrosamento com os caiçaras sempre foi total, a gente se dava muito bem até hoje eu tento, eu conheço todo mundo, todos os caiçaras, eu ando pela rua e comprimento, converso tal né e é muito e sempre, teve uma vez até que teve um conto sabe, dessas coisas mais técnicas mais de artigo não, eu tenho uns contos, mas nunca eu quis publicar, um deles eu participei de um concurso e eu até ganhei, até um prêmio mas um ou outro é ambientado aqui sabe no lugar muito semelhante né então tem umas expressões umas coisas sobre as comidas, sobre, eu gostei muito de ter escrito, então eu sempre me identifiquei muito com os caiçaras.

Pesquisadora: E eles e eles na época, eles, é pescavam muito, plantavam também?

Turistas de Residência Secundária: Pescavam, plantavam também, aqui nunca teve, nunca foi muito visível à agricultura sabe, eu me lembro, por exemplo, você falou agora e eu lembrei lá em Trindade, lá perto de Parati que lá tinha uma, até tem um nome isso daí, essa coisa de, quando você usa uma área pra plantar depois o outro, outra família, outro grupo de famílias passam a usar, bem em fim, é quer dizer, é que existia atividade de plantar seja mandioca ou sei lá o que mais plantavam aqui, eu não me lembro eu acho que era mais coisa de quintal né, plantar coisa no seu quintal e não tinha porque, fora, ou seja, coisas da terra que eles colhiam e até comercializavam é banana né, então tem uma história, de que foi desviado o rio que lá no Piavu, você conhece bem aqui né? O Sertão do Cacau e o Sertão do Piavu, o Sertão do Piavu tinha um braço do rio, do rio Piavu que ao invés dele ir para o rio Piavu, ele ia para o rio da Baleia, ele acompanhava aquela baixada, aquela planície ali da Baleia e ia em direção ao Rio Sahy e consta, consta não, eu já ouvi esta história muitas vezes, que os próprios caiçaras fizeram o rio vir para o Rio Piavu pra aumentar a vazão do Piavu para poder transitar com canoas pra poder trazer as bananas entendeu, porque banana não era, não era só para venda aqui de uma praia para outra ou para os moradores locais, era barco que vinha de Santos né, de outros lugares e praticamente então, já tinha que ter as bananas colhidas para vender para os barqueiros tal e ganhar um dinheirinho, é fazer é uma coisa importante da economia local.

Pesquisadora: Isso em que data mais ou menos?

Turistas de Residência Secundária: Bom desde que eu tinha casa aqui eu me lembro de

peessoal ai colhendo banana entendeu, colhendo banana, mas naquele caso, o pessoal tinha facção, mas aquela banana dessa época era mais para consumo mesmo né, esse negócio do de barco que vinha buscar isso daí eu já acho que era coisa mais antiga né, eu acho que já não tinha mesmo porque é, outras regiões, era um produto fácil né, então deveria ter muita concorrência, muito é, entendo que outros produtores levam né e levavam de caminhão para certos consumidores né, então aqui ficaria não mais do que isso, isso aí eu acho que acabou. E bom, aí você perguntou de agricultura e você perguntou de peixe, peixe é de barco canoa, assim isso até muito pouco tempo, hoje ainda tem, se sabe muito pouco, mas tem aqui no camburizinho tem canoa né, do ali era do pessoal do seu Zino e do seu, qual o nome dele que era... Puxa eu esqueci o nome dele, que era pai do pessoal ali do Camburizinho, que mora ali do lado né, do chamado sertãozinho de camburizinho, então é lá, gozado né, todo dia que você vai lá você vê a canoa, mas lá no fim do Camburizinho tem canoa lá, Camburi não tem mais, aqui perto da ponte eu vejo que tem umas coisas ali, mas eu acho que é mais de lazer assim não é de agora, Boiçucanga você sabe, que Boiçucanga tem mesmo treineira e aí já é uma coisa mais profissional né de rede tal, pra vender para os comércios assim né, pra uma coisa de atacado mesmo, agora essas canoas o Sr. Brás aqui, morreu faz uns 3 anos, o Sr. Brás, ele tinha canoa e ele já estava já com 60 e tantos anos se não mais e ele ainda ia de canoa, mas ele não ia em lugar muito arriscado, em lugar bravo e sempre aqui na Baleia, na ponta Norte aqui da Baleia do lugar tem ali e pescava, então tem e muito comum hoje você, muito comum e aí eu não sei é questão de verificar, mas tem caíçaras que tem assim canoas pra de vez enquanto dar uma pescada né, não é aquela coisa regular e não é até para a subsistência da família, eles não ficam dependendo disso né.

Pesquisadora: Como o senhor é sociólogo né, como o senhor enxerga a sociedade, como era essa sociedade do caíçara dessa época, eu sei que vocês vinham a lazer, mas como que era esse contato com o caíçara, como que era assim, a vida do caíçara, a vida assim social mesmo dele?

Turistas de Residência Secundária: Olha, eu não sei assim, se teria alguma coisa assim tão, esse pessoal assim de notar algo diferente de nós lá do planalto, vamos dizer né da parte lá de São Paulo, tinha essas coisas, eles uma coisa que, uma coisa prosaica já que nós estamos vendo diferenças, o linguajar né, o sotaque do caíçara, isso muito me encantou, há muito tempo, o jeito de o caíçara falar, eles, é você, principalmente os mais velhos, agora não é tão fácil você ver, é eu sou muito observador nessa questão de língua, de linguagem de fala então

é, por exemplo, "banana" o caçara fala como o espanhol ou o italiano, fala não fala nunca, o espanhol e o italiana nunca falam "banana" eles falam "bánana" não sai essa na nasal assim, sai a, e caçara é "batata", "bánana", você fala bacana e eles falam "bacana", essas coisas de sotaque né, é eu sempre prestei atenção nisso agora é o que eu do ponto de vista de organização social e de costumes, eu sei que desse, eles tinha, tem a sua casa, tem a sua capela, a sua igreja, eles tem os seus cultos, é interessante que tem muitos não só os católicos são isso, eu não sei dizer se é a maioria mas eu sei que tem, meus vizinhos aqui mesmo, não são católicos, eles são eu não sei se são adventistas ou um dos protestantes ai, (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) o que mais eles tinham dificuldade para ir pra, me lembro deles falarem que tinham dificuldade pra irem para Santos, então tinha uma coisa de andar pelas trilhas de uma praia para outra não tinha estrada, então tinha que ir pelas trilhas de subir morro, uma praia para outra então tinha que ir de barco pra Santos, então passava esses barcos com bananas e outros barcos né, eu lembro dessa história, estou te contando coisas espaços assim, não sei se te interessa isso, o que estou lembrando agora por exemplo, né é isso o que eu sei, eu não saberia te dizer se por exemplo, casamento, casava muito é um casamento é endógeno né, parente com parente talvez tenha ocorrido isso, porque era uma sociedade endógena, porque, as vezes era fechado cada praia, pela dificuldade de contato né então mais também isso não foi nenhuma, não tem nenhum problema genético em relação a isso de qualquer é ordem, é eu sei que do ponto de vista se fosse resumir, é o vamos dizer a personalidade, o jeitão dos caçarás é um pessoal muito tranquilo né, é muito tranquilo, talvez a fartura de vitamina D de sol né, eu não sei se contribui para isso mas eu sei que contribui para o cálcio né, mas eles são pessoal muito tranquilo, calmo, dócio, do bem, eu sempre tive muito bom relacionamento e muitos acabaram casando com gente que vieram de outros estados né, natural né, mas de muitos que vieram do nordeste tal e é isso né.

Pesquisadora: Essas questões sociais chamavam a atenção de vocês para vir frequentar a praia ou era mais assim pela questão da natureza mesmo?

Turistas de Residência Secundária: A não a gente vinha por causa do litoral, sabendo que aqui tinha gente boa né, você está indo para um lugar que tem gente boa, tranquila que te recebe bem e que é também ajuda a resolver uma questão prática, que é você comer, que tinha famílias que faziam esse, essa, esses triviais ai né, ou seja, esses arrudimentos de restaurante, ou seja, embriões de restaurante que existe hoje, então isso também era importante né, então chegar lá e não precisa cozinhar, mas quem acampa também leva coisa e faz né, mas

evidentemente que a gente vinha por causa do paraíso natural que é essa região toda aqui né.

Pesquisadora: Entendi, bom, houve algumas mudanças que trouxeram na verdade a sociedade como a gente encontra ela hoje em dia né, duas mudanças que a gente pode dizer que foram bem importantes pode-se dizer que foi a instituição do Parque da Serra do Mar, o senhor acha que essa foi uma mudança importante para a região?

Turistas de Residência Secundária: A sim foi, isso foi agora tudo o que legislação né de preservação, de conservação ambiental né, de mananciais, de fauna, de flora, solo e tudo, é claro que tem que aplaudir e é bem vindo porque, principalmente no capitalismo, o capitalismo selvagem como o nosso né, se deixar a cupidez, a ganância né, acaba com tudo, então, toda, toda a legislação nesse sentido tem que ser aplaudido e é no mundo inteiro e todo mundo sabe disso, então isso também agora é importante a gente dizer que além disso, tem vários outros e nos meus artigos você vai ver aí várias coisas nesse sentido aí, anota essa questão e você vai ver é o importante não é só fazer lei né, porque se você faz lei e não cria um aparato né para fiscalizar, punir, prevenir né, como é que faz? Aí não adianta nada fazer lei, é aquela história de lei que não pega né, outra coisa é você já fazer também leis e igual essa questão do, da cujo nome agora de conduta é... Aquele é uma maneira de você acochambrar a coisa é eu, TAC - Termo de Ajustamento de Conduta. Antes o TAC do que deixa a coisa do jeito que está, mas, o ideal seria não fazer o TAC, seria mandar reverter o mal que o cara fez, se o cara detonou aí, digamos o lugar que não poderia construir e construiu primeiro, precisa pensar né, depois existe lá na frente à justiça, o ministério público vai ver que né. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) As prefeituras que deixa o cara construir aqui, a lei, e isso é coisa fundamental da coisa aqui e você já deve ter ouvido falar que aqui são 9 metros e não pode construir mais do que nove metros e só que na verdade não é só que acabou e depois a lei é 9 metros, mas, você pode fazer dois por 9 metros, entende-se pelo o que, térreo e o segundo pavimento, até comer as pontas das duas águas do telhado 9 metros, só que aí inventou a questão do segundo pavimento, do terceiro pavimento que possa você não passa dos 9 metros, mas você tem direito a fazer um terceiro pavimento desde que ele não seja mais de 40% da área do segundo entendeu, então e aí já deu uma amolecida uma abrochada e uma palavra que eu usei sempre nos artigos, um afrouxamento da legislação, ou seja, já liberou um pouco, mas, pelo menos nós já estamos segurando isso já faz muito tempo. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) O que é e que tem mais do que 3 pavimentos fazer 5, fazer 4, fazer 3 e a gente sabe que depois que fizer 3 e daqui a uns anos vão falar o que é que tem fazer 5 e

depois de 5 vai vir aquilo e ai nem a vista do mar nós não vamos ter mais, porque você vai ter aquilo e não vai enxergar essa beleza de serra e o adensamento e a poluição de trianometano...

Pesquisadora: É sobre isso da gente conseguir ver os olhos vistos como está crescendo né Camburi, como está crescendo assim as outras praias também do litoral então assim o senhor acha que tem muita gente vindo morar pra cá?

Turistas de Residência Secundária: Então quando a gente fala de verticalização, a gente fala que não é só esse o problema porque, o que que é a verticalização? Por causa do adensamento, adensamento o que que é pessoas por metro quadrado ou pessoas por kilometro quadrado né, se tem mil pessoas morando em um kilometro quadrado e tinha que estar x o adensamento x ai você coloca 5 mil pessoas e coloca 5 vezes mais adensado e num mesmo, em um kilometro quadrado, você pode ter pra ter esses 5 mil pessoas você ter, vamos dizer é mil casas né, então mas ai você pode ter só três construções, vamos dizer casas, três ou 5 construções em fim, muito menos do que esse, mais altos e prédios, ou seja, verticalizado então vai ser adensificado e isso são coisas obvias, que já foi falado e já deu pra entender, então isso é um problema mas, não é só esse o problema é também quando você espraia demais, você não deixa construir prédio mas, você deixa construir lugares indevidos e lugares que inundam igual aqui em Camburi, está cheio, lá no Lobo Guará, né lá nas vias, lá aqui no areião, aqui na baixada do Areião e sempre foi e dias de chuva muito torrencial inundam, o pessoal perde coisas e esse é um drama essa questão de inundação, a Vila Débora e mais se tivesse parado nisso ai, porque teve um prefeito ai que congelou, esse congelamento são mais ou menos...

Pesquisadora: O senhor sabe se teve congelamento aqui em Camburi?

Turistas de Residência Secundária: Eu hoje acho que não, eu não te saberia dizer como é que está hoje, eu acredito que está vigorando o congelamento. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) Mas eu não sei como é que tá o, a eficácia da fiscalização em relação porque isso muda muito né.

Pesquisadora: O congelamento funciona como?

Turistas de Residência Secundária: Funciona assim, o pessoal da prefeitura vai depois que o prefeito faz um decreto né, então determina, chega a um bairro que está, vamos dizer vila Débora, que já é um lugar baixo, sujeito a inundação, mais sempre foi, digamos certo número de ruas e de casas, mas, as pessoas atendem em, sabe que quanto mais for maior a possibilidade de inundar mais vai, porque o sujeito quer morar, não tem onde e ai o pessoal tudo também tendo filho ai, precocemente a meninada ficando grávida ai né, então ai vai

aumentando então em fim, por essas e outras razões, é migrante que vem de toda parte e aí a tendência é crescendo e ir se espalhando, aí depois a pressão popular, um plano diretor uma discussão de plano diretor e outras pressões, as pressões do ministério público, etc., que o prefeito, que é mais consciente, mais sério mesmo, é sem muita pressão chega à conclusão que não, nós temos que frear isso porque se não onde a gente vai parar? Já está tudo tomada aí essas baixadas tudo e além de ser e estragar todo o município, porque vai ser um esgoto terrível no mar né, vai ser uma calamidade quando chover, vai ser, vai ser assim desabrigados tendo que ir tudo para o colégio e ficar lá no colégio por dias e dias sem aulas tudo, tudo uma desgraça e isso já está acontecendo lá no sul e lá no sul que é um Estado rico, você vê, a desgraça que está lá né e lá pro lado da Argentina também, então é, então como é que eles fazem eles devem para ser práticos deveriam colocar uma estacas, eu acredito que seja assim, eu não vi, mas pelo menos se não coloca as estacas ou algo devido, as pessoas são devidamente avisadas pelas lideranças locais e pelo o eu não vi a prática exatamente como que se executa isso mais eu imagino que deve haver uma reunião na comunidade né e deve explicar olha lá na Barra do Sahy, teve eu acho que uma forma eu fiquei sabendo é que ficou combinado que ninguém deveria passar daquilo ali e realmente lá eles conseguiram segurar né, se não subiria o negócio e aliás subir lá eu acho que ficaria até um lugar mais seco né, mas então é isso, eu imagino estacas e a conscientização e a reunião com a população e olha se fizer e a gente vai demolir e demole e demole muitas casas mas eles vão e constroem lá no meio do mato escondido e aí que demole, mais é o pessoal do Parque Estadual da Serra do Mar, o pessoal do governo do estado, porque aqui nós temos um núcleo aqui em São Sebastião até o diretor mora aqui né e agora ele está afastado não sei como está né, tinha sido não sei se voltou né, eu não estou acompanhando de perto, mas de qualquer forma, é daqui ou de muito próximo o diretor que tem um cargo específico pra ir rastrear essas quebradas, essa bibocas de Serra e encontra um casebre aí e uma casinha e eles demolem e tem poder de polícia pra isso, então é de fato uma migração fortíssima pra cá, porque tem essa facilidade de evasão entendeu, porque mata né, mata esses brejos, essas coisas aí a pessoa vai lá e acha que e mantendo a fiscalização como nunca se tem mesmo né, suficiente né, eles tem aquela é hipocrisia de falar que não fiscalização não temos que ficar falando de fiscalização e falando de gestão como se bastasse gerir e fazer política pública, plano e fiscalização tem que ser a palavra de ordem né, ou seja, um número suficiente de fiscais e punição do serviço público, demissão, expulsão com tudo e todas as, o ônus né para aqueles que se corromperem, porque

é muito comum entendeu o fiscal deixa lá, o Lobo Guará eu imagino que deveria ter sido porque, aquilo ali foi muito depois da, do Areião, da Barreira da Vila Débora, começou o Lobo Guará e aí começou e pouco tempo virou uma e choveu forte, é um pessoal que tem que sair de canoa.

Pesquisadora: É eu ia comentar mesmo, com a construção da estrada, vieram muitos migrantes pra cá e continuaram aqui e continuam trazendo outras pessoas né e tem este agravamento da favelização que acontece na região e eu ia perguntar para o senhor, qual é a sua opinião mesmo sobre a migração que acontece aqui em Camburi?

Turistas de Residência Secundária: Então isso aí se for só pela construção da estrada, pode ser que a estrada tenha sido um “start” e começaram aí se descobrir e tal, mas o problema não é esse, o problema é que de lá pra cá todo mundo que vem manda uma cartinha, um telefoneminha para os parentes, eu tenho caseiros e eu sei como é e dali a pouco chega um parente e por quê? Porque o nosso Brasil é um país desigual né, ultimamente está se falando até muito sobre isso. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) Você fala em transferência de renda, que é o mínimo que você pode esperar de um país que é um dos campeões de desigualdade do mundo e que é a sexta economia do mundo caminhando pra ser a quinta né e daí de dose anos pra cá, um governo né, consegue fazer um PIB de um trilhão para três trilhões, eu não sei, é uma coisa absurda, consegue é fazer e tirar quarenta milhões de pessoas da miséria e passar da classe média e consegue dar através desses programas de construção popular aí casas para milhões, milhões estão entrando na universidade, então você vê uma melhora razoável no padrão de vida da população né, mas mesmo assim, nós somos o país mais indecente do ponto de vista de distribuição de renda, a nossa pirâmide é uma das mais perversas, uma das mais perversas do mundo. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) A diferença então é um absurdo tanto é que, um dos estudos que foram feitos já há uns anos atrás, que o professor da Unicamp e acho que atualmente ele trabalha no governo e ele mostrou o absurdo que é a diferença e ele mostrou que inclusive que 500 famílias no Brasil, 500 famílias ficam, se eu não me engano com a metade de tudo o que se ganha no país e toda a fortuna a riqueza fica na mão de 500 famílias, olha só que absurdo, agora é isso, é um dado, mas é se você for pegar a pirâmide é assim 1% está com 30% sabe 5% é um negócio absurdo, o que e como a renda é concentrada né, então estou fazendo esse entróito pra te dizer o seguinte, em um país desse, é difícil você controlar também os maus efeitos da ocupação né e regular porque é tão grande né esse, essa pressão né da população sem casa, sem teto, sem

dinheiro, sem remédio, sem, sem destino, sem esperança e que não tem nada a perder, vamos invadir ali, depois se destruírem a minha casa, pelo menos por enquanto eu não vou dormir debaixo da ponte e se existe uma grande diferença entre o sul né, somente o sudeste, o sul e o sudeste e um pouco do sudoeste né mas principalmente o sul e sudeste do norte e do nordeste tem uma diferença brutal social né é evidente que eles vem pra cá, então eles vem e ele vão pra São Paulo, vão para o Paraná trabalhar na lavoura, vamos pra São Paulo nos virar para o que der, pra fazer de braçal e aqui, ou seja, lugares como esse que tem é turismo né, que tem muita residência né, chamada segunda residência, o tal do turismo veranismo né, é aqui tem muita casa para faxineira trabalhar, o ajudante pedreiro reformar ou construir né o cidadão Severino trabalhar de guarda, trabalhar de, em fim, fazer, faxineiro, então essas toda essa realidade de imobiliária que existe aqui né, tanto principalmente essa né, que é de segunda residência precisa de gente para trabalhar então eles vem também porque nós criamos essa necessidade mas, se fosse só o pessoal da hotelaria, costuma dizer, que é assim porque a segunda residência, o pessoal tem casa pra vim de vez enquanto, em vez de ficar nos nossos hotéis e isso que trás esse povo e faz a detonação e isso é uma hipocrisia muito grande, porque no mundo inteiro é assim, eu fui pra Itália, fui pra França é aluga quarto né. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) é você então agora principalmente casa pra alugar tem todo o lugar tem ou casa pra ficar porque eu não alugo, é minha casa, mas eu quero ter a minha casa lá e eu não quero ficar em hotel, então uns fica mais barato e quer ter o prazer de ter né, então em fim, e ai está isso é essa a realidade atrai gente e de onde que vem, vem do pessoal que está precisando mais e está mais em lugar onde não tem. e fazendo até um gancho aquela conversa anterior, sobre é a nossa desigualdade de renda né, com essa pirâmide perversa né e o que se fez nos últimos tempos né, contra isso o adem da igualdade uma coisa importante está sendo a transposição do São Francisco. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) é bom mas, está taxado demais não vai ficar bom, claro que vai uma coisa desse tamanho não se faz de uma hora para outra e está tudo sendo e já está dando fruto, mas eu quero dizer a hora que estiver tudo pronto, quero dizer quando estiver tudo pronto, mas desde já é claro que vai ter possibilidade de agricultura para quem mora lá, mais indústria também, maior desenvolvimento e maior fixação do cidadão na terra, porque todos eles que vem sentem vontade de voltar e todas as festas de micareta, de São João, eles querem voltar né, então né, então né interessante lembrar disso, é obras faraônicas nos sentido de imensas né, as obras mega obras com essa importância também nesse sentido que podem até diminuir essa pressão sobre esses

ecossistemas né, tão vulneráveis como o nosso, mais o que atrai mesmo é essa necessidade de precisar de mão de obra e aí você vem e depois vem com o outro e vem e lá no condomínio onde eu trabalho a senhora está perguntando se não tem ninguém para limpar a casa dela e aí vem e não tem onde morar direito, mora com o parente e vem e ganha dinheiro e compra um terreninho e geralmente compra um terreninho em um lugar não muito adequado, então o poder público tem que controlar tudo isso mas, uma vez falando do governo federal felizmente nunca se investiu tanto na minha casa minha vida né, na moradia popular inclusive agora recheando a casa com conforto podendo comprar bens né tudo e duráveis e aí essa é sua opção que não vai fechar a porteira né, não é não vocês não vão entrar aqui né e não tem e também porque se precisa da mão de obra, agora que deveria ter um controle não só sobre a verticalização, mas sobre a ocupação das áreas de indevidas para construção né os baichios as beiras de rio as morros as áreas inclinadas e lugares que não pode é então a própria lei de uso do solo diz que não pode ter o terreno e o tamanho x tem que ser maior né e árvores não podem ser cortadas assim assado e isso não tem o olhar que deveria né.

Pesquisadora: Certo é já falamos sobre os caiçaras, sobre a migração, agora o que o senhor acha sobre os serviços ofertados aqui em Camburi, os serviços de alimentação, o senhor já foi né um dia um turista que não tinha residência aqui né?

Turistas de Residência Secundária: Na verdade eu ainda sou nesse sentido de usar as coisas que também são oferecidas, por exemplo, hoje mesmo a hora que você me ligou que estava almoçando em Boiçucanga e não aqui, eu tenho caseiro, mas eu estou à gente tem dificuldade de ter caseiro aqui porque antes era mais fácil porque depois dessa evolução social daí que eu te falei né e as casas já é meio pequena, às vezes porque o cara quer mais conforto, porque houve essa evolução as pessoas sentem o direito de viver em um lugar melhor, porque às vezes quando ele vem ele trás o jogo de sofá e a minha casinha de caseiro é tão pequenininha, ou às vezes ele trás coisas que não cabe na casa e às vezes trás até animal de estimação que eu não quero, em fim, então é eu estava falando como turista, eu também é consumo restaurante coisas desse tipo, mas o que que eu acho da infra-estrutura turística aqui? Eu acho que é o prefeito é uma vergonha sendo, uma praia como Camburi que é muitos ícones do né de São Sebastião porque não é por bairrismo, uma boa referência é quando começa o verão as revistas de turismo viagem, a vejinha falam do verão e aí aparece uma praia bonita e Camburi já foi capa da vejinha no início de verão mais de uma vez, Maresias outra né, então, então né Maresias, Camburi, Barra do Sahy e Juquehy são as estrelas né, então o que que tinha que

fazer um governo desse que sabe que o turismo é importante pra cá? Tinha que cuidar o mínimo, que olha só essa rua não é calçada e na época não era calçada e a gente gostava, é mais roça, mas agreste, que legal, mas quando começou calçar ai você tem que, não pode calçar uma parte só e as outras não, porque aquelas que não estão calçadas ficam parecendo abandono né uma coisa tão e aqui essa rua aqui é cem metros da praia, a rua Uberlândia que passa na frente do mercado é menos, vamos dizer 50 mt, então essas ruas tinham que ser, mas aqui não é só boquete mas a questão é de infra estrutura, a água que desce desse morro é muito forte, enfim, então não cuida do viário direito, não cuida se falar lá do Sertão, lá também tem muita irregularidade de ocupação, então lá o pessoal pleiteira muito e parecem até muito organizados com a pavimentação, bloquetes, tudo bem cada um tem que ver o seu lado, mas o governo tem que ver o que é mais central, porque o que é mais central é mais usado pela maioria porque a periferia é só o pessoal que está lá né, mas aqui é o pessoal que está aqui, é o pessoal que vem de fora e é o pessoal da periferia também né, então, então o viário as entradas da praia essa aqui levou séculos para melhorar a entrada aqui e mesmo assim tem aqueles decks de, que dá uma coisa maior um lugar e ai sai tudo do lugar, uma ressaca e sai do lugar e tudo mais, além disso as próprias construções à beira mar, isso há anos eu brinco com isso, dai desde muito tempo então eu fiz, é eu fiz representação ao ministério público e esse condomínio aqui logo aqui nessa entrada aqui ele chegou pra trás 8 metros graças a mim, eu fiz um requerimento fui na justiça, em fim e eles também chegaram a conclusão que pra eles era melhor porque pra eles já tinha caído um muro com a ressaca, em uma ponta exatamente a ponta, mas eles viram que é por bem e eu fiquei de bem com a população, eles falaram que eu fiquei na cola deles entendeu então, mas não foi só com eles e outros aqui e além deles lá na praia, lá na ponta aonde o rio deságua, dali até em fim aquele hotel lá, chama aquele hotel lá. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) quais são os bens de uso comum do povo? Um deles é a praça, a rua, o jardim público entendeu, é coisa que ninguém pode chegar lá e falar, eu vou tirar este pedacinho pra mim, não não pode, porque aqui é público, qual é o outro? A praia, é um bem público, é um bem de uso comum do povo, que é uma subcategoria de uso de bem público, está lá à lei fundamental o código civil. Ai o cidadão vai construir, ele compra o terreno, o cara que está comprando o terreno fala do terreno, quando ele tinha, ele comprou do anterior, ele sabia que o terreno ia até aqui e na hora de vender, ele fala não o meu terreno vai até lá, até a cerca, não o meu terreno vai até lá e ai a medida dele já é maior e ele já começa a ganhar ali. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) só

que aqui entre uma questão técnica ai até histórica, que é a questão do, da linha da pré mar médio de 1862 até hoje, até do império que foi determinado pelo imperador que então a partir dali, mais 33 metros pra dentro e não podia construir, então ficou praticamente média, hoje se consegue isso chamando esse pessoal das universidades que sabe mexer com taboa de maré e tudo e resolve-se entendeu, mas é mais a ferramenta principal, é o bom senso, que tem lugar ali que você olha e se vê igual esse lugar que eu falei ali e você olha no muro, assim, na ponta e ai a outra ponta dele está dentro d'água e você olha e se for em linha reta cai dentro d'água, e ai você olha e fala isso daqui está doido, você olha dentro d'água e tinha que ser prá cá né. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) nós estamos falando dos problemas e isso pra mim é demais, porque todo mundo que vem pra um lugar desse o grande objetivo e não é a toa que você gosta do ar, que você gosta da serra do mar que você gosta de ter pouca gente, de ter né, é essa coisa rústica, árvore pra todo lado né, esse patrimônio arbóreo, essa coisa toda, mas a praia que era vedete, era a estrela né e você quer que todo mundo cai dentro d'água no mar, deitar na areia, tomar sol e reunir, é um lugar privilegiado em um desses artigos ai que mais motiva ,uma palavra estranha de dizer, estranha que quer dizer é, objetivo dela né e está em um deles ai que eu não me lembro qual, eu acho que é aquele do “litoral norte pode morrer na praia”, depois você dá uma olhada, então, exatamente o lugar aonde todo mundo quer ir. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) não sei se eu perdi o fio da meada agora mas a gente estava falando?

Pesquisadora: Não não, eu estava perguntando sobre os serviços para os turistas aqui né, ai o senhor entrou na...

Turistas de Residência Secundária: Ah sim, nós estamos falando dos problemas dos turistas né, ai eu falei desse problema dos turistas que as praias deveriam ter mais o acesso melhor, que as ruas também poderiam ter uma melhor essa questão da mobilidade urbana, a questão, é agora do ponto de vista de equipamentos assim é do setor privado, restaurantes, é hotéis, eu acredito que tenha o suficiente viu porque a todo o destino turístico importante ou não todo o destino turístico, sofre com a questão da sazonalidade né isso ai é fatal, então quanto mais turístico mais sofre com essa sazonalidade né, porque é assim, tem um grande pico do verão e o resto do ano paga-se as dívidas né e durante o ano tem o pico do fim de semana e durante a semana morta e aqui tem vários restaurantes que só abre quinta feira e outro só abre sexta, sexta, sábado, domingo o outro é só quinta, sexta, sábado e domingo e agora parece que aqui em Camburi, parece que a pizzeria aqui do candeeiro, parece que está abrindo durante a

semana inteira, mas, a regra é essa, abrir sexta-feira, ou então quinta, sexta, sábado e domingo então isso a gente vê, tudo e isso pra levar o barco né tal, mas ganhar um dinheirinho a mais fazer uma coisa que ou e que negócio bom é no verão então significa janeiro, fevereiro, bomba o restos dos outros dez meses, mais ou menos engana, então essa sazonalidade, então eu quero dizer o que que é dá pra construir, mais hotéis, mais restaurantes se entendeu você pode até chegar a conclusão contrário mas, isso é, a gente vê fechar mesmo, você vê fechar em todo lugar, em Maresias, aqui você vê muito fechar, restaurante, hotel né, então.

Pesquisadora: Esse, falando sobre esse assunto e os valores cobrados por esses serviços, qual é a sua opinião?

Turistas de Residência Secundária: Olha, sobre hotel eu não saberia te dizer por que em hotel eu não fico, mas sobre restaurante, aqui tem vários níveis de restaurantes né, sobre restaurantes aliás esse Camburi é um núcleo de, é exatamente gastronômico, é qualificado e destacado e todo o litoral norte né, então tem aqui aquele festival eu acho que é festival que eles chamam né lá e que capitaneado pelo Manacá, mas não só o Manacá, a o Antigas, o Água, o Ogan né e basicamente esses ai que, o Tié, que fazem isso ai e é e depois tem os outros mais simples e um segundo plano o Ticura né, o Nicas, ou talvez um pouco abaixo do Ticura mas também, depois os mais simples lá né o Satiro, o cheiro verde, os outros são esses né, eu acho que eu até falei todos, Boiçucanga a mesma coisa, então mais aqui do litoral norte, o manacá é o Top né do Edinho né, que sabe até Salvador lá e muito bem e acertou e tal, bom então agora a pergunta tua objetivamente foi se eu acho caro e barato então, eu quando eu frequento eu não sou rico e eu frequento esses mais simples, hoje por exemplo, eu frequento o Sebastiana que é super popular é muito gostoso, eu adoro o arroz piamontese dela lá, com peixe ou com carne aquele arroz piamontese é uma delícia (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) eu tenho caseiro, eu tenho casa entendeu, então eu tinha é que né, fazer tudo, comer aqui, eu pago um empregado pra ter pra fazer uma comidinha também, então eu estou em termos da preguiça ou sabe também pra um caseiro fazer, você tem que ter se preocupado antes com o planejamento tal, comprar coisas como você não mora aqui, também você não, já não cuida muito desse negócio de planejamento e em fim é as vezes na maior parte das vezes né, no mais das vezes eu acabo comendo fora e por isso, por isso e porque o poço não é muito fundo também eu não sou de gastar muito com restaurante a verdade é essa é eu vou nos restaurantes mais simples entendeu, então esse que eu vou não acho caro, hoje por exemplo, a gente gastou o que hoje? Gastamos não chegou a R\$70,00, não chegou a R\$70,00 duas

peessoas né, sessenta e poucos duas pessoas, então não é caro, agora mas isso é caro? Isso é caro? É barato? E também eu não saberia dizer, quer dizer, eu não sirvo de base quer dizer por mim. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO)

Pesquisadora: Bom sobre, voltando um pouquinho só sobre a infra-estrutura urbana, aqui da sua segunda residência, é coleta de lixo, tratamento de esgoto, assim quanto aos serviços públicos, se te atende bem?

Turistas de Residência Secundária: Não isso aqui a gente remonta aquela pergunta que você fez sobre os problemas de Camburi né porque ai não é só meu o problema é de todo mundo que é o problema de água e esgoto então tem gente que não tem água aqui e que faz poço e faz água com cor de coca-cola. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) esse morro aqui tem uma cachoeira, tem uma água nossa que vai pra lá e então nós temos água do morro, bom quer dizer não tem água aqui da Sabesp entendeu? Esgoto não tem esgoto, agora esgoto a maior parte não tem né, é quem tem, tem um pouco. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) É isso mesmo, então nós não temos água e esgoto aqui em Camburi e quem mora perto de morro que tem uma cascatinha, uma cachoeirinha igual nós aqui da nossa rua agente tem mas também é super regulado, chegou dia de feriado e fim de ano já seca entendeu e ai é mais o pessoal que construiu lá em cima, também é uma coisa irregular que a prefeitura deixou que ali aquelas casa ali, você tem também que não poderia ser daquele jeito pelo menos a água não poderia ficar e ali você ficava muito mais completo lá, bom eu quero dizer o seguinte, quem é que tem fossas deveria fazer como faço eu aqui, não sei quantos mais fazem que é usar esse tratamento é esse tratamento ecológico ai é orgânico que é colocar aquele fossa clean, aquele, aquelas pastilhinhas e você coloca e aquilo ali são bilhões de microorganismos que literalmente devoram o esgoto, devoram o chamado lodo do esgoto, você entendeu? Então, mantém as fossas limpas a ponto das pessoas não precisar chamar “limpa fossa” porque é uma beleza, além de ser economicamente melhor né, o limpa fossas são obrigados a jogar isso em um lugar específico da Sabesp. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO)

Pesquisadora: Bom é o senhor está satisfeito com a sua casa aqui em Camburi, com a sua residência, em ter uma segunda residência aqui?

Turistas de Residência Secundária: bom a minha casa eu fiz do jeito que eu queria do jeito que eu podia então estou não tem nenhum problema.

Pesquisadora: O senhor não iria pra uma outra praia, pra um outro lugar, pra uma outra cidade?

Turistas de Residência Secundária: Não ai tem um negócio né, ai entra os vínculos afetivos né, por exemplo, eu às vezes eu tenho, as pessoas falam, porque você não vende aqui e pega o dinheiro e investi ai e ai você pode variar de destino né, isso é, você vem pra cá, vamos dizer é dez vezes por ano, dez vezes 30 vezes por ano é a você viria 10 e viria 20 e poucos lugares tinha né e quanto tempo você não vai pra Paraty, você não vai ver as cidades históricas e eu vou e viajo e graças a Deus eu me permito viajar uma vez só por ano pro Exterior, mas isso eu não abro mão, mas é realmente se eu não tivesse a casa aqui eu viajaria, não pra fora, aqui, não tem grana pra tanto, mas no Brasil eu realmente, eu viajaria mais né então seria gostoso, seria bom, mas voltando ao começo da história, da conversa, os vínculos afetivos a gente realmente a gente se liga né no lugar e na coisa que você construiu quando você construiu desde o comecinho, desenhou nesse espaço aqui, cabe isso, fazer isso assado, você tem teus filhos desde pequenininho até desde quando era bebê circularam aqui até agora, já está adultos já, formados e vão se casar já e já estão praticamente... Então isso é história de vida, mas é claro que tem lugares maravilhosos que eu sei né, Maresias é tão bonito quanto aqui né, Barra do Sahy, mas ai o Brasilsão ai a fora né.

Pesquisadora: Ta certo então, bom falamos da questão ambiental né e vamos ver a localização daqui da sua segunda residência, dos problemas de Camburi, agora é tem umas duas últimas perguntas pra fazer uma que eu gostaria de saber como foi a sua participação no amigos de Camburi, como foi o inicio, porque surgiu isso, a sociedade amigos de Camburi, como foi?

Turistas de Residência Secundária: Então a sociedade amigos de Camburi é o seguinte, antes de surgir o amigos de Camburi na verdade já existiu há muito tempo atrás (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) eu já vinha aqui nessa época eu acho que já, mas quando eu comecei a me preocupar foi exatamente quando começou a construir este condomínio ai, eu vi que o muro, a cerca era lá trás, derrepente a cerca do condomínio passou a ser lá na frente, na hora de fazer o muro eu falei: olha que absurdo! E foi a minha primeira atitude assim organizada, mais organizada porque veja bem, eu sozinho né de franco atirador, mas assim com um intuito de articular forças para combater aquilo e outras coisas similares que acontecesse, então eu peguei liguei pra TV cultura sabe a TV cultura? Eu falei que tinha umas coisas absurdas com a cena aqui, eles mandaram uma equipe aqui e eles mandaram uma casa aqui no fundo da minha casa e ai eu falei: olha o muro e vamos lá fazer a matéria. E já fomos lá e fizeram a matéria e filmaram tal e eu dei depoimento tal, fiz a declaração sobre

tudo o que eu achava e eles até, eu tinham uma cópia um tempo atrás.

Pesquisadora: Faz tempo?

Turistas de Residência Secundária: Quem sabe você vai lá e resgata isso, faz tempo, eu até tinha um código dele assim, eu tinha anotado o código dele pra ir buscar, mas eu não, mas ele é faz tempo isso, ai foi então oitenta e pouco, oitenta e em fim, nos anos oitenta eu não saberia dizer bem só sei que não sei se é oitenta e pouco, mas é oitenta, ai eu sei que o eles vieram e tal é o cara da sociedade amigos da época (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO) ele me viu lá, viu o que tinha acontecido, o pessoal filmou, me filmou, me entrevistou ai depois chegou levei e nossa, eu estou sabendo que você chamou o pessoal ai e parabéns, deixa eu te dar os parabéns e obrigada por ajudar nós aqui e eu nem sabia direito quem ele era, coisa e eu disse: não, precisamos juntas forças, somar forças mesmo. Ai a coisa, ai passou, mais ai dali um tempo nós, eles sumiram enquanto sociedade amigos, acabou sabe e ai eu e mais um pessoal ai formamos uma entidade que não tinha sido registrada em cartório até, mas a gente era mais do que isso, ativos e botamos logo de A Camburi, Associação dos Moradores, é Associação dos Moradores, como é mesmo? é Amo Camburi, é ACAMBURI, associação dos, ah agora nem me lembro mais, morador é a sigla é, em fim, era uma entidade que nós também fizemos uma coisa interessante que a gente fez, foi uma jornada, comunidade e ecologia no litoral, eu fui a São Paulo, fui a secretaria de meio ambiente, consegui que eles fizessem uns cartazes pra nós bonitos e tem até hoje guardo os cartazes e lá no colégio estadual de Boiçucanga, eu convidei os palestrantes e só veio gente de alto nível é e eu dirigi a mesa e tal e fizemos o evento, além disso fizemos representações do ministério público contra o condomínio do Camburizinho e na época estava começando também e a gente de olho no muro deles e fizemos várias coisas, ai ficamos e ai já começou também, uns mudaram e não sei o que e não nos registramos no cartório e ai acabou e nesse meio tempo acabou voltando a sociedade amigos de Camburi (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO). Eu participo da federação e convidávamos dois presidentes das sociedades amigos da Jureia e da Barra do Una, toda reunião eles passam aqui pra me pegar e eu vou no carro deles, inclusive em Maresias, normalmente é em Maresias né, então nas reuniões eu dou os meus palpites sugiro, critico a federação né, igual da última vez eu falei do plano diretor que não pode amolecer. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO).

Pesquisadora: É essa conversa toda me fez pensar um pouco sobre a cultura caiçara que foi se perdendo um pouco ao longo do tempo né, toda a cultura deles é, há algum na sociedade,

nessa é, Associação Amigos de Camburi é havia assim algum tipo de projeto algum tipo de algum tipo de esforço mesmo pra tentar resgatar essa cultura ou não?

Turistas de Residência Secundária: A cultura caiçara, assim bem diga assim, literalmente né a gente é sempre achou, falou de alguma forma quanto, na minha época logo dessa que começamos nós ai e quando começou essa nova SACI, vamos dizer hoje também tem uma nova SACI, eles colocaram uma plaquinha: “nova SACI”, naquela época tinha um jornalzinho que aliás eu era editor e que a gente, eu dessa época assim falava umas coisas e outras, a gente sempre podia falar da cacheta né, desses objetos que eram feitas com caxeta né, caxeta é essa madeira que os caiçaras, que os indígenas né que até no passado, ela é boa pra trabalhar assim, como é fácil de cortar, ela é mole né e faz colher de pau e gaiola e outros objetos né então é uma coisa bem típica dos caiçaras e outra coisa que eu lembro ali é o seguinte, é os caiçaras de Camburi sempre gostaram de fazer árvore genealógica e dizer quem é parente de quem né e até hoje tem inclusive tem aqui você já viu aqui você viu que tem lá é né, então isso ai á tinha já há muito tempo agora eu acho que eles aperfeiçoaram, imprimiram, mas eu acho que já feito a mão já, tinha a muito tempo esse negócio e eu acho legal isso tal né, eu não sei mais o que eu poderia te dizer sobre isso...

Pesquisadora: Certo, uma última pergunta então, em sua opinião é possível à população local de Camburi viver melhor?

Turistas de Residência Secundária: A só uma coisinha sobre a pergunta anterior é, eu me lembro também que aqui tinha uma época que tinha festa, é um festival da tainha entendeu, não porque fosse típico de Camburi é porque aqui na praia da Baleia tinha muita tainha sabe, aqui na época tinha muita tainha sabe então já né, tempos né á mais remotos eles faziam nessa época, comiasse tainha mais do que o normal e ai tiveram a idéia de fazer o festival da tainha, porque como passou a vim turista, tal e nessa época anunciava e no bar do Silvão, no bar do Sil pai do Valdeci, o pessoal do tubarão aqui é tinha o festival da tainha ai e ai é interessante ai a gente comer essa tainha inteira assim feita na brasa né, tal e era uma coisa que saudade mata e a gente é divertido e depois foi acabando a tainha, parece que depois de um tempo tentaram fazer com tainha vinda de Santa Catarina porque lá continua tendo né, é coisa que eu me lembro e bom mais as coisas do passado é as comidas dos caiçaras das casas que eu não sei nenhum prato tem, é tinha as casas de farinha uma coisa também, uma coisa marcante deles e ai você pode conhecer com mais detalhes perguntando inclusive pelo Clemente né, tinha umas, ainda é possível que tenha casas de farinha, é possível que tenha, é alguém que tenha

em casa as peças que eu acho que eram uma engrenagens de madeira que foram feitas à partir daquelas engrenagens que moíam e eu acho que umas pedras assim que eu acho que moíam né a mandioca, a farinha de mandioca que secavam e faziam eu não sei bem, eu sei que é uma coisa né típica e que existiu por muito tempo hoje em dia né não tem mais, mas a última pergunta o que é mesmo?

Pesquisadora: É pra perguntar se em sua opinião é possível a população local aqui de Camburi viver melhor e como seria assim a sociedade ideal assim aqui em Camburi?

Turistas de Residência Secundária: aqui em Camburi? Olha, Camburi não foge do padrão do país né, então é aquilo que eu te disse o ah, o problema da estrutura social né, da desigualdade né. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO). Camburi pra melhorar, voltando ao ponto, pra melhorar primeiro teria que melhorar o país como um todo né, mas especificamente Camburi poderia melhorar é com a, o bolsa família não, é como é que chama os programas de habitação? Minha casa minha vida. Minha casa minha vida, minha casa minha vida, entendeu mais incisivamente porque, mais aqui é, os lugares que tem que reivindicar mais aqui talvez tenha uma razão especial porque, porque o risco de ocupação em áreas que né, aqui na parte estadual da serra do mar tem um monte de coisas que está lá no, coisa você vai ver lá, não é só parque estadual da serra do mar, tem um monte de, é documentos, ou seja, de leis que é, dão essa chancela sabe de “hots pot”, ou seja, de lugar especial que merece ter um tratamento legal, uma de conservação de proteção ambiental, então por isso seria muito conveniente que nos programas da caixa econômica do minha casa minha vida privilegiasse essa região e aí seria poder ter uma fiscalização maior. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO). Você está resolvendo o problema de habitação né, então uma coisa seria isso e a outra coisa um governo estadual que faça esgoto, água e esgoto pra região e no meu artigo também lá, que eu coloquei porque se é difícil fazer por aquilo que eu falei, se o rio é muito curto aqui e não dá pra fazer é o tratamento de esgoto, ou seja, você vai fazer tratamento de esgoto, mas também vai jogar muito o subproduto da limpeza da, do esgoto né, o dialometano o clorofórmio logo pertinho na enseada e vai fazer mal à população que vem aqui pra ir à enseada, então os emissários submarinos, né os emissários submarinos são mais caros, são mais caros, mas tem que fazer né, e tem que fazer emissários submarinos, tem que fazer todas essas praia tinham que ter emissários submarinos ao mesmo tempo. Então é basicamente essas coisas, a questão de saneamento, a moradia popular e as prefeituras, no ponto de vista dela, cuidar melhor da infra estrutura urbana né, da infra estrutura urbana né e

fazer e as entradas de praia né, uma melhor fiscalização também das praias quanto a esta questão de hotéis e pousadas que colocam muito, isso daí todo mundo fala e colocam muito é barracas de praia sabe sem ter ninguém, só pra garantir o lugar e ai você chega e não tem onde, porque está lá, isso aqui está reservado e não tem, lá no Guarujá o ministério público andou dando uma dura e conseguiu resolver e deveria fazer isso aqui também entendeu, de ocupação das praias né, é uma coisa importante, agora a prefeitura tem isso ai, a prefeitura mas é mais o Estado né, a questão do saneamento, a prefeitura é que tem a titularidade, é ela que é dona da, do, tem o direito, de cuidar da água e do esgoto só que ela dá concessão pra Sabesp, pro estado pra quem quer que seja, pode ser até pra uma empresa particular entendeu, ela dá e você vê, que lá em Limeira, lá em Ribeirão Preto, eles resolveram fazer, mas isso ai normalmente se passa pra Sabesp mesmo, mas é muito complicado né então a questão. Atende ai, eu acho que eu estou falando demais, eu já vou fazer um fechamento aqui, não pode fazer o seu fechamento depois eu atendo. Então é o seguinte, só pra finalizar as coisas que eu estou lembrando rapidamente dos problemas de Camburi, eu estou falando de Camburi com rebatimento de qualquer lugar, porque são problemas gerais né, mas é, então eu lembrei essas coisas maiores ai de moradia, saneamento, água e esgoto essas coisas próprias do lugar, da praia, de não deixar uma ocupação ruim, a praia né e aproveitei pra falar aqui a titularidade de água e esgoto, é da prefeitura mas eles vão fazer pra cobrar da Sabesp, mas eles vão fazer né, mas outra coisa do fechamento que eu estou te fazendo é a questão da segurança de todo lugar né, mas quando eu fui presidente eu fiz um abaixo assinado pra pedir ao Estado um posto policial aqui e ai eu consegui 900 assinaturas, 900 e não é assinatura de internet não, é assinatura mesmo, pussemos gente aqui nas entradas da praia, posto de, posto policial em Camburi e ai aqui nós temos um negócio que chama e ai eu fui falar com o secretário da segurança. (CONTEÚDO PESSOAL EDITADO). Levei o abaixo assinado e falei que a coisa estava grave, então que a coisa estava grave e ai ele até mandou um posto desses móveis né, um posto móvel que durou no mês de férias e depois nunca mais e não resolveu e ai a gente consegue com a segurança da região aqui né de São Sebastião e ai o pessoal foi contra, onde já se viu pedir um posto, tinha que pedir um batalhão para o município e eu disse: se eu estou sentindo na pele o problema, uma coisa não exclui a outra, sim nós temos que pedir uma coisa maior para o município, mas cada praia que estiver sentindo o problema pede cada um e ai assim, porque mesmo, porque já tem um Boiçucanga, tem um em Juquehy, tem um em e a nossa praia é muito grande, é tão grande quanto essas outras, só mesmo a menor. E ai outra

rebateu, rebateu e eu rebati uns 3, porque como consegue e eu reuni sempre lá né, bom só pra contar essa historinha né, pra dizer que outro problema é a segurança mas, é o de sempre né aumentar o e fazer um posto é né, falei demais?

Pesquisadora: Não, foi muito bom, o ideal, muito obrigada pela atenção viu muito obrigada, vai enriquecer bem o meu trabalho tá.